

K. L. ARMSTRONG & M. A. MARR

CORVOS DE ODIN

Quando você é herdeiro
de Thor, a pressão para
salvar o mundo é mais
forte que o golpe de um
martelo.

ROCCO
JOVENS LEITORES

CRÔNICAS DE BLACKWELL

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

K.L. Armstrong & M.A. Marr



CORVOS
DE
ODIÁ

CRÔNICAS DE BLACKWELL

Tradução
EDMO SUASSUNA

ROCCO
JOVENS LEITORES

M. A.: Para Dylan –
Apresento-lhe a dádiva dos bodes
(e também um livro escrito para você e por sua causa).

K. L.: Para Alex e Marcus –
É, mais um livro para vocês.
Quase tão legal quanto ter
seu próprio servidor de Minecraft, né?

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

UM Matt: "Bem-vindo ao inferno"

DOIS Fen: "Pavilhão dos ossos"

TRÊS Owen: "Pensamento e memória"

QUATRO Matt: "Praia dos ossos"

CINCO Fen: "Ensopado de zumbi"

SEIS Matt: "Vacas cabeludas tamanho família"

SETE Laurie: "Flechas fantasmas"

OITO Matt: "Ficando de bode"

NOVE Laurie: "Piores que monstros"

DEZ Matt: "Montanha de problemas"

ONZE Fen: "Falsamente acusado"

DOZE Matt: "Verdade nua"

TREZE Matt: "A serpente se ergue"

CATORZE Fen: "O ataque dos bodes"

QUINZE Laurie: "Lutando com todo mundo"

DEZESSEIS Matt: "Grave situação"

DEZESSETE Owen: "Esportes aquáticos mortais"

DEZOITO Matt: "Mjöltnir"

DEZENOVE Fen: "Não é um herói"

VINTE Matt: "Aliado inesperado"

VINTE E UM Laurie: "Verdades, bodes e berserkers"

VINTE E DOIS Matt: "Vingthor"

VINTE E TRÊS Fen: "Eis que surge a morte"

Agradecimentos

Créditos

As Autoras

UM



MATT

“BEM-VINDO AO INFERNO”

Se havia alguma coisa pior que ver uma cabeça de gigante se erguendo do solo, era ver *duas* cabeças de gigante. Cuspindo fogo. De qualquer maneira, se matassem Matt, sua alma não teria que viajar muito... considerando que ele já estava no além-vida.

– Pelo menos é só *um* gigante – comentou Matt enquanto eles se agachavam atrás de uma rocha.

Fen o olhou feio.

– Ué? É verdade. Um único gigante de duas cabeças é melhor que dois gigantes de uma cabeça.

E isso, Matt percebeu, era o que suas vidas tinham se tornado. Uma semana antes, sua maior preocupação era não tirar nota baixa no projeto de ciências. Agora, reconfortante era o pensamento de que enfrentaria apenas *um* gigante cuspidor de fogo de quinze metros de altura.

Um Jotunn da mitologia nórdica. Os mais famosos entre eles eram os gigantes gélidos, que viviam num mundo de gelo, mas não havia gelo algum naquele deserto amortilhado de fumaça, só pedras e mais pedras, até onde a vista alcançava.

O Jotunn parecia um lutador do UFC de duas cabeças entupido de esteroides nucleares, insanamente bombado, com pele laranja-avermelhada que reluzia como se estivesse em chamas. O gigante estava de pé numa fissura que lhe chegava às coxas, mas, mesmo assim, Matt ainda precisava esticar o pescoço para ver as cabeças.

Matt tocou o amuleto em seu peito. Estava vibrando, advertindo-o de que havia alguma coisa perigosa por perto, só para o caso de ele não conseguir, sabe, *ver* um gigante flamejante de quinze metros. O amuleto era o Martelo de Thor, usado por todos os Thorsen de Blackwell, Dakota do Sul, porque eles eram realmente “Filhos de Thor”, descendentes distantes do deus nórdico... o que tinha metido Matt nessa confusão em primeiro lugar.

Matt ouviu Laurie dizendo ao longe, em resposta a algum comentário de Fen, que eles teriam que passar pelo Jotunn. Ele olhou para Fen e Laurie, os primos Brekke, também de Blackwell, descendentes de Loki, o deus trapaceiro. Matt estava prestes a falar quando um rugido distante lhe deu um susto.

– Está tudo bem – sussurrou Laurie. – O gigante ainda está falando sozinho. Aquilo foi outra coisa.

É claro que era. Matt riu um pouco de como ela tinha dito isso tão calmamente. Porém, Laurie estava certa: o Jotunn ainda não percebera a presença dos três.

– Ele está distraído – murmurou Matt. – Ótimo. – Então apontou para uma fileira de pedras pontiagudas à esquerda. – Corram até lá. Para trás das pedras. Rápido!

– Não deveríamos...? – começou Fen, mas Matt acenou para que ele avançasse, e Laurie o cutucou para que andasse logo.

Enquanto os três corriam até as pedras, Matt manteve o olhar fixo no gigante. Reuniu os dois primos atrás das rochas maiores e indicou com um

gesto que deveriam se abaixar. Ele fez o mesmo antes de dar mais uma olhada.

– Não deveríamos ter corrido para aquele lado? – Fen apontou para a direção oposta. – Poderíamos ter nos escondido atrás daquelas pedras.

Matt balançou a cabeça.

– Isso nos levaria direto até o gigante.

– Hum, é... Essa meio que é a ideia, Thorsen. Como vamos emboscá-lo daqui? Estas rochas nos levam para *longe* do maldito monstro de fogo.

– Sim, porque é para lá que vamos. Para longe dele.

– Só que Baldwin está para aquele lado – afirmou Laurie, apontando para além do gigante.

Eles haviam descoberto que um dos poderes de Laurie era a habilidade de localizar outros descendentes dos deuses do Norte. Neste caso, ela estava rastreando o amigo deles, Baldwin, que ficara preso no além.

– Laurie tem razão – concordou Fen. – Este não é um desvio curto, e não sabemos o que mais vamos encontrar por esse lado. Talvez mais gigantes. Deveríamos lutar logo contra esse aí.

– Você está vendo o tamanho dessa coisa? – argumentou Matt. – Ele poderia engolir um troll.

– Mas nós enfrentamos *três* trolls.

– E mal escapamos com vida – disse Laurie. – Matt tem razão.

Deveríamos tentar evitar esse cara.

– Ótimo. Fique do lado do Thorsen *de novo* – resmungou Fen.

Matt percebeu que Fen achava que ele estava amarelando. Alguns dias antes, isso teria sido ofensivo o bastante para que Matt reconsiderasse sua ideia. Só que ele tinha aprendido algumas coisas desde então. Às vezes, ser um líder *significava* fugir de uma luta. Eles não estavam brincando ali, poderiam morrer. Assim como o amigo deles, Baldwin, *tinha* morrido, e era

por isso que estavam fazendo aquela jornada até o submundo: para trazê-lo de volta à terra dos vivos. Mesmo assim, não havia garantia de que isso seria possível.

Fen concordou em usar a rota mais longa. Não havia muito mais que pudesse fazer, pois tinha perdido a votação, mas continuou resmungando que eles agora provavelmente encontrariam *dois* gigantes do fogo. Finalmente, Matt teve que lhe pedir, com educação, que calasse a boca antes que o gigante o ouvisse. Fen não gostou disso também.

Matt ajustou o escudo sobre o ombro e guiou o trio ao longo da fileira de rochas pontiagudas. Às vezes eles podiam andar normalmente. Outras, eram forçados a se esgueirar abaixados. Ocasionalmente, precisavam correr entre pedras. Quanto mais perto chegavam do Jotunn, pior o cheiro ficava. Enxofre. Matt reconhecia agora, por causa das aulas de química. Logo, não apenas farejava o fogo, mas também o ouvia crepitar nas profundezas do cânion, e podia senti-lo também, ondas que faziam o suor escorrer pelo rosto. O ar tremeluzia com o calor, e Matt teve que piscar os olhos sem parar para manter o foco.

Laurie deu uma olhada, mas Matt acenou para que continuasse avançando. Eles seguiam paralelos ao Jotunn agora, o fedor e o calor insuportáveis. Ainda assim, o gigante estava ocupado falando com... bem, falando sozinho, aparentemente, as duas cabeças profundamente entretidas numa conversa. Matt ouvia as vozes, crepitando, estalando e rugindo, palavras indecifráveis que soavam como o próprio fogo.

Não importa o que eles estão dizendo. Estão ocupados demais para notar...

Uma das cabeças parou de falar, e se virou na direção deles... bem quando Matt saía de trás de uma pedra. Ele cambaleou de volta, estendendo os braços para evitar que os outros fizessem o mesmo.

– Um deles está olhando – sussurrou.

Atrás dele, Laurie se esgueirou para o outro lado da pedra para espiar por ali. Matt resistiu ao impulso de puxá-la de volta. Não dava para ver quase nada de onde estava, o ângulo era ruim. Parecia que as duas cabeças estavam viradas para eles. Uma disse alguma coisa à outra, e o gigante encolheu os ombros. Enquanto as cabeças conversavam, Laurie se esgueirou de volta até ele.

– Acho que estão tentando decidir o que vão fazer – sussurrou a menina.
– Se quisermos correr, a hora é agora.

Matt assentiu. As cabeças realmente pareciam estar debatendo o próximo passo. A da esquerda obviamente queria verificar o que ela tinha visto. A da direita não estava interessada. Então o imenso braço esquerdo agarrou a beirada do cânion, como se fosse puxar o gigante para fora. A cabeça direita balançou e balbuciou alguma coisa, mas a metade esquerda começou a se erguer sobre o cânion numa escalada esquisita, desequilibrada. Finalmente, a cabeça direita cedeu, sibilando fumaça, e o outro enorme braço musculoso se segurou...

– *Agora* podemos correr? – indagou Laurie.

Matt se curvou e conduziu os outros até a próxima rocha, e depois a outra. Quando o chão tremeu, pensou que fosse apenas seu amuleto vibrando. Então Fen praguejou em voz baixa, e Matt soube que ele sentira também. Ele se esticou para olhar e viu...

Um gigante de fogo. O que era, obviamente, o que ele sabia que ia ver, mas havia uma diferença entre observar a uma distância de algumas dezenas de metros, e vê-lo logo ali. Certo, talvez não fosse “logo ali”, mas era perto o bastante. *Mais* que perto o bastante. O monstro estava a não mais que seis metros, tão perto que Matt podia sentir o cheiro do fogo.

Uma cabeça falou com a outra, soprando nuvens de fumaça. Fagulhas voaram quando a outra cabeça respondeu. Matt podia ver as chamas dentro

de suas bocas. Será que eles *cuspiam* fogo? Isso não constava em nenhum dos mitos que já havia lido, mas eles estavam aprendendo que nem tudo era igual ao que era contado nas velhas histórias.

– Uma espada? – sussurrou Fen. – Sério? Ele precisa de uma espada também?

O olhar de Matt desceu para o cinto do monstro.

– Não, aparentemente ele precisa de duas espadas. Duas espadas flamejantes.

– É claro – resmungou Fen.

– Você ainda quer lutar com ele? – perguntou Matt. – Porque essa é a sua chance.

Fen fez uma careta.

– Olha, você poderia distraí-lo – comentou Matt, rindo. – Levar uma pela equipe.

– Achei que esse era o *seu* trabalho, Thorsen.

– Parem com isso – sussurrou Laurie. E continuou, depois que eles pararam: – Você acha que deveríamos correr?

Matt espiou de novo por cima da pedra e balançou a cabeça.

– Ele não sabe onde estamos. Ainda está olhando em volta. Sigam-me.

Matt partiu, o corpo curvado atrás das pedras. Quando teve coragem de espiar, o Jotunn ainda andava, lentamente, olhando de um lado ao outro. Os três chegaram a um ponto onde as rochas mal passavam de pedras soltas, e eles tiveram que praticamente se arrastar, se esgueirando enquanto tentavam não inalar a poeira do chão rochoso. Não era fácil, especialmente para Matt, que carregava um antigo escudo viking nas costas. Ele tinha que se manter longe o bastante das pedras para não raspar o escudo nelas. O amuleto também não ajudava em nada, vibrando tão forte que Matt jurou que podia ouvi-lo.



Quando os três viram uma fileira de pedras mais altas, Matt soltou um suspiro de alívio... até se aproximar o suficiente para notar a brecha de três metros entre a fileira deles e aquela.

– Não é tão ruim assim – sussurrou Laurie. – Só precisamos calcular o momento certo.

Matt concordou com a cabeça.

– Vou vigiar o gigante. Você fica na minha frente. Quando eu cutucar suas costas, você corre. Fen...

– Eu sigo. É, já entendi. – Ele parecia aborrecido? Matt não sabia dizer, e aquela não era hora de se preocupar com isso.

Laurie avançou lentamente, tão abaixada quanto era possível, pronta para correr ao sinal dele. Matt espiou sobre as rochas. O Jotunn tinha parado. Cada cabeça olhava para uma direção diferente; e nenhuma na direção deles. Matt cutucou Laurie. Ela disparou, com Fen logo atrás.

Matt deixou que os dois chegassem à metade da distância e deu um passo, com o olhar fixo no gigante de fogo. Um segundo passo. Um terceiro...

Um clarão de luz azul. Foi tudo que Matt viu, um clarão tão forte que foi como uma granada atordoante. Ele cambaleou para trás. Laurie soltou meio ganido antes de conseguir cobrir a boca com a mão.

Tanto Laurie quanto Fen o encaravam. Encaravam seu peito. Matt olhou para baixo e viu seu amuleto faiscando um azul brilhante. Suas mãos voaram para cobri-lo. Um rugido reverberou pelo ar, um urro crepitante e sobrenatural. Matt girou e viu o Jotunn vindo direto contra eles. Não, vindo direto contra *ele*.

Matt olhou para os primos.

– Corram!

Quando Matt se virou e disparou na direção do Jotunn, Fen gritou:

– Lado errado! Eu queria muito que você parasse de correr *para cima* do perigo, Thorsen!

Enquanto Matt corria, o amuleto vibrava, mas não havia nada do calor de sempre. Estava quase frio. O arder do gelo. O amuleto incandescia tão forte agora que a sua luz cortara a fumaça rodopiante e iluminou o deserto sombrio como se fosse o sol do meio-dia.

O Jotunn parou de correr. Ficou ali parado, as duas cabeças inclinadas, olhando confuso para o menino. Matt tirou o escudo do ombro e o prendeu no braço. Todos os quatro olhos do Jotunn se arregalaram.

– *Vingthor* – retumbou uma das cabeças.

Vingthor. Thor de Batalha.

Não exatamente... mas Matt ainda sorria. A adrenalina corria pelo seu corpo, faiscando e chiando como o amuleto e, quando lançou a mão à frente, não foi nem uma ação consciente. Ele simplesmente o fez, tão naturalmente quanto respirava. Houve um estalo ensurdecido quando gelo foi disparado das pontas de seus dedos. Sim, gelo. Uma erupção de branco que congelou num fragmento de gelo sólido enquanto voava. Acertou o Jotunn na barriga e o jogou ao chão com tanta força que a vibração quase derrubou Matt para trás.

Matt ficou ali, sorrindo.

Eu sou capaz. Eu realmente sou...

O Jotunn se levantou. Não precisou se esforçar para fazê-lo, nem ficou atordoado como os trolls. Ele se ergueu num salto como um ginasta e veio correndo a toda contra Matt. Sua mão se ergueu para lançar outro disparo de gelo. E funcionou; o gelo voou de seus dedos e voou na direção do Jotunn. Só que o punho imenso da criatura acertou o projétil gélido, estilhaçando-o em mil cacos inofensivos.

– Matt! Vamos *lá!* – gritou Laurie.

Ele se virou e correu. Correu o mais rápido que podia, o chão tremendo sob seus pés. O Jotunn rugiu, e o calor do rugido queimou as costas de Matt.

– Corram! – berrou ele para Fen e Laurie. – Vão!

Os dois saíram correndo de trás da fileira de rochas. Matt desviou para a esquerda antes de alcançá-los. Queria chegar até a outra fileira de rochas, mais adiante, para manter o Jotunn longe dos primos. Então ele viu a fissura; uma fenda nas rochas, com mais ou menos noventa centímetros de largura. Se ele pudesse se enfiar ali embaixo, o Jotunn não conseguiria alcançá-lo. Disparou até a fissura e continuou correndo pela lateral dela, aproveitando para dar uma olhada para baixo. A fenda se estreitava gradualmente após a abertura, e o ponto mais baixo que ele podia ver ficava a uns três metros. Longe demais para pular. Matt deveria...

O Jotunn rugiu com uma rajada de calor que fez Matt ofegar. Fagulhas choveram sobre ele, queimando-lhe a pele e abrindo furos na camiseta. Matt girou, e o gigante estava bem ali, uma espada flamejante em cada mão. Uma lâmina veio direto em sua direção. Matt ergueu o escudo mas, mesmo enquanto o fazia, percebeu o erro que tinha cometido. Espada flamejante. Escudo de madeira.

Seu amuleto lampejou de novo, e gelo desceu pelo seu braço até a mão. Houve um clarão de branco quando a neve chicoteou e rodou em torno do escudo. A espada flamejante atingiu a madeira com um *clang* trovejante. O golpe derrubou Matt, tirando seus dois pés do chão. Enquanto caía para trás, ele se lembrou onde estava. À beira de um abismo.

Não houve tempo para se segurar em nada. Não houve tempo nem para se endireitar. Matt caiu de costas na fissura, e sua cabeça bateu na parede de pedra com uma explosão de dor tão intensa que apagou. Ele acordou e viu que estava enfiado o mais fundo que seria possível na fenda. Ficou caído ali,

olhando para cima, sem ousar se mexer, certo de que tinha quebrado alguma coisa, provavelmente quebrado *tudo*. Em seguida as duas cabeças do Jotunn surgiram sobre a borda do abismo. Uma das bocas se abriu. O fogo irrompeu. Matt ergueu o escudo bem a tempo. Uma camada de gelo se formou sobre a madeira, e o fogo ricocheteou.

A outra boca se abriu. Rolos de fumaça saíram, e Matt pensou: *Só isso? Sério?*, então a fumaça o atingiu, tão grossa que ele engasgou e tossiu, olhos lacrimejando enquanto tentava respirar.

Matt puxou a camisa para cima do nariz e da boca. Em seguida, virou-se de barriga para baixo e começou a se arrastar desajeitadamente com o escudo pendurado no ombro, protegendo as costas. Um trabalho nada fácil de se fazer quando o solo não é plano. Os pés escorregavam cada vez mais para o fundo da fissura, e seu tênis quase ficou preso mais de uma vez.

Parecia que ele tinha mesmo quebrado tudo, mas Matt continuou avançando o mais rápido que podia. A fissura se aprofundou, ficando maior, e logo ele não sentia mais o calor nas costas. Deu uma olhada por sobre o ombro e viu o Jotunn metendo a mão no penhasco, mas ele estava fundo demais.

– Ei! – gritou uma voz. – Ei, você! Aberração de fogo!

A voz de Fen ecoou pelo deserto. Quando Matt olhou para cima, viu que as duas cabeças do Jotunn vasculhavam em todas as direções, como se não conseguissem achar a origem da voz. Matt se arrastou mais rápido. Fen continuou gritando. Finalmente, com um grunhido, o gigante saiu correndo, o chão tremendo a cada passo.

Matt agarrou a lateral da fissura e começou a engatinhar para cima. Quando botou a cabeça para fora, o Jotunn estava a algumas dezenas de metros, olhando em volta desesperadamente.

– Matt! – Era Laurie, sussurrando alto.

Uma mão surgiu detrás de uma rocha. Matt deu uma última olhada no Jotunn, correu para fora da fissura e até a proteção das rochas, onde Laurie esperava. Quando ele a alcançou, procurou por Fen para checar se estava tudo bem com ele. Parecia estar. O rapaz mantinha uma distância segura do gigante, e ficou em silêncio agora que Matt escapara.

O Jotunn continuava procurando ao redor, as cabeças murmurando entre si após cada olhada pela planície rochosa. Elas olhavam para a fenda algumas vezes, como se Matt fosse aparecer por ali de repente. Finalmente, o gigante voltou para o desfiladeiro de onde tinha vindo. Enquanto o monstro descia, Fen apareceu, correndo silenciosamente para trás das rochas. Matt esperou até que ele os alcançasse, e por fim os três partiram novamente.



– Você precisa descansar – sussurrou Laurie enquanto eles atravessavam o vale de pedras. A paisagem tinha se achatado e a fumaça, se dispersado, mas a cidade arruinada ainda era apenas uma mancha distante contra o crepúsculo eterno. O lar de Helen, soberana do além-vida. Era para lá que os três rumavam, supondo que seria onde encontrariam Baldwin. – Você mal consegue andar – continuou ela. – Passamos a noite acordados e andamos o dia todo.

Matt balançou a cabeça.

– Ainda temos um longo caminho...

– Tudo bem. – Ela ergueu a voz para que Fen pudesse ouvir. – Desculpa, rapazes, mas eu preciso muito de uma pausa.

Matt sabia que não era verdade. Também sabia que, se ousasse dizê-lo, Fen se irritaria e rosnaria para ele por forçar muito sua prima.

Eles se sentaram no solo rochoso, porque não havia outro lugar para se sentar, nenhum barranco para se empoleirar nem fenda onde se esconder. Poderiam apenas se abaixar no solo plano formando um círculo, de olho em qualquer coisa que viesse por trás. Era bom parar, e os músculos doloridos de Matt suspiraram de alívio. Depois da queda no desfiladeiro, ele realmente precisava de um descanso, no entanto, considerando a missão deles, não achava certo dizê-lo.

A missão deles: deter o Ragnarök, o apocalipse nórdico. Nas antigas histórias, todos os deuses morreram no Ragnarök. Exceto que eles já estavam mortos. Odin, Balder, Loki... todos se foram. E agora Matt e os outros precisavam assumir os lugares deles, de preferência sem a parte de morrer. E se eles fracassassem? Então o mundo mergulharia num inverno sem fim.

Matt esfregou os braços. Falando em inverno, havia uma friagem que ele não notara enquanto se deslocavam. Uma friagem úmida. Parecia pousar sobre eles, deixando Matt dormente até os ossos. Ele estava prestes a dizer algo, mas Laurie sussurrava alguma coisa para Fen, e Matt os deixou em paz, voltando aos próprios pensamentos.

Quando seu avô anunciou que o Ragnarök estava chegando, e que Matt seria o “Campeão de Thor”, que ele assumiria o lugar de Thor na batalha, Matt ficara... bem, ele gostaria de dizer *honrado*, mas *aterrorizado* era uma palavra mais apropriada. Sabia que todos contavam com ele, então aceitara o papel e estivera pronto para treinar, lutar, vencer. Até ouvir o avô e os outros anciãos dizendo que não esperavam que Matt derrotasse a Serpente de Midgard. Na verdade, *queriam* que ele perdesse. Pois, se isso acontecesse, Fimbulwinter chegaria, e o mundo renasceria, novo em folha... depois que quase todos ali morressem.

Matt ainda não conseguia entender como o avô poderia querer tal coisa. Mas certamente não ajudaria a acontecer. Então, quando foi mandado para encontrar os outros descendentes do Norte, ele pegou Laurie e Fen e partiu.

– *Brrrr* – disse Laurie, tremendo. – Alguém mais sente isso?

– É – concordou Fen, olhando para ela preocupado. – Melhor a gente partir logo.

Fen deu uma olhada na direção da cidade, e Matt soube que o outro rapaz pensava em Baldwin. O amigo deles era descendente de Balder, o mais popular dos deuses. De acordo com os mitos, depois da morte de Balder, os deuses foram a Hel mas não conseguiram trazê-lo de volta, e esse foi o começo do Ragnarök. Essa era a razão de eles estarem ali. Para mudar o mito. Para resgatar Baldwin. Para deter o Ragnarök.

Matt contemplou a cidade distante arruinada. Sim, como Campeão de Thor, deter o Ragnarök era sua prioridade. Porém, como Matt Thorsen, ele só pensava em Baldwin.

– Deveríamos ir – afirmou.

– Em alguns minutos. – Laurie esfregou os braços de novo e tremeu. – Vocês sabem do que a gente precisa? De uma fogueira.

– Aqueles gigantes de fogo emanavam um monte de calor – provocou Matt. – A gente poderia voltar e brincar um pouco com eles.

Laurie estremeceu.

– Não, obrigada. Eu só queria que meus poderes incluíssem criar fogo.

– Aposto que os gêmeos conseguiriam fazer isso – comentou Matt em voz baixa, encarando o meio do círculo.

– Duvido – retrucou Fen, fungando. – Eles são inúteis. Vamos encontrar substitutos melhores.

Laurie lançou um olhar a Matt, e sua expressão revelava que ela sabia que Fen estava errado. Até Fen sabia que ele estava errado; Matt percebeu pelo

tom petulante do amigo, como se Fen tentasse convencer a si mesmo de que eles estavam melhores sem Ray e Reyna, os descendentes de Frey e Freya. Fen não gostava muito dos gêmeos, mas a magia deles tinha sido útil, e os dois pareciam finalmente empenhados em integrar o grupo. Então Baldwin morreu, e os gêmeos decidiram que não estavam tão interessados assim em salvar o mundo, afinal. Não se isso significasse viajar ao além, e certamente não se pudesse significar a morte deles mesmos.

– Certo – disse Matt. – Nós temos mesmo que continuar andando. Você consegue, Laurie?

Ela concordou com a cabeça e os três se puseram a caminhar.



O trio andou pelo que pareceu serem horas até que finalmente a cidade começou a tomar forma, e logo eles conseguiram ver os imensos portões que bloqueavam o caminho.

– Os portões de Hel – murmurou Matt. – Dizem que, uma vez que você os cruza, nunca mais pode sair.

– Então vamos parar diante dos portões e gritar por Helen? – indagou Fen, soando quase sério.

– Quem me dera – respondeu Matt, com um meio sorriso.

Conforme se aproximavam, tiveram que abrir caminho por entre prédios arruinados. Abaixavam-se para passar por portas e escalaram escombros, e estavam prestes a passar por *baixo* dos destroços quando Fen ergueu a cabeça e inalou profundamente.

– Farejou alguma coisa? – perguntou Matt.

O poder Loki de Fen era a habilidade de se transformar num lobo, e o faro dele era o melhor até mesmo na forma humana.

– Não, só achei que...

Laurie o interrompeu com um grito.

– Matt! Cuidado...!

Alguma coisa agarrou Matt pelos fundilhos da calça. Ele foi jogado no ar, os quatro membros se agitando loucamente. Em seguida, o que quer que fosse aquilo o largou, e Matt voou contra uma pilha de pedras. Uma nova dor explodiu em cada centímetro de seu corpo.

Matt se virou e encarou um par de olhos. Dois pares, na verdade, um logo acima do outro; quatro olhos vermelhos, fitando-o furiosamente em meio ao pelo negro emaranhado. Então a mandíbula da criatura se abriu e presas brancas cintilaram enquanto ela rugia; o mesmo rugido que Matt ouvira quando estava perto do Jotunn, agora a centímetros de seus ouvidos, fazendo a cabeça badalar enquanto ele apertava os olhos. Ao abri-los novamente, conseguiu ver o que estava em cima dele. Um cão. Um gigantesco cão negro com quatro olhos vermelhos incandescentes.

– Matt! – exclamou Laurie. – Use seu Martelo!

Matt hesitou. Ele poderia facilmente motivar medo ou raiva suficiente para evocar o poder, só que... bem, o amuleto não estava vibrando, o que o fez parar para pensar. Ele *sempre* vibrava para monstros. A não ser que o cão não fosse o mesmo tipo de monstro que trolls e gigantes...

Cachorro gigante. Guardando os portões de Hel.

– Garm – murmurou Matt enquanto olhava nos olhos da fera. Ela rosnava, baba pingando das mandíbulas, mas não mostrou nenhuma intenção de usar aquelas presas na garganta de Matt. – É Garm.

– Não dou a mínima para o nome dele – retrucou Fen. – É um cachorrão que quer te transformar em jantar, Thorsen. Agora use seu Martelo. Ou eu vou ter que resgatar você de novo?

– Meu amuleto não está reagindo – insistiu Matt. – Isso quer dizer que ele não é uma ameaça.

– Certo. Ele realmente não parece *nem um pouco* ameaçador – comentou Fen sarcasticamente enquanto erguia a voz para ser ouvido sobre o rugido de Garm.

Garm abaixou seu focinho na direção do rosto de Matt. Saliva pingava. Matt fechou rapidamente sua boca.

– Matt! – exclamou Laurie. – Faça alguma coisa!

Ele pigarreou.

– Meu nome é Matt Thorsen. Sou um descendente de Thor, e preciso falar com...

– Sério, Thorsen? – interrompeu Fen. – Você está tentando falar com ele?

– Preciso falar com Helen – continuou Matt. – Não pretendo machucá-la. Se você puder me levar até ela...

Garm o interrompeu com um rugido ensurdecedor.

DOIS



FEN

“PAVILHÃO DOS OSSOS”

Fen nunca tinha realmente considerado Matt Thorsen um amigo, nem mesmo quando concordou em se juntar a ele nessa coisa toda de salvar o mundo, só que, independentemente de gostar do cara ou não, ele achava que Matt era bem inteligente. Vê-lo deixar um cachorrão monstro maltratá-lo enquanto ele matraqueava fez Fen reconsiderar seriamente essa opinião.

– Tente usar seu Martelo, Thorsen!

Matt apenas continuou analisando a fera, como se tentasse decidir se o monstro que o prendia ao chão era realmente uma ameaça.

Laurie perambulou pela área procurando por algum tipo de arma. O terreno ali era bem desolado, então, a menos que eles desenvolvessem uma força de troll para erguer enormes pedregulhos ou quisessem irritar o cão com pedras minúsculas, Fen sabia que não haveria nada de útil. O que ele não sabia era como resolver aquela situação. Seu estilo, assim como o de Matt, era mais se jogar numa luta do que pensar em como dar um jeito. Pensar era o lance de Laurie, mas se *ela* estava procurando uma arma, então eles tinham problemas. Fen deu uma olhada para a prima e perguntou:

– Alguma ideia?

O cão agora prendia Matt no chão com a pata enorme. Saliva pingava num longo fio gosmento, e Fen esperava que não fosse algum tipo de muco venenoso. Talvez o cuspe ou algum poder no bafo do cão estivesse fazendo Matt pensar que ele não era uma ameaça, mas ficar preso por um cachorro com tamanho de gente com olhos adicionais certamente parecia uma ameaça óbvia para Fen.

– Fique bravo ou coisa assim para liberar seu Hulk interior! – exigiu Laurie. A voz dela tinha um tom desesperado, mas ela não era tola o bastante para investir contra o cão babão de quatro olhos. *Ainda*. Esforçou-se para erguer um pedaço de escombros que Fen sabia que ela não conseguiria jogar muito longe mesmo que desse um jeito de movê-lo, e então Laurie parou e soltou um ganido quando dois pássaros negros gigantes deram um rasante e pousaram nos destroços.

– Xô! Vão! Caiam fora! – Ela abanou as mãos para eles, e os dois inclinaram as cabeças como se pudessem entendê-la. Laurie virou-se para Matt e disse: – E você, defenda-se do monstro cachorro!

Fen deu uma olhada nas aves, que aparentavam estar decididas a estudar Laurie. Pareciam inofensivas, sinistras daquele jeito que os pássaros geralmente são, mas não perigosas. Se atacassem, Fen conseguiria detê-las. Derrotar um cão gigante mais pesado que ele era meio improvável, mas ele poderia dar conta de um par de corvos.

– Garm não está atacando. Ele é um guarda – insistiu Matt de sua posição cativa.

– Certo – resmungou Fen.

Mesmo que não soubesse com certeza se seria capaz de enfrentar algum tipo de monstro cão sozinho, Fen não via outras opções, e não ia ficar parado e deixar que a fera comesse Matt. Não era porque eles estivessem ficando amigos ou coisa assim; ele não deixaria que ninguém fosse comido

por um monstro. Fen fez uma pausa. Certo, talvez Astrid. Ela fora responsável pela morte de Baldwin. Fen não se incomodaria se ela virasse ração de monstrengo. Não era o caso de Matt, porém.

– Saia do caminho – disse Fen a Laurie num sussurro bem baixo. – Acho que Thorsen perdeu o juízo ou algo do tipo.

Quase no mesmo instante em que pensou *transformar*, Fen virou um lobo. Talvez fosse só porque Fen era descendente de Loki, e este mundo era governado por um parente de Loki. Qualquer que fosse a razão, foi apenas um piscar de olhos entre pensar em estar na sua outra forma e se tornar um lobo. Fen lançou um sorriso lupino à prima, querendo poder lhe contar como aquilo tinha sido legal. Laurie nunca tinha virado um lobo, mas, mesmo que tivesse, Fen não podia falar com pessoas enquanto fosse lobo; mesmo se sua prima fosse *wulfenkind*, coisa que não era.

Ele voltou sua atenção a Garm e avançou na direção do cão gigante. Ele até poderia ser grande, mas era um cão, e lobos eram mais durões que cachorros em qualquer momento. Fen conjecturou que bastaria correr, saltar e derrubar Garm de cima de Matt.

– Muito bem, filhote, vamos brincar – provocou Fen.

Bem quando Fen estava prestes a pular, o olhar de Garm se virou para ele, e o cão falou:

– Isto não é brincadeira.

Fen derrapou até parar, garras raspando o solo irregular.

– Você *disse* alguma coisa?



– Eu meramente respondi. Você falou; eu respondi. É assim que se conversa – explicou Garm. Ele ainda mantinha uma pata em Matt, prendendo-o no chão, mas sua atenção estava com Fen agora. Usou uma imensa língua negra para lambe a baba que estivera pendurada em suas imensas presas.

O gesto deixou Fen tenso.

– Não somos ração.

– Ração? Quem ou o que é ração? – Garm inclinou a cabeça, parecendo-se com qualquer cão curioso, só que um *grande* demais.

– Comida. Não somos comida.

Laurie tinha ido até Fen e parado ao seu lado, enquanto o primo se concentrava em Garm. Ela se inclinou, ainda olhando para Garm e Matt, e perguntou:

– O que vocês estão fazendo?

Fen bufou; não poderia falar com ela na forma de lobo. *Espera. De repente eu posso!* Estava conversando com Garm, então talvez fosse parte da mágica em Hel. Olhou para a prima e disse:

– Conversando.

Ela balançou a cabeça.

– Não lata para mim!

– Eles não entendem – observou Garm, um tanto desnecessariamente. – Eu fico fazendo perguntas a este aqui – ele cutucou Matt com o focinho, o que fez Laurie dar um gritinho –, mas ele não me responde.

Matt, apesar de ter se aproximado muito da imensa e babona bocarra do cão, não tinha reagido. Laurie, por outro lado, estava com uma expressão muito familiar: uma que Fen via sempre que a prima estava prestes a se meter em encrencas. Ela endireitou os ombros e foi pegar um punhado de

pedaços de escombros. As pedras não eram tão grandes, mas ainda assim machucariam.

– Essa é uma péssima ideia. – A voz de Garm tinha um tom de rosnado agora. – Eu tenho uma função, e isso não vai mudá-la; vai me *enfurecer*, na verdade. E, quando estou furioso, eu às vezes mordo.

Fen deu meia-volta e parou na frente da prima. Gentilmente, tomou seu pulso na boca e o segurou.

– Bem, se nenhum de vocês dois vai fazer nada, só me resta tomar uma atitude – começou ela.

Fen rosnou um pouco, e Laurie soltou as pedras com um suspiro.

– Espero que você saiba o que está fazendo.

Ele a soltou e tentou lhe dar um sorriso reconfortante, mesmo que sorrisos não fossem exatamente uma expressão padrão dos lobos. Por isso ele acrescentou uma lambida amistosa no antebraço que já estava babado.

– Eca. – Laurie enxugou a saliva do braço e fez uma cara feia para o primo.

Assim que ela olhou para ele, Fen balançou a cabeça de um lado ao outro. Não poderia falar com ela, e o sorriso não era particularmente eficaz, mas talvez ele pudesse usar um gesto que ela compreendesse.

Laurie botou as mãos nos quadris e retrucou:

– Não? Ele está com Matt, e você está ganindo aí parado.

Os corvos esvoaçaram para mais perto dela, causando um gritinho de susto. Fen mostrou os dentes para os pássaros, mas eles sumiram num piscar de olhos. Então voltou a atenção a Laurie.

– Acho que Fen está falando com ele – afirmou Matt. – Não é, Fen?

A indignidade de tentar se comunicar com eles como se fosse um animal irracional era suficiente para fazer Fen não querer responder. Era claro que ele estava falando com Garm! O que mais eles achavam que Fen estaria

fazendo? Aquilo era um insulto. Ainda assim, Fen não tinha como falar com Laurie a não ser que ele se transformasse de volta; e Matt tinha dito o que Fen precisava contar a Laurie, então ele baixou a cabeça para olhar para as patas e em seguida apontou-a para o céu. Era um movimento lento pois aquele era um gesto estranho para um lobo, mas era uma forma de dizer sim.

Era complicado prestar atenção nos amigos e em Garm ao mesmo tempo, portanto, mesmo que Matt e Laurie ainda estivessem falando, Fen andou até ficar diante de Garm.

– Você deveria deixar ele se levantar.

– Sua gente não tem por que estar aqui – grunhiu Garm.

– Você quer dizer adolescentes?

– Pessoas vivas – corrigiu Garm com uma fungada. – Além disso, tipos divinos como vocês sempre acabam irritando minha mestra.

Fen tentou pensar numa boa resposta para isso. Não era exatamente a especialidade dele, porém. O lance de Fen era mais instinto e não parar para pensar. Mas, como ele era o único capaz de falar com Garm, não teria escolha a não ser lidar com a situação.

– Não estamos aqui para irritar sua mestra – argumentou.

Garm bufou.

– Helen não gosta de filhotes de deuses.

– Eu também não gosto de um monte deles – concordou Fen, tentando ser amistoso. – Ray e Reyna, que não vieram, são muito irritantes.

Garm meio que sorriu, sua imensa boca canina levemente se abrindo.

– Você é do sangue de Pai Loki. Buscando palavras doces para me convencer a fazer o que você quer. Ele era assim.

Fen fez uma pausa ao perceber que não teria muita sorte enrolando alguém que aparentemente tivera experiência com o deus que era o ancestral

de Fen. Por isso ele decidiu experimentar a pura verdade.

– Um amigo nosso está aqui – contou Fen. – Nós só queremos falar com sua, hum, mestre. Não viemos procurar briga. Podemos apenas ver Helen?

Garm não respondeu de imediato, e Fen pensou que, com certeza, o cão recusaria, mas então ele se afastou de Matt e declarou:

– Vou permitir que vocês a vejam, mas não garantirei sua segurança ou o humor dela. Helen pode ser possessiva quanto aos seus hóspedes. Venham.

Por fim o cão se virou e partiu na direção dos portões.

Os portões propriamente ditos não eram particularmente impressionantes, afora o tamanho, mas havia uma estátua de uma mulher assustadora que fez Fen parar por um momento. Ela parecia vigiá-los atentamente, só que as estátuas não vigiam pessoas. Era perturbador. Talvez fosse por isso que a estátua ficasse do lado de fora, onde poderia ser danificada; ninguém gostaria de ser vigiado por ela.

Laurie correu até Matt enquanto ele se levantava. Uma vez de pé, Matt foi até Fen e estendeu a mão como se fosse bagunçar o pelo dele. Num reflexo, Fen mostrou os dentes para Matt, e no momento seguinte, se transformou de volta à forma humana.

– Você acha que eu pareço um bicho de estimação? – rosnou Fen, soando um tanto lupino.

Matt ergueu as mãos.

– Pera lá, eu não ia fazer cafuné. Era só um tapinha amistoso de comemoração no...

– Não importa, Thorsen – interrompeu Fen. – É só não me tocar.

Laurie e Matt se entreolharam novamente achando que Fen provavelmente não veria. Ele viu. Mas simplesmente não sentia vontade de perder tempo discutindo a questão. Os dois achavam que ele estava sendo um babaca, e talvez estivesse. Às vezes, porém, Fen apenas queria ser *mais* do

que era. Matt já tinha o Martelo, e agora tinha o lance do gelo. Nos últimos dias, Laurie de repente passou a conseguir abrir portais. E o que Fen tinha? Nada de novo. Ser capaz de virar lobo era exatamente a mesma coisa que ele podia fazer antes da jornada deles, e era a mesma coisa que dúzias de outros membros da família também faziam. Sua única novidade era poder falar com um cachorrão; o que talvez só funcionasse em Hel. Era egoísta, e Fen sabia disso, mas ele queria ser a pessoa especial, para variar. Se tudo que ele tinha era ser lobo, queria que os outros respeitassem isso, talvez até que tivessem um pouco de medo, e levar tapinhas de “muito bem” na cabeça não era um sinal de respeito.

Eles pararam diante dos portões, três adolescentes e um cachorrão. Se não fosse pelo fato dos portões ficarem em Hel e do cachorro ter um par adicional de olhos, poderia parecer bem normal. Não era, mas poucas coisas tinham sido normais ultimamente. Desde que Matt fora escolhido como Campeão de Thor, e descoberto que Fen era o representante de Loki na grande luta, tudo na vida deles tinha ficado... esquisito. Eles enfrentaram monstros, dormiram na floresta, fizeram amizade com outros descendentes dos deuses, incluindo um garoto que depois fora assassinado; e, ah, sim, decidiram vir a Hel para levar o amigo assassinado de volta. A definição do que era normal para eles mudara bem drasticamente. O que não mudara era o fato de Fen ainda se sentir perdido. A única pessoa em quem ele confiara, sua prima Laurie, tinha ficado muito amiguinha de Thorsen, e por mais que Fen tivesse meio que começado a *gostar* de Thorsen, não queria que Laurie ficasse do lado de mais ninguém além dele.

– Você poderia, hum, nos contar o que Garm disse? – indagou Matt cautelosamente.

Os portões se abriram sem fazer ruído algum.

– Ele disse que nós podemos falar com a mestre dele, mas que não deveríamos estar aqui, pelo fato de que as pessoas tipo deuses irritam ela... e porque estamos vivos. – Fen encolheu os ombros enquanto os três seguiam Garm pelos portões abertos. Fen concluía que Garm tinha uma certa razão numa coisa, ou duas, na verdade: aquele era um lugar para gente morta, e ele nunca ouvira falar de qualquer mito em que os deuses não fossem irritantes com seus pedidos. Os deuses não tinham exatamente *pedido* que seus descendentes lutassem no Ragnarök. Fen lutaria, mas queria poder dizer umas verdades a alguns deuses mortos, por conta da bagunça que deixaram para seus descendentes arrumarem.

Enquanto andavam, Garm latiu-rosnou algumas vezes, e Fen pensou se deveria virar lobo para saber o que o cão dizia, mas considerando a velocidade do cachorro e os olhares impacientes dele quando parava para que os humanos o alcançassem, Fen concluiu que a tradução era: *Andem mais rápido, criaturas de duas pernas.*

Alguns momentos depois, eles chegaram a um pavilhão que parecia poder pertencer a qualquer parque comunitário; pelo menos até que Fen olhou mais de perto e viu que os postes que sustentavam a cobertura lembravam ossos imensos.

– Talvez seja isso que aconteça aos Jotunns que se comportam mal – murmurou Fen a Laurie com um aceno de cabeça indicando os ossos enormes.

A prima franziu o cenho por um minuto, mas então Fen trombou seu ombro no dela e disse:

– Desculpa.

Não foi preciso mais nada para que Laurie sorrisse para ele. Fen nem sempre sabia pelo que estava se desculpando, mas sabia que, quando ela

estava chateada, desculpas ajudavam. Hoje não era diferente. Laurie se encostou nele, descansando a cabeça em seu ombro por um instante.

– Ranzinza.

– É – admitiu ele. Acenou com a cabeça para Matt, que sorriu de volta. Fen sentiu-se grato por Matt não forçá-lo a falar desta vez. Uma coisa era ter sentimentos; outra, ter que falar deles. Fen estremeceu um pouco. Aquele era o único benefício de não ter pais: ninguém nunca queria conversar sobre sentimentos, vacilos nem nada do tipo. Era uma das melhores partes de ser criado por lobos. Literalmente, a família dele se transformava em lobos de verdade. Quando ele vacilava, era derrubado, ouvia rosnados ou talvez levava uma mordiscada. *Isso* fazia sentido para ele.

De algum lugar próximo, uma voz feminina falou:

– Garm diz que vocês não vão me irritar.

Se Fen estivesse na forma lupina, seus pelos estariam eriçados. Ele olhou em volta, sem saber direito onde a dona da voz estava. O pavilhão de ossos tinha parecido vazio quando eles chegaram, e continuava igual. Fen deu uma olhada para Matt e sussurrou para Laurie:

– Fique atrás da gente.

A mulher riu.

– Entrem, pequenos deuses. Eu sou Helen.

Fen estendeu a mão para trás e segurou a mão de Laurie, mais para evitar que ela se precipitasse, mas também para não perder o contato com ela se a mulher invisível decidisse tentar alguma coisa. No mínimo eles não poderiam ser separados enquanto ele segurasse a prima.

Então, cautelosamente, Fen e Matt entraram no pavilhão vazio. Laurie estava só um passo atrás deles. Assim que entraram no pavilhão, ele passou de vazio a transbordante; ou talvez eles foram transportados a outro prédio. Fen deu uma olhada sobre o ombro. Viu os portões não muito distantes mas,

ao olhar em volta, não conseguiu entender exatamente como o conteúdo do pavilhão poderia realmente caber *dentro* do espaço que ele tinha visto quando estava do lado de fora. Uma linha de longas mesas se estendia pelo comprimento de um campo de futebol. As mesas estavam cobertas de comida, não do tipo metido a besta que se via nos filmes, era só coisa boa. Tigelas cheias de salgadinhos de milho, pretzels, e o que pareciam ser batatas fritas de todos os sabores possíveis. Fontes de refrigerante borbulhavam e, em alguns casos, o refrigerante parecia se derramar de vasos flutuantes, das bocas de esculturas de peixes, e de um barril nos braços de uma estátua de macaco. Pizzas fumegavam em travessas elevadas, e havia montanhas de cachorros-quentes e cheeseburgers empilhados em outros pratos. Fen olhou para as mesas mais distantes e viu brownies, biscoitos, tortas e potes de sorvete. Estava se sentindo quase tentado a ir até as mesas, e os resmungos do seu estômago certamente pareciam concordar com o plano.

Deu uma olhada em Matt e Laurie; eles também pareciam hipnotizados pelo banquete, porém todos os três descendentes notaram a mulher extremamente alta que os observava. Ela parecia não estar nem um pouco mais viva que a estátua do macaco. A pele era reluzente, quase de plástico, como uma daquelas bonecas assustadoras no corredor todo rosa de uma loja de brinquedos, e os olhos pareciam um pouco com besouros. As cores iridescentes naqueles olhos de besouros faziam com que fosse difícil parar de encará-los, mesmo enquanto ela vinha na direção do trio. Apesar das feições alienígenas, ela parecia incrivelmente viva ao andar. Seu vestido fez um barulho deslizante quando ela parou diante dos três e Fen percebeu que a peça de roupa estava coberta de insetos alados vivos; ou talvez até *fosse feita* deles.

As asas do vestido se abriram e fecharam rapidamente enquanto ela os espiava.

– Vocês me divertiram até agora, pequenos deuses. O que desejam tão desesperadamente a ponto de viajar para uma terra cheia de morte?

– Nós gostaríamos de levar nosso amigo para casa, senhora – explicou Matt.

– Baldwin – acrescentou Fen. – Nosso amigo Baldwin. Ele morreu por engano, e nós precisamos...

– A morte não é um engano, Sobrinho – ralhou Helen. – É muitas coisas, mas nunca um engano.

– Sobrinho?

– Com muitas gerações de distância, mas... – Ela moveu os dedos num pequeno gesto desdenhoso. – *Sobrinho* resolve. Meu pai foi seu ancestral, então você é meu parente. – Helen baixou a mão sobre ombro de Fen, ao mesmo tempo que acariciou o cabelo de Laurie com a outra mão. – Como todos os *wulfenkind*.

Laurie ficou tensa quando Helen tocou seu cabelo, e o primeiro instinto de Fen foi empurrar a “tia” para longe. A menção aos *wulfenkind* não foi suficiente para convencê-lo de que ela era confiável. Se Helen acabasse provando ser uma ameaça, ele teria que atacar.

– No mito, um dos deuses não ficou de luto por Balder quando ele morreu – continuou Matt, a voz chamando a atenção dos outros e quebrando a tensão crescente. – O representante de Loki – ele apontou para Fen – *está* de luto.

O rosto aparentemente plástico de Helen não se alterou, exceto por uma leve curvatura nos cantos da boca. Fen imaginou que seria um sorriso, ou a versão de Helen para uma risada. As criaturas mitológicas que ele encontrara não se comportavam exatamente como gente normal. As

Valquírias eram completamente desprovidas de senso de humor; os monstros tinham saído direto daqueles filmes de fim de noite que ele provavelmente não deveria assistir, e, agora, a mulher que governava os mortos parecia uma boneca animada, do tipo que também se encaixaria bem num filme ou livro assustador. Fen não sabia direito o que fazer ou dizer.



– Gostaríamos de levar nosso amigo para casa... tia Helen – disse Laurie na sua voz de “menina boazinha”.

Helen riu, uma explosão de barulho que parecia particularmente estranha porque as feições dela permaneceram imóveis. As asas iridescentes no vestido todas tremeram, criando um prisma de cor. Então, Helen contemplou Laurie.

– Fenrir tem o temperamento do meu pai, mas você tenta me iludir como Pai Loki fazia. – Ela balançou a cabeça. – Você não me considera tia, assim como não se considera uma heroína, Sobrinha Minha.

Helen fez um gesto com o braço para o lado, e uma porta se abriu no ar. Baldwin entrou pela passagem, parecendo tão vivo quanto tinha estado em casa. À segunda vista, porém, Fen notou que havia alguma coisa diferente. Era uma versão de alguma forma mais lenta e pálida do amigo. Baldwin tinha sido um furacão contínuo de palavras malucas e mergulhos no perigo. Vê-lo assim tão lento era errado; não tão errado quanto vê-lo morto depois de ter sido envenenado, mas, mesmo assim, era uma lástima.

– Ei! – O menino morto agarrou Fen e Laurie num abraço e depois os soltou e se afastou. – Cara, a Astrid matou vocês também? Uau. Isso não é legal. Acho que outra pessoa vai ter que enfrentar a cobra gigante e os Saqueadores. – Ele balançou a cabeça e olhou para Matt. – Totalmente *não* legal para você, mas ainda acho que você teria mandado muito bem. É ótimo ver você. Quer dizer, não ótimo, mas...

– Baldwin – interrompeu-o Helen.

– Ah, oi. – Ele abriu um sorriso para ela. – A Helen não é o máximo? Ela tem a melhor comida aqui. – Baldwin saiu correndo e pegou uma fatia de pizza.

Talvez ele não tivesse mudado tanto quanto Fen tinha pensado. Mesmo assim, Fen ficou chocado quando Baldwin jogou flocos de pimenta vermelha

na pizza.

– Espere! O que você está fazendo?

– É gostoso – respondeu Baldwin de boca cheia. – Nada de veneno na pizza daqui. Além disso, a gente já está morto mesmo, então não é como se a gente pudesse morrer de novo.

Ele deu mais uma mordida enquanto os três o encaravam.

– Nós não estamos mortos, Baldwin – afirmou Matt cuidadosamente.

Ele não está respirando. Essa era a outra coisa diferente. Fazia sentido, afinal. Baldwin *estava* morto. Porém, o amigo deles falava, andava e comia como se estivesse vivo. Ele simplesmente não respirava. Fen observou como o peito de Baldwin estava parado. A morte de Baldwin tinha sido a pior coisa que acontecera até aquele momento. Como regra, Fen não gostava de ninguém, mas Baldwin tinha sido impossível de detestar. Fen tinha se sentido como se suas tripas tivessem sido arrancadas quando Baldwin morreu. Foi horrível. Ele estava ali agora, porém, e Fen esperava que Helen fosse deixar que eles levassem o menino assassinado para casa.

– Vocês estão em Hel.

– É verdade – concordou Fen.

Baldwin balançou a cabeça e engoliu outra mordida de pizza.

– É o choque – comentou ele sabiamente. – Vai passar. – Baldwin foi até Matt e lhe deu tapinhas nas costas. – É difícil aceitar estar morto, mas...

– Não – interrompeu-o Laurie. – Nós realmente não estamos mortos, Baldwin. Viemos aqui resgatar você.

O rapaz franziu o cenho, confuso.

– Vieram me resgatar do quê? Aqui tem monstros com quem eu posso lutar, pizza, e Helen é muito boa de jogos. Jogamos um chamado Tafl que é tipo um antigo jogo viking. Você já ouviu falar?

– Claro... – Matt pigarreou. – Nós vamos jogar Tafl. Em casa. *Depois* que impedirmos o Ragnarök. Neste instante, porém, precisamos que você venha conosco.

– Não sei bem se eu posso – respondeu Baldwin. – Helen, essa coisa de morte é permanente, né?

A soberana de Hel tinha observado toda a conversa com a mesma expressão, mas Fen suspeitava que suas feições inflexíveis fossem apenas uma *característica* dela, não uma reação às coisas ao seu redor.

– Tipicamente, aqueles que chegam não saem – explicou ela. – Só que, para meu Sobrinho e minha Sobrinha, poderia haver uma exceção, se assim eu quisesse.

– Vocês são parentes de Helen? – Baldwin arregalou os olhos. – Que legal. Então vocês vêm visitar sempre?

– Não – respondeu Fen. Ele respirou fundo e encarou os olhos de Helen. – Thorsen diz que no mito Loki não chorou... mas eu sim. – Fen sentia-se constrangido. Chorar não era algo que qualquer pessoa gostasse de admitir, mas ele sabia que o mito afirmava que chorar era a chave. Em voz baixa, ele acrescentou: – Eu chorei.

– Sério? – espantou-se Baldwin. – Que bacana da sua parte.

Laurie fez *shh* para Baldwin e disse:

– *Todos* nós choramos. O que Astrid fez foi horrível.

– E inteligente – murmurou Helen.

– Ela matou Baldwin. Isso não é inteligente, é maligno. – Fen cerrou os punhos, o constrangimento sumindo e dando lugar ao seu temperamento que inflamou. – Baldwin é um dos mocinhos, e só porque um mito diz que a morte dele inicia o Ragnarök, Astrid o *assassinou*, e me usou como parte do plano doentio dela.

– Verdade – concordou Helen sem emoção.

Fen não tinha certeza se Helen estava concordando com os fatos, ou que o Ragnarök ia começar, ou que Astrid era má. A única coisa importante era que Baldwin fosse solto, então Fen controlou o temperamento do melhor jeito possível e continuou:

– Viemos. Choramos. Você já disse que poderia deixar Baldwin ir, então como vai ser?

Helen os contemplou, avaliando, e depois de um momento, decidiu.

– Tudo bem. Vocês podem levá-lo.

– Obrigado, senhora – disse Matt. – Muito obrigado.

Porém, antes que alguém mais pudesse falar, Helen acrescentou:

– Só há um problema.

– É claro que há. – Fen suspirou. Seria bom se pelo menos uma vez não houvesse um problema, ou um monstro, ou um inimigo. Ele percebeu os ombros de Laurie abaixando e suspeitou que ela se sentia do mesmo jeito. Obviamente, Thorsen estava mais animado.

– Tudo bem – disse Matt. – Qual é o problema?

Helen os encarou um de cada vez, parando por último em Laurie, antes de responder:

– O portal que você abriu, Sobrinha, só permitirá a saída do meu domínio do mesmo número de pessoas que entraram.

Todos eles a olharam em silêncio espantado por vários instantes.

– Bem, se vocês não estão mortos, nenhum de vocês deveria ficar – afirmou Baldwin. – Isso não faria nenhum sentido. Eu mesmo fico aqui.

Laurie engoliu em seco e, numa voz muito trêmula, ofereceu:

– Eu posso abrir o portal, e vocês todos podem passar por ele, e, já que eu não sou uma das representantes dos deuses necessários para a luta, eu posso...

– Não! – rosnou Fen. – Não. É. Uma. Opção.

– Existe alguma outra saída? – indagou Matt.

Helen fez que sim com a cabeça.

– Uma. Eu posso lhes indicar a direção.

– Certo. – Matt assentiu. – Laurie, você abre o portal, e vocês três voltam por ele. Eu posso usar a outra, hum, saída.

Fen desviou sua atenção da prima para Matt.

– Você está doido, Thorsen? Você viu o Jotunn e Garm, e Baldwin diz que há outros monstros. Ele pode até ser imune a ferimentos, mas *você* não é. Você não pode correr o risco de morrer quando é aquele de quem precisamos para derrotar a cobra gigante! – Fen balançou a cabeça. – Estou cercado de gente maluca. – Ele apontou para Baldwin. – Você vai voltar conosco. – Depois apontou para Laurie. – Você... Basta... nunca mais diga uma coisa daquelas de novo. *Nunca*. – Finalmente, apontou para Matt. – E você não vai ficar perambulando por Hel sozinho. Somos uma equipe. Se um de nós tiver que ficar, *todos* vamos fazer a jornada até a saída.

Os três o encararam com expressões entre o choque e a admiração. Fen não recuou depois da explosão. Sabia que estava certo. Estavam todos tão ansiosos para se sacrificar que nenhum deles considerara o quadro geral. Fen os encarou, preparado para uma discussão.

Em vez disso, Baldwin sorriu e disse:

– Hum. Achei que o Campeão de Loki seria um encrenqueiro, não um “vamos, equipe!”.

– Fen tem razão – concordou Matt. – Vamos ficar juntos.

Laurie deu um encontrão no ombro de Fen, mas não disse nada.

O menino sentiu o rosto arder de vergonha e se forçou a não olhar para os pés. Certo, talvez ele gostasse de todos mais do que deixava transparecer, mas, sério, eles *eram* uma equipe: uma equipe derrotadora de monstros e

salvadora do mundo. Equipes andavam juntas. Com muito mais confiança do que geralmente sentia, virou-se para Helen.

– Então vamos lá, titia Helen: onde fica a saída?

– Eu lhes darei um mapa – ofereceu Helen. – E algo que vocês não pediram. – Ela fez uma pausa, a mão distraidamente acariciando os insetos na saia como se fossem bichos de estimação, antes de acrescentar: – O filho de Odin foi capturado por outros membros da nossa família. Eles não estão sendo gentis com ele.

Laurie se espantou com a revelação, e o frio na barriga de Fen piorou. Ele não conhecia o Campeão de Odin, mas *ninguém* merecia ser prisioneiro de um *wulfenkind*. O *bom* comportamento deles já era terrível, então não havia possibilidade de estarem tratando um prisioneiro bem. Fen se perguntou que outros inimigos estariam com eles. Não poderia ser apenas os lobos e Astrid, poderia? Os trolls estariam envolvidos? As maras? Monstros que eles ainda não conheciam? *Resgate um filhote de deus, e outro já está em perigo*. Ele chegou mais perto de Laurie.

Helen lhe lançou o tipo de sorriso que indicava que ela tinha notado e sabia o motivo. Então entregou a Laurie o que pareciam ser centenas de asinhas costuradas para formar um tipo de pergaminho. Conforme Laurie o inclinava, o mapa ficava transparente; tinha sido desenhado no papel-asa com algum tipo de tinta vermelha espessa. Fen se perguntou o que aconteceria às criaturas aladas que ela vestia depois que morriam. Seria o destino delas virar papel? Fen se deteve antes de começar a se perguntar do que era feita aquela tinta.

Enquanto Fen erguia o olhar do mapa, sua prima deixou escapar:

– Ah, espere! Podemos perguntar de que lado você estará? Na batalha, quero dizer.

Em vez de responder, Helen simplesmente sorriu e desapareceu, deixando os quatro adolescentes parados num pavilhão vazio.

– Certo – comentou Laurie. – Acabaram-se as respostas. – A menina respirou fundo e voltou a estudar o mapa, murmurando: – Vamos voltar para casa, e então tentar resgatar Owen, e...

– Não vamos tentar – corrigiu-a Matt, sua voz calma, mas firme. – Nós *vamos* resgatá-lo.

Eles não conheciam Owen, mas o rapaz era um deles. Fen e Matt se entreolharam, e Fen percebeu sua determinação espelhada nele.

– Espero que sim – comentou Laurie.

Fen deu uma ombrada de leve na prima.

– Ele vai ficar bem. Nós vamos buscá-lo.

A prima se encostou nele e fez que sim com a cabeça. Então ergueu o mapa para que todos pudessem olhar.

– Parece que estamos aqui, portanto nós... – Ela ergueu os olhos e esquadrinhou a área. – ... vamos por ali.

TRÊS



OWEN

“PENSAMENTO E MEMÓRIA”

Owen achou que estivesse preparado para ser capturado. Como seu pai, seu avô e todos os seus ancestrais, Owen sempre estivera ciente da batalha vindoura. Eles nasciam “tudo-vendo”, assim como seu antecessor, Odin, então sabiam quando o fim do mundo ocorreria. Mas o apocalipse mudava, como todos os futuros faziam, conforme as pessoas tomavam decisões. Algumas escolhas recentes tinham adiantado o Ragnarök em vários anos, muito antes do que ele teria gostado.

– Ei, garoto-deus! – Um dos Saqueadores, *wulfenkind* cruéis descendentes do deus Loki, o chutou.

Owen abriu os olhos. Por enquanto, ele ainda podia fazê-lo, só que, todos os dias, tentava se convencer a abrir apenas um deles, se acostumar a perder um olho. Quando criança, usava um tapa-olho durante um ano escolar inteiro, para praticar ter só um olho. Os outros garotos o chamavam de “pirata” e “esquisito”. Owen não lhes contara que era ainda mais estranho do que eles achavam. A família ficara orgulhosa do rapaz. Disseram-lhe que era corajoso. Só que ele não lhes contara que trapaceava. Quando ficava sozinho no quarto, tirava o tapa-olho.

– Se você é tão sabichão, não deveria ter sabido que nós capturaríamos você? – provocou o Saqueador.

– De fato. – Owen sorriu para o menino. Tinha descoberto que seu sorriso os assustava, então sorria com frequência. – Eu sabia.

O menino recuou e o sorriso de Owen se alargou. Era um prisioneiro usando algemas, mas também era um rapaz assumindo o lugar de um deus num grande mito. Os *wulfenkind* não passavam de valentões. Achavam que chutes e ofensas o assustariam. Mas nada disso funcionava. As agressões o lembravam de onde e quando se encontrava, e isso o ajudava a permanecer forte. Odin via o futuro; Owen era um humano com o dom de um deus. Isso às vezes significava que Owen ficava confuso quanto ao que *já tinha* acontecido e o que *ia* acontecer. Ele via tudo; até o momento em que se tornava um participante de um evento. Desde que não fosse uma parte ativa de uma missão, ele conseguia vê-la. Uma vez que começasse a tomar decisões sobre uma situação, sua visão de futuro desaparecia. Era por isso que se mantinha longe dos outros por enquanto.

Entretanto, estava empolgado em conhecê-los. Era muito difícil fazer amigos quando se sabia o futuro. Nos mitos, Thor e Loki tinham sido amigos de Odin, e Owen torcia sinceramente para que os representantes dos deuses também fossem amigos dele. Por enquanto, ele tinha só os dois corvos: Pensamento (Huginn) e Memória (Muninn).

Como se os tivesse convocado, os dois chegaram e pousaram, um em cada ombro. As garras apertavam, se cravando na pele. Pensamento e Memória lhe contaram tudo que tinham visto em Hel. Ele tentou ouvir cuidadosamente, mas as vozes das aves eram estranhas.

Owen se ajeitou, tentando ficar confortável enquanto escutava os corvos. Eles lhe contaram que Thor e Loki ainda estavam em Hel, e advertiram que o galo ainda não tinha falado.

– Talvez o galo fique em silêncio, e o fim não venha – sussurrou ele.

Os dois corvos o olharam como se ele fosse um tolo. Lembraram-lhe de que Balder tinha sido morto, e o galo falaria. O Ragnarök estava começando, e a batalha era inevitável.

– Vocês ficarão comigo? – perguntou, odiando o fato de soar assustado.

Owen geralmente escondia as emoções muito bem, mas nenhuma preparação seria suficiente para fazer aquele dia ficar mais fácil.

– Ficamos agora – disse Pensamento.

– Machuca Odin – acrescentou Memória.

– Vai machucar você, mas ficamos – prometeu Pensamento.

O Saqueador que vigiava Owen tentou espantar Huginn e Muninn, mas os corvos cravaram as garras nos ombros de Owen. Eles não iriam deixá-lo. Os pássaros grasnaram para o Saqueador, bicando a mão do menino enquanto ele tentava fazê-los voar.

– Pássaros nojentos – murmurou o Saqueador, esfregando o sangue das costas da mão nas calças rasgadas.

– Eles são *meus* – murmurou Owen. – Diga ao seu chefe que eles chegaram. Ele esteve esperando por isso também.

– Como se *você* pudesse saber disso – zombou o menino.

Owen sorriu antes de falar:

– Os corvos me contaram. Eles me contam tudo. Eu sei o que o seu chefe fará em seguida. – Aguardou um momento para que a voz não vacilasse, e então concluiu: – E eu estou pronto.



QUATRO



MATT

“PRAIA DOS OSSOS”

Assim que os pés do grupo deixaram o piso de pedra do pavilhão, o nevoeiro se instalou, úmido e fétido como água de pântano. Matt espiou a névoa, vendo apenas aquele espesso cobertor cinzento. O pavilhão tinha sido estranhamente quieto, mas ali fora o silêncio era tanto que Matt ouvia os outros respirando. O barulho soava esquisito, alienígena naquele mundo morto. Alienígena e indesejado.

Matt deu um passo e seu tênis fez barulho de esmigalhar, fazendo-o pular para trás. Olhou para baixo e viu areia. Ou seixos. Seixos brancos. Era por isso que tudo parecia cinzento; eles estavam caminhando numa imensa praia branca envolta em névoa.

Seguiu em frente. Os outros foram atrás dele.

– Alguém consegue ver alguma coisa? – sussurrou Laurie, mas sua voz ecoou como uma trovada.

Matt começou a dizer que não, então percebeu que os olhos estavam se adaptando. Conseguiu distinguir um vulto a três metros. Não era mais alto que Matt e era mais baixo que Laurie, mas definitivamente tratava-se de um homem adulto, de rosto enrugado e cinzento. Da cor *cinza* mesmo, não só

pálido. Tudo nele era daquela cor, desde os cabelos às roupas, da pele aos sapatos, como se fosse talhado de pedra. Vestia-se como um *thrall* viking; um servo por contrato; uma túnica simples com cinturão e sandálias de tiras.

– Acho que é para nós o seguirmos – sugeriu Matt, apontando.

– A estátua? – indagou Fen.

– É um dos servos de Helen.

– Hum, não, é uma estátua. Vi outras iguaizinhas lá no pavilhão e perto dos portões.

Matt balançou a cabeça.

– É Ganglati, criado de Helen. Ganglot estava lá dentro também, ela é a aia.

– Você está ficando doido, Thorsen. Isso aí é uma estátua. Olha só.

Fen começou a trotar, ignorando os gritos de Laurie para que ficasse por perto. Conforme se aproximou do vulto, um lençol de névoa foi soprado, obscurecendo-o. Depois que a névoa passou, a “estátua” estava três metros na frente.

– Viu? – disse Matt.

– Que bizarro – resmungou Fen. – Estátuas não deveriam se mover.

– Só que eles não são estátuas. – Baldwin ergueu a mão. – Ei, Ganglati.

Obrigado pela escolta.

Fen se virou para Baldwin.

– Você sabia? Por que não disse nada antes?

– Não queria interromper. É falta de educação. Mas você tem razão, eles realmente parecem estátuas. É um erro fácil de se cometer. – Baldwin sorriu, e Fen parou de resmungar.

Eles seguiram Ganglati. O criado desaparecia quando eles se aproximavam, para reaparecer mais adiante. Enquanto os quatro caminhavam, a névoa gelada rodopiava ao redor. Matt esfregou os braços,

mas não adiantou nada. Era tão gélido e úmido, como uma chuva de inverno.

Frio de gelar os ossos, a mãe dele sempre chamara.

Gelar os ossos. Era adequado àquele lugar, ele pensava. Assim como “silencioso como uma tumba”. O único som era o esmagar dos passos nos seixos brancos. Enquanto pisava, Matt percebeu que o cadarço tinha se desamarrado. Ajustou o escudo e se abaixou para amarrar. Ao fazê-lo, viu as pedras. Pareciam mais madeira trazida pela maré; pedacinhos embranquecidos de tamanhos e formas variados. Um deles parecia uma pequena torre, quadrado e branco com quatro pontas no topo. Matt cutucou o pedaço, e o restante surgiu da areia, uma ponta branca. Era um dente. Um molar. Matt pegou outro pedaço e viu como era poroso. Osso. Era nisso que eles andavam. Uma praia de ossos.

– Matt? – indagou Laurie. – O que há de errado?

– Nada, estou só ajustando o meu tênis. – Ele se levantou e reajustou o escudo. – Vamos.



Depois de algum tempo, a praia começou a diminuir, o solo se tornando macio, com pedaços espalhados daquilo que agora era inegavelmente osso; um crânio aqui, uma costela ali. Ninguém comentou. Apenas seguiram adiante. A névoa se dissipou também, mesmo que, ocasionalmente, Matt sentisse um pingo de água fria. Ao olhar para cima, divisou raízes bem no alto. Yggdrasil, a árvore do mundo. Hel ficava sob uma das raízes, a terra sob outra, e os gigantes de gelo abaixo de uma terceira.

Quando Matt notou Ganglati parado mais para o lado, começou a rumar naquela direção, mas o espectro ergueu uma das mãos, um movimento tão lento que ele quase não parecia se mover. Matt continuou indo atrás dele,

mas o homem desapareceu e reapareceu mais longe, com a mão ainda erguida. Muito devagar, balançou a cabeça.

– Acho que ele está dizendo que só pode nos trazer até aqui – sussurrou Laurie.

– Estamos por nossa conta daqui em diante? – gritou Matt.

A cabeça de Ganglati baixou assentindo. Então ele sumiu... e não reapareceu.

– Certo – comentou Fen. – Estamos de volta ao mapa. Você consegue dizer onde estamos?

– Acho que sim. – Laurie desdobrou o mapa e o estudou por um momento. – Agora temos que procurar um rio.

– Escuto água corrente – afirmou Baldwin. – Para aquele lado.

Matt assentiu, e eles seguiram adiante.



Alguma coisa os seguia. Matt tinha captado um ruído leve alguns minutos atrás. Agora ouviu de novo. Não parecia passos. Mais como um farfalhar, só que... não exatamente. Não conseguia localizar, e não tinha certeza se gostaria de fazê-lo. O que quer que fosse que espreitava nas sombras provavelmente não seria algo que ele ia querer ver. Entretanto, não poderia ser muito perigoso, ou o amuleto vibraria.

O som ecoou de novo, agora mais perto.

– O que foi isso? – inquiriu Laurie.

– O que foi o quê? – disse Fen.

– Escutei alguma coisa. Ninguém mais ouviu? – Ela olhou em volta para os rapazes, franzindo o cenho.

Fen disse que não, Baldwin concordou. Matt pensou em falar o mesmo, para que ninguém se preocupasse, mas não conseguiu mentir.

– Eu ouvi – respondeu. – Acho que tem alguma coisa nos seguindo.

Laurie olhou para ele de repente. Fen se virou, indagando:

– O quê?

– Provavelmente é só um fantasma – afirmou Matt. – Um espectro ou *landvættir*. Ouvi um ruído sussurrante, como uma mortalha.

– Mortalha? – perguntou Laurie.

– Você sabe, o pano que eles usam para embrulhar cadáveres. Deve ser só um cadáver curioso nos seguindo.

– Hum – comentou Fen. – E isso não é nem um pouco perturbador.

– Isto é Hel – argumentou Matt. – Ou Niflheim. A divisão não é bem clara. Tem o domínio de Helen, também conhecida como Hel, e então tem Niflheim, que é...

Alguma coisa mergulhou contra a cabeça de Matt, que percebeu apenas o borrão de movimento vindo direto para ele.

– Para o chão! – gritou ele enquanto se abaixava.

A coisa soltou um grasnado estrangulado e zuniu de volta para fora da vista deles. Enquanto o bicho se afastava, Matt escutou o bater das asas e percebeu que era o barulho que ele tinha ouvido.

Outro grasnado e um vulto escuro deu um rasante contra eles outra vez.

– Protejam-se! – exclamou Matt. – Por ali!

Ele apontou uma sombra a uns seis metros de distância. Enquanto eles corriam, Matt percebeu outras sombras, domos de uns três metros de altura pontilhando a área. Montes mortuários. Ele guiou o grupo para entre dois deles.

– E como que isso nos ajuda? – exclamou Fen enquanto se agachava ali.

– Ele está nos bombardeando. Precisamos ficar *embaixo* de alguma coisa.

– Eu sei – concordou Matt. – Estou pensando. – Ele parou enquanto a criatura grasnava de novo. – Laurie? O que o mapa mostra? Algum lugar

para nos protegermos?

Um barulho do mapa sendo desdobrado.

– Está escuro demais. Não consigo ver direito...

A criatura mergulhou contra eles novamente.

– Que bicho é esse? – perguntou Fen. – Thorsen, você é o especialista em monstros.

– Eu sei, eu sei. – Matt vasculhou o cérebro em busca de bestas aladas nórdicas. Não havia muitas. – Talvez um Hræsvelgr? É um gigante que fica sentado no fim do mundo e pode assumir a forma de uma águia.

– Ou poderia ser uma galinha – comentou Baldwin.

Fen riu baixinho.

– É, quem me dera.

– Hum, ele está falando sério – disse Laurie. – Veja.

Todos se viraram e seguiram o dedo de Laurie para ver uma coisa empoleirada no monte mortuário bem ao lado deles. Era...

– Uma galinha? – exclamou Fen.

Matt contemplou a ave. Era um galo enorme, com quase 1,20m de altura e o mesmo de comprimento da ponta do bico vermelho-escuro até a ponta da longa pena da cauda, que era do mesmo vermelho, tão escuro que quase parecia marrom. *Vermelho-fuligem*. As palavras saltaram para a mente dele e, nesse instante, sua garganta se fechou por um momento, a respiração sufocada no peito. O galo ficou ali, equilibrado no topo do monte mortuário com olhos escarlates fixados nos dele.

– “Um pinto vermelho-fuligem dos salões de Hel” – recitou.

– Um *o quê?* – indagou Fen.

– Bom, na verdade é um galo. Cujo filhote é o pinto.

– Certo. Então qual é o lance desse, hum, galo? – perguntou Fen, com o rosto vermelho, tomando cuidado para não olhar para a prima.

– É um dos três que vai cantar para sinalizar o começo do Ragnarök. Os outros dois estão em Valhalla e Jotunheim; a terra dos heróis e a terra dos gigantes.

– E se o galo não cantar? – sugeriu Fen.

A voz dele soou estranha, quase como um rosnado, e, quando Matt se virou para ele, Fen observava o pássaro do jeito que um lobo espreita a presa.

– O quê? – perguntou Matt.

– E se ele não cantar? Isso resolveria as coisas? Nada de galo, nada de Ragnarök?

– Fen... – disse Laurie, com a voz carregada de advertência.

Matt balançou a cabeça.

– Já resolvemos isso. Uma vez que tirarmos Baldwin daqui, teremos quebrado o ciclo mítico.

– Assim esperamos – murmurou Laurie.

– Talvez fosse útil ter alguma garantia... – observou Fen, espiando o pássaro. – Eu consigo matar uma galinha, mesmo que seja gigante.

Agora a voz de Fen soava claramente como um rosnado, e conforme suas mãos se flexionavam contra o monte mortuário, pareciam reluzir e pulsar, como se ele estivesse prestes a se transformar. O galo o encarou diretamente, com a cabeça inclinada. Em seguida, virou-se para Matt e soltou outro grasnido. Só que, desta vez, Matt não ouviu o guinchar. Ouviu a palavra: “Logo.”

O pássaro abriu as asas vermelhas, bateu-as uma vez e alçou voo.

– Logo – disse ele. – Logo.

Logo. O Ragnarök logo vai chegar.

Enquanto a ave se afastava voando, Matt a contemplava, com um nó no estômago. Mal ouviu Fen fazer um comentário qualquer; estava envolvido demais nos próprios pensamentos para prestar atenção.

Resgatamos Baldwin. Quebramos o ciclo. Mudamos o mito.

Ainda não. Precisamos tirá-lo daqui. Aí tudo estará bem.

– Aqui não é seu lugar – afirmou uma voz atrás deles.

Todos giraram para se deparar com um sujeito barbado imenso em trajes vikings. Um guerreiro. Matt sabia disso pela lança, escudo e elmo, que, como os verdadeiros elmos dos vikings, não tinha chifres. Fora isso, o homem não vestia armadura, apenas um casaco sobre a túnica.

Havia dois outros guerreiros, um de cada lado dele, bloqueando o espaço entre os dois montes mortuários. Todos os três pareciam... bem, pareciam mortos. Não havia outro jeito de descrever. As roupas esfarrapadas, os rostos cinzentos e escorridos, como se bastasse um puxão na barba para que caíssem de vez. Todos os três pareciam ter morrido de velhos, com cabelos grisalhos, rostos enrugados e um conjunto incompleto de dentes mesmo somando os dos três.

– Zumbis Vikings – sussurrou Baldwin. – Isso é tão legal.

– Draugrs – murmurou Matt de volta.

– O quê?

– Zumbis Vikings são chamados de draugrs. Guardam os tesouros dos mortos. – Matt olhou em volta, para os montes mortuários. – Mas não acho que é por isso que estão aqui. Pelo menos, espero que não.

Dentre todos os tipos de zumbi, draugrs eram uns dos mais sinistros. Não eram malignos, como zumbis, mas, se você os aborresse, teria problemas. Problemas muito sérios. Draugrs eram os corpos animados de guerreiros vikings mortos, mas eles mantinham sua inteligência humana, e eram capazes de dobrar o corpo de tamanho para uma luta. Além disso, como já tinham morrido, não podiam ser mortos.

Matt deu uma olhada melhor nos homens. Não, ele tinha certeza quase absoluta de que não se tratavam de draugrs, apenas vikings mortos do tipo

comum.

– Aqui não é seu lugar – repetiu o grandalhão.

– É, a gente já ouviu isso – murmurou Fen.

– E concordamos completamente – afirmou Matt. – Por isso estamos tentando ir embora. Vamos sair daqui assim que possível, e pedimos desculpas por termos perturbado, hum, seu pós-vida.

– Ir embora? – disse outro homem, se animando. – Vocês podem ir embora?

Matt se arrependeu do que disse.

– Não, quer dizer, bem, sim, *nós* podemos, mas só porque aqui não é nosso lugar, como você disse. É, hum, uma saída especial. Para pessoas que vieram parar aqui por engano.

– Que nem nós – afirmou o grandalhão. – Estamos aqui por engano.

– Você não está melhorando a situação, Thorsen – murmurou Fen.

– Deveríamos estar em Valhalla – insistiu o homem. – Somos guerreiros.

– Certo – concordou Matt lentamente. – Mas só guerreiros que realmente morreram em batalha vão para Valhalla, coisa que eu sei que é totalmente injusta e...

– Nós morremos em batalha.

– Vocês eram meio velhos para o combate, não eram não? – murmurou Fen.

O homem morto fez um careta para Fen e abriu a túnica com um puxão. Apontou para um corte fino no peito enrugado.

– Como você chama isto, garoto?

– Hã, um corte de papel gigante?

O viking morto rosnou e urrou ofensas, chamando Fen de peludo, nariz de pão, meio-troll e lambe-panelas.

Enquanto o velho dava uma bronca em Fen, os outros dois se despiram parcialmente para mostrar cortes igualmente superficiais. Foi então que Matt percebeu o que estava acontecendo. O problema com Valhalla era que os guerreiros só poderiam entrar se morressem em combate. Era injusto, como ele tinha dito, porque, se você pensasse bem, a regra significava que você teria um pós-vida melhor se você vacilasse. E se você fosse um guerreiro tão bom que morreu na cama? Bem, então você estava frito, que nem esses pobres sujeitos. Matt tinha ouvido falar que às vezes velhos guerreiros tentariam burlar o sistema, cortando-se no leito de morte na esperança de que as Valquírias pensassem que eles tinham morrido de ferimentos recebidos no campo de batalha. Aparentemente, não funcionava, mas você não podia culpar os coroas por tentar.

– Vocês foram injustiçados – disse Matt finalmente, interrompendo uma discussão entre Fen e os fantasmas cada vez mais enfurecidos. – Vou falar com alguém sobre isso.

– Você? – Todos os três riram tanto que os rostos molengas balançaram.
– E quem é você para falar por nós?

Matt se endireitou.

– Sou Matthew Thorsen, descendente do grande deus Thor. Escolhido para ser o representante dele na batalha do Ragnarök.

Num floreio final, ele puxou o amuleto de baixo da camiseta. Os três homens olharam atentamente. Depois caíram na gargalhada.

– Não, ele fala sério – afirmou Laurie. – É um filho de Thor. E Fen e eu somos... – Ela não sabia o que dizer. – Somos descendentes de outro grande deus nórdico, e Baldwin aqui é descendente de Balder. Todo mundo gosta de Balder, né? – Ela se aproximou de Baldwin e sussurrou. – Diga alguma coisa.

Baldwin sorriu e ergueu uma das mãos em saudação.

– Oi, eu sou Baldwin. Não faço ideia do que está acontecendo aqui, mas vocês deveriam escutar esses caras. Se eles dizem que vão ajudar, é porque vão mesmo.

Os homens riram de novo. Então um deles parou e apontou o mapa que Laurie segurava.

– O que é isso? – indagou ele.

Matt ficou tenso. Se aqueles homens percebessem que eles tinham o mapa da saída de Hel...

– Isto? – Laurie ergueu o mapa, mas não antes de virá-lo rapidamente para lhes mostrar o verso. – Não sei. Achei lá atrás. Bonito, né? Parece até que é feito de asas de insetos.

– Está na nossa hora de ir – observou Matt. – Como eu disse, vou falar com alguém sobre esse problema de vocês. Alguma das Valquírias. Conheço a líder delas. Hildar? Já ouviram falar nela?

Enquanto tagarelava, Matt recuou, indicando sutilmente que os outros deveriam fazer o mesmo.

– Aquilo é um mapa – afirmou o grandalhão enquanto Laurie cuidadosamente dobrava o documento e se afastava.

– O quê? – Laurie olhou para o “papel”. – Jura? Por que você pensaria isso? Parece só papel brilhoso. Achei que era bonitinho porque, hum, garotas gostam de coisas bonitas, né?

– É um mapa do caminho para fora daqui – acusou outro. – É de Helen. Ninguém mais tem papel assim.

– É mesmo? Hum... ela deve ter deixado cair. Talvez seja uma lista ou... anotações. Aposto que é algo assim.

O viking morto investiu. Matt agarrou o braço de Laurie e a puxou para trás de si.

– Corram! – gritou ele.

Os quatro saíram em disparada pelo campo, ziguezagueando em meio aos montes mortuários.

– Alguém poderia me explicar por que estamos correndo de velhos mortos? – exclamou Fen enquanto eles corriam. – Não são gigantes, Thorsen. Um bom soco e eles desmontam. Nós poderíamos acabar com eles.

– Só que eu não quero – retrucou Matt.

– Por que não?

– Porque eles não merecem.



– Matt tem razão – comentou Laurie enquanto se esquivava de um fêmur. – Não podemos tirá-los daqui, mas eles são velhos guerreiros, então deveríamos respeitá-los.

– Então eles deveriam nos respeitar também – resmungou Fen. – Somos descendentes dos deuses. Não fugimos de velhos.

– *Hrafnasveltir!* – urrou um dos velhos vikings. – Fugam, *hrafnasveltir!*

– Do que ele está nos chamando? – rosnou Fen.

– Aqueles que matam os corvos de fome. Acho que quer dizer “covardes”, alguém que nunca vai cair em batalha e virar comida de corvo.

– E isso não te *incomoda*? – perguntou Fen.

– Não, mas é uma frase bem legal. Vou ter que me lembrar dela. – Matt deu uma olhada por sobre o ombro. – Acho que podemos andar normalmente. O lance quando você corre de velhos mortos é que você não precisa correr muito longe. Eles estão lá atrás. É só a gente andar rápido e...

Matt tropeçou. Baldwin o segurou antes que ele caísse, mas o tênis ficou para trás. O menino olhou para baixo e viu que o calçado estava atolado na lama. Ou, pelo menos, ele esperava que fosse lama.

– Acho que encontramos o rio – observou Baldwin, apontando enquanto recuperava o tênis de Matt.

– Perfeito – concordou Matt. – Depois que nós o atravessarmos, estaremos além da terra dos mortos, a caminho da saída. – Ele deu uma olhada para Laurie. – É isso que o mapa diz?

– É sim – respondeu ela com um sorriso.

Matt contemplou o solo pantanoso. Dava para ver o rio a uns quinze metros. Estava coberto por névoa, mas não parecia ser muito largo, talvez seis metros de largura.

– Todo mundo sabe nadar? – perguntou. – Pode não ser tão fundo, mas só por precaução.

Todos disseram que conseguiriam atravessar aquele tanto. Encontraram uma trilha mais seca e começaram a atravessar o largo lamaçal. Enquanto caminhavam, a névoa os envolveu, tão espessa que os quatro mal conseguiam se ver.

– Fiquem próximos! – aconselhou Matt. – Andem devagar e se assegurem de que estão vendo outra pessoa. – Ele fez uma pausa. – Melhor ainda, vamos formar uma fileira. Baldwin? Agarre meu escudo. Laurie? Segure a camisa dele. Fen?

– Feche a retaguarda – murmurou Fen.

– Obrigado. Me avise se você escutar alguma coisa aí atrás.

Eles seguiram em frente. Avançavam lentamente. Matt não queria levá-los à lama funda, então tateava o caminho com a ponta do pé, escolhendo cuidadosamente o solo seguro com cada passo.

– Que barulho foi esse? – indagou Laurie.

Matt estivera prestando muita atenção na escolha do caminho para perceber qualquer outra coisa; porém, quando escutou atentamente, ouviu um som sutil de pequenos estouros acima do borbulhar da água.

– Talvez o rio? – respondeu Matt. – Acho que estamos quase lá. Sinto cheiro... – Ele inalou e tossiu quando o fedor queimou suas narinas.

– O que *foi* isso? – perguntou Baldwin.

– Talvez o rio? – repetiu Matt.

Fen murmurou alguma coisa, mas estava muito para trás para que Matt escutasse.

– Fiquem alertas – disse Matt. – Vamos chegar à margem em apenas alguns...

Ele parou. A névoa tinha se dissipado e podia ver o rio agora. Era mais largo do que ele pensara, talvez uns doze metros. A água vinha até a altura da margem, mas não era como uma praia, com água rasa se estendendo até a

parte funda. A margem parecia descer direto, o solo coberto de ossos desaparecendo assim que alcançava a água. Que não se parecia em nada com água. Era marrom acinzentada e estranhamente grossa, com a consistência de ensopado tirado direto de uma lata, gelatinosa e nojenta. Até parecia ser ensopado, com pedaços escuros sendo carregados na correnteza, emergindo apenas para submergir em seguida.

Além disso, borbulhava.

Inicialmente, Matt achou que o rio estivesse fervendo; provavelmente por causa da comparação com ensopado. Só que não dava para sentir calor nenhum subindo. Só fedor. Um fedor terrível, como um ensopado que tinha ficado fora da geladeira por semanas, podre e nojento. O rio borbulhava, estourava e tossia. Quando uma gota atingiu a bochecha de Matt, doeu, e o menino se afastou, esfregando o rosto.

– Isso não parece nem um pouco higiênico – observou Baldwin.

– Ou seguro – concordou Laurie enquanto parava ao lado dos outros. – O que é isso?

Enquanto o grupo observava, um crânio apareceu. Ou era mais uma cabeça, na verdade. Alguma coisa entre os dois. Havia osso, e havia... o que não era osso. Cabelo. Pele. Dentes. Matt ficou feliz quando o objeto afundou de novo.

– Uau! – exclamou Baldwin. – Acho que é tipo uma sopa. De gente morta.

– Não – retrucou Matt rapidamente. – Isso não está nos mitos. É só um rio.

– Um rio com pedaços de corpos – comentou Fen.

– Eu, hum, vou verificar – disse Matt. – Vocês fiquem aqui.

– Não – disse Baldwin. – Deixa comigo, chefe. Eu sou indestrutível, lembra?

Baldwin passou por Matt. Deu três passos cuidadosos até a beira do rio. Então afundou o dedo. Quando o puxou de volta, Matt ouviu um chiado esquisito. Fumaça subia do dedo de Baldwin. Matt correu adiante mas, quando chegou lá, Baldwin estava enfiando outro dedo naquilo. Deixou pingar na manga da camisa, que soltou fumaça e deixou uma fileira de buraquinhos onde as gotas caíram.

– Acho que é ácido – comentou Baldwin, enxugando calmamente o dedo. – Hum. E eu gostava dessa camisa.

– Ácido? – exclamou Laurie. – Isso é... Não podemos atravessar...

– Deve haver um caminho – decidiu Matt. – Acho que lembro alguma coisa sobre um barco.

– Vou conferir o mapa. – Foi o que ela fez. – Certo, parece que tem algum tipo de travessia. Talvez um barco ou uma ponte? Não está bem claro. Mas é um meio de chegar do outro lado. Nós só precisamos encontrar.



Havia um barco. Um drácar, na verdade. Baldwin o espiou primeiro, correndo à frente e pulando no barco encalhado na praia, chamando:

– Olhem só isso!

Era, Matt tinha que admitir, muito legal. O barco não era tão grande quanto um drácar de verdade, é claro. Não chegava nem a ser um *snekke*, que era a menor forma de drácar, mas ainda tinha uns quinze metros de comprimento. Este era mais uma réplica, três metros de popa a proa. Havia apenas dois pares de remos. Pelo menos tinha o dragão na proa. Ou uma serpente. Era meio difícil de dizer; os dois termos eram frequentemente intercambiáveis na mitologia nórdica, o que significava que ele poderia enfrentar um dragão no Ragnarök, em vez de uma serpente gigante, mas Matt tentava não pensar nisso.

– Você precisa descer daí! – gritou Fen para Baldwin. – Não vamos conseguir empurrar assim.

– Claro que conseguem. – Baldwin sorriu. – Vocês têm o poderoso Thor. O deus da batalha.

– Não ultimamente – retrucou Fen. – Está mais para o deus da fuga-da-batalha.

Matt se virou rispidamente, mas Fen estava sorrindo, e parecia ser mesmo uma brincadeira.

– Tá bom, tá bom – respondeu Matt com bom humor, acenando para que Baldwin descesse. Ele saltou sobre o costado, e todos empurraram o drácar até a beira d'água. Então Matt segurou o barco e disse: – Subam. Eu seguro.

Baldwin deu a volta na popa.

– Deixa comigo, você sobe. Eu estava só brincando, posso empurrar sem problemas. Um pouco de ácido não vai me fazer mal.

– Não, mas vai fazer mal aos seus sapatos, e você vai precisar deles. Vou tomar cuidado.

Baldwin subiu de volta no barco, tentou pegar um par de remos com Laurie, mas ela não quis soltá-lo, então ele foi até a frente para guiar o barco. Laurie e Fen usaram os remos para empurrar da beira enquanto Matt fazia força atrás. Quando o barco estava quase todo na água, Matt falou:

– Mantenham o barco estável com os remos e eu vou pular para dentro.

Matt passou uma perna sobre o costado. Então, com a outra, deu um último empurrão na margem. O barco disparou para a água, e Matt ficou ali pendurado por um segundo, montado no costado, uma perna para dentro e a outra para fora.

– Vocês conseguem tocar o fundo com os remos? – perguntou. – Manter o barco estável?

Fen e Laurie tentaram mas, mesmo quando empurraram os remos o mais longe que alcançavam, não encostaram no fundo. Matt levantou a perna cuidadosamente. Drácares eram conhecidos pela estabilidade, mesmo em águas agitadas, mas ele não pretendia correr riscos quando a “água” poderia arrancar a carne dos seus ossos.

Com esse pensamento, ele se moveu um pouco rápido demais e teve que parar, se equilibrando de novo.

– Puxe logo a perna para dentro, Thorsen – urgiu Fen. – Sei que você se acha muito grandalhão, mas pode acreditar em mim, você não vai virar o barco.

– Eu sei. Espera um pouco.

Matt puxou a perna para cima até que ela ficou quase do lado do barco. Ele notou que a água borbulhava como um gêiser logo abaixo do pé, e começou a passar para dentro rápido, mas uma mão disparou do meio do gêiser. Ela o agarrou pelo pé. Enquanto Matt tentava se segurar em alguma coisa, qualquer coisa, um corpo inteiro emergiu do rio; um enorme cadáver pútrido, puxando com força o pé de Matt com uma mão esquelética.

Baldwin gritou. Fen estendeu os braços para Matt, que se segurou, mas então o cadáver puxou com força sobre-humana. Matt voou sobre o costado do barco, puxando Fen junto. Ele viu os olhos de Fen se arregalarem e sabia que era tarde demais para se segurar no barco, tarde demais para Fen agarrar o barco, e a única coisa que Matt poderia fazer era...

Soltar.

Matt largou o braço de Fen e voou sobre o rio. Captou um último relance do cadáver gigante. Então a criatura o soltou, e Matt caiu de costas na água, braços e pernas se agitando violentamente como se ele pudesse deter a queda. Chocou-se com um espirro e assistiu enquanto a água-ácido se fechou sobre ele.



CINCO



FEN

“ENSOPADO DE ZUMBI”

—Ele me *soltou!* – gaguejou Fen. Fitou por um segundo o ponto onde Matt tinha desaparecido na água-ácido, e então, trespassado por uma combinação de choque e raiva, virou um dos remos de cabeça para baixo e bateu com a ponta mais fina na água. Esperava não ter acertado a cabeça de Matt, mas não via muitas outras opções. Não poderia mergulhar: acabaria virando ossos e carne em minutos. Não poderia *não* tentar salvar Matt também.

Enquanto movia o remo pela água, esbarrou em alguma coisa e sentiu peso no remo. Puxou para a superfície, percebendo nesse instante que era leve demais, mas torcendo para que fosse Matt nadando enquanto ele puxava. Ao tirar o remo da água, viu que o cabelo de um crânio tinha se enrolado na madeira.

– Você não acha que esse é... – Laurie começou a perguntar.

Fen chacoalhou o remo para soltar a cabeça. Ela flutuou, subindo e descendo, parecendo encará-los com olhos mortos. Não *podia* ser Matt. Fen se recusou a pensar por um momento que pudesse ser ele. Mesmo que

Thorsen ainda o irritasse ocasionalmente, isso não significava que Fen quisesse vê-lo reduzido a ossos.

Em voz baixa, Laurie fez a pergunta que tinha deixado no ar.

– É o Matt?

– Não, claro que não! – Fen torceu para não estar mentindo enquanto colocava o remo de volta na água e a remexia, na esperança de que Matt se agarrasse. Era estranho que o barco e o remo não se desintegrassem, mas Fen concluiu que deveriam ser feitos de alguma coisa que a água-ácido não corroeria.

Os membros restantes do grupo esquadrihavam a água, esperando por um sinal do amigo desaparecido, quando Fen percebeu com alívio que a caveira que tinha puxado para a superfície tivera cabelos negros pegajosos.

– Não era ele! – exclamou. – Vejam! Thorsen é *ruivo*! Aquele cara – ele apontou para o crânio – tem cabelo preto.

Tanto Laurie quanto Baldwin soltaram suspiros audíveis, mas Fen não ficou tão aliviado quanto gostaria. A correnteza do rio empurrava o barco para cada vez mais longe de onde Matt tinha caído, e eles ainda não viam nenhuma pista de onde ele poderia estar. Por um lado, Fen achava que conferir o lugar da queda seria a melhor ideia. Por outro, a correnteza estava mais forte do que tinha parecido quando eles puseram o barco na água; além disso, havia o que quer que tivesse arrastado Matt para a água. Se o rio não tivesse reduzido Matt a pedaços de osso e carne, ele ainda estaria lutando com a coisa que o agarrara; o tempo todo debaixo d'água, sem poder respirar e tendo que lidar com as correntezas. A probabilidade estava contra ele. Mesmo que nenhum dos garotos tivesse dito isso, certamente era o que todos pensavam.

– Vamos lá; vamos lá – murmurou Fen. – Você é mais forte que isso, Thorsen.

– Fen? Eu continuarei morto até nós sairmos daqui. – Baldwin tirou a camisa e chutou os sapatos. Depois parou e deu uma olhada para Laurie. – Hã, você poderia fechar os olhos?

– Não, mas vou procurar deste lado. – Laurie se virou para vasculhar a água do lado oposto do barco. Numa voz trêmula, mas determinada, ela acrescentou: – Talvez a correnteza o tenha arrastado para cá.

Uma vez que Laurie lhe deu as costas, Baldwin abriu as calças, porém, antes que ele pudesse terminar de se despir, Fen sentiu alguma coisa pesada agarrar o remo. Era como se fosse o maior peixe do mundo, e não havia a menor chance de Fen puxá-lo para a superfície sozinho.

– Espere! – gritou. – Acho que eu o peguei... ou ele me pegou, ou alguma coisa pegou alguma coisa! Me ajude a tirar.

Baldwin e Fen puxaram o remo da água o mais rápido que puderam, e lá, agarrado ao remo, estava Matt. As roupas estavam esfarrapadas como... bem, como se ele tivesse nadado em água-ácido.

Os dois meninos se esticaram e o seguraram. A água ardia ao toque, mas a pele das mãos não estava sendo dissolvida como aconteceria com ácido de verdade. Aparentemente, o que quer que houvesse naquela água destruía tecido mais rápido que carne.

Laurie fez menção de vir ajudar, mas o barco começou a adernar.

– Fique do lado de lá! – gritou Fen. – Precisamos ficar equilibrados.

– Desculpa! – exclamou ela.

Depois que Laurie voltou ao seu lugar, o barco pareceu se estabilizar um pouco. Ela se inclinou para trás, e o barco se equilibrou ainda mais. Ainda estava torto, mas eles não corriam mais o risco de cair na água-ácido.

Fen olhou por cima do ombro e instruiu a prima:

– Segure a ponta do remo.

Matt estava se segurando ao remo, mesmo enquanto Fen e Baldwin pegavam seus braços e o puxavam para cima. Parecia que havia resistência, como se a coisa que tivesse capturado Matt ainda lutasse para ficar com ele.

Os outros não iam deixar que isso acontecesse.

– Puxem no três – ordenou Fen.

Baldwin concordou com a cabeça.

– Um, dois, *três*.

No três, todos fizeram força, e a coisa que segurava Matt o deixou escapar. Juntos eles trouxeram a metade superior do amigo para dentro do barco e, mesmo no seu estado semiconsciente, Matt aparentemente soube por instinto que deveria soltar o remo e agarrar o barco.

Laurie balançou para trás quando Matt soltou o remo, mas se manteve no barco. O impulso do movimento para trás ajudou a compensar o peso de Matt do outro lado. Não foi suficiente, porém; Matt era um cara grande. No que o barco começou a adernar de novo, Baldwin se inclinou para trás, na direção oposta.

– Vá para lá – comandou Fen.

Conforme Baldwin se moveu na direção de Laurie, Fen se inclinou sobre o próprio lado do barco, meteu as mãos na água e segurou as calças de Matt. O material se rasgou mais, porém Fen conseguiu puxar Matt para o barco. O garoto semiconsciente desabou dentro do barco, estendido numa posição desajeitada, metade em cima de Baldwin e do remo. Ele parecia estar incrivelmente desconfortável. Suas coxas estavam arqueadas, de modo que tanto o torso quanto as canelas estavam mais baixas que o quadril. A cabeça e um dos ombros estavam um pouco mais altos, também, apoiados nas pernas de Laurie. Todos os quatro garotos estavam emaranhados numa confusão de braços e pernas, mas estavam bem.

Fen ofegava pelo esforço de soltar Matt do que quer que o tivesse capturado; e pelo esforço de puxar uma pessoa para dentro do barco. Laurie choramingava um pouco, porém sorria ao mesmo tempo. Matt estava... lá. Isso era tudo por enquanto.

Ele tinha os olhos fechados, e o corpo inteiro parecia vermelho como se tivesse se queimado seriamente no sol. Em alguns lugares, parecia estar tão queimado a ponto de descascar. Porém, não eram queimaduras de sol. Fen viu o que a água fez à manga da camisa de Baldwin, e agora às roupas de Matt também.

– Thorsen? – disse Fen, em seguida pigarreando porque sua voz estava estranha. Ele não ia choramingar ou soluçar ou nada assim, mas a morte de Baldwin ainda estava muito recente. Admitiria – não em voz alta, é claro, mas para si mesmo – que tinha ficado mais do que um pouco assustado e preocupado com Thorsen.

Baldwin cutucou Matt de leve.

– Matt? Você está vivo?

Fen balançou a cabeça diante da pergunta. Baldwin era um cara esquisito; ou talvez não. Eles *estavam* em Hel. Talvez Matt tivesse sido afogado ou morto pela coisa na água.

O que acontece se nós morrermos aqui?

Laurie estendeu a mão como se fosse tocar o rosto de Matt. Parou logo acima da boca e do nariz dele.

– Ele está respirando.

A mão de Matt disparou e empurrou a de Laurie para longe do rosto. Com olhos ainda fechados, sentou-se. Então, quase ao mesmo tempo em que abriu os olhos, Matt também abriu a boca. Inclinou-se por sobre a lateral do barco e vomitou.

Depois que terminou, encarou os outros.

– Morto. – Matt gaguejou a palavra. Tossiu, engoliu e tentou de novo. – Morto.

– Não, você está vivo, cara – assegurou Baldwin, dando tapinhas no ombro de Matt.

– Está tudo bem – tranquilizou-o Laurie. – Você está bem.

– Não! – Matt balançou a cabeça e tossiu. – Eu quero dizer que a água está cheia de vikings mortos. *Vamos!*

– Ah! – Baldwin pegou um par de remos e olhou para Fen. – Vamos dar o fora daqui.

Tão rápido quanto possível, Fen e Baldwin remaram em direção à outra margem. Laurie alternava entre dar tapas nas costas de Matt quando ele tossia, contemplar a margem e estudar o mapa.

Em alguns momentos Fen sentiu coisas segurando seus remos, e soube que Baldwin estava passando pelo mesmo problema, pois ouviu o amigo grunhir e sentiu a forma como o barco era sacodido. Foi piorando cada vez mais conforme eles chegavam perto da margem. A algumas remadas da beira, Baldwin se virou para Fen e disse:

– Dá para nós chegarmos mais perto?

Fen assentiu com a cabeça. Eles usaram os remos para empurrar os sedimentos ou corpos ou o que quer que estivesse escondido pela água e forçaram o barco a se aproximar. Ele raspou no fundo com barulhos horríveis.

– Hã, pessoal? – Laurie olhava a água atrás deles.

Todos olharam para trás. Os mortos vadeavam em direção a eles, usando os outros corpos como um tipo de escada. Corpos parciais estavam submersos com outros se segurando nos ombros ou, em alguns casos, nas cabeças. Enquanto observavam, os mortos que aparentemente enchiam a água escalaram uns sobre os outros de forma grotesca, mas determinada.

Estavam praticamente em silêncio enquanto pisoteavam os outros em volta, concentrados apenas nos garotos. Os mortos os encaravam, alguns com olhos brancos, outros com crânios de órbitas vazias. Todos fixavam seus olhares nos descendentes enquanto escalavam e lutavam silenciosamente para alcançá-los.

Laurie soltou um suspiro agudo e apontou para a direita deles. Seu rosto estava mais pálido que de costume, mas ela parecia muito menos apavorada que Fen ao dizer:

– Vamos rumar para aquela floresta, e vamos correr o mais rápido que pudermos. – Ela deu uma olhada no mapa que tinha na mão trêmula, o que fazia o papel de asa de insetos vibrar e tremeluzir. – Há uma linha aqui que parece um tipo de fronteira. Minha esperança é que ela signifique que, ao alcançá-la, estaremos livres deles. Caso contrário, pelo menos poderemos tentar despistá-los na mata. – Ela cravou o dedo no mapa. – Tem uma caverna aqui que precisamos atravessar para sair de Hel.

Baldwin espiou a direção que Laurie tinha apontado e em seguida ao mapa trêmulo na mão dela.

– Mata. Caverna. Entendido. Você primeiro.

– *E* Matt – acrescentou Fen, ainda empurrando o bote para mais perto da margem. Entrar nas águas cheias de zumbis estava se tornando cada vez mais indesejável, então ele queria levá-los o mais perto possível da beira. – Matt, vá com Laurie.

Matt abriu a boca, sem dúvida alguma para discordar, mas Fen balançou a cabeça.

– Você acabou de se afogar, Thorsen – argumentou Fen. – Não está em condições de lutar. – Olhou feio para Matt. – Você e Laurie vão na frente. Baldwin e eu fechamos a retaguarda e cuidamos de qualquer defunto.

Para variar, Laurie não se opôs a um plano de mantê-la fora de perigo, e Fen percebeu que ela estava tão assustada quanto ele, mesmo que não transparecesse na voz. Fen torceu para que a voz dele também não o denunciasse. Matt provavelmente não estava suficientemente alerta para ficar assustado, apenas ferido e exausto. Somente Baldwin parecia estar realmente calmo, porém, quando Fen o olhou de novo, revisou a teoria. Baldwin encarava as pilhas crescentes de gente morta e tremia.

– Água-ácido e zumbis? Sua tia Helen deveria ter mencionado isso. – Baldwin empurrou os remos uma última vez e murmurou. – Espero que não sejam zumbis *corredores*.

– Eu também, irmão – concordou Fen, em seguida virando-se para Laurie. – Você vai na frente e mantém Matt de pé.

– Eu estou bem – afirmou Matt, com a voz ainda rouca. – Obrigado por me tirar dali, mas eu estou bem...

– Não – interrompeu-o Fen. – Vá com Laurie.

Matt hesitou, depois assentiu com a cabeça.

Fen fez um gesto para a beira.

– Saltem e corram para a saída.

– Se nós formos separados, vamos esperar por vocês na caverna – acrescentou Laurie.

– Certo, seguimos pela floresta até a caverna – repetiu Fen.

Eles pularam na água rasa e saíram correndo para a margem.

Assim que os pés dos dois tocaram o solo, os zumbis começaram a disparar atrás deles. Era como se o toque dos pés de jovens vivos fosse um sinal. As águas ficaram agitadas conforme as massas de zumbis tropeçavam uns sobre os outros, empurrando em direção à terra, pisoteando outros zumbis no processo. Fen pensou brevemente que tinha ido parar num filme de horror, mas então afastou o pensamento e gritou:

– Não olhem para trás, mas corram mais rápido, se puderem!

Para crédito deles, tanto Matt quanto Laurie fizeram o que Fen pediu.

Laurie também gritou:

– Se vocês não nos alcançarem, eu volto aqui para chutar sua bunda, Fen!

Baldwin sorriu, mas Fen sabia que ela estava falando sério.

– Estaremos logo atrás de vocês! – gritou ele. – Não parem de correr!

Para Baldwin, ele acrescentou em voz baixa:

– Eles precisam de alguns minutos de vantagem antes que a gente possa seguir.

– Beleza – respondeu Baldwin.

Num instante, os mortos tentavam seguir Matt e Laurie.

– Sem chance – rosnou Fen enquanto empurrava um dos zumbis de volta à água.

Baldwin correu até o barco, pegou um remo e começou a golpear como se fosse um taco gigante de beisebol. Fen catou outro remo, mas decidiu que era pesado demais para brandir. Transformou-se em lobo e investiu contra os zumbis que estavam subindo na margem. Não tinha a menor expectativa de conseguir deter uma tropa completa de mortos cambaleantes, mas ele e Baldwin ganhariam tempo suficiente para que Laurie e Matt se afastassem. Era o melhor que Fen podia fazer.

Baldwin continuou jogando uma versão bizarra de “martele a marmota” com os zumbis, e Fen tentava não pensar em como o gosto dos zumbis era nojento enquanto os mordida para evitar que avançassem. As mordidas não pareciam detê-los, e eram absurdamente nojentas; tanto que Fen achou que ia acabar virando vegetariano. *Carne de zumbi? Não é tão gostosa.* Ele não engolia, mas era difícil tirar o gosto da boca. *E Matt engoliu um monte de ensopado de zumbi com água-ácido!* Não era surpreendente que tivesse vomitado.

Fen considerou voltar à forma humana, mas era mais rápido como lobo. Ele correu na direção dos zumbis e pensou em mudar de forma quando estivesse ao lado de Baldwin. Enquanto corria, porém, percebeu que os zumbis tinham desviado do seu caminho. Testando a teoria, correu contra eles de novo. Os mortos viravam à medida que ele vinha até eles, vários caindo na água.

Depois disso, Fen começou a pastoreá-los. Era meio tosco, como ser um cão pastor em vez de um lobo, mas era muito melhor que ficar com gosto de zumbi na boca.

E isso ganha mais tempo para Laurie. Protegê-la era o objetivo principal da vida de Fen; tinha sido por anos, desde o dia em que tio Stig, o pai dela, pedira a ajuda de Fen para que ficasse de olho nela quando ele não estivesse por perto. Ter um foco definido tinha facilitado a tarefa de decidir qual era a coisa certa a fazer: o que quer que fosse que mantivesse Laurie em segurança. Recentemente, Fen começou a incluir Matt e Baldwin na lista, também. Naquele momento, mantê-los em segurança significava arrebanhar zumbis.

Fen não conseguiu levar todos os zumbis à água, nem mesmo metade deles; havia simplesmente zumbis demais. Entretanto, ele conduziu alguns deles ao rio em grupos. Ao mesmo tempo, Baldwin continuava acertando os monstros com o remo. Era um sistema; não era o melhor sistema, mas considerando tudo que estava acontecendo, era um plano bem aceitável. E, ainda por cima, estava funcionando.

Entre rodadas de pastoreio de zumbis de volta ao rio de ensopado ácido, Fen olhava para o limite da floresta para onde Laurie e Matt seguiam. Assim que eles adentraram a cobertura das árvores, Fen correu de volta até Baldwin, espalhando zumbis por onde passava.

Ao alcançar Baldwin, Fen se tornou humano de novo.

– Uau! – Baldwin piscou para Fen. – Isso foi totalmente, tipo, um passo e *bum*, você não estava mais peludo.

– Mudar de forma ficou bem mais rápido desde que chegamos a Hel – respondeu Fen, mesmo enquanto falava torcendo para que a transformação continuasse veloz assim uma vez que eles chegassem à terra dos vivos novamente. Mostrou os dentes a um zumbi e deu um passo ameaçador na direção dele, experimentando a tática que tinha funcionado como lobo.

O zumbi hesitou, mas não alterou o trajeto.

– Acho que só funciona na forma de lobo – comentou Fen, e então agarrou um osso que tinha vindo parar na margem; um osso grande demais para ser de uma pessoa; e usou como arma para derrubar o zumbi. – Pode ir para a floresta. Eu me transformarei de volta e vou atrás de você. Sou mais rápido em quatro patas.

Baldwin derrubou mais dois zumbis e saiu correndo.

Assim que Baldwin estava a alguns passos de distância, Fen largou o osso e voltou à forma de lobo. Teve que investir contra alguns zumbis que estavam se aproximando de Baldwin, mas a maioria dos mortos aparentemente descerebrados estava se mantendo perto da água. Fen correu contra aqueles que chegaram mais perto da mata, e então saiu trotando em direção à floresta para alcançar Baldwin.

Cada vez menos zumbis os seguiram e, quando os dois descendentes alcançaram as primeiras árvores, os zumbis todos começaram a andar de costas para dentro do rio, como se a água estivesse puxando as criaturas de volta com coleiras invisíveis. Fen voltou à forma humana para que pudesse falar com Baldwin. Cutucou o braço do amigo e disse:

– Olhe.

Por um momento, eles pararam à beira da mata juntos, observando os zumbis arrastando os pés de volta ao rio novamente efervescente. A água

borbulhava e se remexia enquanto os mortos voltavam para lá. Se não fosse o fato de os dois estarem vendo zumbis e água-ácido, seria meio que legal. Fen balançou a cabeça. Na verdade, era meio que legal mesmo assim, mas não significava que eles teriam tempo para ficar assistindo.

– Vamos lá – disse ele.

Baldwin concordou e eles seguiram mata adentro.

A trilha parecia bem clara, então Fen torceu para que eles alcançassem Laurie e Matt logo; e que não houvesse mais algum monstro esperando entre eles e a saída de Hel. Eles tinham se deparado com um Jotunn, um cão de guarda gigante com múltiplos olhos, a assustadora tia Helen, vikings mortos ranzinzas, e agora zumbis que moravam no ácido. Fen estava pronto para alguma aventura um pouco menos exaustiva. De alguma forma, porém, a trilha bem definida pela mata não ajudava muito a convencê-lo de que ia encontrar o que queria.

Depois de um momento, Baldwin falou:

– Eu sinto muito por você ter ficado triste com a minha morte. Foi legal que vocês todos tenham vindo me buscar. Eu estava me sentindo bem, mas estou muito feliz em poder voltar para ajudar a enfrentar os Saqueadores e a cobra gigante. – Ele fez uma pausa e olhou Fen com uma expressão muito séria antes de acrescentar: – Você acha que eu terei que voltar depois da batalha, ou continuarei vivo? Ah! Espero não começar a apodrecer quando chegarmos. Quer dizer, não vou virar um zumbi agora, né?

– Não – respondeu Fen, sem saber realmente se estava certo, mas tentando ser reconfortante. – Acho que você vai ficar tão vivo quanto eu.

Baldwin suspirou.

– Certo. Isso é bom. Eu realmente não quero virar um zumbi. – O rapaz sorriu e estremeceu ao mesmo tempo. – Isso foi divertido e tal, mas eles são

meio nojentos, né? tenho saudades do meu batimento cardíaco. E de respirar. Espero que eu recupere essas coisas também.

Fen queria rir. O humor de Baldwin nunca ficava ruim de verdade por muito tempo. Sua animação dificultava que Fen se mantivesse mal-humorado perto dele, o que era muito impressionante. O rapaz sorriu para Baldwin antes de falar:

– É. Você provavelmente ficará tão vivo quanto antes, e tem razão: eles eram nojentos mesmo. Mas aprendi uma coisa que você não vê em filme nenhum.

– O quê?

– Zumbi tem gosto de sapato sujo. – Fen teve ânsia de vômito ao lembrar.

Baldwin concordou com um barulho de *blé* antes de dizer:

– Lá estão eles!

No que Fen ergueu o olhar, viu dois pássaros negros voando para longe com a chegada deles, e se perguntou se seriam os mesmos que tinha visto antes. Estavam indo embora, e Fen não queria perder tempo se preocupando com coisas que não os estavam atacando.

Matt e Laurie aguardavam parados junto à boca da caverna. Ele encarava a abertura obscurecida, e ela vigiava o caminho por onde tinham vindo. Mesmo depois de tudo que tinha acontecido, eles estavam atentos aos riscos. *Qualquer coisa* poderia sair daquela caverna.

– Os zumbis ainda estão vindo? – indagou Laurie.

– Que nada. Era como se eles estivessem sendo rebobinados. – Baldwin começou a gesticular. Lançou uma das mãos para a frente, dedos estendidos como uma aranha sem pernas suficientes, e então a puxou lentamente de volta. Os dedos chutavam como se lutassem contra alguma força. – O rio os sugou de volta assim que alcançamos as árvores.

Matt lançou um olhar para Fen, que assentiu com a cabeça.

– Encerramos o assunto dos zumbis, então. Ótimo. – Matt fez um gesto em direção à caverna. – Alguma chance de você ainda ter aquele isqueiro?

Fen tirou o objeto do bolso.

Matt removeu os restos da camisa, torceu-os e os amarrou num galho que aparentemente tinha pegado a caminho da caverna. Deu um nó nas pontas da camisa e estendeu a ponta do galho para Fen.

– Pode acender.

Fen ativou o isqueiro e segurou a pequena chama de modo que tocasse o tecido, que se incendiou luminosamente. Como ficou evidente, água-ácido cheia de zumbis era um combustível.

Com a tocha na mão, Matt os levou até a caverna escura. O ar ficou úmido depois de apenas uns poucos passos, e foi piorando conforme eles adentravam as trevas. Sem a tocha, eles estariam encrocados. A trilha principal era larga o bastante para que eles andassem dois a dois, porém, conforme desciam para as profundezas do solo, o caminho foi se estreitando.

Dava para ouvir água em algum lugar por perto. Depois de mais ou menos dez minutos de caminhada, eles viraram uma esquina e descobriram a origem: um rio de água fosforescente fluía furiosamente abaixo deles.

– Uau! – Baldwin esticou a palavra com o tipo de espanto reservado àquelas coisas verdadeiramente incríveis ou indiscutivelmente horríveis.

– É – concordou Fen.

– Mandou bem com a tocha, Matt! – acrescentou Laurie.

Thorsen apenas assentiu e olhou em volta, procurando outras ameaças. A luz fantasmagórica do rio subterrâneo agora iluminava toda área ao redor deles; tingia tudo num tom verde doentio. Matt segurou a tocha com mais força.

Enquanto eles andavam, Fen se perguntou se o caminho pela caverna ficaria mais e mais complicado, no entanto, afora algumas poucas passagens estreitas que exigiram que eles engatinhassem, e alguns túneis onde foi necessário se curvar, não encontraram nenhum outro desafio.

Estavam prestes a alcançar uma projeção estreita de pedra que cruzava o rio luminoso. Parecia uma ponte natural, criada ao longo de muitos anos pela água desgastando a pedra. A largura da ponte parecia ser suficiente apenas para a passagem em fila única, e era uma queda perigosa até a água de aparência suspeita.

– Acho que talvez a gente esteja chegando ao fim. Eu me sinto... *melhor*.
– Baldwin soava mais animado que de costume, mas isso fazia sentido: para Baldwin, chegar ao fim da caverna significava retornar à vida.

– Eu também – murmurou Matt. – Quanto mais perto do mundo nós chegamos mais energia eu tenho.

Fen fez uma pausa, percebendo que Matt e Baldwin estavam certos. Ele se sentia mais forte, também. Não era nem uma questão de ele ter se sentido péssimo antes, porém, subitamente, parecia que ele estava mais leve, como se Fen não tivesse percebido como seu corpo parecia pesado e cansado em Hel até começar a se sentir melhor de novo.

– Eu acho que simplesmente estar em Hel é deprimente. Desgasta você sem que você perceba. – Laurie franziu o cenho. – Vocês acham que nós teríamos morrido se ficassemos aqui? Neste instante, eu sinto que a *vida* está se infiltrando em mim de novo. Isso faz sentido?

Matt e Fen assentiram.

– Não sei quanto a vocês, mas minha cabeça está desanuviada. Não consigo acreditar que eu considere a ideia de ficar lá. A morte não é bacana – anunciou Baldwin.

Em concordância silenciosa, todos eles passaram a andar um tiquinho mais rápido a partir daí. Fen parou junto à ponte e fez um gesto para que Baldwin avançasse. Ele estava mais forte que Matt naquele momento, então assumiria a dianteira. Fen tomaria sua costumeira posição na retaguarda. O menino morto subiu na ponte estreita; Laurie estava logo atrás dele. Antes que Matt pudesse segui-la, eles ouviram um rosnado vindo da esquerda. Um longo e grave grunhido seguiu o primeiro rosnado.

Fen e Matt pararam e se viraram em direção ao som. Estavam lado a lado de costas para Laurie e Baldwin, que já se encontravam na ponte.

Fen viu dois grandes olhos amarelos espiando das trevas. Murmurou um palavrão que deixou Laurie boquiaberta e fez Matt comentar:

– É.

– Planos? – indagou Baldwin.

– Sigam em frente – sussurrou Matt. – Você e Laurie rumem para a saída. Fen?

– Bem aqui, Thorsen. – Fen manteve sua atenção nos olhos amarelos. A criatura não tinha se aproximado ainda, e Fen se perguntava se a coisa esperava pela oportunidade de investir contra eles. Era bom que todos estivessem se sentindo melhor, mas melhor não significava que Matt conseguiria lutar com sua habilidade total. Fen deu uma olhada de lado para ele e perguntou: – Você aguenta? Ou seria melhor se Baldwin...

– Eu aguento. – Matt pareceu pensar por um momento, e depois disse: – Eu só preciso ficar bravo. Quando aquilo tentar nos deter, eu vou ficar *bravo*.

Fen soltou um suspiro curto de alívio, mas acrescentou:

– Essa viagem a Hel é uma droga.

– Concordo plenamente – disse Matt. – Eles estão indo?

Fen deu uma olhada para trás enquanto Matt vigiava os olhos brilhantes. Baldwin e Laurie tinham avançado mais alguns poucos metros, mas ainda

não tinham passado para a parte mais larga do outro lado da ponte na caverna. Fen contou isso a Matt, e depois comentou:

– Não quero lutar sobre aquele rio.

– Eu sei. Vamos contê-lo aqui – explicou Matt, tão baixo que Laurie não poderia ouvir. – Então, depois que eles atravessarem, vamos deixar que ele nos siga até a parte estreita, e eu acerto uma Martelada.

Fen assentiu. Era um bom plano, mesmo que significasse enfrentar um monstro numa ponte sobre água presumivelmente tóxica.

A criatura começou a avançar lentamente na direção deles, e, ao fazê-lo, a luz esverdeada revelou o corpo que acompanhava os olhos. Não chegava a ser grande como um troll, mas era quase. Pelo castanho sarnento cobria um corpo imenso. Garras sujas estalavam no chão de pedra, e pingava baba dos imensos dentes, que pareciam ainda mais nojentos do que poderiam parecer à luz normal.

– Aquilo é mesmo um... – começou Fen.

– Um urso-das-cavernas? – completou Matt. – Acho que sim.

– É claro. O que mais haveria numa caverna em Hel? – Fen se preparou para a fera, mesmo enquanto o desejo de correr começava a afetá-lo. Não fazia sentido ficar parado enquanto um gigantesco urso monstruoso das velhas sagas islandesas avançava contra eles; exceto que isso era necessário para que o plano de Matt funcionasse.

– Ele está quase aqui – murmurou Matt. – Você pode se transformar?

– E fazer o quê?

– Provocá-lo até que ele invista para a parte estreita, e eu usarei meu Martelo na pedra para jogá-lo na água. Fique abaixado quando eu golpear.

Era preciso ter muita confiança para seguir o plano de Matt, mas Fen assentiu com a cabeça.

– Entendido.

Assim que o urso-das-cavernas chegou perto o bastante para dar o bote, Fen achou que ia vomitar. O fedor da criatura era esmagador, uma combinação de carne podre e banheiro químico transbordante no verão mais quente de Dakota do Sul.

E eu vou correr na direção dele...

Fen balançou a cabeça perante o absurdo da situação, em seguida se transformando em lobo e correndo para o urso-das-cavernas. Não tinha entrado exatamente no alcance de ataque quando o monstro golpeou com as garras e rugiu. Fen se virou, girando o corpo tão rápido que a perna dianteira direita doeu como se ele tivesse rompido algum ligamento. Ele correu de volta na direção de Matt.

Ao mesmo tempo, Thorsen tinha se retirado para a ponte estreita. Parou com as pernas abertas, criando apoio para si.

– Abaixese, Fen! – gritou.

No que Fen colou a barriga no chão, o raio de energia de Matt acertou o urso-das-cavernas.

O bicho rugiu e continuou avançando.

Matt recuou.

– Ele precisa chegar mais perto!

Torcendo para que não estivesse prestes a tomar um banho naquele rio nojento, Fen se levantou num salto e correu até o monstro de novo, depois disparou de volta até Matt. Ainda em forma de lobo, Fen se deitou novamente sobre a barriga a menos de um metro de Matt.

O urso-das-cavernas o seguiu, e Matt o atingiu com mais um raio de energia do seu Martelo.

Um baque alto foi seguido pelo som de arranhar enquanto o urso-das-cavernas tentava se estabilizar. Imediatamente, soou um rugido e um *tchibum*. Fen olhou para baixo, para o urso, enquanto ele se arrastava para a

margem do rio bem longe abaixo deles. Estava molhado, coberto de gosma verde fosforescente, porém ileso. Fen soltou a respiração num sopro forte. Enfrentar *aquilo* cara a cara teria sido impossível.

– Vamos lá – disse Matt. – *Agora*.

Fen voltou à forma humana, e os dois saíram correndo em busca de Laurie e Baldwin. Felizmente, os outros dois estavam no portão para o mundo dos vivos. Ele flutuava no ar, não exatamente na parede rochosa da caverna, mas perto o bastante para que não houvesse como passar a mão por trás. Parecia idêntico aos portais que Laurie criava, só que permanente.

Não havia mais obstáculos entre eles e a saída de Hel. Em vez disso, parecia que eles estavam realmente livres para partir. Assim que Fen e Matt se reuniram aos outros dois, o chão tremeluziu e uma pilha de mochilas cheias apareceu aos pés deles. Cada uma das mochilas tinha um pedaço de papel de asa de inseto com o nome de um dos quatro.

– Tia Helen parece que está compensando pelos aniversários perdidos – comentou Fen.

Roupas limpas e intactas para todos os quatro se derramaram das mochilas assim que elas foram abertas. Cada uma continha, de alguma maneira, um saco de dormir também, apesar da aparente impossibilidade de tanta coisa caber em espaços tão pequenos. Conforme eles vasculharam as mochilas, todos tiraram roupas e calçados nos tamanhos certos. Fen não viu necessidade de se trocar até que pudesse se limpar primeiro, mas tanto Baldwin quanto Matt vestiram camisas limpas para repor aquelas que tinham sido destruídas no rio de Hel.

Laurie continuou examinando seu kit enquanto os rapazes vestiam as camisas. Depois de um momento, ela tirou um item peculiar da própria mochila: um estranho arco que parecia ser feito de osso e tendão.

– Hum, amigos?

Todos olharam a arma que ela erguia e conferiram as bagagens. Ninguém mais tinha uma arma.

– Acho que eu não sou o único parente seu que acha que você precisa de alguma distância das lutas – provocou-a Fen.

Laurie lhe deu um tapa fraco no braço, mas estava sorrindo. Fen percebeu que sorria também. Não conseguia evitar: eles estavam todos juntos, tinham resgatado Baldwin da morte, e estavam prestes a voltar à terra dos vivos. A situação parecia positiva novamente. Agora só precisavam resgatar Owen, buscar os gêmeos de novo e juntar o restante dos itens necessários para a batalha vindoura. Encontrar o Martelo de Thor e algumas penas não poderia ser muito difícil, né? Eles já tinham *feito* o impossível; resgatado Baldwin da morte; e poderiam fazer as outras coisas também.

Talvez nem seria necessário fazer aquilo tudo. Eles tinham mudado o que o mito dizia que aconteceria; não estavam condenados a repetir o mito *com exatidão*. Talvez o resgate de Baldwin fosse suficiente para deter o Ragnarök.

Os quatro estavam cansados mas sorridentes enquanto começavam a atravessar o portal que os levaria para fora de Hel. Matt passou primeiro, e os demais os seguiram.

SEIS



MATT

“VACAS CABELUDAS TAMANHO FAMÍLIA”

Matt saltou de Hel para uma tempestade trovejante. Ou foi isso que ele pensou, logo depois que seus pés bateram no chão e a dor subiu pelas pernas dele. Enquanto esfregava as batatas das pernas, escutou o rugido distante do trovão. Ainda desorientado pelo salto, tentou proteger a cabeça da chuva com a mão, apenas para perceber que não estava chovendo. O trovão continuou rugindo, porém, tão alto que fez o chão tremer. Quando Matt inalou, sentiu cheiro de terra seca e poeira.

Olhou de volta para o portal de saída, tremeluzindo como uma onda de calor. Os outros ainda não tinham saído. Quando uma forma escura passou acima, Matt deu uma olhada para o alto e viu dois pássaros, circulando tão elevados que o menino não conseguia distinguir mais que dois pontos negros.

O trovão soou de novo. Matt olhou para trás e viu uma tempestade se aproximando. Uma tempestade de poeira, pelo que parecia, avançando pelo campo aberto.

Eles estavam numa pradaria; o capim de outono alto e dourado, com colinas escuras de pano de fundo. O céu acima era azul. Um azul brilhante

que quase cegava, queimando os olhos depois de toda penumbra e névoa de Hel. O sol ardia incandescente, e não havia nenhuma nuvem à vista... exceto a nuvem de poeira no solo, se aproximando, uma massa bege rodopiante pontilhada com escuros...

Matt percebeu o que via bem no momento em que Fen começou a sair do portal. Matt se atirou e o acertou nos ombros.

– Mas o quê...? – Fen começou a exclamar antes de cair de volta em Hel.

Matt tentou mergulhar atrás dele, mas caiu no chão. Aparentemente, a saída era de mão única.

Ergueu a cabeça e viu a nuvem de poeira e, à frente dela, uma linha de bisões. Um estouro de bisões.

– Laurie! – gritou, na esperança de que ela pudesse de alguma forma ouvi-lo do outro lado. – Eu bem que precisava de uma saída de emergência por aqui!

Olhou em volta enquanto se levantava, mas não encontrou nenhum sinal do portal de Laurie, e não ousou esperar para ver se ela conseguiria criá-lo. Os bisões estavam se aproximando tão depressa que Matt já sentia o fedor rançoso do pelo e ouvia as fungadas de pânico acima do trovejar dos cascos. Ele começou a correr, mas, enquanto corria, sabia que era tarde demais. Não eram apenas alguns bisões, era uma manada, e uma manada grande, pelo menos algumas centenas, espalhados pelo campo como uma onda de destruição demolindo tudo que ficasse em seu caminho. Incluindo um menino de treze anos que entrou na frente deles.

Matt ainda tentava escapar. Correu o máximo que pôde até que soube que não teria chance, absolutamente chance nenhuma. Então ele se encolheu numa bola no chão, e puxou o escudo por sobre o ombro, protegendo-se, percebendo enquanto o fazia quão pequeno era o escudo, quão pequeno e fino. Dava para ver os bisões em meio à poeira. Feras

imensas e peludas. Um metro e oitenta de altura. O dobro disso de comprimento. Meia tonelada, cada um. Enormes chifres pontudos. Olhos revirados e apavorados.

Estou morto, pensou Matt. Depois disso tudo, estou morto, e não serão trolls ou cães demônio ou rios de ácido. Serão vacas cabeludas tamanho família.

A manada o alcançou, fazendo o solo tremer, jogando poeira nos olhos, no nariz, na boca do rapaz, o som e o cheiro tão devastadores que ele não conseguia nem pensar. Os primeiros bisões tiveram tempo para vê-lo e se desviaram. Matt não ousou olhar por sobre o escudo, mas sabia que sua sorte não se manteria. Logo viria algum que não o veria...

Um casco acertou o escudo com um estalo terrível. O bisão tropeçou mas, milagrosamente, passou bem por cima dele, os longos pelos da barriga passando nele. O golpe afastou o escudo para o lado o suficiente para que Matt vislumbrasse alguma coisa tremeluzindo a uns três metros. Um portal. Será que ele alcançaria? Contraiu as pernas e apoiou as mãos no solo, pronto para...

Um vulto surgiu na porta reluzente. Era Baldwin, atravessando.

– Não! – gritou Matt. – Fique aí dentro!

Matt se levantou num salto, percebendo o tamanho do erro enquanto se erguia. O bisão que corria contra ele fungou e se desviou, mas aquele que veio atrás continuou avançando, parecendo não vê-lo de forma alguma. Matt ergueu o escudo e sentiu o Martelo se incandescer.



Estendeu a mão bruscamente. O Martelo atingiu o bisão que corria, e ele tropeçou. Aquele que vinha atrás se chocou contra o bisão atordoado, e os dois desmoronaram numa pilha. O restante da manada percebeu o obstáculo e o contornou, deixando Matt parado ali. Ele murmurou um pedido de desculpas ao bisão caído enquanto os dois se levantavam cambaleantes. Em seguida, girou em direção ao portal a tempo de ver um bisão de chifres em riste investir contra Baldwin.

– Baldwin! – gritou Matt.

Os chifres pegaram Baldwin, que voou no ar. O portal tremeluziu de novo, um braço aparecendo. O braço de Fen.

– Não! – berrou Matt.

Ele correu até os amigos, escapando por pouco de uma das bestas gigantes enquanto ela passava trovejante. Conseguiu ver Baldwin agora, no chão, enquanto os bisões tentavam contorná-lo. Estava mais para o lado, de costas para o portal, e Fen estava chegando.

– Fen! Volte! Não...

Fen saiu bem diante de uma besta que investia. Matt a acertou com o Martelo de Thor bem a tempo de empurrá-la para fora da rota, mas agora Laurie estava chegando, e Fen não teve nem tempo de perceber o que estava acontecendo; era tudo tão rápido, o choque de sair de Hel grande demais.

Matt agitou os braços loucamente, berrando a plenos pulmões, tentando não apenas chamar a atenção deles, mas fazer com que os bisões o vissem. Alguns notaram e desviaram, mas um touro imenso seguia direto para Laurie.

– Não! – gritou Matt.

Houve um clarão de luz, e inicialmente ele pensou que tinha lançado o Martelo, mas suas mãos ainda estavam ao lado do seu corpo enquanto ele corria. Houve um *crack* tremendo, e alguma coisa atingiu o chão logo ao lado

de Laurie. Algo tão brilhante que os cegou, e Matt não percebeu o que tinha sido até que viu a cicatriz negra no solo arenoso e o capim seco ao redor pegando fogo.

Relâmpago.

Matt olhou para o céu, que ainda estava azul e sem nuvens. Ele estava com os outros agora, os bisões fungando e mugindo ao sentir o cheiro de fumaça. As criaturas contornavam a marca e as pequenas chamas; também dando a volta em Laurie e Fen, passando longe o bastante deles para que Baldwin pudesse se levantar. Baldwin correu até os primos e os alcançou ao mesmo tempo que Matt... justo quando as chamas se apagaram e a manada de bisões começou a se fechar de novo.

– Faça de novo! – gritou Laurie, para ser ouvida sobre o ruído da manada.

– O quê? – indagou Matt.

– O relâmpago! – disse Fen.

– Eu não...

– Trovão? Relâmpago? Thor? – disse Laurie. – Claro que foi você!

Matt encarou a manada conforme os bisões começaram a se aproximar de novo, o espaço que eles tinham concedido aos garotos desaparecendo.

– Assim que for possível, Thorsen! – exclamou Fen.

– Vamos lá, Matt – rogou Baldwin. – O que quer que você tenha feito, faça de novo. Rápido. Aqueles búfalos são bem maiores do que a gente.

O que ele tinha feito? Matt não fazia ideia. Não estivera pensando ou fazendo nada além de sentir pânico, e, se isso fosse suficiente, então deveria haver raios voando por todos os lados naquele momento, porque o coração dele estava em disparada...

O Martelo. Talvez...

Ele agarrou o amuleto e estendeu a mão, mas sentiu imediatamente que não era a mesma coisa. Houve o clarão e o estrondo, mas o que atingiu o chão foi um golpe normal de Martelo que não fez absolutamente nada.

Eu preciso do relâmpago. Por favor, por favor, por favor, me dê...

Um bisão veio vindo direto na direção deles. Matt agarrou o escudo com uma das mãos, posicionando-o diante de si enquanto gritava:

– Fiquem atrás de mim!

Então lançou o Martelo. Empurrou o bisão para outra rota, mas havia outro logo atrás dele, e não havia tempo para lançar outro...

Um grito de congelar o sangue soou. Inicialmente, Matt achou que tinha sido Laurie. Certo, talvez ele tivesse pensado que tinha sido *ele mesmo*, gritando ao perceber que estava prestes a ser pisoteado e um escudinho de madeira não iria salvá-lo. Foi então que ele viu algo vindo em meio à poeira e à manada, algo enorme e branco. Outro grito. Então um relinchar ecoante, e Matt olhou para cima para ver uma mulher com impressões de mãos azuis nas bochechas e longos cabelos vermelhos esvoaçando atrás dela. Hildar. Líder das Valquírias. Uma visão quase tão aterrorizante quanto os bisões, com o rosto pintado, a espada faiscante e o rosnado de furor de batalha, enquanto sua montaria cavalgava bem ao lado do bisão, mais rápida do que ele, é claro. Matt girou o escudo...

O cavalo desviou no último segundo, e uma mão agarrou a gola da camisa dele. Matt voou no ar e, de alguma forma, aterrissou no cavalo, atrás de Hildar.

– Não! – exclamou ele. – Os outros...

Olhou por sobre o ombro e viu três outras Valquírias resgatando Laurie, Fen e Baldwin. Hildar gritou alguma coisa, e Matt se virou bem a tempo de ver um bisão tropeçar, assustado pelos cavalos. Ele desabou bem no caminho deles. Matt agarrou as laterais da sela, preparando-se para o impacto. A

Valquíria gritou alguma coisa, e eles estavam prestes a se chocar contra o bisão caído, e então...

Tudo ficou branco. Branco brilhante e ofuscante, e ainda dava para ouvir o trovejar da manada, mas os bisões eram um borrão dos dois lados. O vento passou voando e as bochechas se achataram, o cabelo chicoteava, os olhos ardiam, como descer na maior montanha-russa imaginável, e tudo que Matt podia fazer era se segurar. O barulho da manada sumiu, assim como o borrão dos bisões. O estômago de Matt se revirou e sua boca se encheu do gosto do rio. O gosto dos mortos. Outro revirar de estômago. Fechou os olhos rapidamente, apertando com força, rezando para que, depois daquilo tudo, não vomitasse numa Valquíria.

Felizmente, isso não aconteceu. A “cavalgada” se desacelerou e, quando Matt abriu um dos olhos, viu uma floresta densa. Hildar tinha parado o cavalo numa clareira. Matt olhou em volta, piscando para limpar a poeira dos olhos.

Eles estavam nas Black Hills de novo. Ou pelo menos era o que parecia: floresta densa, as árvores enormes aglomeradas ao redor da clareira.

– Desça – comandou ela.

Matt escorregou para baixo, o que não era exatamente fácil quando a sela do cavalo ficava a quase dois metros e meio do chão. Ele aterrissou com um *huuummf*. Hildar lhe lançou um olhar desmoralizante. Até o cavalo batia a pata e fungava, e Matt jurou que ele revirou os olhos. Apesar das nuvens de poeira, o animal tinha conseguido continuar imaculadamente branco. As únicas cores estavam presentes nas impressões de mãos e espirais azuis, como aquelas no rosto de Hildar, que pareciam cintilar ao sol enquanto ela ajeitava o escudo e a espada.

Atrás dele, os outros cavalos chegaram, e os garotos estavam sendo ordenados a descer sem a menor cerimônia. Matt foi ajudar Laurie, mas Fen

o dispensou com um aceno e a ajudou pessoalmente. Baldwin passou a perna por sobre o cavalo e pulou. A roupa dele estava rasgada e imunda de novo, mas ele não parecia ter sofrido nenhum dano depois de ter sido quase pisoteado por um bisão.

– Búfalos? – indagou Hildar, movendo o cavalo para ficar ao lado de Matt. – O filho de Thor foi quase morto por búfalos?

– Er, na verdade o nome correto é bisão. – Matt percebeu a expressão dela. – Deixa para lá.

– Não foi culpa dele – defendeu-o Laurie. – O portão de saída de Hel o colocou bem no caminho daquela manada.

– E vocês acham que isso foi acidental?

– Se você está insinuando que Helen planejou isso, ela não nos disse onde sair. Isso foi...

– Não importa – retrucou Hildar, interrompendo Laurie, como se preferisse culpar Helen. – Ainda assim, o filho de Thor deveria ter olhado onde pisava. Todos os descendentes do Norte deveriam ter feito o mesmo.

– Acabamos de escapar de Hel – argumentou Fen. – Passando por gigantes de fogo, cães de guarda assassinos e zumbis vikings...

– Eles são chamados de draugrs – sussurrou Baldwin para Fen.

– Não, na verdade, aqueles não eram... – Matt parou de falar ao notar a expressão de Hildar. – O que não é importante neste momento. A questão é que eu vacilei, e aceito a responsabilidade total.

– Algo que lhe teria sido muito útil no além-vida – comentou Hildar secamente. – Mortos por búfalos? Vocês nem passariam pelos portões de Valhalla.

Matt poderia argumentar que aquilo não era exatamente justo; encarar os bisões tinha sido pelo menos tão aterrorizante quanto qualquer luta que eles tinham encontrado. E tinha sido meio que uma batalha. Sem falar no fato

de que toda aquela coisa de “você só entra em Valhalla se morrer no campo” era uma palhaçada. Porém, provavelmente não era o melhor momento para mencionar nada daquilo.

– Peço desculpas – disse Matt. – Eu vacilei. Obrigado por...

– Tivemos que salvar vocês. De búfalos.

Fen deu um passo à frente.

– E o fato de que só vacilamos porque acabamos de resgatar Baldwin de Hel não conta nem um pouco? Sério?

– Estamos satisfeitas com você por isso, filho de Loki. Assim como estamos satisfeitas com o filho de Thor por ter tirado todos vocês de Hel em segurança.

– Hum, não fui eu quem nos tirou de lá – retrucou Matt. – Foi um esforço conjunto. Na verdade, eu caí num rio de ácido.

– Como deveria – respondeu a Valquíria. – Estamos satisfeitas com isso também.

Ela estava sendo obviamente sarcástica, mas sua expressão e seu tom não deram sinais disso.

– Todos nós trabalhamos juntos – afirmou Laurie. – Eu abri a porta para o além-vida, Fen convenceu Helen a soltar Baldwin. Matt, Fen e Baldwin enfrentaram os zumbis, e...

– Sim, sim, todos vocês desempenharam seus papéis. – Um aceno desdenhoso. – Mas o filho de Thor e o filho de Loki precisam ser mais cuidadosos. Cada vez que nós resgatamos vocês, isso é considerado uma interferência, algo que prejudica o equilíbrio das coisas. Agora que salvamos vocês dos búfalos, não vamos poder ajudar num momento mais urgente.

Desde o momento em que ouviu o galo em Hel, Matt ficou com a pulga atrás da orelha, saltitando, sussurrando que aquilo tudo poderia não estar

acabado mesmo se eles tirassem Baldwin de lá. Conforme Hildar falava, a pulga se cravou no peito dele como uma bala de chumbo.

– Momento mais urgente... – repetiu ele, mal conseguindo pronunciar as palavras. – Então ainda não está terminado.

– Terminado?

– Salvamos Baldwin. O mito foi quebrado. Ragnarök não vai acontecer.

Silêncio. Pela primeira vez desde que conhecera Hildar, um pouco da gelidez lhe abandonou os olhos azuis. Quando ela falou, não dava para afirmar que a voz ficara gentil, porém estava mais suave.

– Foi isso que você pensou, filho de Thor?

– Foi isso que *todos* nós pensamos – afirmou Laurie. – Romper o ciclo, deter o apocalipse.

– Não, criança. Vocês não podem impedir o Ragnarök. Quando vocês alteram o curso do mito, alteram o curso do resultado. Se a mudança for positiva, tal como salvar Baldwin, então as chances se alteram ao seu favor. Isso não é de se desprezar.

Matt assentiu, mas não conseguiu responder.

– Agora é hora de descansar – afirmou Hilda. – Vamos ficar de guarda.

– Só que nós não podemos descansar – respondeu Laurie. – Owen está lá fora. Foi capturado e...

– Ele está livre.

Laurie fez uma pausa.

– Ele está bem?

– Owen está como deveria estar. Chega de conversa. Descansem. Vão. Agora. Há mais a ser feito.

As Valquírias acenaram para que eles entrassem mais na clareira, e os quatro obedeceram.

SETE



LAURIE

“FLECHAS FANTASMAS”

Depois que as Valquírias se retiraram, os garotos ficaram parados sozinhos na pequena clareira.

– Bem, isso é um saco – murmurou Fen.

Laurie tinha expectativa de que Matt fosse dizer alguma coisa encorajadora, porém ele mantinha a cabeça baixa como se estivesse tão decepcionado quanto Fen soava. Ela queria dizer alguma coisa para animar os dois, mas ela também tinha torcido para que eles tivessem evitado o fim do mundo ao resgatar Baldwin. Teria sido bom se eles tivessem salvado o mundo sem mais nenhuma batalha. Laurie suspirou.

– Eu sabia que a gente devia ter matado aquele galo idiota – acrescentou Fen.

Baldwin riu, chamando a atenção dos outros três para si.

Ao perceber que todos estavam olhando, comentou:

– Que que foi? Isso foi engraçado.

Matt começou a sorrir um pouco.

– Vocês derrotaram monstros para irem me buscar. Sobrevivemos a um enxame de zumbis e a um urso-das-cavernas e... – Baldwin olhou para

Laurie e para Fen em seguida. – ... sua tia Helen não os matou por terem aparecido em Hel ainda vivos. Foi um belo par de dias... mesmo que vocês não tenham detido o Ragnarök. – Ele sorriu. – Ou derrotado uma galinha.

– Ei, não era uma galinha qualquer – retrucou Fen.

Laurie riu.

– Poderoso herói frustrado por Galinha de Hel.

Matt souou muito sério ao acrescentar:

– Foi mal pela galinha, Fen. – Só que ele riu também, e talvez fosse apenas o cansaço ou o fato de estarem vivos, mas Laurie percebeu que eles todos estavam começando a se sentir melhor.

Baldwin cacarejou, e todos caíram na gargalhada de novo.

As coisas pareciam melhores agora que ele estava ali. Laurie percebeu que, na última noite em que todos tinham estado juntos, Baldwin *tinha* morrido. Na noite antes daquela, eles haviam enfrentado as maras, e o dia antes disso tinha envolvido uma luta contra os três trolls que sequestraram Ray e Reyna. Laurie não quis apontar nada disso aos outros, porém, ao pensar nas tentativas anteriores deles de dormir, ela não se sentiu particularmente relaxada. Guardou as preocupações para si mesma enquanto os rapazes conversavam sobre zumbis encharcados, trolls flamejantes e galinhas gigantes. Se um estranho os ouvisse, poderia pensar que os rapazes estavam conversando sobre algum videogame muito estanho.

Igualmente estranho, no entanto, era olhar para o chão e ver que as mochilas que tinham recebido em Hel tinham simplesmente reaparecido. Cuidadosamente, Laurie abriu a dela e tirou o saco de dormir, que era grande demais para caber naquela mochila tão compacta e leve.

– Vocês todos têm os seus?

Eles tinham, então espalharam os novos sacos de dormir numa espécie de círculo. Precisavam montar uma fogueira antes de adormecer, ou a noite

úmida ficaria fria demais para que eles conseguissem dormir bem. Havia uma pequena pilha de lenha ao lado de um buraco raso para fogueiras que fora escavado no chão. Uma linha de terra o cercava, e não havia nenhuma folha ou capim seco perto de onde o fogo ficaria.

Enquanto Matt, Laurie e Fen catavam mais madeira caída para alimentar a fogueira, Baldwin começava a construir uma pequena pirâmide de gravetos.

– Isqueiro?

Fen jogou para ele.

Baldwin acendeu a piramidezinha no buraco.

– Isca para o fogo.

Fen fungou, mas trouxe uma pilha de lenha menor até o fogo. Baldwin assentiu, mas sua atenção estava focada na tarefa. Murmurava enquanto separava os gravetos para escolher os pedaços certos; mesmo que Laurie não fizesse ideia de quais seriam os critérios da seleção.

Uma vez que eles tinham uma chama constante ardendo e madeira de reserva empilhada por perto – mas não perto demais, por insistência de Baldwin –, o grupo se sentou para comer. As Valquírias tinham lhes deixado alguns alimentos básicos: fatias de pão, um tacho de queijo, uma sacola com laranjas e maçãs sortidas, e algum tipo de carne seca. Laurie não curtia a carne seca, mas o resto da comida parecia boa. Era certamente melhor que passar fome.

Laurie pensou naquele banquete em Hel que eles não tinham comido, e a parca refeição que eles tinham recebido pareceu ainda menos apetitosa. Ela decidiu guardar esse pensamento para si mesma, ao lado dos pensamentos sobre os outros perigos que eles tinham enfrentado na calada da noite. No fundo, ela não conseguia pensar em nenhum assunto para conversarem... a não ser que ela mencionasse os próximos passos na missão

ou a sua preocupação com Owen. Ninguém mais falava muito, de qualquer maneira, e Laurie teve a forte impressão de que era um simples caso de exaustão tanto física quanto emocional.

Ela não sabia bem por que Fen abriu a aba da mochila, mas depois que o fez, o primo imediatamente soou surpreso:

– Hum, pessoal?

Eles o encararam enquanto ele tirava uma lata de refrigerante. Franzindo o cenho, Fen remexeu o conteúdo da mochila e, em pouco tempo, removeu um saco de batata frita, escova e pasta de dentes, uma garrafa de água e repelente de insetos. Depois de empilhar tudo ao lado, comentou:

– Nada disso estava aqui dentro antes.

Os outros também abriram suas mochilas. Vários sanduíches, garrafas de sucos e salgadinhos tinham aparecido. Laurie encontrou uma escova, e Baldwin achou lenços umedecidos. Surpreendentemente, Baldwin pareceu empolgado com eles. Abriu o pacote e estava prestes a puxar um lenquinho quando se deteve.

– Será que presentes de Helen são seguros? – indagou ele.

– Ela libertou você e nos ajudou a sair – respondeu Fen calmamente. – Ela não precisava ter feito essas coisas. Era meio estranha, mas... – Fen encolheu os ombros. – Estamos todos vestindo roupas das mochilas.

Ninguém disse nada por algum tempo, e então Matt deu de ombros.

– Meu amuleto não reage às coisas que ela nos deu.

– E, vocês sabem, Helen também não é má – argumentou Laurie. – Ela é só um ser imortal que governa uma terra para os mortos. Não é um lugar de punição, ou para pessoas ruins ou nada do tipo. É só outro mundo.

Ninguém comentou a estranheza de “só outro mundo”, porém. Considerando as coisas que eles tinham visto e feito ultimamente, a

existência de outro mundo não era assim tão impossível. Eles ficaram calados por um momento, e por fim Matt falou:

– Ela tem razão.

Todos olharam para ele.

– Os mitos dizem apenas que ela luta ao lado do pai em Ragnarök, mas...

– Matt lançou um olhar amistoso para Fen. – Loki não está mais daquele lado. Seu representante é um de nós.

– Então talvez Hel esteja do nosso lado também! – Baldwin tirou o lençinho e limpou as mãos. Ao perceber que os outros o observavam, comentou: – Água cheia de zumbis que queimava, zumbis gosmentos numa luta, terra e quem sabe mais o que dos búfalos, e agora cinzas da fogueira. Não quero sentir o gosto de nada disso, então estou limpando minhas mãos primeiro.

Conforme ele falava, os outros pareceram perceber quantas coisas nojentas tinham tocado também, e todos rapidamente seguiram o exemplo de Baldwin.

Uma vez que tinham as mãos limpas de qualquer possibilidade de caca de búfalo e gosma de zumbi, os quatro comeram, consumindo algumas das coisas deixadas pelas Valquírias e das mochilas. Continuaram calados, só que, agora que tinham comido, o clima parecia mais leve. Laurie desconfiou que o sono também ajudaria.

Pouco tempo depois de comer, tanto Matt quanto Fen foram dormir. Baldwin ficou com o primeiro turno tomando conta da fogueira, então continuou acordado. Os outros dois rapazes começaram a roncar assim que fecharam os olhos.

Laurie deveria dormir também. Ela tentou; mas fracassou. Sabia que eles estavam todos em segurança, pelo menos por enquanto, mas não conseguia adormecer. Algo que deveria fazer. Não tinham como saber quando

poderiam fazê-lo de novo. Ela estava ciente disso também. O que parecia não eliminar a insônia que ela sofria. A mente de Laurie ficava repetindo cenas das jornadas do grupo: maras, zumbis, trolls, búfalos, tudo parecia tão traiçoeiro. Em cada lugar por onde passaram havia algum perigo aguardando.

E tudo que eu posso fazer é abrir portais para que nós possamos fugir.

Ela calculou que seu histórico era mais ou menos metade “abrir portais para nos metermos em encrencas” e metade “abrir portais para fugirmos de encrencas”. Talvez conseguisse ser mais útil dali em diante, agora que o ser imortal que reinava a terra dos mortos, que aparentemente era filha do deus ancestral deles, tinha lhe dado uma arma.

Laurie se sentia muito grata a Helen, mas a posse de um arco não era suficiente. O primeiro problema, obviamente, era que Helen não tinha incluído flechas; o segundo problema era que Laurie não fora exatamente treinada em arco e flecha. Seu pai era um lobo, como Fen e muitos outros parentes, então Stig Brekke passara a maior parte da vida da única filha vagueando pelo mundo. Claro, ele a visitava às vezes, mas não a levava para caçar quando vinha à cidade. Ele não tinha nem contado a Laurie que era um lobo. Ela só descobrira isso quando Fen lhe contara depois que ela viu os Saqueadores pela primeira vez. O fato de que a maioria da família dela se transformava em lobos ainda era estranho. Pior, muitos deles não eram nem *bons* lobos. Trabalhavam para o outro lado.

– Vou dar uma volta – sussurrou ela para Baldwin.

Ele pareceu nervoso.

– Tem certeza de que Fen e Matt aprovariam isso?

– Têm *Valquírias* guardando a gente – argumentou ela.

Depois de um momento, Baldwin assentiu. Não havia nenhum argumento bom contra aquilo. As mulheres guerreiras disseram que eles

estavam seguros, então isso era garantia suficiente para Laurie. Baldwin aparentemente concordava o bastante para não insistir que ela falasse com os outros.

Silenciosamente, de modo a não acordar os rapazes que dormiam, e que poderiam não ser tão razoáveis quanto Baldwin, ela tirou o arco da mochila e se esgueirou até a beira do acampamento. Não tinha flechas, mas poderia pelo menos praticar puxar a corda e descobrir a maneira correta de empunhar o arco. Talvez poderia tentar ver como se mirava um arco.

Parecia simples o bastante: um osso curvo com um cordão, com a função de disparar projéteis. Laurie correu a mão pela arma, um pouco enojada pelo osso e fazendo esforço para não pensar na corda. De alguma forma, depois de ver o vestido de Helen e o pavilhão de ossos, Laurie não achava que Helen encordoaria o arco com materiais comuns; ou, talvez, aquilo *fosse* comum para ela. Estava encarregada dos mortos, então era provável que seu senso do que era ordinário fosse um pouco diferente daquele de uma menina viva de treze anos.

É claro, Laurie também não tinha certeza se deveria ter um arco. Talvez não fosse realmente destinado a ela. Talvez fosse melhor entregar o arco a Fen. Ele era o Campeão, o guerreiro. Ela era uma menina que abria portais. Mesmo enquanto dizia a si mesma que deveria entregá-lo, um pensamento insistente se intrometia: *é meu.*

A mão de Laurie se apertou na curva do osso, e ela decidiu que, não importando o quão ridícula se sentisse, descobriria como manejá-lo. Laurie ajudaria a manter os campeões em segurança para que pudessem lutar na batalha final e salvar o mundo. Agora precisava apenas de flechas. *Que são feitas de madeira.* Ela sorriu consigo mesma. Talvez conseguisse fazer algum tipo de flechas básicas.

Quando ela procurou por um galho de árvore que servisse como flecha em potencial, uma cabeleira azul chamou sua atenção.

– Owen!

Ele veio andando até ela, parecendo um pouco menos confiante do que em Blackwell.

– Sinto muito que... você... – as palavras dela sumiram quando Laurie viu que ele tinha perdido um dos olhos. A pele em volta ainda estava vermelha. A menina ficou boquiaberta e depois cobriu a boca com a mão. *Owen está como deveria estar*. As palavras das Valquírias ecoaram na mente dela, e Laurie entendeu com clareza nauseante o que tinham significado: ele estava destinado a perder um olho.

– Eu sinto muito mesmo – sussurrou ela.

– Algumas coisas são inevitáveis. – Owen deu de ombros, como se aquilo não o incomodasse, mas Laurie *sabia* que incomodava, sim. Ela não o conhecia, não de verdade, mas a maioria dos amigos com quem ela crescera tinha sido menino. Muitos meninos agiam como se as coisas estivessem bem quando elas não estavam mesmo, de jeito nenhum. Não era possível que ele não estivesse aborrecido em ter perdido um olho.

– Isto tinha que acontecer – acrescentou ele em voz baixa.

– Não! – Laurie balançou a cabeça. – Não é *justo*. Baldwin morreu, mas voltou. Se nós estivéssemos apenas encenando o mito, ele ainda estaria morto.

– Nem tudo pode ser mudado. Não estamos completamente aprisionados nos mitos; não somos *realmente* os deuses. Somos os representantes deles, então temos alguns de seus dons e alguns de seus destinos, mas não todos. Matt pode conjurar as tempestades; você e Fenrir têm algumas das habilidades de Loki. Baldwin é quase impossível de matar. – Owen balançou a cabeça. – E mesmo assim ele morreu, assim como no mito. Os

descendentes de Loki choraram desta vez e, ao contrário do mito, Balder vive de novo. – Ele fez uma pausa e sorriu entristecido para Laurie antes de continuar: – Só que eu ainda sou o deus caolho. É um caminho melhor do que Baldwin continuar morto.

Os dois ficaram parados em silêncio por alguns momentos. Laurie sentia como se houvesse tantas coisas que precisava dizer, que não conseguia decidir como dizer nenhuma delas. Contentou-se com:

– Estávamos voltando de Hel para resgatar você, só que, quando chegamos aqui, as Valquírias contaram que você estava livre.

– Eu escapei. Não estava na hora de nenhum de vocês encontrarem meu captor. – Ele balançou a cabeça. – Eu queria que vocês *nunca* tivessem que fazê-lo, mas não vejo nenhum futuro em que isso seja evitável.

– Nenhum futuro?

– Não existe um futuro determinado. Quando fazemos escolhas, há futuros diferentes que resultam delas. Desde que eu não esteja envolvido nas escolhas, consigo ver os possíveis resultados.

Laurie tentou lembrar o que sabia de Odin das aulas de mitologia. Ela não era má aluna, mas mitologia não era um dos seus assuntos favoritos. É claro, ela nunca percebera quão importantes os mitos viriam a ser em sua vida, ou os teria estudado muito mais. Tentou lembrar o que sabia sobre Odin, mas não recordou nada além do fato de que ele deveria ser o mais sábio dos deuses, o Pai de Todos.

Ele estendeu a mão pedindo o arco.

– Posso tentar?

Laurie lhe entregou a arma.

Como se eles não estivessem debatendo a morte de Baldwin, o olho perdido de Owen e o fim do mundo instantes antes, ele calmamente puxou a corda e demonstrou como segurar o arco.

– Você precisa ficar firme. As flechas voarão certas, mas você tem que confiar em si mesma.

Ela recebeu o arco de volta e tentou imitar a postura.

Owen apontou para os pés dela.

– Alargue a sua base.

Ela afastou os pés.

– O que mais?

– Pense no seu corpo como a letra T. O braço do arco precisa ficar reto e firme, diretamente à frente, e o braço da corda tem que estar reto e alinhado com o braço do arco. – Owen demonstrou com o próprio corpo, como se segurasse um arco invisível. – Espinha reta. Pescoço reto. Imagine as flechas alinhando sua espinha e braços para as deixar retas e firmes.

Ela tentou fazer conforme ele instruíra. Enquanto isso, percebeu que Owen tinha dito uma coisa estranha.

– Você disse “captor”. Estava se referindo aos Saqueadores?

– Em parte – murmurou Owen. – Quando você segurar o arco, mantenha o seu pulso reto e firme, não dobrado.

– O que você quer dizer com “em parte”? – Ela continuou se posicionando conforme as sugestões dele. A retidão da postura fez com que tudo parecesse estar mais sob controle. – Tinha mais alguém com os Saqueadores? Aquela menina Astrid? Ela disse que era sua namorada, e aí matou Baldwin.

– Ela não é minha namorada. – Owen colocou uma das mãos na mão de Laurie, e mostrou a ela como puxar a corda. – Reto para trás, para que sua mão fique embaixo do queixo.

Enquanto ele demonstrava, Laurie poderia jurar que não apenas sentia a tensão na corda de tendão, mas que um sussurro de pena e haste também estavam lá.

– Owen, quem estava com os S...

– Concentre-se, Laurie – interrompeu-a ele. – Mire na árvore. Libere a tensão, e deixe a flecha voar.

Ela abandonou as perguntas por enquanto e se concentrou nas instruções. Soltou a corda como se houvesse uma flecha. Era um processo surpreendentemente natural. Laurie não poderia jurar que seria capaz de fazer aquilo com rapidez tão cedo, mas, uma vez que tivesse flechas, ela poderia... tentar.

Crack.

– Ótimo – murmurou Owen.

No que Laurie fitou o ponto onde tinha mirado, viu uma flecha branca cravada na árvore. Silenciosamente, baixou o arco, que pendeu frouxo de sua mão, e foi até a árvore. Com cuidado, ergueu uma das mãos. As pontas dos dedos deslizaram pela flecha presa na árvore. O projétil era real; ela podia tocá-lo.

Owen a seguiu. Movia-se quase tão silenciosamente quanto o primo lupino dela. Ao contrário de Fen, entretanto, Owen era muito paciente. Ele apenas ficou parado, esperando que ela falasse.

– Você sabia que haveria flechas – disse Laurie em um tom quase acusador.

– Sem elas, o arco não lhe teria utilidade como arma. – Owen arrancou a flecha da árvore. Assim que a tirou, ela desapareceu como se nunca tivesse existido. Ele tocou o corte na casca com o dedo. – A ferida é como se tivesse sido feita pela mais forte das flechas. As setas, porém, são apenas fantasmas.

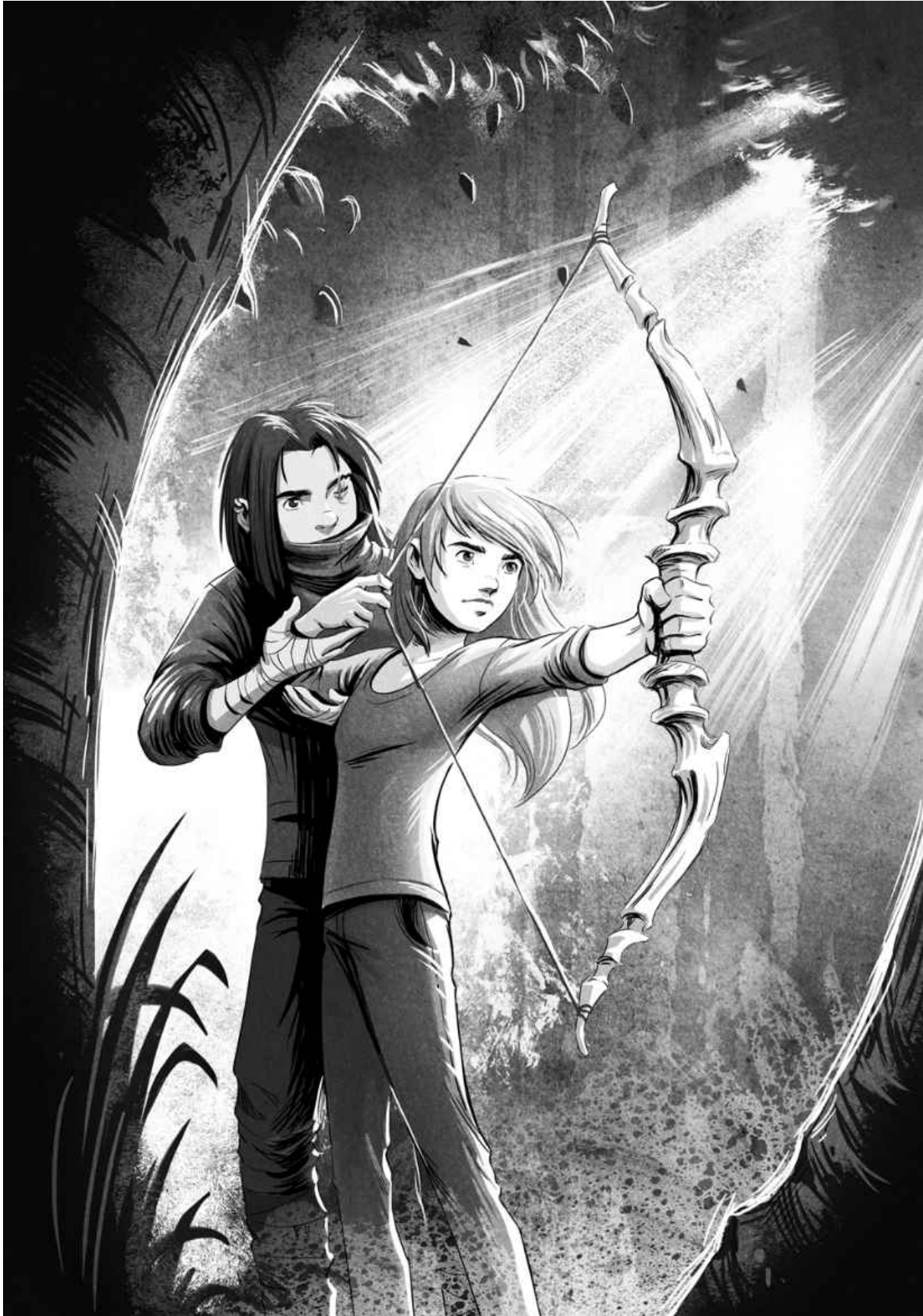
– Flechas fantasmas? – ecoou ela.

Owen assentiu.

– Um estoque infinito de flechas letais que existem apenas quando disparadas pelas suas mãos. – Ele percebeu o olhar dela. – A filha de Loki

escolheu seu lado na luta vindoura. Helen está ao *seu* lado. Ela respondeu a essa pergunta quando lhe deu isto. Não vai funcionar para mais ninguém.

Diante disso, Laurie não sabia o que dizer. Tinha recebido uma arma de guerreiro, uma arma que só servia para ela, de acordo com Owen, mas não sabia nem se conseguiria convencer Fen e Matt a deixar que ela ajudasse na batalha final. Helen tinha lhe dado o meio de fazê-lo.



E agora Owen estava com o resto dos descendentes também.

– Obrigada – disse ela. – Vou continuar praticando. Talvez eu possa fazê-lo enquanto você conversa com os outros. Você poderia pelo menos lhes contar sobre seus captores, e então nós poderemos descobrir onde encontrar Mjölfnir. – Laurie se lembrou do que estivera tentando pensar mais cedo. – Corvos! Odin tinha corvos. Era assim que ele sabia das coisas. Você tem corvos?

– Você está sempre pensando, né? – Owen sorriu para ela. – Eu achava que essa parte da história de Odin era esquisita. Eu simplesmente sempre *soube* as coisas, mas não tinha corvos.

– Talvez a gente possa ajudá-lo a encontrá-los – sugeriu Laurie. – Tinha um par de pássaros negros gigantes em Hel. Eles poderiam ter sido corvos. Não sei bem a diferença entre corvos e gralhas, de qualquer maneira. – Ela estremeceu. – Não os olhei muito de perto. Não sou fã de aves.

Owen assentiu, mas nada disse.

Impulsivamente, Laurie se aproximou de Owen e o abraçou.

– Sinto muito pelo seu olho – sussurrou ela.

– Estava destinado a acontecer – afirmou ele, com tristeza suficiente na voz para que Laurie soubesse que Owen não estava tão conformado quanto fingia estar.

– Isso não muda nada! – Ela o apertou com ainda mais força. – Certamente doeu. Você deve ter ficado com tanto medo.

Owen a abraçou de volta, mas não falou inicialmente. Depois de vários momentos, admitiu:

– Eu *fiquei* com medo. Achava que saber queria dizer que eu não ficaria assustado quando a hora chegasse. Eu estava tão... enganado.

– Todos nós estamos com medo. – Laurie o apertou mais uma vez e então se afastou. – Baldwin morreu. Os gêmeos nos abandonaram. Matt

teoricamente vai morrer enfrentando uma cobra gigante, e Fen vai ficar malvado ou coisa assim. Temos lutado contra monstros sem parar, e... não acho que vamos vencer todas as lutas. Não *podemos*.

– Eu queria poder lhe dizer – murmurou Owen. – Eu queria poder lhe contar tudo que vejo, mas as Nornes e as Valquírias e tantos outros me deteriam. Tudo que posso lhe dizer é que eu lutarei ao seu lado quando a hora chegar.

– Eles ficarão aliviados! Nós...

– Não eles, Laurie – interrompeu-a Owen. – Eu lutarei ao *seu* lado. – Ele parou e a encarou. – Eu gostaria de poder ficar, mas não deveria estar aqui.

Quando ela não disse nada, ele beijou-lhe o rosto, deu meia-volta e foi embora. Laurie sentiu vontade de ir atrás dele, forçá-lo a contar mais alguma coisa qualquer, mas sabia que Owen só diria o que achava que deveria; e não estava disposto a dizer mais nada agora.

Eu estarei na luta.

Owen estará na luta.

Um garoto acabou de me beijar.

Ela não ia compartilhar a terceira coisa com Matt e Fen. Sabia que Owen era um dos mocinhos; fazia parte do time deles. O problema era que Fen levava seu papel de irmão-superprotetor muito a sério e, mesmo que ele e Matt fossem os amigos mais próximos de Laurie, eles eram meninos. Ou não se importariam que Owen a tinha beijado, ou o ameaçariam por isso. Nenhuma das reações a agradavam, portanto ela guardaria o detalhe para si mesma.

Laurie caminhou de volta ao acampamento e se deitou para dormir. Pela manhã, contaria a eles que Owen planejava estar presente na luta; e que ele disse que ela estaria lá, também. Por enquanto, Laurie ia dormir.

OITO



MATT

“FICANDO DE BODE”

Matt fingiu que estava dormindo até que ouviu Laurie sair. Então ele se esgueirou e saiu na direção oposta. Naquele momento, queria apenas algum tempo sozinho para pensar no que Hildar lhe dissera: que eles não tinham impedido o apocalipse.

Não chegou muito longe antes de ouvir passos. Virou-se rapidamente, levando a mão ao amuleto. Era Hildar.

– Não estou fugindo – afirmou ele.

– Eu sei. – A Valquíria ficou ao lado dele, com o escudo cintilando ao luar. – Você está decepcionado.

É, esse é um jeito de descrever como eu me sinto.

Ela o encarou enquanto os dois caminhavam.

– Se você já soubesse que não faria diferença, você ainda teria ido a Hel pelo filho de Balder?

– É claro.

– Agora que você sabe que nada vai impedir o Ragnarök de acontecer, você desejaria que nós pudéssemos encontrar um novo Campeão de Thor?

– Não.

– Ótimo. – Ela parou diante de Matt, virando-se para encará-lo, fazendo-o parar e olhar para ela. – Porque você é a única escolha, Matthew Thorsen. Há outros descendentes que poderiam tomar seu lugar, mas você é *Vingthor*. Eles não.

– *Vingthor?* – repetiu Matt. – Thor da Batalha? Não, definitivamente não sou. Se você estiver tentando fazer com que eu me sinta melhor...

– Eu não o faria. – Suas palavras soaram ásperas agora, o queixo erguido, como se estivesse ofendida. – Sou uma guerreira, não uma chefe de tribo. Não preciso contar mentiras bonitas. Falo apenas a verdade, e se eu digo que você é *Vingthor*, então você o é. Foi profetizado, e você o provou.

Matt hesitou e depois a fitou.

– Então o que isso significa? Que eu sou o Campeão de Thor?

– Mais.

– O representante escolhido de...?

– Mais.

Agora Matt hesitou para valer, levando pelo menos dez segundos antes de ousar dizer:

– A reencarnação de...?

– Menos.

Matt caiu numa risada. Não conseguiu evitar. Enquanto ria, começou a relaxar.

– Tudo bem, então. O que isso significa? Sei que teoricamente somos a corporificação viva dos deuses, mas não tenho certeza se eu entendo até mesmo o que *isso* significa. Então explique.

Hildar o encarou, e Matt teve que morder a bochecha para não rir de novo. Hildar parecia a capitã do time de futebol que, esperando ser chamada para anunciar a escalação para o próximo jogo, tivesse que recitar a tabela periódica.

– Você é *Vingthor* – repetiu ela, depois de um momento.

– O que significa que...

– Você é o deus renascido. Em forma mortal.

– Só que não reencarnado?

Ela pareceu se esforçar para encontrar as palavras certas.

– Deuses são mais que gente. São ideias. São o que quer que seu povo precise que eles sejam. Havia Thor. Pode haver outro Thor, com seu sangue e seus poderes e tudo mais que ele era. Esse é *Vingthor*. Você é *Vingthor*.

– Certo.

Matt sorriu e ela soltou um leve suspiro de alívio.

– Você entende, então? – indagou a Valquíria.

– Entendo.

Agora foi a vez de Hildar ficar parada, com os olhos esquadrinhando os dele.

– Mas você não acredita.

Matt deu de ombros.

– Sinto-me lisonjeado...

Aquele enrijecimento de novo, o queixo erguido.

– Não desejo lisonjear.

– Eu sei, desculpa. Eu só...

– Você não acredita.

Não, Matt não acreditava. Já tinha levado um bom tempo para aceitar que era o Campeão de Thor. Agora Hildar o chamava de *Vingthor*? Dizia que ele era tudo que Thor já fora? Absolutamente não. Dava para ver na cara dela que não era isso que a Valquíria queria ouvir. E ele também não poderia mentir.

– Eu serei o que quer que eu precise ser – decidiu ele.

– É tudo que pedimos. Agora, caminhe mais um pouco comigo. Depois você vai dormir.

Um sorriso lento.

– Quer eu queira ou não?

– Sim.



Matt de fato dormiu. Talvez houvesse magia naquilo. Ou talvez ele estivesse simplesmente exausto demais para ficar acordado pensando em tudo que acontecera.

Acordou com o amanhecer. Todos os outros estavam dormindo. Estranho. Eles não tinham combinado que iam se revezar tomando conta da fogueira? Talvez as Valquírias tivessem se oferecido para cobrir um dos turnos. Matt se sentou no saco de dormir, contemplando a aurora distante em meio às árvores. Tinha sonhado com a serpente de novo, com o pesadelo que as maras tinham lhe mandado, aquele em que a serpente devorava sua família.

– Você tem dúvidas – sussurrou uma voz atrás dele.

Matt se virou rapidamente e deparou-se com uma Valquíria. Ela não era muito mais velha que ele. Seu vestido era azul com uma armadura peitoral de escamas encordoadas. Os cabelos loiros estavam presos por uma faixa, com mechas soltas emoldurando o rosto. Quando Matt a encarou, os olhos azuis dela cintilaram e a Valquíria sorriu.

Eu não sabia que elas podiam sorrir.

Matt percebeu as outras Valquírias em meio às árvores. Elas circundavam o acampamento, montadas em seus cavalos, olhares fixos, rostos inexpressivos. Nenhuma delas lançou um olhar quando o menino se levantou para saudar a Valquíria mais jovem. Quando ele tentou dizer

alguma coisa, porém, ela fez um gesto para que ele se calasse, e o chamou à floresta. Matt a seguiu até que os dois chegaram a uma clareira.

– Você tem dúvidas, filho de Thor – murmurou ela.

– N-Não. Só... – Matt balançou a cabeça. – Tive um pesadelo. – Ele se endireitou. – Mas eu estou bem.

Um leve sorriso.

– É claro que está. Você sempre está bem, Matt.

O menino piscou ao ouvir seu nome. Ela riu, o som reverberando ao redor dele, leve, provocante e... familiar?

– Me desculpe – disse ela. A Valquíria pigarreou e falou num tom mais baixo: – Você está bem, filho do poderoso Thor. Melhor assim? – Ela revirou os olhos. – Elas sabem seu nome. Estão só desempenhando um papel. Os sargentos instrutores. Treinando o jovem guerreiro com lições ríspidas e insultos. Você é que deveria se sentir insultado. Você merece o respeito delas. É o poderoso Thor. Sabe disso, não sabe? A encarnação do grande deus.

Matt balançou a cabeça.

– Sou o representante...

– Não, você é Thor – sussurrou ela, se aproximando, o hálito na orelha dele. – Você sabe disso. Sente isso. Os outros? – O desprezo escorria da voz dela. – São meros representantes, e não muito bons nisso, ainda por cima.

Matt recuou bruscamente e, ao fitar o rosto dela, ainda via a jovem Valquíria loira sorrindo para ele, porém sabia que não era uma Valquíria de forma alguma. E, assim que pensou nisso, o amuleto começou a vibrar.

– Astrid – afirmou.

O sorriso dela cresceu.

– Matt. – Ela se inclinou na direção dele. – Sentiu minha falta?

Ele saltou para trás estendendo a mão e derrubou Astrid com o Martelo. Ao atingir o chão, ela jogou a cabeça para trás e riu.

– Isso me pareceu um sim – disse ela.

A menina se levantou lentamente. Então, de súbito, ela investiu, lábios virados para dentro, olhos faiscando. Matt ergueu o braço do escudo e, para seu choque, o escudo estava lá. Astrid o atingiu e Matt foi jogado para trás, caindo de costas. Levantou-se num salto e...

Matt caiu de lado, com o saco de dormir embrulhado nas pernas. Ele parou. Olhou em volta e viu Baldwin e Laurie ainda adormecidos. Fen estava acordado e jogava gravetos no fogo, mas não disse nada quando viu Matt acordado.

– Filho de Thor? – chamou uma voz.

Ele girou, na expectativa de se deparar com Astrid, mas era Hildar, chegando de cavalo na clareira.

– Você está perturbado.

– Só um... pesadelo.

– Sobre o quê?

Ele fez uma pausa antes de responder.

– Uma garota. Chamada Astrid. Acho que ela trabalha com os Saqueadores.

Hildar franziu o cenho.

– Não conheço nenhuma Astrid.

– Ela matou Baldwin.

Um aceno de cabeça.

– Sim, então ela deve trabalhar com os *wulfenkind*. Você não deveria pensar nela.

– Pode acreditar, eu não estava tentando.

Matt ficou ali sentado, ainda no saco de dormir, contemplando a noite, como tinha estado no sonho, o que o fez mudar de posição e esfregar o rosto, tentando esquecer.

– Você está perturbado.

– Eu estou só cansado.

– Você quer dormir.

Matt balançou a cabeça.

– Não, eu quero...

Eu quero uma vida normal de volta. E sei que não posso tê-la. Que provavelmente jamais terei isso.

– Você quer... – incitou-o Hildar.

– Nada – respondeu Matt. – Não quero nada.

– Então eu lhe darei algo. Uma recompensa. Você tem agido bem, e é permitido. Acorde os outros. Vamos cavalgar.



Levou algum tempo para acordar os outros. Uma vez que estavam suficientemente despertos, Baldwin perguntou a Hildar aonde eles iam.

– Temos um presente para o filho de Thor – explicou ela.

– É claro que têm – murmurou Fen, esfregando os olhos. – E quanto ao resto de nós?

– Vocês não necessitam de nossos presentes – afirmou ela. – Aquilo que vocês precisam, nós não podemos dar.

– Então o que o Matt vai ganhar? – indagou Baldwin. – Espera! É Odin? Sei que a gente deveria encontrar Odin ou Owen ou qualquer que seja o nome dele.

– Ainda não – declarou Laurie. – Ele está... Eu explico mais tarde.

– A filha de Loki está correta – confirmou Hildar. – Vocês não estão prontos para Owen, e ele não está pronto para vocês. Este é um presente para o filho de Thor. Um que se provará essencial na batalha vindoura.

– Mjölfnir? – Matt se animou pela primeira vez desde o sonho com Astrid. – O Martelo de Thor. O verdadeiro. É isso?

– Não, você precisa recuperar Mjölfnir por conta própria. Essa é outra missão. Outro teste que você terá que superar.

– Obviamente – resmungou Fen.

Hildar o ignorou.

– O que nós temos para você é tão importante quanto Mjölfnir. Uma grande e poderosa ferramenta.

Matt sorriu.

– São as luvas, Járngreipr? O cinto, Megingjörð?

– Você não precisará deles para enfrentar a serpente. São outras ferramentas, para outras missões. Chega de perguntas. – Hildar estendeu a mão. – Venha. Vamos cavalgar.

Pegou a mão de Matt e o puxou com facilidade para trás de si.

– Vocês estão preparados? – perguntou ela depois que as outras Valquírias estavam com seus passageiros instalados.

– Com certeza – respondeu Matt. – Mas bem que seria legal ter uma trilha sonora desta vez. Talvez um pouco de Wagner. Da-da-da DUM dum.

Hildar o fitou inexpressivamente.

– Wagner? *A Cavalgada das Valquírias*? Da-da-da... er. Deixa para lá.

– Ah! – exclamou Baldwin. – Eu conheço essa!

– Não alimente o geek – murmurou Fen.

– Ei! – retrucou Matt. – Eu não sou um...

– Ah, sim, você é, Thorsen. Você é muito mesmo – afirmou Fen num tom que poderia ser de provocação.

– Vocês dois, parem com isso – disse Laurie. – Vamos buscar o presente de Matt.



As Valquírias os levaram em mais uma cavalgada insana. Quando finalmente pararam, eles estavam no alto das montanhas, numa área rochosa aberta.

– Ei, vejam! Burros! – exclamou Baldwin enquanto eles desmontavam.

Os outros seguiram o dedo dele e viram meia dúzia de jumentos agrestes pastando no capim longo. Do outro lado da clareira havia outra manada, agora de cabras. Elas pareciam algum tipo de cabras montanhesas, mas não exatamente. Tinham a pelagem longa e felpuda; algumas inteiramente brancas, algumas malhadas de preto, outras castanhas. Nem as cabras nem os burros pareciam incomodados pelos cavalos e pessoas.

– Que legal – declarou Laurie. – Nunca vi cabras selvagens tão de perto, e nunca tinha visto burros agrestes antes.

– Então – disse Matt, olhando em volta. – Onde... hum, quero dizer...

– Ele quer o presente dele – comentou Fen.

– Está lá. – Hildar apontou o rebanho de cabras.

– Atrás das cabras? – indagou Baldwin.

Hildar se virou para Matt.

– Filho de Thor...?

Ao longo de toda cavalgada, Matt repassou todos os mitos, perguntando-se qual seria o presente que as Valquírias tinham para ele, pensando em todas as possibilidades maravilhosas; todas as armas bacanas nas velhas sagas. Não se sentia daquele jeito desde que fora criança, esperando impacientemente que os pais se levantassem na manhã de Natal. Agora,

enquanto contemplava a campina, aquela empolgação murchou em seu estômago.

– Filho de Thor? – incitou-o Hildar.

– São as cabras – respondeu ele em voz baixa.

– *As o quê?* – indagou Fen.

– As, hum, cabras, ou melhor, os bodes. Thor... nos mitos... Thor tinha bodes.

Fen pressionou os lábios, só que, depois de apenas um momento, caiu na gargalhada. Baldwin se juntou a ele. Até mesmo Laurie parecia tentar conter uma risada. Matt ficou com as bochechas vermelhas.

– SÉRIO? Bodes? – repetiu Fen. – Isso é o máximo.

– Eles são bodes mágicos – explicou Matt.

– Bodes... – Fen não conseguiu nem terminar a frase sem se engasgar com o próprio riso.



– Não zombem do filho de Thor – ralhou Hildar. – Os bodes são muito importantes. É um dos aspectos do grande deus. *Oku-Thor*.

– *Oku-Thor?* – perguntou Fen.

– Senhor dos Bodes – explicou Hildar.

Todos os três irromperam em gargalhadas, até Laurie. Matt tentou explicar que aquela não era a tradução correta; que o termo significava “Thor Condutor”, em referência à charrete de bodes que ele conduzia, não aos próprios bodes, mas ninguém estava prestando atenção. O estrago tinha sido feito.

– Olha, eu realmente fico muito agradecido pelos, hum, bodes – disse Matt a Hildar. – Só que eu realmente não acho que vão dar certo. Talvez eu poderia ficar com...

Ele olhou em volta pelo campo. Assim que seu olhar cruzou com os burros, Hildar franziu o cenho.

– Você preferiria um asno? – perguntou ela.

– Ah, sim! – exclamou Fen, falando entre risadas. – Matt realmente prefere ser Thor, Senhor dos...

– Não! – disse Matt. – Não é verdade. Não quero um asno ou um bode ou nada do tipo. – Ele ergueu o olhar para Hildar. – Entendo que o verdadeiro Thor tinha bodes, e que eles eram muito importantes nas jornadas dele como fonte de comida.

Laurie fez uma careta.

– Thor *comia* os bodes de estimação dele?

– Eles voltavam. Ele os comeria no jantar, e eles ressuscitariam antes que Thor precisasse deles de novo.

– Que nojo – disse Laurie.

– Mas meio inteligente também – acrescentou Baldwin.

Matt se virou de volta a Hildar.

– Já temos comida, das mochilas de Helen. Então os bodes... Bem, não vamos precisar deles.

– Vão, sim. Estes são seus bodes, filho de Thor. Eles viveram aqui por séculos, esperando sua chegada.

Matt contemplou o grupo de uns trinta bodes e cabras.

– Todos eles? Achei que fossem só dois.

– Dois deles são especiais. São seus puxadores de charrete. Mas todos estes cumprirão suas ordens. Você fala. Eles obedecem.

– Matt Thorsen, encantador de bodes – zombou Fen.

Matt o encarou com raiva.

– Chame seus bodes, filho de Thor – incitou-o Hildar. – Você sabe os nomes deles?

– Tanngriðsnir e Tanngnjóstr.

– Não – comentou Fen em tom neutro. – Você não é um geek, Thorsen. De maneira alguma.

Laurie mandou o primo se calar e parou ao lado de Matt.

– Vá em frente – sussurrou ela. – Hildar quer que você o faça, e quem sabe, eles poderão ser úteis. – Laurie lhe deu um sorrisinho. – Só não me peça para comê-los.

Matt hesitou. E então chamou os nomes. Admitidamente, ele o fez em voz não muito alta, na esperança de que talvez os bodes não ouvissem, e assim Hildar decidiria que ele não tinha o poder, afinal. Porém, assim que as palavras lhe deixaram os lábios, dois bodes se separaram do rebanho e galoparam até ele em velocidade máxima. Pararam logo diante de Matt. Eram os dois maiores do grupo, ambos brancos como a neve, com longos pelos e enormes chifres amarelo-castanhos; pareciam brilhar como ouro ao sol da manhã.

– São lindos – comentou Laurie, estendendo a mão para acariciar um deles.

– São *bodes* – disse Fen.

– Mesmo assim... – Laurie passou as mãos pelos longos pelos do pescoço de um deles. – Parece seda.

Os bodes se encostaram em Matt e esfregaram os focinhos nele. Quando o menino acariciou um deles desajeitadamente, ele esfregou a cabeça no dono, como um gato.

– Acho que ela gostou de você – apontou Fen.

– É um macho. Os chifres querem dizer que... – Matt parou de falar antes que fosse chamado de geek de novo. – Então, hum, qual dos dois é Tanngrisnir...?

O bode à esquerda baliu. Ao contrário do irmão, ele tinha pontos negros sob cada olho.

– Eles são... legais – afirmou Matt, tomando o cuidado de não ofender os animais que se aninhavam nele. – Só que eu não sei bem o que fazer com eles. Não posso ficar andando de charrete por Dakota do Sul, e certamente não vou comê-los.

– Eles têm um papel a desempenhar – disse Hildar.

– Que é...?

– Você saberá.

– Mas eu não sei.

– Saberá. Quando precisar deles, chame-os. Eles virão. Temos que partir. Você está pronto para encontrar Mjölfnir.

– Os bodes vão me ajudar a encontrar...?

– Não. Você vai achar Mjölfnir no *kirkyard* de Santa Agnes.

– “*Kirkyard*”? – repetiu Matt. – Você quer dizer cemitério, né?

– O velho cemitério de Santa Agnes nos arredores de Blackwell? –
indagou Laurie.

– Esse mesmo – confirmou Hildar.

– Não é um lugar pequeno – comentou Matt. – Onde exatamente é para
procurarmos quando chegarmos lá?

– Seu amuleto vai guiá-lo. Adeus, filho de Thor.

– Espere!

Elas já estavam se afastando a cavalo, deixando Matt com seus bodes.

NOVE



LAURIE

“PIORES QUE MONSTROS”

Laurie se esforçou em não rir do olhar de devoção dos bodes, mas havia algo inegavelmente engraçado numa dádiva de bodes. *Como que as Valquírias acharam que bodes seriam um grande presente?* Hildar tinha insistido que lhes dariam uma ferramenta útil, uma vantagem na batalha vindoura, porém ela presenteou Matt com gado. Talvez, se eles ainda vivessem em uma outra era, ter um bode para abater e reabater todas as noites para o jantar seria uma grande vantagem, só que a mera ideia de abater um bode uma única vez deixava Laurie enjoada. Comida certamente tinha sido um problema na jornada deles, mas agora as mochilas de mil surpresas de Helen ofereciam alimentos muito mais agradáveis. Sacos de batatinhas fritas? Suco? Sanduíches? Esse era o tipo de comida que funcionava. Matar e esfolar um bode? Isso era simplesmente nojento. Matar um bode *bonzinho* era ainda pior! Isso seria maldade *e* nojento.

– Está na hora de irmos – disse Baldwin, afastando a atenção de todos para longe dos bodes.

Um dos dois bodes com nomes, e Laurie não fazia ideia de qual deles seria, baliu de novo, e Matt se virou para ele.

– Matt? – chamou Laurie. Ela não sabia bem qual era a razão de Matt estar tão distraído; os bodes ou a ideia de voltar à área de Blackwell. A polícia estava procurando tanto Laurie quanto Matt. Os Thorsen eram uma família muito unida, e Laurie sentia muita saudade da mãe e do irmão. Fen era o único que não tinha uma razão para querer voltar. Afastou os pensamentos de casa antes que sentisse ainda mais saudades do irmão, Jordie.

Salve o mundo primeiro, depois volte para casa.

– Matt! – repetiu ela, mais alto dessa vez.

Matt franziu o cenho para o bode. O bicho baliu de novo, e Matt lhe deu as costas.

– Baldwin tem razão. Temos que ir.

Ele não parecia muito empolgado com a dádiva de bodes, e Fen não estava ajudando. O senso de humor do primo nem sempre era gentil, e Laurie percebeu a expressão de mágoa de Matt quando Fen disse coisas que não eram para ser insensíveis. Talvez Laurie tivesse que conversar com Fen e pedir que ele tentasse deixar mais claro quando estava só zoando. Fen não era exatamente habilidoso em lidar com gente que não fosse da família Brekke, como ficou muito claro no instante seguinte.

– Você tem alguma ideia de onde vai armazenar suas tropas, ó poderoso Senhor dos Bodes? – indagou Fen.

Matt contemplou os bodes.

– Eles, hum, vão ficar aqui.

Enquanto Matt falava, um dos bodes se aproximou de Fen por trás e todos ouviram um alto *rrrrrrrip*. Fen pulou para a frente, com uma das mãos erguida num punho enquanto a outra cobria o traseiro.

– Ei!

Agora era Matt quem tentava não rir. Suas bochechas se inflaram como um peixe enquanto ele engolia o som da risada e tentava fazer soar como uma tosse ou coisa assim. Laurie levou a mão à boca. Talvez ela não precisasse falar com Fen, o bode tinha cuidado dele.

Fen fitava impotente o bolso que *tinha* estado no seu jeans e agora se encontrava pendurado na boca do bode.

– Ele me mordeu!

– Não – corrigiu-o Laurie. – Ele mordeu seu jeans.

Fen olhou por cima do ombro o ponto onde sua cueca samba-canção agora estava exposta para que todos vissem. Considerando onde eles estavam, completamente cercado por bodes, “todos” significava basicamente os três outros descendentes do Norte e um rebanho de bodes.

Matt sorriu.

– Talvez não seja uma boa ideia você ficar andando por aí assim.

– Acho que tenho uma... saia na minha mochila. – Laurie não conseguiu nem terminar a frase sem rir. Suas palavras foram interrompidas por risadinhas.

Fen ficou com uma expressão entre o horror e a fúria.

– Obrigado – retrucou, sarcástico.

– Os escoceses usam kilts – apontou Baldwin. – E alguns caras gostam de saias...

– Não – interrompeu-o Fen. – Não sou “alguns caras”... nem escocês. – Ele remexeu na mochila e puxou uma camisa de flanela. Em vez de vesti-la, amarrou-a na cintura para que cobrisse o traseiro.

– Tudo resolvido – declarou Fen com um sorriso convencido... que durou um mero momento antes que vários bodes comessem a tentar morder a camisa pendurada.



– Não sei se eu deveria ajudar ou rir – comentou Matt.

Laurie ria tanto que ficou com soluços.

– Ria – sugeriu ela. – Definitivamente ria. É o jeito Brekke.

Só que Matt era um Thorsen, não um descendente de Loki. Balançou a cabeça e disse a Fen:

– Foi mal pela sua calça.

– Tanto faz, Senhor dos Bodes. – Fen deu de ombros e os quatro descendentes começaram a caminhada pelo campo pedregoso. Eles tinham um destino, e Laurie poderia abrir um portal para a área onde precisavam ir. Porém, antes tinham que se livrar dos bodes. Infelizmente, os dois bodes batizados os seguiam, e o restante do rebanho seguia aqueles dois.

– Não sei se consigo tirar a gente daqui rápido o bastante para que os bodes não sigam – admitiu ela aos rapazes. – Estou ficando muito melhor nisso, mas não é tão simples quanto abrir uma porta e entrar correndo.

– Então nós continuamos andando – decidiu Matt. – Eles vão desistir logo, logo.

Infelizmente, a ficha não caiu para os bodes. Continuaram seguindo os meninos pelo campo, sem fazer nada além de ir atrás. Ainda assim, era estranhamente desconcertante ser seguido por bodes.

– Talvez os bodes tenham decidido devorar *a gente* – murmurou Fen. – Eles estão observando a gente como se pudéssemos ser uma possível refeição.

– Eles não vão nos devorar – retrucou Laurie balançando a cabeça.

– É isso que você diz. – Fen chegou mais perto da prima para ficar entre ela e os bodes. – Faça alguma coisa quanto às suas tropas, Thorsen. Eles são sinistros.

– Pode acreditar, se eu soubesse como me livrar deles, temporariamente, eu o faria – respondeu Matt.

Nenhum deles tinha um plano, então Laurie decidiu:

– Vou tentar abrir um portal, e vocês simplesmente terão que correr. – Ela fez uma pausa antes de acrescentar: – Olha, Matt. Talvez você não entenda os bodes, mas eles ficam balindo como se achassem que estão falando com você, e não acho que Fen foi mordido por acidente.

Fen fez outra careta para o bode mordedor-de-calças, e Matt pressionou os lábios de um jeito “não vou admitir nada”. *Meninos!* Laurie balançou a cabeça para os dois, e depois disse:

– Por que você não diz a eles que não podem nos seguir agora? Não faz mal tentar, né?

– Tanngnisnir e Tanngnjóstr – disse Matt. – Preciso que vocês fiquem aqui.

Os bodes realmente pareciam estar ouvindo. Era difícil ter certeza porque bodes não tinham lá muitas expressões faciais, e, bem, eles antes *já* estavam observando Matt bem atentamente. Laurie torceu para que estivessem escutando o mestre, porém; levar bodes pelo portal quando estavam prestes a invadir um cemitério parecia uma má ideia.

Matt encarou os dois bodes e depois o restante do rebanho.

– Vocês não podem vir comigo agora. Talvez mais tarde; tenho certeza de que vamos precisar da sua, hum, ajuda em algum momento, e eu agradeço seu, hum, entusiasmo.

– Puxa, Thorsen, é só dizer “fica” e... – Fen se esquivou da mordida de um bode que tinha se esgueirado atrás dele.

– Os bodes pelo menos entendem tom – afirmou Baldwin, assentindo com a cabeça de forma sábia. Deu uma olhada em Fen e acrescentou: – Você não está fazendo nenhum amigo caprino, cara.

Laurie deu uma risadinha enquanto se preparava para abrir o portal à velha igreja de Santa Agnes nos arredores de Blackwell. Ela estava mirando

num pequeno bosque não muito longe do assentamento original que tinha se deslocado e se tornado Blackwell. A área onde o cemitério se localizava, geralmente chamada de Velha Blackwell, ainda ficava perto demais do xerife, dos Saqueadores e da família dela, mas era para lá que as Valquírias os tinham mandado, então era para lá que eles iriam.

Saíram do portal a mais ou menos um quilômetro e meio de Santa Agnes, longe o bastante para que pudessem se esgueirar pela floresta e se aproximar da igreja pelos fundos. Laurie ficou feliz que a Velha Blackwell ficasse a vários quilômetros da cidade em si, metida numa área com muita floresta que parecia quase esconder as ruínas da igreja e dos túmulos. A trilha estava recoberta por grossas agulhas de pinheiro, abafando os sons dos passos, e as árvores que os cercavam eram tão grossas que parecia quase noite, por mais que ainda estivesse de tarde.

A floresta sombria os ocultava. Entretanto, isso não apagava a sensação de estar em perigo. No fundo, estar no silêncio da floresta deixava Laurie ainda mais nervosa. Trolls viviam nas florestas. Eles já tinham encontrado as criaturas antes. Quem sabia o que mais aguardava nas sombras? Parecia que cada criatura dos velhos mitos estava do lado do inimigo, e Laurie estava farta de ser atacada por monstros o tempo todo.

Ela suspeitava que Fen ou notava a ansiedade dela, ou se sentia do mesmo jeito. Ele veio andando ao lado dela e casualmente lhe deu uma ombrada. Laurie sorriu por reflexo diante do tradicional jeito Brekke de demonstrar afeto.

Baldwin também notou.

– Isso é uma coisa de cachorro ou de lobo? A cadela do meu tio faz a mesma coisa. É uma pastora alemã, e corre até ele e se encosta nele. Vocês dois fazem isso quando um de vocês está aflito.

Fen corou.

– É, acho que sim.

– Isso aqui também. – Laurie deu uma cabeçada de leve no ombro de Fen. – Eu só fui saber que as outras famílias eram diferentes da nossa depois de crescida, e só descobri que Fen virava lobo logo antes de encontrarmos você. – Ela fez uma pausa, percebendo o quanto eles não sabiam um sobre o outro. – A única coisa que posso dizer é que me sinto muito melhor quando ele faz isso porque significa que ele está presente, ou que me entende, ou que tudo está bem.

– É, isso aí que ela disse, acho. – Fen aparentava estar constrangido, mas quando era Baldwin que dizia alguma coisa, ele parecia fazer um esforço extra para ser... legal. Laurie sabia que isso nem sempre era fácil para o primo.

Matt estava calado enquanto caminhava, esquadrinhando as sombras da mata como se esperasse que os problemas saltassem dali a qualquer momento.

– Não acho que os bodes vieram conosco – afirmou Laurie.

– Eu sei – concordou Matt. – Só estou com uma sensação ruim.

Com isso, Fen parou e encarou Matt.

– Sensação ruim como em “*eu não gosto de ser o Senhor dos Bodes*”, ou sensação ruim como em “*meu amuleto está zumbindo*”?

Todos eles esperaram enquanto Matt pensava.

– Meu amuleto não está fazendo nada, mas... fiquem espertos.

O grupo continuou andando. Em vez de ficar chateando Matt com o lance dos bodes, Fen se virou para Laurie e comentou:

– A gente deveria ter pedido às Valquírias algumas dicas sobre o seu arco.

– Estou bem confiante, na verdade. Owen me mostrou alguns...

– O quê? – interrompeu-a Fen.

De repente, todos os três meninos pararam de andar e se viraram para encará-la.

– *Owen?* Você viu Owen? – Fen cruzou os braços e fez cara feia para ela, subitamente parecendo-se mais com o pai que o primo dela, e perguntou: – Quando, entre nossa volta de Hel com o arco e a nossa visita ao campo de bodes comedores de calças, você teve tempo de vê-lo?

Laurie estremeceu.

– Certo. Bem, eu meio que saí para uma volta ontem à noite.

– Sozinha? – Fen se virou para Baldwin. – Você ficou com o primeiro turno; você cochilou?

– Não. – Baldwin parecia envergonhado. – As Valquírias estavam guardando o acampamento, e ela voltou antes do seu turno com a fogueira, então não falei nada.

Diante do tom contrito da voz de Baldwin, Laurie se sentiu ainda pior.

– Não foi culpa dele – interveio ela. Em seguida Laurie voltou a andar, presumindo que eles a seguiriam, antes de continuar: – Eu ia contar tudo, mas a gente ficou distraído com a informação sobre onde procurar Mjöltnir, e depois pelos bodes.

Ela rapidamente contou a eles tudo – bem, *quase* tudo; o beijo não era problema deles – sobre o encontro noturno com Owen. Fen parecia prestes a exhibir os dentes como se fosse um lobo, e Matt parecia simplesmente pensativo. Quando nenhum deles falou nada, Baldwin comentou:

– Será que Owen é mesmo um dos mocinhos?

– Nos mitos, ele é o Pai-de-Todos. Sabe muitas coisas, e trabalha pelo bem dos deuses e do mundo, então sim, ele é definitivamente um dos mocinhos. Como Thor. – Matt não comentou em voz alta que o deus duvidoso era Loki, só que todos já sabiam disso. – Em algumas histórias, Loki e Odin são próximos. Dizem que os dois foram unidos como irmãos

de sangue, e viajavam juntos; muitas vezes com Thor. Loki também... – Matt deu uma olhada para Fen. – ... hum, foi a mãe de Sleipnir, o cavalo de oito patas de Odin.

– Você não quer dizer pai? – indagou Laurie.

– Não – respondeu Fen. Ele suspirou e explicou bem rapidamente: – Nosso ta-ta-tara-tanto-faz-avô tomou a forma de uma égua e teve um filhote.

Ninguém disse nada por um minuto, e então Baldwin falou:

– Então Owen está amistoso com um dos descendentes de Loki, só que não é com Fen? – Ele deu de ombros. – Faz sentido. Gosto de Fen, mas às vezes ele é meio malvado... Não comigo, mas com quase todo mundo. – Lançou um olhar apologeticamente para Fen. – Você é.

Fen deu de ombros.

– Tanto faz. Só acho que você não deveria ficar vagueando por aí no escuro com algum cara estranho só porque ele *disse* que é Odin. Astrid falou que era a namorada dele e uma de nós. E olha para onde isso nos trouxe. Baldwin morto, e o resto do grupo indo a Hel para trazê-lo de volta.

Laurie rosnou, soando menos humana do que jamais havia soado.

– Astrid era uma *mentirosa* que obviamente trabalha com o inimigo, Fen. Owen perdeu um *olho*. Você não acha que isso é prova suficiente de que ele seja Odin?

– Não mesmo. – Fen olhou para ela com irritação. – Se você quiser mesmo vê-lo, ele vai ter que conversar com você na minha presença ou na do Thorsen. Ponto final. Não vou contar para o tio Stig que você foi morta ou capturada quando confiou em um cara qualquer só porque ele era caolho.

– Você está sendo um babaca. – Laurie o cutucou no ombro.

– É, bem, pelo menos não estou sendo descuidado. Você deveria ter...

– Humm, pessoal? – interrompeu-os Baldwin. – Vocês ouviram alguma coisa? – Fen abriu a boca, mas Baldwin continuou: – Não, sério. Eu ouvi alguma coisa. Vocês podem discutir mais tarde.

Todos pararam de andar e ficaram escutando.

– Talvez os bodes tenham conseguido passar pelo portal – comentou Matt. – Ou então eles nos seguiram.

– Até aqui? – zombou Fen. – Quão rápido você acha que um bode pode correr, Thorsen?

Laurie estava farta da atitude de Fen naquele momento, então retrucou:

– Eles *são* bodes mágicos.

– Tanto faz. – Fen fez cara feia para a prima, e ela desconfiou que não seria perdoada tão cedo pelo lance de Owen ou por ter defendido Matt. Ela amava o primo, mas, quando ele ficava ranzinza, Laurie tinha aprendido a simplesmente ignorá-lo até que seu humor melhorasse.

Foi exatamente isso que ela fez, e todo mundo seguiu o exemplo. Caminharam o resto da trilha até a Velha Blackwell em silêncio. Não tinha sobrado bastante do assentamento original para que pudesse ser chamado de cidade fantasma, mas havia mitos mais que suficientes sobre as coisas que moravam ali para criar inúmeras histórias de fantasmas. Laurie costumava ignorar as lendas sobre criaturas rastejando nas trevas, mortos caminhantes e lobos à espreita. Naquela noite, ela teve que se perguntar se algumas dessas histórias não seriam verdadeiras.

– Cuidado – advertiu Matt. – Não sabemos o que tem por aqui.

Matt e Fen pareciam se dar melhor quando havia uma ameaça potencial, então eles passaram com facilidade de meninos que ficavam de picuinha a uma equipe enquanto esquadriavam a área. Baldwin seguiu o exemplo, assim como Laurie.

Santa Agnes estava em ótimo estado para um lugar abandonado há alguns séculos. O cemitério ainda era cuidado também: nada de vandalismo, lápides quebradas nem mato crescido por aqui. É claro, isso também queria dizer que havia um obstáculo à entrada no cemitério. Uma alta grade de ferro circundava o lugar, e o portão estava trancado com uma corrente reluzente e um cadeado.

– Eu consigo escalar – ofereceu-se Baldwin.

Eles procuraram outra opção, mas, afora explodir o cadeado, não havia outra forma de entrar. Fen testou as barras, procurando por alguma que estivesse solta para que eles pudessem empurrar para o lado e assim se espremer pelo espaço. Ele não achou nenhuma e, mesmo que tivesse encontrado, Laurie não sabia bem se alguém além dela e de Fen conseguiria passar por um vão tão estreito.

Baldwin agarrou a grade de ferro e, num instante, se puxou para cima e se deixou cair do outro lado. Uma vez dentro, os outros lhe passaram suas mochilas. Quase tudo que elas continham era macio o bastante para que eles pudessem simplesmente jogá-las por cima da grade, mas ninguém sabia realmente quando um dos presentes-surpresa de Helen poderia aparecer. Além disso, o arco de Laurie e o escudo de Matt não pareciam ser o tipo de coisa que você joga sem cuidado sobre grades.

Depois que Baldwin pegou as coisas deles, Matt e Fen ajudaram Laurie a escalar a grade. Com uma mão no ombro de cada rapaz, a menina olhou para baixo, para os dois agachados aos seus pés. Matt entrelaçou os dedos, e Fen fez a mesma coisa.

– Pise nas nossas mãos – instruiu Matt.

Assim que ela o fez, equilibrando-se com as mãos nas cabeças deles, os dois se levantaram e a ergueram mais alto. Era bambo, mas ela quase conseguiu alcançar a trave superior.

– Um pouco mais alto – disse Baldwin de dentro do cemitério.

Os dedos dela tocaram a trave, mas ela ainda assim não conseguiu se segurar.

– Quase lá... – Sentiu os meninos a empurrando para cima. Matt teve que se afastar quando Laurie subiu nos ombros de Fen.

O primo ficou parado enquanto ela se segurava na barra; e lá ficou. Laurie era capaz de lidar com muitas coisas, mas não tinha força suficiente nos braços para se puxar até o topo da cerca. Estava com as duas mãos agarradas na barra horizontal superior, mas, mesmo com Matt e Fen empurrando, não conseguiu se içar como Baldwin fizera. A cerca era alta demais.

– Você consegue – incentivou-a Matt.

– Estou achando que não.

– Shhh! – sibilou Baldwin bem alto. – Eu *sei* que ouvi alguma coisa desta vez.

Matt e Fen olharam para trás, para a mata, e Laurie mais uma vez tentou se puxar para cima e sobre a cerca para que Fen ficasse livre para lutar, se necessário.

– Esconda-se – disse ela a Baldwin. – Leve os suprimentos.

No que a menina conseguiu se puxar mais um pouco, pôde colocar um pé na barra. Ainda não era o bastante para usá-lo como apoio para chegar ao topo e passar para o outro lado, mas já era um avanço. Seus braços doíam, e Laurie considerou cair de volta para o chão ao lado de Matt e Fen. Sua única arma estava dentro do cemitério, porém.

– Vocês conseguem ver alguma coisa? – sussurrou ela. Olhou das sombras para Matt e Fen.

– Não. – Matt vigiava a floresta em busca de movimento. Estando tão perto de Blackwell, poderiam ser policiais ou Saqueadores. É claro, também

poderia ser algum monstro que eles ainda não tinham encontrado. – Fen, você é o próximo.

– Como se eu fosse deixar você no chão sozinho. Se for qualquer coisa além de bodes, você vai precisar de ajuda, e a única arma que eu tenho sou eu. Virar lobo não vai ser nada útil com uma cerca entre mim e nossos inimigos. Você sobe e ajuda Laurie a atravessar. Seu Martelo funciona de longe.

– Eu não acho que... – Matt começou a falar, mas suas palavras se detiveram de repente, e ele desabou no chão.

Laurie olhou para a mata, esperando ver qualquer tipo de inimigo: um troll, uma mara, até mesmo um zumbi. Mas o que ela viu foi absolutamente inesperado. Um homem ruivo com roupas camufladas esfarrapadas estava parado com uma arma nas mãos.

– Você *atirou* nele! – Ela estava pendurada no cano superior, sem conseguir passar ou descer. Aos pés dela, Fen grunhia tão alto que ela esperou que ele estivesse peludo. Do outro lado da cerca, agachado atrás de uma lápide, ela viu Baldwin. Olhou para o menino e moveu os lábios, dizendo silenciosamente *Fique aí*.

– Foi só um dardo tranquilizante. – O homem fez cara feia para Laurie como se ela fosse algum tipo de animalzinho pestilento e zombou: – Como se eu fosse atirar num Thorsen. – Baixou o olhar para Fen. – Já um Brekke... Especialmente um daqueles que vira um lobo imundo, bem, vamos ver. Você quer alguns segundos de vantagem, lobo?

– Fen – avisou-o Laurie.

Fen não olhou para ela, e Laurie não sabia o que ele ia fazer. Fen encarava um sujeito que apontava uma arma diretamente contra ele. Mesmo com todos os seus defeitos, Fen era ferozmente leal. Não fugiria correndo, nem se Laurie tentasse dizer a ele que o fizesse. Matt estava inconsciente e

Laurie, desarmada. Baldwin poderia lutar, mas, se tentasse pular a cerca para se juntar a Fen, levaria um dardo tranquilizante antes de conseguir atravessar. Laurie se deixou cair para o chão, tropeçando um pouco quando seu tornozelo virou.

Laurie poderia abrir um portal, jogar Fen lá dentro e tentar mergulhar atrás dele, mas isso não ajudaria Matt. Mesmo que Matt estivesse consciente, ela não sabia se conseguiria abrir uma passagem rápido o bastante, e não havia a possibilidade de eles o deixarem para trás.

– Levante-o – comandou o caçador.

Fen encarou o homem com um cara feia.

– Você atirou nele; você levanta ele.

– Não me provoque, garoto. – O caçador se ajeitou de leve, de modo que a arma ficou apontada para Laurie. – Estes dardos eram para Matt, e ele tem o dobro do peso dessa aí. Será que devo testar o que eles fazem com ela?

Com uma expressão familiar de descontrole no rosto, Fen entrou na frente da prima. Ela não via mais seu rosto agora que o corpo dele bloqueava o dela, então Laurie não tinha como saber se o primo ia atacar o caçador. Ele já tinha feito coisas menos inteligentes na vida, e Laurie sabia que Fen não toparia ir a lugar nenhum com o sujeito. Talvez fosse uma coisa de lobos, mas Fen não se dava muito bem com espaços apertados. O homem que tinha tranquilizado Matt certamente iria prendê-los ou feri-los. Nenhuma das opções era fantástica.

Laurie se inclinou para mais perto de Fen e disse:

– A gente não tem escolha. Não tenho como nos tirar daqui, e não podemos deixar Matt.

Fen rosnou, mas Laurie sabia que era frustração, e não raiva dela.

– Vai ficar tudo bem – disse ela. – Apenas me ajude com Matt.

Fen se virou para a prima.

Em seguida Laurie se agachou ao lado de Matt, abaixando a cabeça para esconder a expressão no rosto do caçador enquanto tentava passar uma mensagem para o primo e o garoto escondido.

– Nós três não temos escolha além de ir com ele. Provavelmente vai nos entregar à polícia ou aos Saqueadores, quem quer que tenha contratado ele, e então a gente pensa num plano.

Fen se acorou junto à prima; ficou de lado para o caçador, o que deixou seu rosto parcialmente oculto pelos cabelos.

– Procure ajuda. – Fen moveu os lábios sem pronunciar as palavras, na direção geral de Baldwin, enquanto fingia conferir o pulso de Matt e verificava se a cabeça do amigo não estava inchada. – Você está cometendo um erro, tentando prender a gente ou coisa assim.

O homem fungou.

– Vocês conseguem carregar ele ou não? Não consigo carregar três pessoas, e não quero me meter em encrencas porque deixei testemunhas.

Fen e Laurie se entreolharam, e a menina percebeu que o primo tentava se manter calmo – e ainda pensar num plano. Ela fazia a mesma coisa.

– Vai ficar tudo bem – repetiu ela, tentando soar positiva, e depois ergueu a voz: – A gente consegue carregar.

Fen parecia prestes a morder alguém, mas fez que sim com a cabeça e juntos ele e Laurie carregaram Matt nos braços. Não apenas eles eram prisioneiros, mas eram forçados a transportar um membro do grupo para onde quer que o caçador os estivesse levando. De repente, os monstros começaram a parecer mais fáceis de enfrentar que os humanos.

DEZ



MATT

“MONTANHA DE PROBLEMAS”

Matt abriu os olhos. Viu uma tábua áspera de madeira pontilhada de líquen verde e cinzento. Havia outra tábua acima dela. Esfregou os olhos e espiou para baixo. Estava deitado sobre um velho cobertor esticado num piso de madeira.

Uma cabana, pensou ele. Estou numa velha cabana. Foi aqui que a gente passou a noite?

Não, ele se lembrou de sacos de dormir no chão frio. Então alguma coisa sobre bodes? E Astrid? Será que foi um sonho? Os pensamentos dele estavam confusos e distorcidos.

Mjölfnir. Eles andavam procurando por Mjölfnir. Será que haviam encontrado o Martelo e depois acharam uma cabana onde passar a noite?

Matt se levantou num pulo. Ao fazê-lo, seu estômago se revirou, assim como o cérebro, e o menino se dobrou, com ânsia de vômito. Alguém meteu um balde embaixo dele.

– Devagar, filho, vai devagar.

Matt ergueu o olhar, fazendo um esforço para focalizar. A primeira coisa que viu foi o Martelo de Thor. Não Mjölfnir. Um amuleto, pendurado num

pescoço. Os dedos voaram até a própria garganta e encontraram o metal lá. Também viu que o outro amuleto não era o dele. O design era diferente. Porém, com certeza se tratava de um Martelo de Thor. Tentou erguer a cabeça para ver o rosto do homem, mas o estômago e a cabeça deram outra reviravolta, e o olhar baixou na direção do braço que segurava o balde. Um antebraço grosso e musculoso coberto de pelos ruivos. Por fim, conseguiu contemplar o sujeito. Era tão alto quanto o pai de Matt, com ombros ainda mais largos, um rosto amplo e barba ruiva.

O sujeito era um Thorsen. Só podia ser, um cara ruivo e grandalhão com aquele amuleto.

– O qu... – A garganta de Matt não se abriu para formar o restante das palavras. Era como se ele tivesse engolido ácido de novo. Ou talvez poeira. Quem sabe até areia. A garganta estava seca.

O homem lhe entregou uma garrafa de água.

– Beba devagar, filho.

Matt fez um esforço para recuperar a última lembrança que tinha. Eles estavam procurando Mjölfnir...

Blackwell. O grupo estava na Velha Blackwell.

O olhar de Matt se cravou no rosto do homem, ignorando as trovoadas que lhe martelavam a cabeça enquanto se esforçava para focar nos traços do sujeito. Ele tinha um rosto que parecia ser de couro, e um dos olhos azuis era meio fechado. Uma cicatriz dividia sua bochecha. Não era ninguém que Matt reconhecesse. Ou seja, não era um Thorsen de Blackwell.

O que *tinha* acontecido? *Vamos lá, Matty, pense.*

Bodes. Os bodes os seguiram. Os bodes de Thor. Tanngrísir e Tanngnjóstr. Matt tentava escapar deles, mas os dois continuaram seguindo até...

Até o portal. Tinha parecido que Matt deixara os bodes para trás, mas então ele ouviu alguma coisa seguindo o grupo e achou que fossem os bodes de novo. Alcançaram o cemitério e Baldwin pulou a cerca e Matt passou o escudo e...

E então o quê?

E então ele acordou naquela cabana com aquele homem.

– Como...? Onde...? – Matt olhou em volta. – Meus amigos. Eu estava com...

– Se você quer dizer os Brekke, eles não são seus amigos, filho. Mas estão em segurança – respondeu o homem, torcendo o lábio de leve como se preferisse que eles não estivessem bem. – Olha, você criou uma montanha de problemas para os seus pais, Matthew Thorsen, mas eu sei que não foi de propósito. Você é um bom menino. As coisas ficaram complicadas de repente, não ficaram? Aqueles moleques Brekke desvirtuaram você, mas seu avô entendeu que a culpa é deles.

– V-Vovô? – Matt se levantou e olhou em volta desesperado. – Onde estou?

– A uns três quilômetros de Blackwell. – O homem fez uma pausa. – O que vocês estavam fazendo invadindo aquele cemitério, filho?

Matt piscou, fingindo estar confuso enquanto tentava pensar numa desculpa o mais rápido possível. O cérebro atrapalhado não cooperava, e o menino só conseguiu dizer:

– Eu... não lembro.

– Vocês estavam procurando alguma coisa?

Agora Matt realmente caprichou na expressão de confusão.

– Procurando alguma coisa? Num cemitério?

O homem pareceu acreditar na encenação.

– Deixa pra lá, então. Me diga...

– Quem é você? – interrompeu-o Matt. – Sei que você é um Thorsen, e você parece conhecer meu avô, mas eu não conheço você. Não sei se deveria falar com você.

Mais uma vez, o sujeito comprou a conversa de Matt. Ou ele achava que Matt não era muito esperto, ou não tinha noção de que um menino de treze anos já tinha passado da idade de se recusar a falar com estranhos.

– Rusty Thorsen – respondeu ele. – De Sioux Falls. Não, nós nunca fomos apresentados, filho. Conheço seu avô, e ele me pediu para vir encontrar você. Sou um rastreador. Ajudo caçadores a encontrar os bichos grandes. – Um sorriso largo. – E também funciona na hora de achar rapazinhos que fugiram de casa. Eu... – foi interrompido por uma batida à porta. – Bem, acho que é o seu avô.

Assim que Rusty se virou para sair, Matt ficou tenso e esperou até que o homem tivesse saído pela porta aberta. Então ele se levantou, olhou em volta, pronto para correr...

Para lugar nenhum. Não havia para onde ir. Matt estava numa sala vazia sem janelas, e com uma única porta: aquela pela qual Rusty tinha saído.

Matt se esgueirou até a porta, mas, mesmo enquanto se aproximava, percebeu que seria inútil. Ouviu a voz de Rusty logo do lado de fora. Em seguida ouviu outra. Uma voz familiar. O avô. Os joelhos do menino vacilaram, e ele só conseguiu pensar, *estou em casa*.

Quando Hildar lhe dissera que seria necessário voltar a Blackwell, Matt teve certeza de que não conseguiria. Chegar tão perto de casa seria duro demais, a tentação de correr de volta aos pais e lhes contar tudo e esperar que eles não soubessem do plano do avô, e que eles o ajudariam.

Matt não correria para casa, obviamente. Mesmo quando viu o cenário familiar, se ateu à missão. Achar Mjölfnir. Seguir adiante para a busca seguinte. Continuar treinando. Continuar se preparando.

Ficara orgulhoso de si mesmo por isso. Não era mais uma criança que corria para a mãe assim que as coisas ficavam difíceis.

Porém, naquele momento, ao ouvir a voz de vovô...

Matt inspirou fundo e fechou os olhos com força.

Vai correr para casa agora, Matty? Correr para ser salvo pelo vovô? Correr de volta para o cara que quer sacrificar você para uma cobra gigante? Sacrificar quase toda a humanidade?

Não. Claro que não. Matt era um líder, um lutador, um vencedor. Poderia até não acreditar no que Hildar tinha lhe dito sobre ser o deus renascido, mas ainda era um filho de Thor, um descendente verdadeiro do Norte.

Talvez não precisasse ser assim, por outro lado. Ele não era mais o moleque problemático que fora quando as runas o escolheram. Fora testado, e passara naqueles testes. Sim, o avô tinha dito aos anciãos que o mundo precisava do Ragnarök, mas Matt tinha certeza de que ele não acreditava naquilo de verdade. Tinha dito o que eles precisavam ouvir. Oferecendo a melhor solução possível para a pior situação possível. O Ragnarök estava chegando, e não tinha como um bando de garotos treinarem rápido o bastante para derrotar os maiores monstros das lendas nórdicas. Blackwell tinha que se preparar e, como prefeito, vovô tinha que ajudar no processo, por mais que não quisesse.

E se você estiver enganado? E se ele realmente quisesse o seu fracasso?

A entrada escureceu. Matt ergueu o olhar e lá estava o avô, com o rosto enrugado marcado pela preocupação. Os olhos azuis fitaram Matt, e o avô soltou um suspiro de alívio audível antes de cruzar o aposento em três passos largos e capturar Matt num abraço tão apertado que as costelas dele rangeram em protesto.

– Matty – sussurrou o avô, com voz embargada. – Eu estava tão preocupado.

– Me desculpa. – Matt não queria dizer isso, mas não conseguiu evitar. Viu o rosto do avô, e não restavam dúvidas. Vovô o amava. O que quer que ele tivesse dito aos anciãos, não tinha realmente planejado deixar Matt morrer. Não tinha planejado deixar o mundo acabar. Esse pensamento era tão burro que Matt ficou vermelho de vergonha de ter acreditado nisso um dia.

Sim, vovô tinha duvidado dele. Talvez tivesse até acreditado que eles não tinham chance. Mas agora Matt poderia lhe contar sobre as Nornes e Valquírias e o escudo e os novos poderes, e ele entenderia que os meninos eram capazes. Eles realmente eram.

– Vou dar um jeito nisto, Matty – murmurou o avô, ainda abraçando o neto. – Sei que você passou por muita coisa. Sei que você tentou muito ser um Campeão. Você é um Campeão. Só que você foi enganado, e as coisas deram errado.

– O quê? Não, nós....

Vovô se afastou, colocando as mãos nos ombros de Matt, encarando o olhar do menino.

– Eu sei o que aconteceu, Matt, e sei que não foi culpa sua. Você achou que conseguiria mudar o destino. Você achou que conseguiria impedir que Loki matasse Balder, e não conseguiu, e deve estar se sentindo terrivelmente culpado por isso...

– Fen não matou...

– Eu sei o que aconteceu, Matt. Sei que o rapaz morreu, e sei que Fen Brekke o matou. Essa era a profecia, e foi o que aconteceu, e não é culpa sua.

– Não, Baldwin...

Outra batida, desta vez à porta da frente. Matt tentou falar a verdade, que tinha sido outra pessoa que matara Baldwin, uma menina que trabalhava para os Saqueadores, uma menina chamada Astrid, que eles

tinham trazido Baldwin de volta e que ele estava vivo outra vez. Só consegui dizer a primeira parte, e seu avô não pareceu ouvir nem isso. Já tinha saído para atender a porta, fechando a cabana atrás de si, enquanto Rusty empurrava Matt de volta ao quarto, impedindo que o menino corresse atrás do avô, dizendo que ele deveria relaxar, que estava tudo bem, que tudo ficaria bem.

Ouviu a porta abrir. Ouviu a voz de um homem, uma voz que ele não reconheceu.

– Você está com o menino aqui, senhor? – perguntou o homem.

– Estou. Obrigado por ter vindo, policial. É uma situação terrível, eu sei. Um menino morto pelas mãos de outro. Uma coisa terrível. A justiça será feita, porém. O assassino está aqui, no quarto ao lado. Um rapaz da minha própria cidade. Fen Brekke.

– Não! – gritou Matt, lutando violentamente contra Rusty. Só que o homem grandalhão o segurou com facilidade, tapando sua boca com sua mão imensa enquanto o avô levava o policial ao quarto vizinho para prender Fen pelo assassinato de Baldwin.



ONZE



FEN

“FALSAMENTE ACUSADO”

Enquanto o policial levava Fen para a sala principal da cabana, o prefeito Thorsen sorriu para o menino. Era aquele tipo de sorriso que não era realmente amistoso. Fen rosnou.

Sabia que Matt estava atrás da porta que tinha sido batida, e queria atacar o caçador por ele ter drogado Matt com aquele dardo. Os dois meninos podiam não ter sido amigos antes de terem decidido trabalhar juntos para salvar o mundo, mas eram uma equipe agora. Não saber como resgatar Matt era horrível; saber que o caçador estava atrás daquela porta fechada, provavelmente segurando Matt *naquele instante* era pior ainda. Matt era prisioneiro de um homem que o tinha alvejado com um tranquilizante, e Fen e Laurie estavam diante de um policial armado, provavelmente com balas de verdade.

Será que ele atiraria num menino?

Fen olhou em volta em busca de alguma arma. Havia uma mesinha e um sofá surrado, mas não seriam muito úteis. Além dessas coisas tinha a porta fechada para o quarto onde Matt estava. Não era uma boa situação de forma alguma.

Laurie seguia Fen. Ela podia correr. O caçador deveria estar no quarto com Matt. O prefeito Thorsen e o policial estavam concentrados nele. Laurie, pelo menos, poderia escapar em segurança.

Fen se virou e sussurrou para ela:

– Se você vir uma chance, saia correndo daqui.

Laurie revirou os olhos.

– Fala sério.

– O que foi que vocês disseram? – inquiriu o policial.

– Nada. – Fen bufou. Queria discutir com Laurie, mas também não sabia direito o que o policial faria se ela saísse correndo. A ideia da prima sendo presa o nauseava – não que a ideia *dele mesmo* sendo preso fosse muito melhor.

– Você está cometendo um erro – afirmou Laurie ao policial.

– Thorsen? – gritou Fen a Matt. – Você tome conta dela se eles me levarem.

Apesar de Matt não ter respondido, Fen teve que torcer para que o amigo tivesse ouvido, estivesse consciente e que pudesse encontrar uma forma de levar Laurie a um lugar seguro.

– Ela faz parte disso, também? – perguntou o prefeito, espiando Laurie. – Você ajudou esse rapaz, mocinha?

Laurie agarrou a mão de Fen.

– Ninguém fez nada de errado... exceto pelo homem que atirou em Matt.

– Ninguém atirou no meu neto – zombou o prefeito. – As mentiras que essa garotada conta hoje em dia. É absurdo que eles achem que podem se safar com mentiras; e com coisas piores. É tudo culpa dos pais, é claro.

O policial concordou com a cabeça e acrescentou:

– Lares destruídos. Más influências. Falta de disciplina. – Soou triste enquanto falava, como se realmente lamentasse pelos meninos. Franziu a

testa. – Pais ruins arruinam as vidas de tantos jovens.

Fen quase teve pena do sujeito. Era *ele* que estava sendo enganado, e parecia realmente ser um cara legal. Ainda assim, estava lá para prendê-los. Isso reduzia muito a solidariedade de Fen. Quando o policial chegou, Fen tinha ouvido a conversa abafada de dentro do quarto onde ele e Laurie tinham sido trancados. Era ridículo que ele estivesse prestes a ser preso por um assassinato que não cometeu – especialmente agora que era uma das pessoas que tinham trazido Baldwin de volta do além. Infelizmente, não era a menor surpresa que Fen fosse injustamente acusado. A polícia de Blackwell tinha uma longa tradição de presumir que os Brekke tinham cometido quase todos os crimes na região. Certo, ele tinha que admitir que a família dele tinha o hábito de quebrar muitas das leis, mas isso não queria dizer que *tudo* que acontecia fosse culpa deles. Por exemplo: Fen não matara Baldwin.

– É só nos contar o que aconteceu – afirmou o policial em tom razoável.
– Sabemos que você matou o menino, mas precisamos saber por quê.

– *Por quê?* – repetiu Fen, encarando o policial que tinha acabado de acusá-lo de assassinato. Era diferente ouvir isso na cara do que por uma porta fechada.

– Por que você matou Baldwin Osgood? – O policial estendeu uma foto de Baldwin.

– Você acha mesmo que eu *matei* alguém? – Fen meio que rosou as palavras, o que provavelmente não melhoraria a situação, mas não estava bem no seu ânimo mais calmo. Eles tinham sido sequestrados; Matt levava um tiro com algum tipo de tranquilizante. Agora o prefeito chamou um policial para prender Fen por um assassinato que ele não cometera, tudo isso depois que ele e os outros tinham ido ao além-vida resgatar Baldwin... o que não tinha sido exatamente fácil, com aquele mar de zumbis, o urso fedido e

a assustadora tia Helen. Ah, sim, e um gigante flamejante de duas cabeças. Ele não poderia nem contar aos dois homens o que ele tinha passado para salvar o garoto que eles achavam que Fen matara. Os adultos nem *escutavam* metade do tempo.

Laurie ficou ao lado dele; agarrou a mão do primo, e Fen não sabia se era para evitar que ele mesmo fizesse alguma coisa idiota, ou porque ela estava com medo. Quanto mais ele pensava, mais tinha vontade de fazer alguma coisa maluca. Eles tinham sido capturados, obrigados a carregar Thorsen até aquela cabana, e depois trancados num quartinho com uma cama frouxa e uma cômoda velha. Fen ficara andando de um lado ao outro, tramando, e só conseguira inventar planos ridículos – que resultariam em alguém levando um tiro. Esperava que Baldwin tivesse melhor sorte ao montar um resgate, mas não tinha certeza de que Baldwin seria sequer capaz de encontrá-los, muito menos de resgatá-los sozinho. Ser a encarnação de um deus divertido não era bem uma habilidade que bastaria para que Baldwin tirasse os três dali.

– Fen não matou ninguém – afirmou Laurie, por fim. – Não sei bem por que vocês acham...

– O prefeito nos chamou, srta. Brekke. – O policial lhe lançou o tipo de olhar que teria feito Laurie se calar de medo na semana anterior, aquele olhar que os adultos sempre fazem para os mais jovens quando acham que sabem de tudo. Depois de um enxame de zumbis e um estouro da manada de búfalos, aquilo obviamente não assustava Laurie como antes. O primo simplesmente encarou o policial, furioso.

– Baldwin nem está *morto*. – Fen balançou a cabeça. – Você está me prendendo por uma coisa que nem...

– Nós temos testemunhas, garoto – interrompeu-o o prefeito.

– Testemunhas de um crime que não aconteceu – zombou Fen.

– Elas estão obviamente mentindo – acrescentou Laurie.

O prefeito balançou a cabeça e se virou para o policial.

– Fen Brekke é um vândalo e um encenqueiro desde que aprendeu a andar. E todos os Brekke são mentirosos.

Nem Fen nem Laurie responderam.

O oficial encarou Fen.

– O senhor disse que este é o filho de Eddy Brekke, não disse?

O prefeito Thorsen fez que sim com a cabeça.

O policial balançou a cabeça.

– Filho de peixe, peixinho sempre é, não é?

Laurie apertou a mão de Fen, que se obrigou a ficar calado. Ele não era como o pai, não de verdade. Tudo bem, tinha dado uns vacilos aqui e ali, mas estava tentando ser um dos mocinhos. Estava *tentando* ser um herói. Talvez eles perceberiam isso se o deixassem explicar – não a parte sobre monstros ou ir para Hel ou virar lobo, mas a parte que eles *deveriam* entender.

– Baldwin não está morto – insistiu Fen. – Eu já disse. Ele não está morto. Eu não matei ele. Sério, se ele está morto, então cadê o corpo?

– Você que vai nos contar, rapaz – retrucou o prefeito.

O policial parecia ter esgotado sua paciência. Puxou um par de algemas e avançou contra Fen. O prefeito estava atrás do policial, e Fen e Laurie o encaravam. De jeito nenhum seria uma luta justa, mas nenhuma das lutas contra os monstros – os monstros não humanos – tinha sido justa também. Heróis não desistiam. Estava no livro de regras ou coisa assim.

Fen rosnou, não parecendo em nada com uma pessoa, mas não pôde evitar. Ele não seria enjaulado. Não fazia ideia de como ia se safar daquela, e *tinha* que conseguir, para manter Laurie em segurança, salvar Matt, derrotar os vilões e, talvez, salvar o mundo. Não tinha tempo para ser preso, especialmente por algo que não tinha feito.

– Fen – começou Laurie, mas não disse mais nada. Ela olhou para o primo como se não tivesse escolha, e então entrou na sua frente. Fen estremeceu. Ela era uma menina, e tentava protegê-lo como se ele fosse fraco. Era responsabilidade de Fen proteger *Laurie*.

– Sai da frente – disse ele em voz baixa. Fen encarou o olhar do prefeito por sobre o ombro da menina.

– Olha – disse o policial. – Eu não tenho tempo para isso. Vou colocar as algemas em você. – Ele tentou alcançar o menino atrás de Laurie, que recuou, empurrando o primo para trás.

– Não, você não vai, não. – Laurie levantou o queixo ao falar: – Quem quer que tenha dito ao prefeito que havia testemunhas deve estar confuso. Baldwin está vivo. Fen já disse. Você não tem motivo para prender meu primo. – Laurie estendeu os braços para os lados, e deu mais um passo atrás. – Ele não vai com você. Não é um *animal*, né, Fen?

Diante disso, Fen se sentiu burro. Ele captou que deveria entender alguma mensagem naquela última frase, mas não fazia ideia se Laurie lhe dissera para se transformar ou não se transformar. Tudo que sabia era que a mensagem tinha a ver com ser um lobo.

– Eu poderia ser – murmurou o menino.

– Não! – gritou ela.

Fen suspirou. Não era a resposta que ele queria ouvir.

Em mais um minuto não importaria, porém, porque o policial empurrou Laurie para o lado e segurou Fen.

Fen tentou escapar, e o policial o empurrou para cima da mesa.

– Espere! – gritou Laurie. Ela lançou um sorriso arrogante ao policial. – Agora você vai ver. É só abrir a porta.

– Já não era sem tempo – murmurou Fen. A mão do policial estava nas costas de Fen, segurando o menino de barriga para baixo na mesa, com os

braços para trás. Tudo que Fen podia fazer era ficar ali, parado, com a cara amassada no tampo da mesa e os braços presos atrás de si. O policial o algemou. Era humilhante, mas as palavras da prima aliviaram imensamente aquela sensação. Ela conseguia detectar os descendentes; ela *sabia* quem estava à porta.

Laurie correu e a abriu de rompante. Lá, sorrindo daquele mesmo jeito que ele tinha feito perante todas as encencas que eles enfrentaram, estava Baldwin.

– Alguém disse que vocês achavam que eu estava morto – afirmou Baldwin ao entrar na cabana. Deixou a porta aberta e apontou para fora, onde um grupo de uns dez garotos esperava. – Meus amigos aqui me ajudaram a encontrar vocês, para que eu pudesse ver se vocês achavam mesmo isso, mas acho que eles estão brincando ou coisa assim. Eu tenho certeza quase absoluta de que não estou morto. Qualquer um pode ver isso.

O policial olhou de Baldwin para Fen para o prefeito. Tirou a mão das costas de Fen, mas não tirou as algemas.

Fen se endireitou, rolou os ombros e estalou o pescoço.

– Eu disse – murmurou Fen.

O policial franziu o cenho e ergueu a foto de Baldwin, olhou bem, e espiou outra vez o menino que o observava com um sorriso amistoso. Quando o policial olhou a foto mais uma vez, Fen captou a atenção de Baldwin e moveu os lábios para dizer *Leve Laurie daqui*.



A expressão de Baldwin não se alterou, mas ele entrou mais na cabana, movendo-se na direção de Laurie. As pessoas do lado de fora todas observavam.

– Feche a porta – disse o prefeito.

– Está tudo bem. Eles são da turma do meu amigo *Odin*. – Laurie deu uma olhada no prefeito. – Você conhece Odin, prefeito Thorsen?

– Ela não está presa, está? – indagou Fen.

O policial parecia confuso.

– Você é Baldwin Osgood?

Baldwin concordou com a cabeça.

– É. Sou eu mesmo. Não é uma foto muito boa, né? – Ele apontou para a imagem. Era ele, indiscutivelmente, porém, aquela estranha simpatia do menino parecia ficar mais forte conforme ele falava. – Não consegui fazer a manobra que eu queria naquele dia, e quebrei meu skate. – Ele riu. – É por isso que estou tão aborrecido na foto.

O policial concordou com a cabeça. Foi afetado pela presença persuasiva de Baldwin como todo mundo mais. Ele sorriu para o menino.

– Meu filho é assim.

– Ei, o senhor se importa se os meus amigos entrarem?

– Não acho que seja necessário – interveio o prefeito.

Por um momento, o policial se deteve. Franziu o cenho como se tentasse encontrar uma razão para não deixar que os meninos entrassem.

– Está ficando escuro – acrescentou Baldwin. – O senhor sabe como é perigoso lá fora, né? Tipo, o senhor pensou que alguém tinha me *matado*. Obrigado por ter se incomodado com isso, aliás. Foi muito legal da sua parte.

O policial sorriu.

– Podem entrar, meninos.

Os estranhos do lado de fora – aqueles que Laurie tinha dito que estavam com Odin – começaram a encher a cabana. Vários deles cercaram Laurie e, depois que ela sussurrou alguma coisa no ouvido do menino mais próximo, os outros foram até a porta que levava a Matt e o caçador escondido.

– O senhor poderia soltar meu amigo, policial...? Qual é o seu nome? – Baldwin se sentou e olhou para ele.

– Davison. Policial Davison – respondeu, enquanto tirava as algemas de Fen.

– Bem – comentou o prefeito Thorsen, com calma. – Acho que foi tudo um mal-entendido. Obrigado pelo seu tempo. – Ele indicou a porta ainda aberta. – Peço desculpas pela inconveniência.

Fen esfregou os pulsos e foi imediatamente parar ao lado de Laurie.

O policial olhou para todos, claramente sem noção do que estava acontecendo. Cruzou os braços.

– Por que eu não fico por aqui até que esteja tudo resolvido? – Não foi exatamente uma pergunta, apesar de ele ter dito assim. Ele poderia estar influenciado pela persuasão de Baldwin, mas ainda era capaz de perceber por conta própria que havia algo de muito errado ali.

– Não, não – insistiu o prefeito. – Esses meninos todos podem ir para casa. Eu levarei meu neto para os pais dele.

– Não podemos deixar Matt aqui – sussurrou Laurie enquanto abraçava Fen com força.

– Eu sei – respondeu Fen, olhando para a porta fechada.

O prefeito olhava em volta para a multidão de garotos.

– Por que o senhor não vai logo para casa? – sugeriu Baldwin. Colocou a mão na manga do policial Davison. – Não tem ninguém aqui para prender.

O prefeito está presente, então não há por que se preocupar com jovens sem supervisão adulta.

O policial Davison deu uma olhada no prefeito, que concordou e acrescentou:

– O menino está certo. Eu cuido disso.

Depois de uma pausa momentânea, o policial Davison foi embora. Um dos meninos impediu que a porta se fechasse. Ficou tudo silencioso enquanto o policial entrou no carro e foi embora.

Então, um dos garotos se curvou para Laurie e disse:

– Odin manda lembranças. – Virou-se para Fen, deu um aceno de cabeça e acrescentou: – Ele achou que vocês precisariam de um pouco de ajuda, então estamos sob seu comando esta noite.

Fen sorriu. Eles não iriam para a cadeia e, com aquele tipo de ajuda, nem mesmo o caçador atrás da porta poderia impedir que eles fossem embora e voltassem a Santa Agnes. As coisas estavam prestes a melhorar.

DOZE



MATT

“VERDADE NUA”

— Pare — avisou Rusty quando Matt ficou tenso.

– Eu não ia...

– Você estava prestes a sair correndo para aquela porta. Seu avô quer que você espere aqui, e eu vou me assegurar disso. Não quero te machucar, filho.

– Você já machucou.

Matt odiou o tom de choque na voz. Ele soava como um garotinho, espantado depois de apanhar de um adulto. Matt era para ser o Campeão de Thor. Um guerreiro. As velhas regras não contavam. Só que parecia que contavam, sim. Tocou o queixo dolorido e estremeceu, tanto pela dor quanto pela surpresa de ter levado um tapa de Rusty.

Tinha tentado ir atrás do avô. Explicar que Baldwin não estava morto. Só que Rusty o agarrara e, quando Matt se soltou, Rusty lhe acertou um safanão que derrubou o menino.

Não foi só o fato de Rusty ter lhe batido que chocou Matt. Foi a *forma* como ele o fez, mecanicamente, sem raiva. Nem pedido de desculpas, inclusive. Tinha atirado Matt no chão, depois lhe dado outra dose de tranquilizante, que não o nocauteou.

– É só para você ficar calmo, filho – disse Rusty. – Enquanto seu avô cuida disto.

Matt ficou calmo de verdade. Tão calmo que mal conseguia se mover. Era como receber uma dose de gás do riso, só que aquele tipo o deixava confuso e com membros pesados, praticamente preso à cadeira.

Tinha tentado explicar a Rusty que Baldwin não estava morto. Só que o sujeito apenas sorriu, como se Matt fosse um menininho contando histórias, e bem ruim nisso. Então Matt ficou ali sentado, tentando ouvir a conversa na sala ao lado. Mas apenas conseguiu escutar o rumor de vozes pelas grossas paredes de madeira.

Ele tinha que sair. Tinha que explicar.

Matt se concentrou na porta e em reunir suas forças para saltar e sair correndo e...

Mal tinha se tencionado quando Rusty dissera:

– Pare. – Ele sabia exatamente o que o menino planejava.

– Relaxe, filho. Logo tudo vai acabar e você vai poder voltar para os seus familiares. Estão muito preocupados com você. Pelo que eu soube, seu pai sai de casa todo dia, à sua procura. Todo dia e toda noite. Seus irmãos também. Sua pobre mamãe fica esperando em casa, na esperança que você vá entrar pela porta a qualquer momento. E você vai. Em apenas umas duas horas. Você os verá, e tudo vai ficar bem.

– Fen não matou...

– O tribunal que vai decidir isso. Se ele não matou, vai ficar bem.

– Meu pai é xerife. Eu sei que Fen não vai ficar bem. Ele será preso, acusado e, se o juiz determinar fiança, ele vai ser mandado para um lar temporário, mas quase com certeza não vai ter fiança, porque eles acham que Fen matou alguém, o que quer dizer que ele vai ficar na cadeia até...

– Na detenção juvenil, não na cadeia. Pelo que eu ouvi falar, o menino bem que merecia.

– Fen...

A porta se abriu. Vovô estava ali. Matt se levantou num salto e, ao fazê-lo, as pernas enfraquecidas cederam e ele quase caiu, se segurando na cadeira bem a tempo.

Vovô não se mexeu para ajudar Matt. Rusty tentou, mas Matt se desvencilhou dele e se virou para o avô, que ficou ali parado, com um olhar distante, como se não tivesse notado Matt tropeçar.

– Parece que houve um erro – anunciou. – Balder... digo, Baldwin... ainda está vivo.

– Então Fen... A polícia não levou Fen? – perguntou Matt.

– Não.

Matt se deixou desabar na cadeira e exalou. A cabeça ainda estava confusa e as pernas e os braços pareciam estar atados a pedras, mas ele foi capaz de encontrar sua voz.

– Eu sei sobre o plano, vovô. Eu sei que você não espera que eu vença a Serpente de Midgard.

Vovô se sentou numa cadeira. Não parecia chocado. Apenas cansado. Incrivelmente cansado. Triste, também, o olhar baixo, as mãos pousadas no colo quando ele se inclinou para a frente, apoiando os cotovelos no joelho.

– Eu achei que você poderia saber – admitiu o avô, finalmente. – Você estava lá, no centro comunitário. Quando eu estava falando com os outros anciãos. Você ouviu.

– Não! Quer dizer, sim, mas eu não estava bisbilhotando. Tinha essa garota... ou eu achei que ela fosse uma garota... e eu a persegui e...

– Você acha mesmo que eu vou brigar com você por ter ouvido, Matty? – Vovô abriu um sorriso irônico e triste. – Você entreouviu quando eu disse

que não esperava que você sobrevivesse à batalha. Que eu esperava que você perdesse. Morresse. Não posso imaginar como você se sentiu.

Matt se lembrou de como tinha se sentido. Que aquela fora a pior coisa que já acontecera com ele. As mãos começaram a tremer, e ele as cerrou em punhos.

– Você está bravo – apontou vovô.

– Não, eu não estou... – Matt ergueu a cabeça e encarou os olhos azuis do avô. – Sim. Eu estou com raiva. Nunca estive com tanta raiva ou tanta... – Mordeu as palavras com um sacudir vigoroso da cabeça.

– Você achou que eu não acreditava em você. Que eu não achei que você seria capaz.

Matt deu de ombros.

– Não posso culpar você. Se eu fracassei em tudo mais, você concluiu que eu fracassaria nisso também.

Vovô franziu o cenho.

– Em tudo mais? Quando que você fracassou? – Fez uma pausa e assentiu com a cabeça. – Se você quer dizer fugir com os Brekke...

– Não, quero dizer antes disso. Em Jolablot, quando eu estraguei minha leitura. Na feira de ciências, quando eu não ganhei como os meus irmãos. Tudo.

Uma risada suave.

– Isso não é “tudo”, Matt. São um par de tropeços e, considerando que você recebeu uma menção honrosa na feira de ciências, isso mal conta como um “fracasso”. Seus irmãos são excelentes naquelas coisas em que eles são excelentes, e você é excelente naquilo em que você é excelente. Você tira As: em Inglês e História. Você tem seus troféus: em luta livre e boxe. Podem não ser as áreas nas quais os Thorsen são tradicionalmente os melhores, mas

foram as coisas que tornaram você algo que seus irmãos nunca poderiam ser: o Campeão de Thor. Seu representante escolhido.

– Escolhido para morrer, de acordo com você.

Vovô piscou os olhos, como se estivesse surpreso com o tom de Matt. O menino resistiu ao impulso de pedir desculpas.

– Não, não de acordo comigo, Matt. De acordo com as runas. De acordo com a Vidente. Você me ouviu dizer aquilo porque foi o que as runas disseram e, se eu discutisse, ficaria parecendo um velho sentimental. Blackwell não precisa de um velho sentimental, agora. Precisa de um líder. Alguém que esteja disposto a aceitar os fatos difíceis. Os fatos mais difíceis, mais desagradáveis, como a morte do neto favorito. Você sabe disso, não sabe, Matty? Que você é meu favorito?

Matt estremeceu. Ele não queria ouvir isso, não agora. Ele precisava ser um líder, e isso significava pensar claramente, não deixar que seus sentimentos levassem a melhor.

Vovô sussurrou alguma coisa para Rusty. O outro homem assentiu com a cabeça e saiu. Então vovô puxou a cadeira para mais perto de Matt, ficando tão próximo que os joelhos dos dois encostaram.

– Não quero que você morra, Matt. Farei tudo que eu puder para garantir que isso não aconteça, não importa o que eu disser aos outros. Eu tenho ideias. Planos. Não acho que a Serpente precise matar você.

– Mas você acha que o Ragnarök precisa vir. Ouvi você dizendo isso aos outros.

Vovô suspirou.

– Eu digo a eles o que eles precisam ouvir, porque o Ragnarök *está a caminho* e lutar contra isso não vai ajudar. É mais fácil se nós acreditarmos que será melhor se acontecer, e nos prepararmos para isso. – Ele encarou Matt. – Você não pode derrotar a Serpente, Matthew, não porque não seja

forte nem inteligente nem poderoso o bastante. Você não pode vencer porque está destinado a perder. As profecias dizem...

– As profecias estão erradas.

– Eu sei que você gostaria de acreditar nisso, mas...

– Elas estão. – Matt se levantou. – Fen não matou Baldwin. Foi uma garota chamada Astrid. Ela é uma bruxa sem conexão com Loki. Ela matou Baldwin e tentou roubar meu escudo, mas eu consegui pegar de volta, e nós fomos ao além-vida e falamos com Helen, e ela nos deu Baldwin de volta.

Vovô se espantou.

– Vocês foram ao...?

– Sim. Que nem nas histórias. Exceto que, nas histórias, Helen não devolve Balder, porque Loki não lamenta a morte dele. Estas *não são* as histórias. Loki não matou Balder. Loki lamentou. Helen devolveu Baldwin. Isso significa que as profecias...

Vovô se levantou e interrompeu Matt colocando a mão em seu ombro.

– Alguém fez alguma coisa com você, Matty. Talvez tenham lhe dado drogas. Eu não sei. Tem muita magia por aí, e alguém a usou em você. Não é possível que Baldwin tenha morrido e voltado, e certamente não é possível que você tenha ido a Hel e...

Matt se soltou.

– Eu fui. *Nós* fomos. Posso lhe contar tudo que a gente fez, se você me ouvir. Encontramos os gêmeos. Enfrentamos trolls. Lutamos com Saqueadores que viram lobos. Falamos com as Nornes. Cavalgamos com as Valquírias. Eu tenho meu escudo. Sei onde encontrar Mjölfnir.

– Você... você... – O avô parecia estar além das palavras.

– Sim. Tudo isso. Deixe-me explicar, e você verá que nós podemos vencer.

O avô colocou a mão no ombro de Matt.

– Sim, eu acho que você deveria explicar tudo, Matt. Me contar tudo que você fez. Tudo que você viu. E nós vamos buscar Mjölnir juntos...

A porta se abriu de repente. Era um menino que Matt nunca vira antes. Tinha uns dezesseis, dezessete anos. Da altura de Matt, só que mais magro. Cabelo loiro em tranças, amarrado atrás, com penas negras penduradas nelas. Laurie estava ao lado dele, parecendo ansiosa.

– Matt Thorsen – disse o menino com as tranças. – Se você já terminou de conversar com seu avô, acho melhor vocês botarem o pé na estrada.

– Quem...? – começou Matt.

– O nome dele é Vance – explicou Laurie. – Ele é um Berserker. São tipo o exército pessoal de Owen. Vão escoltar a gente daqui. – Ela deu uma olhada preocupada para o avô do amigo. – Espero que sem problemas.

Matt balançou a cabeça.

– Eu expliquei as coisas para o vovô. Ele entende. Ele vai nos ajudar...

– Ajudar vocês a encontrar Mjölnir? – perguntou o Berserker. – Foi isso que eu ouvi? Não acho que você queira a ajuda dele. Para falar a verdade, tenho certeza disso. Venha, Matt. Vamos tirar você daqui.

Matt olhou para Laurie. Ela fez que sim com a cabeça, os olhos implorando para que ele viesse e viesse rápido. Atrás dela, Matt viu Fen e Baldwin e, quando se inclinou para vê-los, os dois o apressavam também.

– Você já teve sua conversinha com o neto, coroa – afirmou o Berserker. – Agora temos que ter a nossa. Sobre você. – Fez uma pausa e abriu um sorriso que não aparentava graça. – Ou você prefere contar a ele pessoalmente?

– Me contar o quê? – perguntou Matt.

Olhou para o avô, que não tinha expressão alguma no rosto. Ele estendeu a mão para Matt, que recuou.

– Me contar *o quê?*

Outro adolescente entrou correndo, abrindo caminho até o primeiro.

– Vance, temos problemas. Ele deve ter chamado reforços.

– Quem? – perguntou Matt.

O recém-chegado apontou para o avô de Matt.

– Ele não queria bater papo com o Campeão de Thor. Queria era ganhar tempo para que suas tropas chegassem. Estamos cercados.

– Tropas? – indagou Matt. – Que tropas? – Fez uma pausa. – Você quer dizer os Thorsen.

Depois que ninguém respondeu, Matt saiu correndo pela porta, abriu caminho por entre Vance e Laurie, passou por Rusty, que estava parado na sala ao lado, cercado por Berserkers. Foi até a janela mais próxima e olhou. Havia garotos lá fora. Dúzias de garotos, com tacapes e facas. E lobos. Havia lobos.

Matt lembrou o que tinha dito a Astrid: que ele pensava que havia alguém mais comandando os monstros. Alguém que liderava Skull e os Saqueadores. Matt quis interrogar um Saqueador capturado, mas o cara escapou. Então Matt nunca obteve sua resposta.

Ele sabia agora. Ele sabia quem liderava a equipe adversária. Era o seu avô.



TREZE



MATT

“A SERPENTE SE ERGUE”

Matt deu as costas à janela. A cabana estava lotada de Berserkers, mas ele apenas conseguia enxergar que eles estavam no caminho, e que ele foi forçado a chegar para o lado para ver o avô.

– Eu não entendo – afirmou ele.

Vovô também não parecia notar os Berserkers. Ou não ligava. Estava numa sala com pelo menos quinze guerreiros lendários contra ele e Rusty, e não piscou o olho. Só andou adiante como se ele e o neto estivessem sozinhos.

– Eu não entendo – disse Matt de novo. – Eu simplesmente não... – Parou de falar. Soava idiota, repetindo a mesma coisa, mas era tudo que ele ouvia, num loop em sua cabeça.

Tinha acabado de descobrir que o avô estava no comando dos Saqueadores. Dos *Saqueadores*. O que significava que ele estava no comando de Astrid e todas as forças que se alinhariam contra ele e Fen e Laurie no Ragnarök.

Não era possível. Um Thorsen comandando os monstros. Liderando-os contra o Campeão de Thor. Contra *Matt*, seu neto.

Eu não entendo.

De alguma forma, aquilo era pior que aquele momento no centro comunitário, quando ele ouvira que o avô esperava que ele morresse.

Não, não de *alguma forma*. Matt sabia por que era pior. Porque, pelo menos antes, por mais que doesse, ele tinha confiado que o avô acreditava que não havia escolha. Acreditava que Matt morreria. Que era para o melhor. Para os Thorsen. Para Blackwell.

Mas isto? *Isto?*

– Blackwell – disse ele, finalmente. – Os Thorsen. Todos os Thorsen. Nossa cidade. Você vai deixar...

– Deixar que eles vivam – completou vovô, ainda se aproximando. – Ajudá-los a viver. Liderá-los num novo mundo. Um mundo melhor. Tudo que eu disse é verdade, Matt. Você não vai vencer. Eles... – apontou para os Saqueadores do lado de fora da janela. – Eles não vão vencer. Não estou escolhendo um lado. Estou do seu, e estou do deles. O Ragnarök virá, e ninguém vencerá a batalha. Os dois conjuntos de campeões vão morrer, por um mundo melhor. Um mundo renascido. Sim, a maioria das pessoas morrerá, e é uma tragédia terrível. Só que os Thorsen seguirão vivos, sob a minha liderança. Os Saqueadores vão ajudar. Eles vêm treinando para isso por gerações. Treinando para sobreviver a qualquer coisa. Até mesmo o fim do mundo. E vão nos ensinar como.

– E eu?

O avô hesitou.

– Ainda tenho esperanças de salvar você, Matt. Se houver um jeito...

– Mentira! – rugiu Matt. A palavra saiu alta como o trovão, explodindo em seu crânio e ecoando pela sala. Alguns dos Berserkers cambalearam para trás, como se Matt os tivesse atingido com o Martelo.

Vovô nem piscou.

– Matty, você precisa se acalmar...

– Me acalmar? Você mentiu. Está mentindo agora. Mentiu para mim minha vida inteira!

Matt avançou contra o avô. Ao fazê-lo, tremia tanto que parecia que o chão vibrava aos seus pés. Sentiu algo no rosto, algo quente e molhado, e percebeu que eram lágrimas. A vergonha o trespassou, e a vergonha alimentou a fúria, girando em seu estômago, e o Martelo queimava tão forte que doía, e a cabeça doía também, latejando, com a raiva acumulada.

O avô se manteve firme, com uma expressão rígida no rosto.

– Matthew...

– Seu neto favorito? Seu *sacrifício* favorito. É *isso* que eu sou. O único burro o bastante para cair nessa.

– Não, Matt, não é verdade. Você é meu fav...

– Mentira! – berrou Matt, deixando o Martelo voar. Não teve nem que estender a mão. A onda de energia pareceu ser lançada do corpo inteiro do menino com um clarão ofuscante e um *crack* ensurdecedor.

O Martelo atingiu o avô como um relâmpago, lançando-o contra a parede enquanto os Berserkers corriam para sair do caminho, alguns deles caindo por conta da reverberação.

O chão tremeu sob os pés de Matt.

Não é o chão. Eu estou tremendo. Por causa dele. Do que ele fez.

A raiva chicoteava dentro dele, e Matt jurou ter ouvido ela estalar, jurou ter visto fagulhas azuis saltando de sua pele. Continuou andando, avançando contra o avô, agora caído no chão.

– Você mentiu...

Vovô se levantou num salto e lançou o próprio Martelo, empurrando Matt um passo para trás.

– Matthew Robert Thorsen – disse ele, a voz baixa, o rosto duro. – Você se acalme agora mesmo ou...

– Ou o quê? – retrucou Matt. – Ou você me sacrifica para uma droga de *Serpente*?

Ele rugiu a última palavra e, ao fazê-lo, ouviu mais um estalo e sentiu o chão tremer. Ao seu redor, os Berserkers cambalearam e se agarraram às paredes, com olhos arregalados.

– Hum, pessoal? – chamou Baldwin.

Matt viu, pelo canto do olho, Baldwin apontar para alguma coisa, mas continuou avançando. O avô estava de pé, firmado, com olhos azuis incandescentes e dedos estendidos.

– Você vai me derrubar? – perguntou Matt. – Lançar seu Martelo? Me ensinar uma lição?

– Não, Matt, eu jamais machucaria...

– Você já machucou!

A cabana ribombou ao redor deles, como se um trovão a atravessasse.

– Matt!

Era Laurie, segurando seu braço. Ele se livrou dela, mas a menina o segurou de novo, dirigindo sua atenção a uma rachadura na parede, por onde a luz do dia entrava.

Por que tem uma rachadura...?

O piso se lançou para cima, contra os pés dele, fazendo Matt cambalear para a frente e, quando ele se virou, estava de cara com uma tábua do chão, espetada reta no ar e rachada bem no meio, com a ponta estilhaçada ainda tremendo. Enquanto ele fitava a tábua, outra igual disparou para cima, se soltando e jogando pregos. Depois outra, e mais outra...

– Todo mundo para fora! – gritou Vance.

Matt não se moveu. Ficou ali parado, assistindo às tábuas do piso explodindo e voando, como se houvesse alguém debaixo delas, empurrando para cima, para fora...

Fen segurou seu braço.

– Mexa-se, Thorsen! Este lugar vai...

Um *crack* ribombante, bem aos pés deles, e tábuas cederam. O avô correu para a porta. Fen puxou Matt, arrastando-o pela sala enquanto as tábuas desabavam atrás deles, caindo num...

Num buraco. As tábuas caíam num buraco. Uma cratera escancarada, que se abria bem embaixo...

– Fora! – gritou Matt, girando e empurrando Fen para a porta. – Todo mundo para fora agora!

Quase todo mundo já estava correndo, mas alguns dos Berserkers mais jovens ficaram parados, contemplando horrorizados o piso que sumia sob seus pés. Os mais velhos perceberam que eles não estavam seguindo e começaram a arrastá-los para fora. Bem quando Matt empurrava um deles para segurança, ele ouviu outro *crack* e olhou para cima para ver a fissura na parede descer, como um zíper, partindo a cabana em duas, enquanto as vigas caíam do teto.

– Thorsen! – gritou Fen. – Caia fora...

As tábuas desabaram no chão e interromperam Fen. Matt olhou em volta, mas só conseguiu ver escombros caindo, poeira subindo e a cabana desabando. Ele tentou correr para a porta.

– Baldwin! – Ele ouviu Fen gritar. – Cadê o...?

Mais uma vez, o caos trovejante o cortou. Matt se virou, piscando e tentando ver por entre a poeira, até...

Viu Baldwin do outro lado da cabana. Encostado na parede. Matt correu até o amigo enquanto o chão continuava cedendo. Conseguiu chegar lá e,

quando a poeira clareou por um segundo, viu Baldwin fitando o abismo que crescia aos seus pés.

– Tem alguma coisa lá embaixo – sussurrou Baldwin.

Matt se virou. O buraco ainda crescia, só que mais devagar. Primeiro, foi só isso que ele viu; o buraco. Era quase tão grande quanto o piso da cabana, um poço escuro com canos e raízes espetadas como palitos, levando à escuridão. Escuridão infinita.

Um cheiro úmido e azedo subiu e, das profundezas, Matt ouviu um estranho barulho seco e sussurrante.

– Temos que ir – disse ele.

– Não, eu vi alguma coisa – respondeu Baldwin. – Tem...

O chão tremeu e terra choveu das laterais da cratera e, por um momento, foi tudo que Matt viu, mas então a terra saiu da frente e...

Alguma coisa faiscou nas profundezas escuras. Alguma coisa longa e pálida, entrando e saindo de vista ao se retorcer tão rápido que Matt só captou um relance. Continuou encarando, mas não viu de novo. Um único vislumbre de...

O chão tremeu mais uma vez e um cheiro se elevou, um horrível fedor podre que fez Matt recuar. A terra caiu de novo, e a coisa apareceu mais uma vez, e desta vez Matt a viu. Viu escamas, enormes escamas num corpo enorme, girando e rolando no buraco, se raspando nas raízes, fazendo a terra tremer ao fazê-lo. Matt viu, e soube o que era.

– A serpente – sussurrou ele. – Eu acordei a...

O chão corcoveou sob os pés dele, a Serpente corcoveando debaixo da terra, as tábuas gritando ao se libertar, voando como palitos de fósforos enquanto enormes torrões de terra desmoronavam no buraco. Conforme esse buraco crescia. Bem sob os pés deles.

– Vamos!

Matt teve que gritar para ser ouvido por cima do barulho. Virou-se para sair por onde tinha entrado e, ao fazê-lo, o piso desabou para o vazio. A tira inteira desapareceu, até a parede, engolindo a rota de fuga. Matt deu meia-volta para ir até o outro lado, mas o chão já tinha sumido.

Eles agora estavam de pé em duas tábuas. Duas últimas tábuas. Presos entre o buraco e a parede. Enquanto a Serpente de Midgard se retorcia e rolava e fazia a terra tremer, fazia a terra *desabar*, bem aos pés deles. Tudo ao redor dos meninos mergulhou na cratera escancarada, levando os dois consigo.



CATORZE



FEN

“O ATAQUE DOS BODES”

Fen e Laurie tinham escapado da casa desmoronante. Fen olhou para trás, para a cabana: pedaços de madeira e pedra espetados em ângulos estranhos, e o ar estava nublado com toda poeira e terra levantados pela queda. *Não foi uma catástrofe completa*, pensou ele. A casa estava totalmente destruída, mas a situação estava melhor do que ele tinha esperado. Fez uma pausa. *Quando casas desabando terra adentro são o melhor resultado, o que isso quer dizer?* Balançou a cabeça e continuou observando os destroços.

Os Berserkers, o pequeno exército pessoal de Owen, tinha começado a lutar contra os Saqueadores. Indivíduos e pequenos grupos se enfrentavam por toda parte da caverna recém-criada. O prefeito Thorsen e o caçador pareciam se manter afastados. O caçador estava armado, e se portava como um guarda protegendo o prefeito.

– Baldwin – chamou Fen, vasculhando a multidão do melhor jeito que dava com o ar poeirento obscurecendo tudo. – Cadê Baldwin?

Laurie balançou a cabeça.

– Eu não sei. Cadê o *Matt*?

Um peso angustiante recaiu sobre Fen. Eles tinham acabado de resgatar Baldwin de Hel, e tinham acabado de puxar Matt do rio de ensopado de zumbi. Agora os dois estavam desaparecidos de novo. Fen estava incrivelmente feliz de não ter ido para a cadeia, mas aquilo não era muito melhor.

– Como é que vamos chegar na batalha do fim do mundo se todo mundo fica se machucando, morrendo ou desaparecendo? – resmungou Fen. Ele lançou um olhar bravo de advertência à prima e comandou: – Fique comigo.

– Obviamente – respondeu ela com um revirar de olhos.

– Thorsen! Cadê você? – Fen se esquivou de um soco de um Saqueador ainda em forma humana, e depois se permitiu sorrir quando um Berserker se atirou contra o Saqueador com algum tipo de chute voador. Eles tinham um estilo de combate tão estranho; era como uma combinação de artes marciais com esportes radicais com parkour.

Os Berserkers mantinham uma espécie de perímetro ao redor da casa, dando aos descendentes do Norte espaço para sair dos escombros. A julgar pelos Berserkers que passavam voando inesperadamente, o prefeito Thorsen fazia o mesmo com seu amuleto. Os dois lados da luta evitavam que o outro chegasse perto demais da cratera onde a casa estivera.

Fen ficou surpreso quando o prefeito não fez nada para impedir que ele e Laurie fossem em direção ao buraco, onde Fen presumia que Matt ainda estaria. Desejou ter alguma coisa como o Martelo de Matt, o arco de Laurie ou a magia de Ray e Reyna. Se o prefeito usasse o Martelo contra Fen e Laurie, eles estariam indefesos. Talvez o velho Thorsen não soubesse aonde eles iam, ou talvez ele quisesse que alguém resgatasse Matt... o que fazia sentido, mas também era meio esquisito.

Conforme Fen e Laurie chegaram mais perto da cratera, o rapaz viu Baldwin e Matt parados numa beirada nas ruínas da casa. Abaixo deles,

havia a escuridão escancarada.

– Não se mexam – gritou Fen.

– Pode acreditar que a gente não tem a menor intenção – respondeu Matt.

– A gente *vai ter* que se mexer a não ser que a gente queira ir para perto de qualquer que seja o monstro no buraco – argumentou Baldwin.

Quase como se não conseguisse resistir a contemplar as trevas, Matt baixou o olhar. Seu rosto estava tenso, e ele engoliu em seco perceptivelmente.

– Baldwin disse que trouxe as suas mochilas – foi tudo que Matt disse, porém. – Talvez alguma coisa útil apareça nelas.

– Estão encostadas ali na árvore, debaixo de algum tipo de cerca. Flores amarelas, eu acho – ofereceu Baldwin, prestativo.

Fen tinha uma ideia geral do que Baldwin queria dizer. Infelizmente, ficava do outro lado da batalha. O ar não estava clareando muito rapidamente, então uma bruma cinzenta se mantinha, como um nevoeiro terroso ao redor deles.

– É claro que as mochilas estão do lado de *lá* – resmungou.

Laurie e Fen se entreolharam.

– Talvez tenha cordas ou cipós por aqui – sugeriu Laurie enquanto começava a se afastar de Fen.

Ele segurou o braço dela.

Fen bateu o pé um pouco, testando o solo.

– Este pedaço parece mais ou menos estável. Fique aqui. Bem aqui.

– Então o plano é torcer para que eu não caia para minha morte enquanto você encara uma matilha de lobos? – murmurou Laurie.

– Basicamente.

A voz de Matt veio do buraco no chão.

– Humm... pessoal? Não quero apressar vocês, mas...

Quando Fen olhou para baixo mais uma vez, notou como Matt parecia exausto e desgastado. Tinha passado por muita coisa. Todos eles tinham. Claro, o pobre Matt tinha sido drogado, e acabara de passar pelo choque de descobrir que sua família não era tão perfeita quanto pensava. Não apenas o velho não via problemas em Matt ser comido por uma cobra, mas ele também parecia estar mancomunado com os Saqueadores. A própria família de Fen não parecia tão terrível, em comparação. Por outro lado, vários dos Saqueadores que lutavam pelo prefeito também eram parentes de Fen. Nem todo mundo numa família era *bom*, mas os descendentes do Norte – os amigos dele, os *heróis* – eram bons. Fen não ia decepcioná-los como as suas respectivas famílias os tinham decepcionado.

– Mantenha Matt seguro – disse Fen a Baldwin.

E então ele se transformou em outra coisa, uma coisa peluda e capaz de disparar por meio da multidão. Com um rosnado feliz, Fen percebeu que a transformação estava mais rápida do que tinha sido antes da visita a Hel. Não era tão instantânea quanto fora no domínio de Helen, mas era mais veloz que a de qualquer *wulfenkind* que ele conhecia.

Infelizmente, uma vez que era um lobo, ele era só... ele mesmo. Não parecia ter velocidade adicional ou dentes mais afiados. Era apenas Fen. Foi rapidamente interceptado por uma loba quase branca. Era Hattie, irmã de Skull e segunda-em-comando da matilha. Ela lhe ofereceu o que parecia ser um sorriso ameaçador. Não era isso, não exatamente, mas o cérebro dentro de Fen ainda era humano, e sua mente humana traduziu a expressão lupina às palavras humanas.

Fen rosnou e repuxou os lábios, exibindo os dentes para ela.

Hattie nem pareceu notar. Fen teria que investir contra ela; era a única forma que ele via de passar pela adversária e alcançar as mochilas. Por sorte,

qualquer que fosse a magia que tornava as mochilas capazes de entregar roupas e sanduíches também entregaria cordas para puxar Matt e Baldwin de volta à segurança.

Fen se jogou contra Hattie. Não foi um ataque gracioso, mas lutar não tinha nada a ver com pontos e beleza. Tinha a ver com ferocidade. Era por isso que Fen jamais poderia fazer aquelas coisas de luta-livre e boxe que Matt fazia. Eram muito arrumadinhas. Fen lutava porque era obrigado a lutar, e seus únicos troféus eram o direito de se gabar depois e a capacidade de sobreviver.

No que Fen aterrissou meio em cima de Hattie, ela se atirou para o lado, empurrando o lobo depois de alguns momentos nos quais ele tentou se agarrar precariamente ao pelo dela. Fen nem tinha conseguido se endireitar quando Hattie girou e partiu contra a garganta dele. Era uma manobra previsível, e ele se afastou rapidamente.

Hattie avançou decidida, sem atacar, mas intimidadora. Chegou cada vez mais perto, fingindo mordidas que eram só para assustar, não para ferir... pelo menos, não ainda. Ela sempre gostava de brincar com as vítimas. Era uma tendência cruel, muito mais humana que lupina.

Fen investiu de novo, desta vez contra a pata dianteira esquerda. Colidiu contra ela, que se desequilibrou. O lobo baixou a cabeça e mordeu a perna de Hattie, não forte o bastante para machucar, mas o suficiente para dar um susto. Ela caiu, num movimento desengonçado que parecia que ela tinha se ajoelhado.

Aquele momento de distração era o que Fen queria. Continuou em movimento, fugindo para longe de Hattie em direção à cerca onde as mochilas estavam escondidas. Não era um grande plano, mas Fen meio que torcia para que Hattie fosse nocauteada por um dos Berserkers. Ele

precisava voltar para Matt, tirar ele e Baldwin do buraco, e tirar Laurie daquela área.

Fen disparou em meio à batalha, se esquivando dos lobos e Berserkers, dardejando sob pernas, saltando sobre combatentes que rolavam no chão ao tentarem ferir um ao outro. Não olhou para trás, mas ouviu Hattie rosnando enquanto o perseguia.

Mergulhou por sob a cerca, mordeu as mochilas... e percebeu que eram particularmente leves. Fen teve esperanças de que fosse porque eram mágicas. Não teve tempo de conferir. *Concentre-se*. Girou e percebeu que não poderia passar por Hattie. Ela estava bem ali, com patas plantadas e pronta para atacar.

Com uma onda de desapontamento com o próprio fracasso, Fen soltou as mochilas e se preparou para enfrentá-la. Teria que derrotar Hattie para alcançar os amigos, porque não poderia deixar que ela o seguisse de volta ao desabamento. Os dois se encararam, ambos procurando a fraqueza que permitiria um ataque bem-sucedido.

Então, Hattie soltou um ganido agudo ao ser lançada para trás de repente, para longe de Fen, por uma força invisível.

Thorsen?, pensou Fen, olhando em volta em busca do menino ruivo. Talvez Laurie tivesse encontrado uma corda e o puxara para fora. Fen ficou de queixo caído ao ver o prefeito olhando para ele. *Tinha* sido um Martelo dos Thorsen, só que não do Thorsen que ele esperava. O prefeito, o homem que pouco tempo antes tentara fazer com que Fen fosse preso por assassinato, tinha acabado de atacar um dos seus próprios Saqueadores.

– Salve Matt! – gritou o prefeito Thorsen.

O prefeito *tinha* mantido os outros afastados de onde Matt estava preso. Fen ainda estava confuso, tentando entender por que a pessoa que tinha ordenado a captura de Matt agora queria salvá-lo, mas não ia perder tempo

tentando desvendar o mistério. Agarrou de novo as mochilas com os dentes e saiu correndo de volta aos amigos.

Foi um pouco mais fácil atravessar a área de combate desta vez. Fen não sabia se era porque os Berserkers estavam vencendo, ou porque Hattie não o perseguia mais. De qualquer maneira, correu para Laurie com as mochilas bem presas nos dentes. Quando estava quase à beira do buracão, reduziu a velocidade de uma cavalgada a um trote cauteloso, para não soltar as mochilas – ou derrapar caverna adentro.

Afrouxou a força que segurava as mochilas e elas caíram no chão ao lado de Laurie. Quase distraidamente, ela deu tapinhas na cabeça do primo, bagunçando seu pelo como se fosse um cachorro. Se qualquer outra pessoa tivesse feito aquilo, ele a teria mordido, mas Laurie era sua melhor amiga e prima. Fen raramente esperava que ela seguisse as mesmas regras que todo o restante do mundo.

No breve instante que ele levou para se transformar de volta em humano, Laurie já tinha aberto a mochila dela.

– Ahá! – comemorou a menina. Pôs a mão na mochila e puxou uma corda resistente. Parecia nova em folha, enrolada e amarrada como se tivesse sido medida numa loja de ferragens há poucos instantes.

– Obrigada, tia Helen – murmurou Laurie. Ela lançou um olhar enfático para Fen.

– Certo. Valeu, tia H – resmungou Fen.

Laurie revirou os olhos para ele e, ao mesmo tempo, começou a desenrolar a corda e baixar a ponta para Baldwin e Matt.

– Conseguimos! Aqui, peguem isso! – gritou ela.

Agora, Fen não estava pronto para começar mais uma rodada de “eu consigo fazer tudo que você consegue” com Laurie, então nem se deu o trabalho de pegar a corda dela e apontar que não havia a menor chance de

ela puxar Baldwin e Matt, especialmente considerando que, na verdade, ele não sabia bem se *ele mesmo* conseguiria puxar Matt. Thorsen não era exatamente um cara miúdo. Fen provavelmente poderia puxar Baldwin para fora, e os dois talvez conseguissem erguer Matt.

– Baldwin primeiro – sugeriu Fen, ainda tentando pensar em uma boa forma de lidar com a prima sem uma discussão. – Eu pego a corda.

– Fen?

Ele pensou que, de alguma forma, ela sabia que os dois teriam que bater boca, mas então percebeu que ela olhava para detrás dele. Fen olhou para trás e viu um Saqueador correndo na direção dos dois. O menino tinha mais ou menos o tamanho de Fen, deveria ser um dos *wulfenkind* mais novos.

– Deixa comigo – afirmou ele, mas Laurie simplesmente lhe entregou a corda.

– Não – retrucou ela. – Você cuida de Baldwin e Matt.

– Mas o quê...

– Arco – anunciou ela enquanto pegava a mochila e a abria. Em instantes, estava com o arco sem flechas na mão. Não olhou para Fen enquanto acrescentou: – Não sou tão forte quanto você.

Fen lhe deu as costas, tentando se obrigar a não observar a prima, concentrando-se em jogar a corda para Baldwin.

– Peguei! – gritou Baldwin.

Fen ouviu um ganido atrás de si, e depois Laurie murmurou:

– Te peguei.

Fen não olhou para trás. Cravou os calcanhares no chão, torcendo para que não desmoronasse aos seus pés como a casa, e tentou segurar forte enquanto Baldwin escalava. Não sabia bem se poderia ter puxado o amigo, mas Baldwin subia pela corda como um macaco alegre.

Em poucos e curtos minutos, Baldwin estava ao lado de Fen.

– Tem mais deles – avisou Laurie.

Fen deu uma olhada na prima e viu quando ela puxou a corda outra vez. Então, debaixo do solo, ele ouviu um ribombar e sentiu a terra tremer. Meio que jogou, meio que balançou a corda para Matt e, junto com Baldwin, puxou Matt para cima. Tirá-lo da cratera foi um pouco mais complicado. Ao contrário de Baldwin, Matt não era um grande escalador, mas era forte, e estava se esforçando.

Enquanto Matt subia para fora do buraco, deu algumas olhadas para trás e, quando Fen seguiu o olhar e viu o que pareciam ser escamas reluzindo nas trevas, entendeu por que Matt parecia tão tenso. Qualquer que fosse o monstro que se contorcia no fundo, tinha que ser imenso. O tremor de terra ou a explosão da casa ou sabe-se lá o que deve ter perturbado sua toca.

– Mais rápido – urgiu Laurie. – O chão está tremendo de novo.

Fen não contou à prima o que tinha visto; só puxou a corda com mais força. Depois do que pareceram vários minutos, mas provavelmente foi muito menos tempo, Matt escalou para fora do poço, para o chão ao lado. Engatinhou para um pouco mais longe da beira antes de se levantar.

Fen espiou as trevas lá embaixo, e qualquer que fosse o monstro que ele vira tinha sumido. Não o mencionou para Baldwin ou Laurie, mas olhou para Matt e anunciou:

– Ele se foi.

Matt concordou com a cabeça e depois decidiu:

– Vamos dar o fora daqui.

– Estou completamente de acordo. – Fen pegou a mochila dele e a de Laurie, e passou as alças pelo ombro.

Baldwin também pegou sua mochila e falou com Matt:

– Deixei a sua num lugar seguro, por causa do escudo.



Laurie continuou com o arco na mão, e estendeu a outra mão para a mochila.

– Eu posso carregar a minha.

Fen a entregou e os quatro correram em direção à mata do outro lado da luta, onde os Berserkers mantinham uma linha de defesa. Os Berserkers pareciam ter um pouco de dificuldade enquanto os Saqueadores avançavam em uníssono contra eles. Por mais que os Berserkers lutassem com criatividade e estilo, os *wulfenkind* tinham uma ferocidade plena que lhes dava vantagem na hora de atacar.

– Deveríamos ajudá-los – comentou Matt.

– Laurie, você e Matt podem ficar aqui atrás. Vocês têm armas que funcionam de longe – começou Fen.

– Eu posso ir – discordou Laurie.

– Eu preciso que você proteja Matt – sussurrou Fen. – Ele não está com uma cara muito boa. – Depois se virou para Baldwin e continuou: – Você cuida de qualquer um que passar por mim.

Matt estava anormalmente calado, e Fen ficou preocupado que seu plano fosse burro. Ele não *queria* mergulhar em mais uma luta, mas não poderia fazer nada de longe; e tanto Matt quanto Baldwin pareciam cansados. Além disso, ele obviamente não queria mandar Laurie para o combate.

– Tanngriðir e Tanngjóstur – disse Matt de repente numa voz forçada.

– O quê? – Fen olhou na direção para onde Matt apontava.

Os dois bodes maiores lideravam a manada, o pelo branco destacado nas trevas, e as cabeças abaixadas para que os enormes chifres castanhos pudessem atingir Saqueadores e *wulfenkind*.

– O ataque dos bodes! – exclamou Baldwin, maravilhado. – Maravilha!

Ninguém falou por um momento. Matt contemplava chocado seu exército de bodes, e Laurie já disparava flechas contra os inimigos. Baldwin

sorria como um maluco diante da cena de uma manada enfurecida de bodes. É como um circo *esquisito*. O estilo acrobático dos Berserkers e a investida dos bodes que baliam era uma das coisas mais estranhas que Fen já tinha visto.

– Eles vieram mesmo – comentou Matt, soando um pouco chocado.

Então uma das Berserkers indicou com um gesto que eles deveriam seguir adiante. Ela gritou:

– Deixem conosco. Vão para o acampamento.

O acampamento?

– Novo plano, então – decidiu Baldwin. Ele seguiu na frente, então, obviamente, pelo menos um deles sabia para onde os quatro iriam.

Com uma última olhada para os lobos que eram derrotados pelo grupo cada vez maior de bodes, Fen seguiu o menino que antes estivera morto, a prima com suas flechas invisíveis, e o líder do grupo – cujo avô liderava os inimigos. *Nada de estranho por aqui*, pensou Fen.

É, tá bom.

QUINZE



LAURIE

“LUTANDO COM TODO MUNDO”

Laurie via os lobos e garotos lutando, os lobos e bodes lutando, mas também via garotos lutando com garotos. Ver garotos lutando com garotos parecia de alguma forma diferente, *pior* que a maioria das lutas. Talvez fosse porque eles tinham se acostumado a enfrentar monstros. Aqueles não eram monstros; eram apenas garotos que pareciam acreditar que o fim do mundo era uma boa ideia; ou talvez eles não *soubessem* que os descendentes do Norte tentavam deter o Ragnarök. Tal ideia lhe deu esperanças.

É claro, nada disso mudava o quão péssimo aquele dia tinha sido. Fen quase fora preso, Matt levara um tiro, e houve um momento horrível em que Laurie pensou que todos eles morreriam quando a cabana começou a desabar abaixo e em volta deles. Ela quase preferia lutar com trolls. Com eles pelo menos os mocinhos e bandidos eram mais distinguíveis.

Os Berserkers investiram e se moveram por entre as árvores e ao redor uns dos outros como acrobatas numa apresentação. O prefeito usava o Martelo de Thor dele contra os meninos, mas os Berserkers aproveitavam os empurrões de energia como se descobrissem camas elásticas invisíveis no ar.

Se jogavam de árvores, lobos e outros Berserkers, quando dava, e pousavam em rolamentos fluidos e saltos mortais quando não encontravam superfícies no ar de onde saltar. No meio da luta, virando a maré, havia os bodes. Os chifres afiados davam cabeçadas em lobos e mais lobos. Com a chegada dos bodes, os heróis estavam em número maior que seus inimigos.

Laurie balançou a cabeça diante da alegria que os Berserkers pareciam encontrar no caos da luta e, o tempo todo, manteve seu arco preparado. Estava com Baldwin, Fen e Matt – três dos heróis necessários para a grande luta final –, e não ia deixar nada nem ninguém levar algum dos meninos.

Já que os Berserkers e bodes mantinham os Saqueadores ocupados, o pequeno grupo conseguia atravessar a área de combate com relativa facilidade. Matt parecia abalado, mas Laurie não sabia se era por causa do avô, do tranquilizante ou mesmo por conta da cabana que desabou. Baldwin estava... Baldwin. Sorria e caminhava com eles, parecendo disposto a se jogar na luta, mas também feliz em ficar com os amigos. Fen lançava olhares para todas as direções, e, do seu jeito típico, se mantinha muito perto dela.

Laurie sabia que o primo tinha ficado abalado com a quase-prisão. Parecera positivamente humilhado ao ser algemado e, mesmo que ela não fosse comentar com ele que notara, ela *tinha* ouvido o medo na voz de Fen. A morte de Baldwin fora difícil para todos eles, assim como o resgate de Hel, mas Fen se sentia culpado por não ter salvado o amigo, e já fora acusado antes de assassinar o menino, por Astrid.

– Astrid – deixou escapar Laurie.

Matt ficou tenso e olhou em volta.

– Onde?

– Não, quer dizer, ela é a única que poderia ter testemunhado sobre o assassinato de Baldwin – explicou Laurie.

Os meninos ficaram quietos por um momento enquanto penetravam mais na mata, deixando finalmente a luta para trás. Então um estrondo atrás do grupo deixou os três rapazes ainda mais tensos. Por instinto, os quatro se organizaram num pequeno círculo, com todos de costas para o centro, cada um olhando numa direção diferente. Num borrão de braços e pernas, dois Berserkers apareceram dando cambalhotas na trilha.

– Aquilo foi mais divertido do que eu esperava – anunciou um deles.

– Odin deve estar esperando – acrescentou outro com um sorriso. – Vamos lá.

Agora que havia estranhos entre eles, os descendentes pararam de falar sobre seus inimigos em potencial. Os Berserkers até podiam ser a força de combate particular de Owen, mas não eram descendentes do Norte.

Quando eles chegaram ao acampamento, um pouco mais tarde, Laurie ficou feliz em ver que era um camping bem mantido, cercado por um pequeno bosque. Estava cansada de improvisar barracas no mato. O camping era perfeito: tinha água corrente, e parecia estar deserto. Não havia nenhum trailer ou barraca à vista. As únicas pessoas eram alguns Berserkers e um garoto familiar com cabelos azuis e um tapa-olho.

Laurie sentiu uma felicidade estranha ao ver Owen esperando ali. Ele sorriu e veio até ela. Laurie teria ido até ele, mas Fen parou na sua frente.

– É o *Owen* – disse ela atrás do primo.

Owen continuou andando como se Fen não estivesse entre eles.

– Obrigado por ter me emprestado seus Berserkers. – Baldwin foi até Owen como se o conhecesse desde sempre e estendeu a mão. Isso era típico de Baldwin. O rapaz provavelmente caminharia calmamente até os Saqueadores, se ninguém estivesse dando socos.... Ou mesmo se estivessem.

Perplexo, Owen apertou a mão dele.

– Que bom que você está bem.

Fen não se moveu.

Owen cruzou os braços e os encarou.

– Olá, Fenrir.

Em silêncio, Fen encarou Owen. Depois de um momento, Owen deu de ombros e comentou:

– Acho que você deveria saber que eu não machucarei Laurie... Não da forma que você fará.

Antes que Laurie pudesse reagir, Fen se atirou de corpo inteiro contra Owen. Acertou um soco antes que Baldwin e Matt o agarrassem e puxassem de volta.

– Fique longe da minha prima – rosnou Fen.

Estranhamente, Owen sorria para Fen, como se aprovasse as ações dele.

– Ótimo. Talvez, agora que nossa briga está fora do caminho, as coisas melhorem no futuro. – Owen assentiu com a cabeça uma vez, depois se virou para Matt. – Lamento o que aconteceu com seu avô. É muito difícil quando a família nos decepciona. – O olhar dele escorregou para Laurie quando ele disse essa última frase. Sorriu entristecido para ela e depois voltou sua atenção a Baldwin. – É bom que você não esteja mais morto. Se você continuasse em Hel, nós teríamos menos opções para resgatar Matt. – Owen franziu o cenho. – E Fenrir teria ficado infeliz na cadeia. Eu acho que agora o risco de prisão foi completamente eliminado. Não vejo nenhuma opção em que isso se altere.

– Meu nome é *Fen*, não Fenrir – rosnou o primo de Laurie, se livrando das mãos de Matt e Baldwin. – Apenas Fen.

– Você não é *apenas* um aspecto, Fen. Nenhum de nós é. – Owen balançou a cabeça.

Dois corvos chegaram e pousaram nos ombros dele. Eram aves negras enormes, mas Owen nem pareceu notá-las.

– Eu *já vi* esses corvos antes. – Laurie fitou os corvos e então lançou um olhar bravo para Owen. – Achei que você tivesse dito que não tinha corvos, como Odin tinha.

– Não tive até recentemente – respondeu Owen. Ele parecia culpado, e Laurie se perguntou *quão* recentemente ele conseguira os bichos. Considerando como ele parecia nervoso de repente, ela tinha bastante certeza de que os dois estavam com ele antes da conversa daquela noite com o arco.

– Eu vi esses corvos em Hel – comentou Matt. – Quando a gente estava com Garm.

– E com os zumbis – acrescentou Baldwin. – Lembra, Fen?

– É, eu lembro. – Fen parou ao lado de Laurie, não exatamente na frente, mas quase. – Por que seus pássaros estão nos seguindo? Se você quer nos vigiar, por que não vem conosco?

Owen lançou um olhar carregado de aprovação genuína para Fen.

– Memória e Pensamento vão aonde eu não posso... ou quando eu não posso. Eu não podia ir a Hel. Tinha que ficar aqui e perder meu olho. – Ele ergueu o tapa-olho para que todos pudessem ver o ferimento.

A raiva de Fen pareceu se esvaír enquanto ele fitava a pele vermelha onde Owen tinha sido ferido. Abriu a boca, mas não disse nada. Ficou ao lado de Laurie. Ela não sabia bem o que falar. Já tinha dito a Owen o quanto ela sentia, quando ele mostrou como usar o arco.



– Que droga, cara. O lance do olho – interveio Baldwin no silêncio.

Os lábios de Owen se torceram num misto de risada e sorriso, mas ele disse apenas:

– É mesmo.

Os pássaros começaram a fazer barulhos horríveis, algo que não soava nem como corvos, nem como pessoas, mas como uma combinação bizarra dos dois. Os bicos afiados estavam tão próximos do rosto de Owen que Laurie ficou preocupada. Sabia que os pássaros eram dele; eram extensões dele, de acordo com os fragmentos de mitos que ela conseguia lembrar; mas ainda eram criaturas assustadoras com garras e bicos que cortavam como facas.

– Eu preciso partir agora – anunciou Owen. – Eu esperava que, se Fenr... se Fen me atingisse mais cedo, seria diferença o bastante para o que virá mais tarde. Não consegui mudar os detalhes maiores, mas esperei que seria o suficiente... Eu queria ficar. – Ele deu um passo à frente para contornar Fen e se aproximar de Laurie.

Fen rosnou.

Em uníssono, os corvos giraram as cabeças para encarar Fen.

– Pare com isso! – exclamou Laurie para Fen enquanto o empurrava para o lado. – Não estou em perigo.

– Os corvos não vão machucar nenhum de vocês – assegurou Owen com um pequeno sorriso. – Há uma realidade em que eles assustam vocês, mas isso só vai acontecer se eu sobreviver ao Ragnarök.

Os pássaros ainda observavam Fen, mas Owen não fazia nada além de olhar para Laurie. Tudo parecia mais tenso do que ela gostaria.

– Posso conversar com você? A sós? – perguntou Owen.

– Não – retrucou Fen.

– Tudo bem – respondeu Laurie ao mesmo tempo. Ela colocou a mão no braço de Fen e apertou. – Estou segura com ele. Confia em mim?

Fen franziu a testa de leve, mas não deteve a prima quando ela se afastou.

Uma vez que eles estavam afastados dos outros, mas ainda à vista, Owen comentou:

– Eu queria ir a Santa Agnes com vocês, mas os gêmeos morrerão se eu o fizer. Os corvos me dizem que preciso ir agora.

Ninguém mais podia ouvi-lo, e Laurie se perguntou se ele não deveria ter contado aquilo. Ela tinha certeza de que não era para ela contar para ninguém, ou então Owen não a teria puxado para o lado e sussurrado. Laurie espiou os pássaros, desconfiada. Não é que ela odiasse os pássaros, não de verdade, mas eles sempre pareciam mais assustadores do que ela gostaria de admitir para qualquer um. Tinha lido que eles supostamente descendiam dos dinossauros, o que não ajudava a acalmar seus medos de forma alguma. Pensamento e Memória, os corvos de Owen, a encaravam; tinham vigiado os descendentes por sabe-se lá quanto tempo.

– Você não deveria mais mentir para mim – sussurrou Laurie para Owen. Ela deu uma olhada severa aos corvos. – Você não queria que nós soubéssemos que estávamos sendo observados. Não sei por quê, mas segredos são o motivo de eles não confiarem em você.

– E *you* confia em mim?

Laurie fez uma pausa. Não sabia o motivo, mas *confiava*.

– O que ele está dizendo? – exigiu Fen.

O olhar de Laurie pousou nos bicos e garras afiados dos corvos.

– Fica frio, Fen. – Matt soava exausto. – Por favor?

Os pássaros a observavam.

– Por enquanto – respondeu Laurie a Owen. – Eu confiarei em você por enquanto. Chega de segredos.

– Quando eu voltar, contarei tudo que puder, mas não posso contar tudo. Há regras.

Ela concordou com a cabeça, e Owen sorriu.

– Agora, tente fazer as pazes com seu primo. Eu o provoquei para que ele me batesse. Não fique brava com ele por causa de hoje.

Laurie piscou os olhos. Owen lhe pedia que fizesse as pazes com Fen. Era desnecessário. Eles sempre se acertavam. Eram parecidos demais para evitar brigas e ele era protetor demais. Porém, depois que a irritação passava, eles ficavam bem de novo.

– Fen e eu estamos bem. Sempre estamos bem.

– Espero que sim – respondeu Owen.

Laurie teve um leve ataque de pânico com aquilo. Owen via o futuro. O tom dele fez a menina pensar que ele tinha visto um futuro onde Laurie e Fen *não* estavam de bem. Isso não ia acontecer. Ela não permitiria.

Owen ergueu um braço em algum tipo de sinal e saiu para as árvores sombreadas. Todos os Berserkers no camping começaram a segui-lo, movendo-se como ondulações se espalhando do centro. Owen era o centro deles.

– Ei, espere! – chamou Matt. – Temos que encontrar Mjölnir, e alguns dos Berserkers seriam úteis...

– Não – respondeu Owen. – Eu tenho que ir a um lugar. Vocês quatro devem ir atrás do Martelo.

– Tudo bem – concordou Laurie.

– Ei, espera só um minuto! – Fen correu e pegou o braço de Owen, fazendo-o parar. – Você botou seus passarinhos para nos seguir. Você bateu papo com minha prima longe de nós todos *duas vezes* já; em Blackwell e nas Black Hills. Agora, quando sabe que precisamos de ajuda, e tem todos esses garotos ao seu lado, você *vai embora?* Thorsen precisa do Martelo, os

bandidos sabem onde estávamos, então provavelmente sabem onde o *Martelo* está.

– Vocês deveriam ir logo, então – respondeu Owen calmamente. – Eu tenho outra coisa que preciso fazer.

– Ele é o Pai-de-Todos, Fen – começou Matt. – O que quer que ele veja deve ser imp...

– Não mais importante que isto – interrompeu-o Fen.

– Você é impulsivo como Loki. Você esquece que há consequências até que seja tarde demais – observou Owen.

– E daí? – O clarão de dentes que Fen mostrou a Owen teria feito a maioria das pessoas hesitar ou no mínimo se afastar. Owen, entretanto, agiu como se Fen não o estivesse ameaçando. Ficou ali esperando, perfeitamente calmo e relaxado.

– Matt foi nocauteado. Nós enfrentamos monstros. O que deveríamos fazer era dormir um pouco, e vocês todos poderiam nos ajudar com Mjölfnir amanhã de manhã. – A voz dele era mais rosnado que palavras. – Eles precisam estar seguros, e Thorsen precisa do Martelo.

Owen sorriu para Fen.

– Eu vejo o futuro, Fenrir. Eu *sei* o que vai acontecer, e não estarei com vocês em Santa Agnes.

– Fen, deixa ele ir – pediu Laurie.

Matt e Baldwin poderiam ter dito alguma coisa também, mas Fen não os ouviria. Encarou Owen, ignorando os corvos e os Berserkers, e acrescentou:

– Você poderia nos ajudar.

– Se eu não estivesse ajudando, você estaria preso agora mesmo, e Baldwin estaria morto. Preciso estar em Hot Springs agora. Não aqui.

Fen empurrou Owen.

– Tanto faz.

– Vocês deveriam ir *agora* – afirmou Owen, e então começou a correr. Os Berserkers se fecharam ao redor dele, e todos dispararam para as trevas.

Laurie ficou olhando o grupo sumir antes de se virar para os amigos.

– Tudo bem, então. Para que lado fica Santa Agnes?

Boquiaberto, Fen a encarou como se ela estivesse maluca.

– Sério? Isso é tudo que você tem a dizer? “Para que lado”? – Fen cruzou os braços.

– Ele vê o futuro – disse Matt. Depois olhou para o céu. – Estamos a oeste de Santa Agnes, então temos que ir para lá.

Baldwin deu de ombros.

– Tudo bem.

– Legal da sua parte me ajudar a argumentar com ele – reclamou Fen com Laurie amargamente. – Ele poderia ter escutado *você*. – Então ele se afastou, seguindo Matt e Baldwin.

– Fen – chamou ela, mas o primo acenou a mão para ela num gesto de “vá embora”.

Laurie entendeu que Fen estava bravo com ela por ter concordado com Owen, mas os Berserkers eram os seguidores *dele*. Se Owen dissesse que os rapazes iriam com ele, então eles iriam. Ela não sabia bem o que poderiam ter feito de diferente.

Todos ficaram quietos por algum tempo até que Fen passou a andar ao lado dela outra vez. Laurie concluiu que o primo deveria ter se acalmado, mas, quando ele começou a falar, não era o pedido de desculpas que ela esperava.

– Ultimamente, você fica do lado de todo mundo menos do meu – acusou Fen em voz baixa enquanto os quatro andavam para Santa Agnes. – Você alguma vez acha que eu posso estar certo? Ou só confia nas decisões de Thorsen e Owen?

Laurie o encarou, chocada.

– Você é tão... arrrgh. Como pode pensar isso? Eu confio em você, Fen. Depois de tudo, como você pode duvidar disso?

Ele deu de ombros, e Laurie não sabia o que dizer. Podia listar todas as vezes que ela tinha feito o que o primo quis, quando ela o seguira em cada plano desastroso e ideia perigosa *antes* de toda aquela viagem de o-mundo-pode-acabar. De alguma forma, não achou que isso ajudaria.

– Somos uma equipe, Fen. – Ela bateu com o ombro no dele. – Eu escuto o que *todos* vocês dizem.

Ele não bateu de volta com o ombro, como sempre fazia. Em vez disso, murmurou:

– Então você escuta e decide que eu estou sempre errado? Legal. Muito obrigado.

– Eu te amo, mas você está sendo ridículo – disse Laurie. Sentiu-se péssima pelo primo estar magoado, mas, até que ele se acalmasse, não adiantaria falar com ele. Laurie balançou a cabeça e pressionou os lábios, e os quatro caminharam até Santa Agnes em silêncio. Mesmo com raiva, Fen continuou ao seu lado. Não podia imaginar como a vida dela seria sem Fen, e não queria tentar.

DEZESSEIS



MATT

“GRAVE SITUAÇÃO”

De volta ao cemitério. De volta a Blackwell. Estava diferente, agora. Antes, Matt sentira como se estivesse só dando uma passada, e conseguiu esquecer tudo mais. Agora...? Agora ele queria estar em qualquer outro lugar do planeta.

Matt tinha perdido toda esperança e fé na única pessoa que sempre tinha acreditado nele. Queria conversar com alguém sobre isso, mas, quando olhava para os outros... Matt gostava deles. Confiava neles. Mas será que podia conversar com qualquer um dos três sobre algo tão pessoal? Não eram como seu melhor amigo Cody nem seu irmão Josh. Talvez pudessem ser, algum dia, mas agora parecia que não havia ninguém com quem conversar.

Estava com raiva por ter sido enganado. Furioso, até; furioso o bastante para conjurar a Serpente de Midgard, pelo que parecia. Mas era mais complicado do que isso. A Serpente era sua inimiga jurada, e não tinha motivo para acordar só porque Matt estava bravo.

Não, a Serpente tinha sentido sua fraqueza. Desespero; eis a palavra correta. Misture aquela mágoa e aquele desespero e aquela fúria, e ele ficou vulnerável, com os poderes descontrolados. Fora isso que a Serpente sentira

e, mesmo que ainda não fosse a hora certa, que ainda não fosse Ragnarök, ela havia reagido. Retorcendo-se de alegria enquanto Matt demonstrava exatamente quão infantil ele era, dando um chique porque o vovozinho o tinha magoado.

Durante toda a jornada até Santa Agnes, Matt tentou se livrar daquele sentimento. Vovô queria que ele fosse o boi-de-piranha? Azar o dele. Matt era o Campeão escolhido do maior de todos os deuses nórdicos. Ele não abaixaria a cabeça e aceitaria seu próprio sacrifício. Ele lutaria. Ele venceria.

Os outros deixaram Matt sozinho naquela caminhada. O que queria dizer que talvez, apenas talvez, eles compreendessem de verdade o que ele estava passando.

– Certo – disse ele enquanto o grupo se aproximava do cemitério. – Desta vez, vamos tomar precauções. Meu avô pode saber que voltaríamos para cá. Ele pode até ter concluído que era aqui que eu esperava encontrar Mjöltnir. Então vamos ser extracuidadosos. Baldwin? Você vem comigo pular a cerca. Precisamos do meu amuleto para encontrar o Martelo e, se houver problemas, sua invulnerabilidade vai ajudar.

– Invulnerabilidade? – Baldwin sorriu. – É uma ótima palavra. Vou me lembrar dela.

– Não o encoraje – resmungou Fen.

– Acho muito legal que ele saiba tanta coisa – comentou Baldwin. – As histórias sempre dizem que Thor é só um cara grande e burro com um monte de músculos; Matt não é, e isso é legal, né?

Matt conseguiu abrir um sorriso para Baldwin.

– Obrigado. Então você vem comigo. Fen e Laurie, eu queria que vocês ficassem de guarda, um de cada lado, se vocês não se incomodarem em se dividir.

– Nós podemos fazer isso – respondeu Laurie.

– Ah, não podemos não – discordou Fen. – Não vamos nos separar. Não se esperamos problemas.

– Certo. – Matt ergueu as mãos contra a discussão. – Vocês dois se entendam. Mas, lembrem-se, Laurie tem o arco, e eu acho que ela vai ficar bem sozinha. Fen? Se você puder virar lobo, seria ótimo.

– Eu posso me transformar, mas *não* vou deixar Laurie sair da minha vista. – Ele deu uma olhada na prima. – Não vai rolar, Laurie. A última vez que a gente esteve aqui, Thorsen levou um *tiro*.

– Matt tem um bom plano – argumentou Laurie. – Podemos ficar de vigia sem nos afastarmos muito. Agora, vamos lá antes que alguém *de fato* apareça para tentar nos deter.

Mais uma vez, Matt sabia que tudo aquilo tinha sido só para fazer com que ele se sentisse melhor. Baldwin elogiando sua inteligência. Laurie apoiando seu plano rapidamente. Pequenos tapinhas nas costas só para dizer que tudo estava bem, e que Matt poderia superar o que tinha acontecido e seguir adiante. Até que ajudou. Fen não pareceu perceber e fez uma cara feia para Matt. Provavelmente ainda estava chateado por ter quase sido preso por assassinato.

Provavelmente? Isso quase fez Matt rir. É claro que Fen estaria chateado. Quem não estaria? Ele levava um susto. Um susto bem sério. Obviamente, tinha deixado o rapaz ainda *mais* superprotetor de Laurie, e a visita de Owen não tinha ajudado. Ele não estava se sentindo no seu melhor naquele momento. Matt tinha que entender isso e não se ofender se o amigo rosnasse e resmungasse.

Eles discutiram os sinais que usariam para comunicação.

– Tudo pronto? Vamos em frente – comandou Matt.



Cemitério Santa Agnes. Não era a primeira vez que Matt tinha entrado no cemitério. Não tinha contado isso aos outros antes, porque eles poderiam ter esperado que ele soubesse de alguma entrada secreta, e ele não sabia. Sempre tinha pulado a cerca.

A primeira vez que ele veio com Cody, tinha nove anos. Perambularam pelo cemitério, assustando um ao outro com histórias de fantasmas. Cody quis trazer outras crianças no Halloween para fazer a mesma coisa, mas Matt teve uma ideia melhor. Por mais divertido que fosse acampar num cemitério e contar histórias de fantasmas, poucos garotos iam trocar sacos de doces por uma noite fria num cemitério. Então Matt inventou sua própria tradição, baseada na pesquisa sobre a própria santa padroeira do lugar. Santa Agnes na verdade tinha sua própria véspera, como o Halloween. A véspera de Santa Agnes era 20 de janeiro, quando as garotas deveriam sair à noite escondidas e ir ao campo, onde, à meia-noite, elas veriam... seu futuro marido. Sim, um cenário incrivelmente perfeito desperdiçado com um objetivo entediante. Então Matt o mudou.

Historicamente, na verdade houve quatro Santas Agnes, talvez cinco. Ele nunca se deu o trabalho de ter certeza. Simplesmente criou a própria versão, na qual Santa Agnes tinha sido uma mulher nobre acusada de sequestrar e matar jovens meninas, o que naturalmente significava que ela era uma vampira. Tinha sido morta com uma estaca no peito, e o cadáver decapitado. Só mais tarde o povo da cidade descobriu que ela na verdade resgatava as meninas de situações horríveis e as mandava ao convento, para serem educadas. Então ela foi santificada. Porém, pela forma como morreu, ficou para sempre associada aos vampiros e mortos-vivos, então, na Véspera de Santa Agnes, se você fosse a um cemitério e invocasse o nome dela, poderia ver aqueles mesmos mortos-vivos – vampiros ou zumbis ou fantasmas.

Essa era uma história bem melhor. Os amigos de Matt certamente gostavam. Então, todo dia 20 de janeiro, eles pegavam os sacos de dormir e diziam aos pais que iam ficar na casa de um deles; e partiam todos para Santa Agnes, acendiam uma grande fogueira, se enrolavam nos sacos de dormir e contavam histórias de fantasmas enquanto esperavam que os mortos aparecessem. É claro, os mortos nunca compareciam, mas era divertido demais para cancelar por causa de uma mera ausência de espectros reais.

Havia outra razão por que Matt não contou aos outros que tinha estado ali antes. Porque Fen e Laurie nunca tinham sido convidados para aquelas noites. Depois de janeiro passado, a turma quase inteira já tinha ido ao cemitério, e nem um único menino tinha dito *Ei, que tal a gente convidar os Brekke?* Matt nunca nem considerou a possibilidade, e sempre fora ele quem sugeria convidar os colegas novos e os tímidos, que então se tornavam parte do segredo. Por mais que ele soubesse que Fen teria zombado da ideia toda e jamais participaria, deveria ter sido convidado. Laurie também.

Matt pensou nisso enquanto eles pulavam a cerca, enquanto tentava se concentrar nos arredores para não ser pego de surpresa de novo.

Entraram em Santa Agnes. Parecia mais um cemitério de verdade do que aquele em Deadwood, com suas colinas e lápides espalhadas por toda parte. Aqui os túmulos estavam todos aglomerados e você sabia, a cada passo, que estava pisando nos ossos secos de alguma pessoa morta há muito tempo.

As pessoas da cidade ainda visitavam. Havia flores salpicando o *kirkyard*, explosões de cores estranhamente brilhantes em pedras cinzentas desgastadas e grama seca. Matt notou um forte avermelhado perto de um dos mausoléus. Rosas, pareciam ser, no que ele se virou...

O amuleto pareceu... se mexer. Não vibrar exatamente, era mais como se tivesse dado um pulo, para indicar *por aqui*. Matt o agarrou.

– Recebeu um sinal? – sussurrou Baldwin.

Matt fez que sim com a cabeça. Eles se mantinham quietos, mesmo que não houvesse sinal de ninguém por perto. Cemitérios faziam isso com as pessoas.

– Vamos pegar e cair fora – disse Baldwin. – Esse lugar me dá arrepios.

Matt olhou em volta. Ele não achava arrepiante. Achava fantasmagórico... de um jeito legal, de dar frio na espinha. Quando era mais novo, costumava imaginar todos os guerreiros mortos ali, agora se banquetando em Valhalla. Conforme foi crescendo, percebeu que a maioria deles provavelmente era de fazendeiros ou comerciantes, que só pegaram em lâminas para ceifar o trigo e cortar carne, mas isso não mudou sua sensação de estar cercado por grandiosidade. Os Thorsen que mereciam o Valhalla, mesmo que nunca tivessem brandido uma espada.

Matt deu alguns passos à esquerda. O amuleto parou de vibrar. Começou de novo quando ele voltou para onde tinha estado, mas parou quando ele seguiu para a direita. Virou-se para o mausoléu. Três passos cuidadosos na direção dele, e...

O amuleto zumbiu contra o peito dele.

– Está ali dentro – afirmou, apontando.

– É claro que está – respondeu Baldwin, estremecendo.

– Ei, você preferia que estivesse num desses? – Matt apontou para os túmulos debaixo deles.

– Tem razão.

Ao seguir para o mausoléu, Matt ouviu um canto de pássaro bem agudo. Era só Baldwin, sinalizando para Fen e Laurie que eles estavam prestes a recuperar Mjölfnir, e, se houvesse algum sinal de problemas, que eles avisassem agora. Fen respondeu primeiro, com um assovio duplo. Laurie repetiu o som. Tudo tranquilo.

Matt foi até o mausoléu. Parecia ser o mais velho do cemitério, mas não dava para ter certeza, porque não tinha uma data. Feito de rochas cinzentas brutas, não era tão sofisticado quanto os outros. De fato, parecia ser o mais simples de Santa Agnes. Só um bloco de pedra cinzenta que não tinha nem uma entrada arqueada; só uma porta retangular com um grande bloco cinzento em cima. Gravado naquele bloco, uma só palavra: THORSEN.

– Legal – comentou Baldwin. – Acho que significa que estamos no lugar certo.

Matt não contou ao amigo que ele encontraria o mesmo nome na metade das lápides em volta deles. Porém, todas as outras deveriam ter nomes e datas e algumas palavras. Mesmo os mausoléus, que geralmente continham várias pessoas, teriam uma placa do lado de fora listando os ocupantes. Não havia nada do tipo ali. Só um nome. Thorsen.

– Agora a gente só precisa descobrir como abrir – afirmou Baldwin.

Aquele de fato era o problema. Matt e seus amigos tinham tentado abrir algumas portas de mausoléu no passado, para ver se podiam entrar. Todas estavam trancadas. Cody quis arrombar aquele ali, mas Matt disse não. Se a porta estivesse aberta, tudo bem, mas arrombar era desrespeitoso.

Agora, ao contemplar a porta, percebeu que tinha um problemão. Não havia fechadura. Nem maçaneta. Era um bloco de pedra sólida.

Chegou perto e empurrou. Não aconteceu nada. Passou as mãos sobre a pedra, para o caso de haver uma tranca oculta. Estava completamente selada.

– Vou ter que buscar Laurie – sussurrou. – Ver se ela consegue abrir um portal.

– Ou então você poderia simplesmente usar isso.

Matt percebeu que Baldwin apontava o amuleto. Matt o sentia vibrando. Quando olhou para baixo, o pingente começou a brilhar.

– Acho que quer ajudar você a entrar – observou Baldwin.

Arrombar com o Martelo? Isso parecia até mais desrespeitoso que forçar a fechadura.

– Mesmo que eu pudesse, não sei se deveria...

– Por que não? Mjölnir está lá dentro. E esse seu outro Martelo, aqui. – Baldwin apontou para o amuleto de novo. – Um deveria ajudar você a recuperar o outro, certo?

Isso fazia sentido, concluiu Matt. Ele chegou para trás, pousou o escudo no chão, se concentrou e lançou a mão para a frente, com os dedos abertos. Não tinha esperado nada. Não estava com raiva nem nenhum sentimento que lançaria o Martelo. Mas um raio saltou de seus dedos, fazendo-o recuar de surpresa. A porta gemeu e se abriu, só um pouco. Poeira saiu. Alguma outra coisa também.

– Que fedor é esse? – exclamou Baldwin, com as mãos voando para cobrir o nariz e a boca.

– Gente morta.

Baldwin ficou meio verde, e Matt desejou não ter dito aquilo tão abruptamente. Baldwin provavelmente se sentia diferente em relação aos mortos depois de ter passado algum tempo entre eles, no além-vida.

– Você pode esperar aqui fora – disse Matt.

– Não, estou bem.

Matt empurrou a porta. No começo, ela não se mexeu, mas então ele jogou o peso, com o ombro encostado, e a porta gemeu outra vez e começou a se abrir com um rangido que fez Matt trincar os dentes. Era um trabalho duro, e ele parou assim que a abertura era grande o bastante para ele passar. Também era grande o bastante para deixar muito mais fedor sair.

– Hum, talvez eu devesse ficar de guarda? – sugeriu Baldwin.

– Boa ideia. Eu já volto.

Matt virou de lado e se espremeu pela abertura. Do lado de dentro, o mausoléu estava escuro como breu. O amuleto ainda brilhava, mas não parecia produzir nenhuma luz de verdade, como se fosse sufocado pelas trevas. Mesmo a luz da abertura não parecia penetrar mais do que alguns centímetros. Matt olhou para dentro, e seu coração se acelerou com a ideia de entrar lá.

É só escuridão. Não pode me machucar. Vou pegar leve. Deixar o amuleto mostrar o caminho, como fez com o escudo.

Passou pela entrada e deu um passo mausoléu adentro. O amuleto começou a esquentar.

Se ao menos ele brilhasse um pouco mais forte, seria muito mais útil.

Matt colocou um pé para a frente, tateando o caminho, depois fez o mesmo com a mão, buscando obstáculos antes que...

Um sussurro de papel soou bem no fundo do mausoléu. Matt ficou paralisado. Soou de novo, como alguma coisa se movendo sobre a pedra.

Ratos. Ou cobras, escondidas para o inverno. Uma cobra marrom ou cobra-touro. Sem problemas.



Matt deu uma risadinha. Algumas semanas atrás, a ideia de uma cobra poderia ter feito que ele parasse ali mesmo. Mas, comparada à Serpente de Midgard, ele não sabia nem se uma cascavel o deteria.

Matt deu mais um passo...

O ar silvou. Ele captou um leve borrão de movimento. Então alguma coisa o atingiu no queixo, bem onde Rusty o tinha estapeado, e Matt foi lançado para trás, contra a parede de pedra.

DEZESSETE



OWEN

“ESPORTES AQUÁTICOS MORTAIS”

Owen ficou preocupado durante toda a jornada até Hot Springs. Preocupado com Laurie, Fen, Matt e Baldwin. Preocupado de ter mudado demais ou de não ter mudado o suficiente. Ou que, ao provocar a raiva de Fen, os detalhes errados do futuro tenham sido alterados. Quaisquer que fossem as consequências, tinha agora espaços em branco no seu conhecimento do futuro. Estava envolvido, e isso mudava o quanto conseguia ver.

Já que ainda não estava envolvido na luta em Hot Springs, podia ver os gêmeos. Naquele momento, eles não sobreviveriam ao ataque. Desta vez, ele sabia o que fazer. Tinha que intervir, mesmo que isso encerrasse sua habilidade de ver o que aconteceria em seguida. Quando os outros estavam em Hel, ele observara. Tinha mandado os corvos. Todas as vezes que eles tomaram uma decisão importante, Owen estava preparado para intervir. Porém, eles não tinham precisado dele, então se manteve afastado. A presença dos corvos não era a mesma coisa que a presença *dele*, então não contava como envolvimento. Não significava que ele perderia a habilidade de ver os futuros deles.

Tinha ficado de longe, observando através dos corvos e contemplando os possíveis futuros dos descendentes do Norte. Naquele momento, não iam todos sobreviver ao Ragnarök. Owen continuava buscando aquela escolha específica que poderia mudar esse resultado. Até agora, não teve sorte, e estava à beira de se envolver tanto, que sua visão ficaria limitada. Não tinha contado a eles seus motivos. Nunca sabia bem quanto seria revelação demais, e não tinha muita experiência com isso. A família dele não gostara de confiar que ele ficasse sozinho perto de outras pessoas depois de um incidente com alguns números da loteria quando ele era pequeno. Mas também, sério, como que ele poderia saber que os números vencedores deveriam ser um grande segredo? A mulher parecera legal, e tinha perguntado a ele quais eram os números. Na verdade, a mulher estivera brincando, puxando assunto com uma criança na fila, até onde ela sabia. Então ela ganhou e, em todas as entrevistas, tinha falado nele: *Um menininho na fila simplesmente me disse quais números escolher.* A mãe de Owen ainda mencionava esse caso sempre que lhe dava uma bronca.

Owen não tinha contado a Laurie e Fen muitas das coisas que eles descobririam em breve, mas teve que dizer alguma coisa, oferecer uma *pista* para que ela pudesse tentar se preparar. Se perdesse Fen enquanto os dois não estivessem se falando, ela se magoaria demais. Owen não conseguiu ficar calado daquela vez. Tinha seguido as regras que sua família lhe ensinara mesmo que tivessem lhe custado um olho. Às vezes, a pessoa apenas tinha que quebrar as regras; e ele tinha concluído que, se forçasse *demais* a barra, as Nornes ou Valquírias ou alguém mais apareceriam para adverti-lo.

Owen esperava que os outros fizessem as escolhas inteligentes em Santa Agnes. Os gêmeos certamente não tinham feito as escolhas inteligentes, ou ele não teria acabado ali hoje para resgatá-los e convencê-los a se juntar ao

restante da equipe. O motivo pelo qual Owen tinha o dom de tudo saber – ou, na verdade, *quase* tudo saber – era para que ele pudesse manter as coisas no caminho certo quando possível. Hoje, isso significava devolver Ray e Reyna à trilha onde deveriam estar.

Um dos Berserkers, Vance, parou diante dele. Tinham alcançado Evan's Plunge. O lugar era basicamente uma piscina que se abastecia das águas minerais naturais de Hot Springs, Dakota do Sul, mas, como era a atração turística mais antiga nas Black Hills, praticamente todo mundo daquela parte do estado já tinha estado ali pelo menos uma vez. Aliás, como o lugar tinha sido aberto lá para o meio do século XIX, os pais e avós de todo mundo tinham estado ali também.

Vance abriu a porta do edifício e o grupo invadiu o lobby. Dois dos Berserkers se adiantaram para pagar as entradas.

Owen não tinha tempo para esperar na fila, então instruiu Vance:

– Crie uma distração. Me siga logo depois.

A um sinal de Vance, os Berserkers começaram a dar saltos mortais e cambalhotas. Dois correram para a parede e a usaram como apoio, meio que subindo andando e saltando para trás. Os movimentos deles eram frequentemente confundidos com parkour. Não era PK de verdade, apesar de ser uma mistura do esporte com várias artes marciais diferentes. Os Berserkers usavam aquele estilo incomum desde que Owen se entendia por gente, e sabia que gerações e mais gerações de guerreiros atléticos tinham treinado e vivido em preparação para a batalha que *aquela* geração logo enfrentaria.

Enquanto os outros criavam um caos inofensivo, a jovem que cuidava da bilheteria se virou para assistir, e Owen passou correndo pelo balcão.

Uma vez que alcançou a área da piscina, que se parecia com a maioria das piscinas comunitárias, só que com tobogãs e anéis de ginástica, Owen parou

por completo. Viu os descendentes que faltavam em segurança na água. Ele não tinha chegado tarde demais!

Os gêmeos tinham cabelos claros e eram pálidos, belos de uma forma que lhes atraía mais atenção do que eles gostariam. Estavam claramente tentando parecer assustadores. Tinham múltiplos piercings e unhas pintadas de esmalte preto. Reyna vestia um maiô com estampa de caveiras, e o irmão, bermudas pretas. E, acima de tudo, os dois ainda estavam vivos.

Se aquele fosse um parque aquático comum, eles estariam em segurança, mas a água ali vinha de uma fonte termal natural. No passado, tinha sido reivindicada por duas tribos nativas diferentes, os Cheyenne e os Sioux. Naqueles tempos, no fim do século XIX, a água fora considerada uma cura para uma variedade de males. Agora, era recolhida e usada para recreação. A única coisa que não tinha mudado, porém, era o fato de a água ser natural. Fluía da terra como nascentes faziam por todo o mundo e, em tais rios, criaturas letais como os nykurs poderiam se desenvolver.

Enquanto Owen pensava na ameaça, um dos nykurs ergueu a imensa cabeça cinzenta da água ao lado de Reyna. Owen nunca vira um assim de tão perto. Eram muito maiores do que ele tinha pensado. Como os nykurs das lendas, ele era feito de água e era todo cinzento, com as orelhas apontadas para o lado errado. Não dava para ver ali, mas Owen tinha ouvido falar que os joelhos deles também dobravam para o lado oposto.

– Mais um monstro, Ray! – gritou Reyna, e então saiu nadando em disparada até a beira da piscina, onde o irmão estendeu a mão e a puxou para fora da água. A maioria dos nadadores continuou dentro da piscina, encarando o nykur que tinha acabado de se erguer bem no meio.

Então uma menina gritou:

– Cavalinho!

O pai a agarrou e os dois saíram correndo da água.

– Saiam daqui! – gritou Reyna para as pessoas na piscina.

Algumas delas fitavam o nykur como se ele fosse um truque ou ilusão. Era como se estivessem em choque. Cavalos não apareciam no meio de piscinas, e certamente não eram feitos de água.

– Saiam da água! – berrou Ray. – Agora! Fora. Fora. Fora.

Então o enorme monstro equino aquático se moveu sob uma garota que parecia ter catorze anos. Quando ela tocou as costas do bicho, ele rolou, virando a menina para debaixo da água e a segurando lá. A piscina espumou em volta da menina que se debatia enquanto as pessoas corriam para as bordas, em busca de segurança. Um homem com um corte de cabelo obviamente militar tentou alcançar a menina que se afogava.

À beira da piscina, os gêmeos chegaram mais perto e deram as mãos.

– Mostrem a eles que vocês não se assustam tão fácil – disse Owen, mesmo que eles não pudessem ouvi-lo. Estava acostumado a falar quando não havia ninguém por perto. Era uma forma de fingir que se conectava às pessoas, se sentir investido nelas, um truque que o pai lhe ensinara quando Owen era um menininho, chorando de solidão.

Os gêmeos agiram como se fossem um ser dividido em dois corpos. As mãos livres se ergueram dos dois lados. As palmas estavam abertas como se tentassem conter um líquido que ninguém podia ver, e então, ao mesmo tempo, giraram as mãos para que ficassem numa posição de “pare”.

Em resposta, a água se ergueu como uma parede diante do nykur.

– Ajudem os outros a escapar – ordenou Owen aos Berserkers. – Esperem do lado de fora.

Ele mergulhou na piscina e nadou até a menina que ainda estava submersa. Sabia que a muralha que os gêmeos ergueram não ia durar muito tempo, mas também não tinha tempo para procurar o nykur.

O mais rápido que pôde, ele segurou a mão da menina, puxou-a para longe do nykur e a levou em direção à superfície. O homem que tinha tentado ajudar mais cedo se juntou a ele, e juntos eles a levaram até a beira da piscina. Uma vez lá, um dos Berserkers a tirou da água, e os outros puxaram Owen e o homem. Owen sentiu os dentes do nykur mordendo o ar perto dele, sem chegar a tocá-lo, mas perto o bastante para fazê-lo pular. O homem carregou a menina para longe.

Owen ficou onde estava e observou a água, sabendo que a ameaça não seria contida facilmente, mas sem saber nada além disso. Estar envolvido numa situação fazia o saber se apagar. Tudo que restava eram detalhes desordenados. Se não tivesse se envolvido, veria mais claramente; mas a menina teria se afogado.

De cada um dos lados do nykur, um outro ser igual a ele ergueu a cabeça da água mineral morna. Todos os três observavam os gêmeos Freitag.

– Vocês precisam... – As palavras de Owen foram cortadas por uma imensa onda quando os nykurs puxavam quantidades incalculáveis de água das fontes lá fora. A onda caiu sobre aqueles que ainda estavam lá dentro, incluindo os gêmeos, arrastando todos violentamente para a piscina, que agora transbordava e chegava até as paredes.

Owen viu três dos seus Berserkers se esforçando para nadar até ele. Outro tentava alcançar os gêmeos que, por sua vez, tentavam alcançar um ao outro.

Owen começou a nadar até a porta, na esperança de abri-la e deixar parte da água sair.

Dois dos nykurs foram atrás dos gêmeos, e o terceiro se lançou contra ele. Respirou fundo, preparando-se para o inevitável, e fechou os olhos quando a coisa o puxou para baixo. Suas mãos agarraram a crina do nykur, e ele tentou usar o corpo da criatura como base para se lançar à superfície.

Depois de vários momentos sufocantes, conseguiu montar nas costas do bicho, coisa que ele não gostou *nem um pouco*. Começou a corcovear imediatamente, tentando jogá-lo longe, e Owen percebeu que, pela força da criatura, se ela conseguisse desalojá-lo, ele poderia quebrar vários ossos com o impacto. O lado bom, porém, foi que, ao corcovear, a coisa o empurrou para fora da água. Owen conseguiu pegar um pouco de ar antes que o monstro rolasse de novo.

Owen se agarrou às costas da criatura, desejando que os outros estivessem indo melhor.

Desta vez, ao emergir, Owen viu Huginn e Muninn, seus corvos, entrando no prédio, vindo direto até ele. Huginn mergulhou contra o olho do nykur, arranhando-o com as garras e batendo as asas enquanto Muninn gritava para Owen:

– Olhe para cima!

Sobre sua cabeça, Owen finalmente viu a rota de fuga: argolas penduradas no teto. Eram do mesmo tipo que todo menino usava na ginástica básica. Felizmente, por causa do tempo passado com os Berserkers, o treinamento de Owen fora um pouco mais intenso que aquele de um menino normal na aula de ginástica.

Quando o nykur corcoveou de novo, Owen saltou, criando impulso com os dois pés nas costas do monstro, e estendeu os braços para agarrar as argolas. Só conseguiu pegar uma, mas depois de rápido esforço, ele conseguiu segurar o segundo anel.



Debaixo dele, o nykur exibiu os dentes e saltou atrás dele, saindo da água brevemente, se erguendo mais do que deveria ser possível para uma criatura tão grande. Ele ficou lerdo fora da água, e Owen torceu para que isso fosse suficiente para que ele continuasse seguro. Lançou as pernas para cima, se encolhendo numa bola, na esperança de que aquela altura seria suficiente para o monstro não conseguir alcançá-lo.

Pareceu que passou apenas um segundo entre o nykur voltar à água e saltar de novo. Desta vez, ele pareceu puxar a água para debaixo dele mesmo como uma plataforma para pular mais alto.

Mais uma vez, Owen se encolheu e se puxou para junto dos anéis. Não sabia se poderia se erguer o bastante para escapar.

Então, Huginn e Muninn voaram contra o rosto do nykur, com garras estendidas e bicos abertos.

– Nosso!

– Fera vil!

– Arrancar seus olhos!

– Rasgar sua garganta!

Owen não sabia se as feras míticas conseguiam entender as palavras que os corvos gritavam, mas o nykur voltou a atenção para eles, então Owen aproveitou a chance e começou a se mover pelas argolas. Balançou de argola em argola enquanto os corvos dispararam contra os nykurs e gritavam ameaças.

O nykur se deixou cair de volta à piscina. Enquanto o monstro observava Owen, o menino seguiu se balançando de argola em argola. Deu uma olhada rápida para baixo e viu que os Berserkers estavam com os gêmeos, e subiam lentamente pelo tobogã que serpenteava até a piscina. Outro de seus Berserkers estava na passarela que atravessava o prédio inteiro.

Quando os gêmeos chegaram à plataforma no topo do tobogã, eles juntaram as mãos e, numa voz trêmula, Reyna murmurou palavras que Owen não conseguia entender. Numa questão de segundos, um rasgo apareceu na lateral do edifício e as águas se derramaram para fora com violência.

Os nykurs soltaram berros de protesto e começaram a nadar contra a correnteza. A água espumou com os cascos que a agitavam, mas a pressão do derramamento tornou a correnteza forte demais para resistir. Eles começaram a ser puxados para a abertura na parede.

Reyna se encostou no irmão e observou enquanto os corpos dos três nykurs se dissipavam na água. Não dava para saber se eles tinham voltado ao seu lugar de origem, ou se o fluxo os desfizera. De qualquer maneira, não estavam mais lá.

Owen deu um salto mortal das argolas em direção à beira da piscina agora vazia, escorregando no azulejo ao aterrissar e rasgando as calças. O sangue deixou os jeans molhados ainda mais escuros, mas era só um corte. Tinha evitado ossos quebrados, e os gêmeos Freitag estavam ambos vivos.

Os Berserkers ajudaram os gêmeos a descer do tobogã e, alguns segundos depois, tinham se juntado ao restante da multidão confusa do lado de fora. Huginn e Muninn sumiram de novo. Owen se sentiu grato e bastante surpreso por eles terem vindo ajudá-lo. Os corvos não existiam para entrar em combate. Eles observavam. Eles lhe traziam conhecimento.

– Sou Odin – disse ele aos gêmeos quando eles se aproximaram. – Chegou a hora de partirmos.

Os olhos de Reyna se estreitaram.

– E por que exatamente nós deveríamos confiar em você?

– Talvez... – disse Ray, baixinho.

– Sua namorada matou Baldwin – disse Reyna por cima do irmão. – Quando Astrid apareceu na casa de Baldwin, *trazendo* os monstros com ela. Agora você aparece por aqui, e mais monstros atacam?

– Astrid não é coisa nenhuma minha. Uma estranha surge e mente sobre mim, e vocês me consideram responsável? Eu apareci para *ajudar* vocês... Além disso, Baldwin está vivo. Fenrir, Laurie e Matthew o recuperaram de Hel. – Owen aceitou a camiseta de um dos Berserkers, rasgou-a e a usou para atar o corte em sua perna como uma bandagem. – Eles estão nos esperando.

Reyna o espiou.

– É o que você diz. Vou repetir: por que deveríamos confiar em você?

Por mais que Owen compreendesse a dúvida dela, não tinha paciência para isso naquele momento.

– Sua avó lhe deu um manto de penas quando você era pequena, Freya. Ele vai funcionar agora.

A menina abriu e fechou a boca sem falar nada.

– O nome dela é Reyna – murmurou Ray.

Owen concordou com a cabeça. Ele realmente se esquecia às vezes que nenhum deles estava acostumado, como ele, a pensar em si mesmos como suas outras identidades.

– Só Ray sabe sobre o manto – disse Reyna.

Por um momento, Owen viu os gêmeos pelo que eles eram: garotos como ele, mas também garotos que sentiam medo. Ele também sentia, mas tinha aprendido a esconder na maior parte do tempo. Eles não tinham tempo para temer. Ragnarök estava chegando.

– Como eu disse, sou Odin. Eu tudo vejo. – Ele deu de ombros. – Deveríamos pegar seu manto antes de nos juntarmos aos outros. O motorista do seu pai vai nos levar a Blackwell quando vocês contarem a ele

que ganharam entradas para um show de uma banda que ele nunca ouviu falar. Se os outros descendentes não estiverem lá, vocês podem dar meia-volta e continuar enfrentando monstros sozinhos.

Os gêmeos se entreolharam, depois Reyna assentiu com a cabeça.

– Só que os seus acrobatas não vão conosco – disse Reyna.

– Eu sei. Eles vão nos encontrar no acampamento. – Owen sorriu. Agora só tinha que torcer para que os outros estivessem lidando bem com a surpresa que os aguardava em Santa Agnes.

DEZOITO



MATT

“MJÖLNIR”

Matt se recuperou do golpe e saiu correndo pela porta do mausoléu. Bem, foi mais “correu até a porta e depois se espremeu pela abertura o mais rápido que pôde”, mas essa foi a ideia básica. Ele não poderia lutar com algo que não conseguia ver. Então saiu dali, cambaleando para a luz, piscando.

– Cadê o Martelo? – perguntou Baldwin.

– Tem alguma coisa lá dentro – explicou Matt. – Alguma coisa viva. Ela me socou.

– Socou você? – Baldwin fez uma careta. – Tem certeza de que não foi um morcego que voou e esbarrou em você? Aposto que tem um monte lá dentro.

Matt esfregou o queixo dolorido.

– A não ser que o nome dele seja Bruce Wayne, não foi um morcego.

Um barulho soou no mausoléu e Matt girou, erguendo os punhos.

– Tem *mesmo* alguma coisa lá dentro – disse Baldwin.

– É.

Baldwin se aproximou da porta.

- Pode ser um mendigo.
- Como ele teria entrado?
- Um túnel?

Matt balançou a cabeça e voltou até a porta.

– O quê? – exclamou Baldwin, se afastando. – Você vai voltar lá para dentro?

– Não, vou abrir essa porta direito para que eu possa vê-lo. Melhor ainda, vou tentar atraí-lo aqui para fora. – Ele se virou para Baldwin. – Você se incomoda com isso? Se quiser, pode trocar com Fen.

Baldwin endireitou os ombros.

– Estou bem. Foi mal. Este lugar me deixa esquisito.

Matt imaginou que deixava mesmo, considerando que o próprio Baldwin estava morto havia um dia. Ele poderia continuar destemido em relação à maioria das coisas, mas, aparentemente, a experiência não tinha deixado sua autoconfiança tão inabalada quanto ele fingia.

Matt foi até a porta e encostou o ombro nela.

- Me dá uma ajuda?
- Certo. Claro.

Baldwin assumiu posição do lado mais distante da abertura. Deu tudo de si, e, com os dois empurrando, a porta se abriu arranhando o chão até ir tão longe quanto poderia, batendo num pilar de pedra. Então eles olharam para dentro e viram...

A luz só se estendia uns trinta centímetros além da porta.

– Uau – disse Baldwin. – Agora, *isso* que é escuro.

Alguma coisa sussurrou e se mexeu lá dentro. Baldwin tropeçou com o susto, mas se recuperou. Deu uma olhada acanhada para Matt.

- Foi mal.
- Tudo bem.

– Então, o que fazemos agora? Procuramos uma lanterna?

Matt desconfiava que isso não ajudaria. A penumbra dentro do mausoléu não era uma escuridão natural.

– Eu tenho uma ideia – disse Matt.

Ele acenou para que Baldwin voltasse e sussurrou seu plano. Sabia que Baldwin não ia gostar da ideia, então se ofereceu mais uma vez para chamar Fen, mas Baldwin insistiu que desempenharia seu papel.

– Vou procurar uma lanterna ou coisa assim – disse Matt em voz alta. – Você espera aqui. E, faça o que fizer, não entre lá.

– Entendido!

Era um truque, obviamente; para fazer o que quer que estivesse lá dentro sair. Não era o melhor ardil do mundo, mas os monstros com que eles tinham se encontrado até agora não eram exatamente cientistas geniais. Matt se afastou um pouco, virou para a esquerda, e depois voltou correndo pelo lado da tumba. Esgueirou-se ao longo da parede até chegar ao lado da porta, fora de vista. Uma vez que Matt assumiu a posição, Baldwin seguiu para a entrada do mausoléu.

– Não sei qual é o grande auê – murmurou Baldwin. – Deve ser só um morcego. Aposto que vou achar o Martelo antes mesmo que ele volte.

Baldwin foi até a entrada e espiou lá dentro enquanto Matt observava.

– Hum. Está escuro mesmo – comentou Baldwin. – Mas não pode estar longe. Este lugar não é tão grande.

Baldwin deu mais um passo, e Matt ouviu o sussurro de novo. Viu um borrão de movimento e correu adiante, tentando agarrar o que quer que fosse ao mesmo tempo que Baldwin. Os dois pegaram a coisa e puxaram, dando um tranco para trás, tentando arrastá-la para fora do...

Foi como tirar uma rolha de uma garrafa. Num instante eles estavam puxando com toda força que tinham. No outro, estavam voando para trás

com a força do próprio puxão, com alguma coisa nas mãos. Os dois perderam o equilíbrio e caíram juntos, bem do lado de fora da porta, ainda segurando...

Baldwin soltou um grito e rolou para longe, deixando Matt agarrando...

Um braço. Ele segurava um braço. Só que não parecia um membro de verdade. Não mesmo. Dava para ver dedos e pele, mas os dedos eram longos e curvos e a pele era cinzenta e coriácea, e tinha um osso espetado para fora da pele, e o fedor...

O fedor.

Matt largou o braço e recuou tropeçando. A mão foi ao rosto para cobrir o nariz. Só que era a mão que tinha segurado o braço, e o fedor...

Matt engoliu, tentando não vomitar. Fitou o braço mumificado, agora caído na grama.

– Quando você falou que precisava de uma mão... – começou Baldwin.

– Não era bem o que eu queria dizer.

Baldwin soltou uma risada, mas soou nervosa e engasgada. Matt se dobrou para olhar a mão. Era de um cadáver. Um cadáver morto *há muito* tempo. Alguém tinha batido neles com aquilo? Usando um cadáver como arma?

Era a única explicação que ele conseguia pensar.

Na verdade, não. Havia mais uma coisinha...

Alguma coisa saiu a toda das trevas do mausoléu. Parou na entrada iluminada, jogou a cabeça para trás e soltou um uivo arrepiante. Pelo menos tão grande quanto o pai de Matt, estava vestido com uma túnica e perneiras de couro podre, com enormes botas e um capacete de metal enferrujado. Com cabelos loiros-arruivados e uma longa barba emaranhada, era claramente um homem. Ou tinha sido. Quando vivo. Agora estava

decomposto, com pedaços de carne coriácea pendurados, ossos aparecendo sob os buracos. Um lado do rosto tinha sumido, deixando apenas o crânio.

Além disso, a mão estava faltando.

Antes que Matt ou Baldwin pudessem reagir, a coisa veio correndo. Catou o braço descartado e o encaixou de volta. Depois urrou, a mandíbula se esticando, exibindo alguns dentes amarelados restantes. O único olho rolou para cima e o peito inchou, como se ele inspirasse fundo. Então, ao soltar a respiração, o corpo inteiro se expandiu, crescendo até ficar mais alto que o mausoléu. Rugiu de novo, e a própria terra tremeu sob os pés deles.

– Hum, você sabe aqueles caras que a gente encontrou no além? – perguntou Matt. – E eu lhe disse que não eram zumbis vikings?

– Ahã.

– Este é.

O draugr investiu contra Baldwin. Matt se atirou contra ele, sabendo que o Martelo seria perigoso demais. Aparentemente, tão perigoso quanto se atirar contra o morto-vivo apodrecido. Ele se chocou contra o braço da criatura e seu impacto apenas tirou um pedaço de carne ressecada. O draugr acertou Baldwin com um punho imenso. Baldwin foi jogado contra a lápide mais próxima. Matt tentou não estremecer com o impacto, mas Baldwin só quicou de volta, dizendo:

– Ei, feioso! Quer um pedaço de mim? Já tiramos um pedaço seu!

Baldwin se esquivou do golpe seguinte do draugr e passou correndo por ele. Um dos problemas de estar decomposto era que, aparentemente, suas juntas não funcionam tão bem, e o draugr se virou de um jeito bem desengonçado e endurecido, antes de investir contra Baldwin de novo.

Baldwin ficou provocando o monstro enquanto Matt pegava o escudo e preparava o Martelo, concentrando-se em ficar com raiva. Não foi difícil; essa coisa estava se colocando entre ele e Mjöltnir, e o Martelo era dele por

direito. Além disso, Matt teve um dia realmente ruim. Então encontrou aquele núcleo de raiva e o lançou, e o Martelo voou, mais forte e reto do que antes, uma bola concentrada de puro poder.

Acertou o draugr no flanco e, por um segundo, Matt achou que eles teriam que lidar com dois draugrs. Ou, pelo menos, duas metades de um. Mas o draugr desabou, ainda intacto. Quando tentou se erguer de novo, Matt estendeu os dedos, que agora brilhavam, e o draugr parou.

– Você fala a minha língua? – perguntou Matt.

– Hum, é um zumbi – comentou Baldwin. – Se ele falar, a única palavra que conhece é *cérebros*.

– É um draugr – respondeu Matt. – Um guerreiro viking morto que guarda um tesouro. É senciente. Como um fantasma. Sabe falar.

O draugr tinha se desinflado ao tamanho humano, o que ainda era bem grande. Mas ele ficou no chão, observando a mão de Matt. O menino notou um amuleto no pescoço do draugr. Um Martelo de Thor.

– Você é um Thorsen? – perguntou Matt.

– Eu sou – respondeu a criatura, com a voz embaralhada, os dentes restantes estalando. – Olaf Thorsen. – Ou pelo menos foi isso que ele pareceu dizer. Nem todas as consoantes funcionavam direito quando você não tinha metade dos dentes. Ou a maior parte dos lábios. Ou uma língua. Pelo menos parecia falar a mesma língua, o que significava que ele deveria ser um dos primeiros colonos.

– Eu sou um Thorsen, também – respondeu Matt. – Matthew Thorsen. De Blackwell. Preciso daquilo que você guarda naquele mausoléu. Preciso de Mjölfnir.

O draugr riu. Era um som horrível, seco, arranhado.

– Você acha que, por ser um filho de Thor, pode brandir seu grande Martelo?

– Não, eu penso que, como sou o Campeão de Thor, posso brandi-lo. E tenho que fazê-lo. Ragnarök se aproxima. A Serpente se agita. A batalha se inicia. Fui escolhido para enfrentá-la.

Conforme Matt disse essas palavras, sentiu seu coração bater mais forte. Palavras nobres. Palavras de um Campeão. E, talvez pela primeira vez, acreditou nelas. Teria sido um momento perfeito... se o draugr não tivesse quase explodido de tanto rir.

– Você? – gargalhou a coisa. – Você é um moleque, não um Campeão de Thor.

Baldwin saltou adiante, exclamando:

– Sim, ele...! – Mas Matt o interrompeu.

O draugr continuou:

– Você se diz o Campeão? Isso é fácil de resolver. Dentro da cripta jaz Mjölfnir. Traga-o para mim.

– É um truque – sibilou Baldwin.

– Sim, é um truque – confirmou o draugr. – Se o garoto é realmente um Thorsen, ele já sabe disso. Vocês pensam que ninguém encontrou o Martelo antes? Claro que acharam. Mas eles não conseguem erguê-lo. Ele jaz num leito de pedra, e só o verdadeiro Campeão de Thor pode levantá-lo. Só a encarnação viva do próprio grande deus.

– Hum, essa não é Excalibur? – indagou Baldwin.

Matt tentou calá-lo, mas Baldwin insistiu:

– É Excalibur mesmo. Com a pedra. Eu vi o musical. – Ele baixou a voz. – Eu acho que os miolos dele estão apodrecendo também. Ele parece confuso.

– O filho de Balder, correto – comentou o draugr. – Eu *realmente* acreditaria que você é a encarnação viva do filho condenado de Frigg. Tão agradável quanto uma rocha aquecida pelo sol. E igualmente inteligente.

– Ei! – exclamou Baldwin.

– Ele está só de implicância – explicou Matt. – Ele quer me testar. Eu aceito.

Matt entregou a Baldwin o escudo, para proteção, e então marchou para o mausoléu. O sol entrava pela porta aberta, e dava para ver lá dentro facilmente agora que a magia do draugr tinha desaparecido. A cripta estava vazia, exceto por um túmulo com cobertura de pedra. Foi muito difícil tirar aquela rocha, mas ela acabou deslizando o suficiente para que Matt visse o interior e lá jazia...

Um martelo. Que era o que ele esperava. Exceto... bem, ele tinha esperado algo mais. Talvez um clarão de luz. Um cabo cravejado brilhante. Uma cabeça de bronze reluzente. Era só um martelo de metal. Não era nem um *grande* martelo de metal; talvez do tamanho de uma das marretas de borracha na oficina do pai. Era baço e manchado, e o cabo era curto demais. E foi isso, aquele cabo curto, que fez Matt perder o fôlego, que fez o menino contemplar o martelo como se fosse realmente reluzente com gemas e fogo.

A lenda contava que Loki apostara com dois anões que eles não conseguiriam superar os presentes de seus irmãos para os deuses. Para se assegurar disso, transformou-se numa mosca e os mordeu enquanto os dois trabalhavam. Conseguiu distrair um anão e, quando ele terminou Mjölfnir, o cabo era curto.

Foi assim que Matt soube que aquele era realmente o Martelo de Thor.

Matt estendeu a mão e pegou o cabo. Era apenas metal frio, não estava nem embrulhado em couro nem tecido. Respirou fundo. As histórias diziam que apenas Thor era forte o bastante para empunhar o Martelo. Era óbvio que Matt não era mais forte que os outros Thorsen. O que significava que eles poderiam usá-lo também; uma vez que ele o tirasse dali. Esse era o problema. A cabeça do Martelo estava semienterrada na rocha do fundo do

túmulo. Matt notou os arranhões e as marcas onde outros tinham tentado soltar o Martelo à força. Sem resultado. Aquilo não era simples concreto. Era magia. Magia ancestral.

Matt segurou o Martelo e fechou os olhos.

Eu sou o campeão de Thor. Eu sei que sou.

Matt se preparou e, com olhos ainda fechados, puxou...

As mãos começaram a deslizar pelo cabo. Escorregando. O coração bateu forte.

Este é o Martelo de Thor. Meu Martelo. Só preciso puxá-lo...

Cambaleou para trás e, ao fazê-lo, abriu os olhos e viu...

Que segurava Mjölfnir.

Matt soltou um suspiro profundo e estremecido, e o corpo inteiro tremeu com ele.

Segurando o Martelo em uma das mãos, Matt saiu do mausoléu. Baldwin esperava a uns três metros do draugr, vigiando. A coisa não tinha se movido.

Não, não “a coisa”. Eu não deveria chamá-lo assim. Ele é o meu ancestral. Olaf Thorsen.

No que Matt saiu pela porta, Baldwin ergueu o olhar, para a mão de Matt.

– Esse é... ele? – perguntou.

– É, sim.

– Tem certeza? Parece meio... pequeno.

Matt poderia dizer que o amuleto incandescente provava que se tratava do verdadeiro Martelo. Ou apontar o cabo curto e explicar como tinha ficado assim. Em vez disso, subiu na placa de pedra diante das portas do mausoléu e segurou forte o Martelo, testando o peso. Então levou o braço para trás e atirou o Martelo com o máximo de força que pôde.

– Não! – exclamou Baldwin enquanto o Martelo voou pelo ar. – Eu não quis dizer que era para jogar fora! E se *for* o certo...?

Ele parou de falar quando o Martelo mudou de direção de repente. Como um bumerangue, começou a voltar. Baldwin se jogou no chão com a cara para baixo. Matt ficou ali parado, com a mão estendida. O Martelo bateu nela, o cabo acertando a palma. Ele o segurou.

– É – disse ele. – Este é Mjölfnir.

– Isso. É. Demais. – Baldwin correu e fitou o Martelo. – Posso segurar? Ah, espera, não. Você tem que ser merecedor, né? – Deu uma curta risada. – Provavelmente não quero saber se eu me qualifico.

– Esse é o Thor das histórias em quadrinhos – explicou Matt. – Nos mitos, apenas Thor é *forte* o bastante para empunhá-lo. – Matt sentiu o peso. – Não acho que isso seja verdade, também. Sou forte, mas não tenho força de super-herói. – Estendeu o Martelo. – Quer tentar? Tire os dedos dos pés do caminho, por via das dúvidas.

Baldwin estendeu a mão. Matt lhe entregou o Martelo, e soltou o cabo com muito cuidado. Ele começou a cair. Matt se esquivou para pegá-lo, mas Baldwin conseguiu segurar com as duas mãos e impedir que caísse. Ficou ali parado, com o Martelo a trinta centímetros do chão, com os músculos do pescoço inchados enquanto ele fazia força para segurar.

– É isso que significa – comentou Baldwin. Grunhindo com o esforço. – Posso segurar, mas não posso empunhar. A não ser que eu planeje deixar cair em alguém.

Matt pegou o Martelo de volta. Era pesado, só que não mais do que ele esperaria de um malho de bronze. Devia ser a magia, então. Ele não exigia força real para ser empunhado; só de um tipo mágico. A força de Thor.

– *Vingthor* – sussurrou o draugr.

Matt contemplou o Martelo, os dedos que o seguravam, e, naquele momento, quase acreditou em Hildar. Ele empunhava Mjölfnir. Poderia ser *Vingthor*. Realmente poderia. Segurou o cabo curto com mais força e foi como se pudesse sentir aquela força o preenchendo.

Matt se virou para o draugr – Olaf, que tinha caído de joelhos, com a cabeça curvada.

– Você é Thor – declarou Olaf. – Eu duvidei de você. Zombei de você. Ofereço minha vida abençoada em Valhalla como penitência. Empunhe o Martelo. Me mande a Hel.

– Sua tarefa era guardar Mjölfnir – respondeu Matt. – O que você fez, e eu fico grato por isso. Agora que tenho o Martelo, seus serviços não são mais necessários, e você poderá iniciar seu verdadeiro além-vida. Vá para Valhalla. Assuma seu lugar de direito.

Olaf curvou a cabeça de novo.

– Muito obrigado, *Vingthor*. Torcerei pela sua vitória dos grandes salões. – Ele se levantou e saiu na direção do mausoléu. Fez uma pausa ao passar por Matt, e fitou o Martelo nas mãos dele. – Posso segurar? Por quase mil anos eu o guardei, mas nunca tive permissão de tocar.

Baldwin deu uma olhada rápida, como se imaginasse o que Matt faria. Para Matt, não havia questão. Este homem era seu ancestral. Um guerreiro que cumprira seu dever por quase mil anos.



Matt ergueu Mjölnir. O draugr o tomou em ambas as mãos. A arma ainda caiu, como acontecera com Baldwin, mas Olaf conseguiu erguer um pouco, os ossos tremendo com o esforço.

Matt deu uma risada.

– Acho que o sangue Thorsen ajuda.

– Ajudaria, se eu tivesse sangue Thorsen. Mas não tenho, *Vingthor*. Sou Glaemir, rei dos draugrs. Sabia que você viria buscá-lo, pequeno Matthew Thorsen, e não tive que esperar muito. Por mais que nenhum outro possa manejar este Martelo, eu sei de muitos que pagariam caro para mantê-lo fora das suas mãos.

O draugr sorriu, um sorriso horrível de caveira. Matt se jogou para agarrar o Martelo, mas a terra sob os pés de Glaemir se abriu e ele caiu. Matt saltou para ir atrás dele. A terra se fechou tão rapidamente quanto tinha se aberto, e Matt caiu no chão. Era solo sólido, agora. Ele ficou ali caído, encarando a terra mexida no ponto onde Glaemir estivera. Onde tinha visto Mjölnir pela última vez. Engolido pela terra.

DEZENOVE



FEN

“NÃO É UM HERÓI”

O mau humor horrendo de que Fen tentava se livrar não estava melhorando. Decidiu que, por enquanto, o silêncio era o melhor plano. Suspirou e se deixou ficar no fim do grupo enquanto a prima tentava animar todo mundo.

– Vamos recuperar o Martelo – repetiu ela enquanto eles saíam de Santa Agnes. – Nós resgatamos Baldwin, e realizamos tantas outras coisas! Vamos dar um jeito nisso também.

Fen abafou uma fungada de descrença. Do jeito que eles iam, teriam sorte se estivessem *acordados* quando o Ragnarök chegasse. Não faziam ideia de quanto tempo restava até o grande evento do fim do mundo, mas não estavam prontos. Não estavam nem um pouquinho próximos de estarem prontos. Até agora, tinham encontrado o escudo, perdido o escudo e recuperado o escudo; tinham descoberto a localização do Martelo, sido capturados, escapado e finalmente obtido o Martelo, só para perdê-lo. Tinham localizado e perdido vários dos descendentes. Tinham visto mais monstros do que imaginavam existir. A verdade era que eles vagueavam de um lado para o outro, confusos, menos de um passo à frente do desastre a

maior parte do tempo. Não era *nem um pouco* como nos filmes, onde os heróis sempre pareciam ter um plano. Talvez fosse porque eles eram crianças, ou talvez os filmes não mostrassem como os heróis ficavam confusos e desalentados às vezes.

Fen não queria perder. Não queria que o mundo acabasse e todo mundo que ele gostava morresse. *Ele* não queria morrer. As coisas não pareciam boas para o grupo. Até Matt estava calado enquanto eles voltavam ao acampamento para reagrupar e dormir algumas horas. Pessoalmente, Fen suspeitava de que Matt estava tão otimista quanto Fen se sentia. O próprio avô do cara era o líder do inimigo, e um monstro decomposto tinha enganado ele. Fen tinha que admitir que a presença dos Berserkers não teria mudado isso, mas teria sido bom se eles tivessem reforços para aquela luta; e para qualquer que fosse o monstro que apareceria em seguida.

Uma vez que chegaram ao camping onde Owen os deixara antes de partir para qualquer que fosse a missão secreta dele, todos abriram as mochilas de Helen para pegar comida e roupas limpas, além de sacos de dormir e lampiões de acampamento que claramente não poderiam caber em mochilas daquele tamanho. Daquela vez, tanto Matt quanto Laurie tinham kits de primeiros socorros.

– Você está machucada? – Fen se sentou ao lado dela, e a irritação sumiu diante da possibilidade de ela estar ferida. – Onde? Por que você não me contou?

– Não estou, não. – Ela parecia confusa. – Algum de *vocês* está machucado? Talvez isso devesse estar na mochila de um de vocês.

Baldwin apontou o próprio peito com o polegar.

– Invulnerável.

Matt ergueu o próprio kit.

– Eu tenho o meu.

Os dois foram até os banheiros para lavar o fedor de draugr e vestir roupas limpas.

Assim que saíram, Laurie se virou para Fen.

– Com isso só resta você. Onde você se machucou?

Ela começou a cuidar do primo, tentando pegar a camiseta para levantá-la e, quando isso não funcionou, ela catou o braço de Fen e começou a inspecionar.

– Talvez seja uma mordida – comentou, querendo olhar o tornozelo dele.
– Tem cascavéis.

– Você conferiu os *seus* tornozelos? – O coração de Fen se acelerou quando ele pensou na prima mordida por alguma coisa venenosa.

Os dois inspecionaram os tornozelos. Nada. Conferiram os ombros, pescoços e costas um do outro só por via das dúvidas. Nada. Olharam as próprias barrigas. Nenhuma mordida, arranhão, corte ou qualquer ferimento estava visível em nenhum dos Brekke.

– Talvez sua mochila esteja quebrada. – Fen apontou para o kit de primeiros socorros, sentindo-se um pouco ridículo, mas não pensando em nenhuma outra ideia, e, na boa, as regras das coisas mágicas eram novidade para ele. – Ponha de volta e tente de novo.

Calada, Laurie abriu a mochila e colocou o kit de primeiros socorros lá dentro. Depois abriu de novo. Desta vez, havia uma escova e pasta de dentes, mas o kit continuava lá. Ela tirou os três itens.

– *Parece* que está funcionando.

Matt e Baldwin voltaram e se sentaram. Baldwin comia algum tipo de sanduíche que tinha brotos e alface saindo pelos lados. Matt limpava um corte com um paninho desinfetante que tirou da mochila.

– Vou ali no banheiro. – Laurie se levantou.

Fen fez o mesmo.

– Certo, vamos lá.

– Eu posso ir sozinha.

– Mas...

– Não tem ninguém mais aqui, Fen – explicou ela, paciente. – Você poderá me ver indo e voltando. As portas se abrem para o lado de cá. – Ela sorriu antes de acrescentar: – A pior coisa que eu posso encontrar são aranhas ou água fria.

– Tudo bem. – Fen cruzou os braços e ficou olhando a prima até ela chegar aos banheiros. *Que tipo de Campeão não se preocuparia com a família?* Depois de todas as coisas que tinham acontecido, Fen não se esquecera de que Laurie era sua prioridade. Manter Laurie em segurança já era sua obrigação antes dessa coisa toda de ser herói. Ele não deixaria que isso mudasse.

Depois que Laurie voltou, eles foram dormir.

Algumas horas mais tarde, Fen acordou com os gritos de alegria de Berserkers animados. Não precisava ser um gênio para deduzir que aqueles barulhos poderiam significar apenas uma de duas coisas: eles e seu líder esquisitão tinham sido vitoriosos, ou estavam no meio de uma batalha divertida. Fen se sentou e observou os Berserkers dando saltos mortais e gritando ao entrar no acampamento, acordando todo mundo.

Momentos depois, Owen estava empoleirado na mesa de piquenique como um rei concedendo audiências, e Laurie estava acordada; correndo até Owen como se fossem velhos amigos. Baldwin estava de pé, perguntando sobre um dos truques que os guerreiros acrobáticos usavam, e Matt seguia em direção às duas pessoas vestidas de preto que caminhavam no meio da multidão de Berserkers. Os gêmeos tinham voltado.

– Barbie e Ken góticos, vocês vieram nos visitar? – indagou Fen enquanto se levantava. – Só de passagem?

– Fen – advertiu Laurie.

– Não, está tudo bem. O menino-lobo se sentiu abandonado – retrucou Reyna. – A gente teve um cachorrinho uma vez que se comportava mal quando ficava sozinho, e o treinador sugeriu um caixote. Será que a gente precisa de um caixote?

– Engraçadinha. – Fen exibiu os dentes para ela.

Ray parou ao lado da irmã.

Baldwin fungou uma risada, recebendo um olhar bravo de Fen e um sorriso de Reyna.

– Que que tem? – disse ele. – Foi engraçado. – Quando Fen ficou de cara fechada, Baldwin deu de ombros. – *Eu* achei engraçado.

– Viemos para ficar desta vez – disse Ray em voz baixa. – Não podemos fugir disto. Agora entendemos.

– Os monstros nos perseguirão se estivermos com vocês ou não, e nós preferimos que *vocês* lutem com eles do que termos que fazê-lo sozinhos – acrescentou Reyna num tom que poderia ter sido brincalhão.

Fen só os encarou de braços cruzados. Eles tinham abandonado a equipe quando Baldwin morreu; não toparam ir a Hel e resgatar o amigo morto.

– Vocês nos largaram quando a equipe precisava de vocês – acusou ele.

– Porque as coisas ficaram... complicadas – admitiu Reyna. – Baldwin morreu. Nós ficamos assustados. Agora estamos de volta.

– Não deveriam ter ido embora em primeiro lugar – insistiu Fen, olhando feio para ela.

Reyna balançou a cabeça e se virou para Matt e Baldwin.

– O que nós perdemos? – perguntou Ray.

– A coisa mais importante é que eu não estou mais, vocês sabem, *morto* – respondeu Baldwin. – Ah, e eles quase prenderam Fen pela minha morte. Nada legal.

– Que ridículo! Eles deveriam prender Astrid por ter matado você – resmungou Ray.

Diante disso, Fen lhe ofereceu um sorrisinho. Talvez Ray não fosse de todo mau. Reyna, por outro lado, era tão bem-vinda quanto Astrid tinha sido. *Só que sem ser do mal.* Fen suspirou. Por mais que não gostasse da Barbie Gótica, tinha que admitir que ela não era maligna. Tentou pensar como um herói o faria; considerando as coisas mais importantes primeiro. Os gêmeos poderiam ajudar na grande batalha e, com sorte, nas batalhas antes dessa também. Tinham que fazer parte da equipe.

Talvez o retorno deles seja uma coisa boa.

De qualquer maneira, a preocupação de Fen era que eles caíssem fora de novo quando as coisas ficassem difíceis, e as coisas *iam* ficar difíceis de novo. Sabia disso com tanta certeza quanto sabia que eles precisariam de toda a ajuda que pudessem encontrar; e que, mesmo assim, provavelmente perderiam. Ficou quieto enquanto ouvia os outros conversarem. Às vezes, escutar era o melhor plano. Se você falasse o tempo todo, perdia todas as dicas e pistas que as pessoas davam sem perceber.

Owen ficou sentado, observando todos em silêncio.

Quase imediatamente, Laurie foi até ele com o kit de primeiros socorros da mochila mágica de Hel.

– Acho que isto é para você – disse ela.

Owen assentiu com a cabeça e desenrolou uma bandagem da perna. Era mais um pedaço de pano rasgado que uma atadura, mas, enquanto ele a tirava, ficou claro que ele tinha sangrado bem seriamente. Enrolou as pernas dos jeans manchadas de sangue.

– O que aconteceu?

O menino de cabelos azuis deu de ombros, mas Reyna tinha ouvido a pergunta. Ela e Ray vieram e começaram a contar sobre o ataque de nykurs.

Num revezamento, eles explicaram que algum tipo de monstro-de-água-equino tinha tentado matar os dois, e que Owen aparecera para ajudar a salvar todo mundo. Reyna terminou a história dizendo:

– Se ele não tivesse chegado com os Berserkers na hora que chegou, pelo menos uma menina teria morrido, e... provavelmente nós dois também.

– Você tomou a decisão certa – afirmou Laurie.

Owen deu de ombros, mas sorria para ela. Alguma coisa nessa interação deixava Fen profundamente desconfortável. Ele pensou de novo na conversa particular dos dois.

– Você sabia aonde ele ia quando disse que tinha que ir? – perguntou Fen, atraindo todos os quatro olhares. – Quando ele nos deixou, você *sabia*?

Laurie abriu a boca como se fosse dizer alguma coisa, mas a fechou de novo. Olhou para Owen e então só assentiu com a cabeça.

– Eu posso falar com Laurie – disse Owen. – É como nos mitos. Nossos ancestrais eram próximos e, como Odin e Loki, nós seremos também.

– É, bem, eu sou descendente dele também, mas não vá esperar que nós vamos ficar “próximos” – retrucou Fen.

– Eu não esperaria isso, Fenri... *Fen*. – Owen sorriu para ele. – Mas eu confio em Laurie. Já prometi que ia responder às perguntas dela quando voltasse.

Fen não conseguia determinar quantas alfinetadas estavam escondidas nas coisas que Owen dizia. Também não se importava muito.

– Tanto faz, cara. – Ele deu uma olhada em Laurie. – Você, por outro lado? Eu esperava mais de você. Você fica brava se eu guardo segredos, mas aí não tem problema se for você quem guarda? Como você pôde... Não, quer saber de uma coisa? Nem quero saber mais. – Fen se obrigou a parar por ali. Senão, poderia acabar dizendo alguma coisa feia para ela. Meteu as mãos

nos bolsos e passou pelos outros sem dizer uma palavra. Mas não era burro. Parou ao lado de Matt e anunciou:

– Vou circular ao redor do camping... a não ser que a gente vá partir logo?

Matt lançou um olhar de solidariedade a Fen.

– Ainda não. Desculpa. Ainda estou trabalhando num plano.

Fen assentiu com a cabeça e se afastou mais do restante do grupo. Os Berserkers abriram caminho quando ele passou por eles, sem validar muito sua presença, mas sem impedi-lo também.

Enquanto andava, Fen avaliou a situação. Tinha que admitir que era bom que Owen tivesse conseguido resgatar os gêmeos, mas não conseguia ver nenhum motivo para que ele não pudesse simplesmente *dizer* isso a Matt e Fen. Eles poderiam ter criado um plano; talvez mandar os Berserkers para resgatar os gêmeos ou manter alguns deles com os outros descendentes.

Ele sabia o futuro. Ele sabia que os gêmeos estavam em perigo.

Fen parou no meio do passo. Se Owen realmente sabia o futuro, também sabia onde o draugr estaria, onde Astrid estava; tantas coisas poderiam ser mais fáceis se Owen simplesmente lhes contasse o que sabia abertamente. *Eis* o plano, bem ali. Owen também disse que responderia às perguntas de Laurie, então ela teria que lhe fazer algumas perguntas.

Fen se virou rapidamente para voltar e falar com Matt, mas só tinha dado alguns passos quando ouviu as vozes de Laurie e Owen.

– Onde estão os seus corvos? – perguntou Laurie.

– Descobrindo as coisas que eu precisarei saber.

Fen se escondeu ao lado do banheiro, ficando fora de vista. Não sabia o que fazer. Seu primeiro instinto era ir até eles. Se fosse Thorsen ou Baldwin com Laurie, Fen teria se afastado, mas Owen era um estranho – um estranho que viajava com sua própria guarda e mantinha segredos. Fen se

tocou de algo, de repente: se o representante de Loki podia lutar ao lado dos mocinhos, por que não poderia Odin estar do lado dos vilões?

– É estranho, essa coisa toda dos corvos e de saber o futuro. Se você vê o futuro, então por que precisa dos corvos? – Laurie falava com aquele tom de voz que significava que ela estava tentando ser paciente, mas isso não duraria muito mais tempo. Fen estava muito acostumado àquele tom.

Owen ficou quieto por tanto tempo que Fen achou que ele poderia ter saído. Por fim, ele falou:

– Não entendo todos os detalhes.

– Sobre?

– Fenrir – respondeu Owen, bem quando Fen estava prestes a aparecer e interromper a conversa. Owen continuou: – Onde está Fenrir?

Fen se sentiu culpado em bisbilhotar, mas, ao mesmo tempo, poderia ser útil escutar que outras bobagens Owen ia dizer. Havia algo de estranho. Ou Owen não estava realmente do lado deles, ou ele tinha uma paixão por Laurie ou coisa assim. O que quer que fosse, Fen não a deixaria sozinha com aquele cara.

– Ele vai voltar – respondeu Laurie. – Pode estar com raiva, mas nunca me deixaria.

Fen sorriu para si mesmo. *Isso* era a verdade. O trabalho dele, mesmo antes que essa coisa toda de Ragnarök começasse, era proteger a prima.

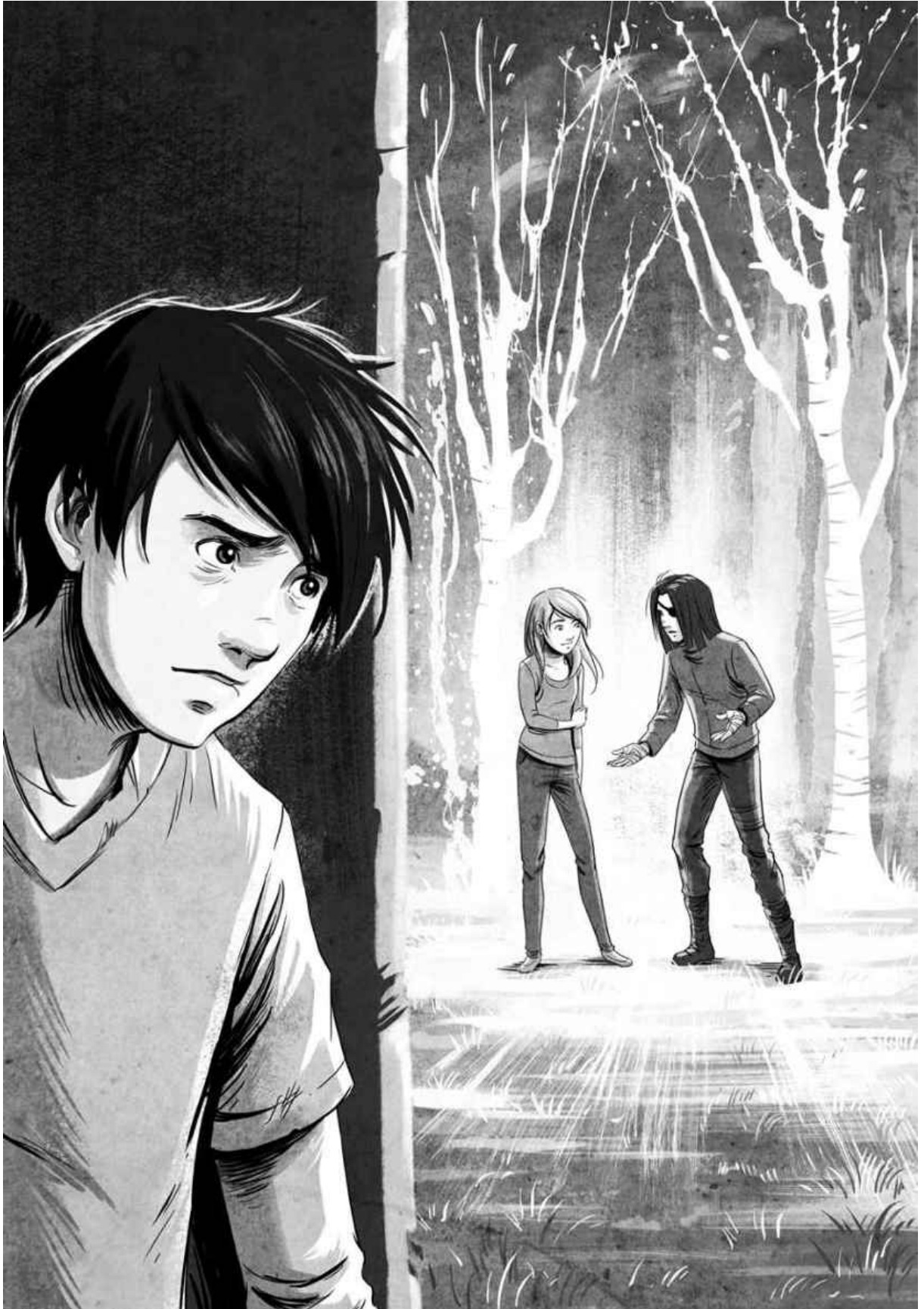
– Você não precisa de nenhum guardião – afirmou Owen. – Você não é fraca.

Fen quase rosou. *Era claro* que ela precisava de proteção! Era parente dele, quase irmã, e ele era o Campeão de Loki. Se não conseguisse manter Laurie em segurança, para que tentaria salvar o mundo? A prima tinha sido a única pessoa no mundo que ele achava digna de ser salva quando saiu de Blackwell. Tinha que admitir, porém, que isso tinha mudado desde então.

Achava que Baldwin e Matt também eram dignos de salvação. Já fora até a Hel por Baldwin.

– Você tem o arco, Laurie.

– Ahã, eu sei disso.



Fen riu do tom de “bem, dá” na voz de Laurie. Ela até podia sair escondida para conversar com Owen, mas, pelo menos, ainda soava como ela mesma.

– O arco que você vai usar na batalha final... aquela na qual lutarei ao seu lado. – Owen falava com muita calma. – Você é descendente de Loki, também. Pense bem nisso. Por que vocês todos acham que *Fenrir* vai lutar ao lado do Campeão de Thor?

Por um instante, Fen sentiu como se todo o ar tivesse saído de seus pulmões. Aquilo veio a ele num clarão; o dia em que a Norne mandou Matt atrás do descendente de Loki, Fen tinha passado a maior parte da tarde com Laurie. Matt tinha só presumido que ela apontara Fen. Todos acreditaram nisso, acreditaram que ele era especial. Não era. Ele já deveria saber disso àquela altura.

Não ficou para ouvir a resposta de Laurie. Atordoado, voltou ao camping, ao saco de dormir, e se sentou. Então, contemplou o céu, pensando em como tinha se enganado tão colossalmente em pensar que *ele* poderia ser especial e bom. Fen não era o herói ali. Era o *primo* da heroína.

Fen ficou assim até que Laurie veio guardar o saco de dormir. Depois que ela acabou, deu um abraço rápido em Fen.

– Será que a gente podia parar de brigar?

– Boa ideia. – Fen a abraçou com força. – Vem, vamos ver onde está o Thorsen. Ver qual é o novo plano.

Depois que Laurie o soltou, Fen deu uma olhada na mesa de piquenique, onde agora estava Owen sentado sozinho.

O menino mais velho o viu e lhe deu um sorriso triste. Depois de assegurar que Laurie não veria, Fen respondeu com um gesto rude. Não precisava da pena de ninguém. Laurie podia ser a verdadeira heroína ali, mas Fen ainda era seu primo, seu parente, e não desistiria de protegê-la.

VINTE



MATT

“ALIADO INESPERADO”

Matt saiu andando pela mata enquanto os outros perambulavam pelo camping, ainda se acostumando com a ideia de ter o gêmeos de volta e tentando fazer com que eles se sentissem bem-vindos. Bem, *Baldwin* tentava fazer com que eles se sentissem bem-vindos. Laurie batia papo com Owen, e Fen estava por aí sozinho. Matt queria conversar com ele, mas Fen tinha sumido antes que ele pudesse tentar. Então Matt foi passear. Também não se sentia particularmente sociável.

Matt tinha obtido Mjölfnir. Tinha erguido o Martelo do leito de rocha, provando ser realmente o Campeão de Thor. Tinha segurado Mjölfnir. O Mjölfnir. Se alguém tivesse lhe dito que ele o empunharia um dia, Matt teria... Ele não sabia o que teria feito. Era muito além de qualquer coisa imaginável. Mas Matt tinha conseguido. Tinha segurado, tinha jogado, e o Martelo voltara, tal qual nos mitos.

Agora ele tinha perdido. Teve. Segurou. Perdeu.

Matt parou de andar. Estava longe o bastante do acampamento temporário para que ninguém o visse. Estendeu a mão, fechou os olhos e se concentrou em chamar Mjölfnir de volta para si. Era assim que o Martelo

deveria funcionar. Ele o jogava, e então a arma retornava, não importando o quê.

Só que eu não joguei.

Isso não deveria fazer diferença.

Mas faz. Você sabe que faz.

Matt calou a voz duvidosa. Imaginou que via o Martelo. Imaginou o Martelo vindo em sua direção. Batendo em sua mão. Imaginou a mesma sensação de antes, o ardido do impacto.

Mjöltnir. Volte. Volte para mim.

Nada aconteceu.

Mjöltnir. Martelo de Thor. Meu Martelo. Volte para...

– O que você está fazendo?

Os olhos de Matt se abriram de repente para ver Reyna vindo na direção dele.

– Eu estava... pensando – respondeu Matt.

– É uma pose bem estranha para se pensar. – Reyna o imitou, fechando os olhos e estendendo a mão. Depois fez uma careta, apertando o rosto, como se precisasse ir ao banheiro.

– Eu estava só... – Matt balançou a cabeça. – Pode voltar ao camping. Eu estou bem.

– Ah, eu não vim ver se você estava bem. O que você está fazendo aqui fora? Esperando que o Martelo pule de um desses buracos de coelho?

Matt fez um esforço para não dar uma resposta malcriada.

– Fico feliz que você e Ray tenham voltado – afirmou Matt, com calma.
– Nós todos ficamos. Mas eu gostaria de alguns minutos sozinho. Não quero ser grosseiro...

– Por que não? Fui grossa com você. – Reyna chegou mais perto. – Por que você deu o Martelo àquele cara zumbi?

– Eu já admiti que foi uma coisa burra...

– Apenas me conta. Por que você fez isso? – perguntou Reyna de novo.

Matt suspirou. Já tinha explicado isso. Obviamente, ela não prestara atenção. Grande surpresa.

– Achei que ele fosse um Thorsen. Estava num mausoléu Thorsen. Guardava o tesouro de Thor. Tinha a aparência correta e o amuleto... Eu vacilei, está bem?

– Mas por que você lhe deu o Martelo?

– Porque parecia ser a coisa certa a se fazer. Pensei que ele tinha passado tantos anos guardando o Martelo, e agora ele partiria para Valhalla, e era um gesto legal.

– Exatamente. Você queria ser legal. E é isso que você recebe em troca.

Matt balançou a cabeça e começou a se afastar. Reyna deu uma corridinha para acompanhá-lo.

– Você é legal demais, Matt, esse é o seu problema. Você precisava de mim e de Ray, e deixou que a gente fosse embora.

Matt olhou feio para ela.

– O que eu deveria fazer? Forçar vocês dois a lutarem ao nosso lado?

– Você poderia ter discutido mais.

– Eu *discuti*. Expliquei. Até implorei.

– Você é o Campeão de Thor. Não deve implorar.

Matt balançou a cabeça de novo. Não precisava daquilo. Não agora.

– E quanto a Astrid? – insistiu Reyna.

Matt ficou tenso.

– É, eu vacilei com isso também. Tudo culpa minha. Erros burros? Cometi um monte.

– Ei, não foi você que insistiu que os trolls eram homens usando fantasias.

Reyna sorriu quando Matt olhou para ela, e foi um sorriso fácil, como se ela tivesse a mesma facilidade para zombar de si mesma que tinha para zombar dos outros. Então, bem quando Matt começava a relaxar, ela voltou ao assunto:

– Sobre a Astrid... – E ele enrijeceu de novo. – Ela enrolou você. Sei que você é só um menino...

– Como assim? Quantos anos *você* tem?

– Treze, que nem você. Mas há treze, e há *treze*. Você é de uma cidade pequena. É muito diferente. Além disso, você é um cara.

– Qual é a diferença?

– Astrid não é uma menina de treze anos de cidade pequena. Talvez nem tenha treze. Ela enrolou você completamente, como uma menina da cidade grande faria. – Reyna olhou para Matt, piscou os olhos bem arregalados. – Ah, Matt, você é tão grande e forte e...

– Não foi bem assim – retrucou ele com uma careta, enquanto ficava vermelho.

– Claro que foi. Eu ouvi.

– Certo, claro, ela fez assim, mas isso só me fez... – Matt deu de ombros, como se tentasse deslocar o sentimento. – Eu só... eu me senti mal por ela. Astrid parecia tentar ajudar, e Fen ficava sendo ruim com ela, e ninguém parecia querer que ela estivesse ali. Então tive a sensação de que deveria agir melhor.

– Exatamente. Você estava sendo legal. Caso encerrado.

Reyna o alfinetava e, independentemente do que Matt dissesse, ela tomava aquilo como prova do argumento que ela apresentava. Qualquer que fosse. E que parecia mudar a cada segundo.

– Você precisa do seu Martelo de volta.

– É mesmo? – indagou Matt. – Puxa, obrigado. Eu tinha a sensação de que havia alguma coisa faltando, mas não conseguia descobrir o quê.

– Viu? Você não se sente melhor assim?

– Reyna, eu aprecio o que você está tentando fazer...

– Não, não aprecia, não. Você quer que eu caia fora daqui. Vá em frente.

Me diga isso.

– Pra quê? Para que você possa ir embora de novo e depois dizer que foi culpa minha?

Ela sorriu.

– Touché. Você está ficando melhor nisso.

– Melhor no quê? – Matt balançou a cabeça. – Deixa para lá. Você quer que eu seja malvado? Volte para o acampamento, Reyna. Estou tentando pensar num plano, e você não está me ajudando.

– Muito melhor. Mas, para o seu governo, isso não foi maldoso. Foi honesto. De qualquer maneira, não vou embora. Você precisa de um plano, e eu estou aqui para ajudar você a encontrar um. Assim você não vai mais ficar choroso, e a gente pode seguir em frente.

– Eu não estou cho...

– Que tal taciturno, então? Você prefere? Tem um ar mais heroico, não é?

– Reyna...

– Você tem que chamar as Valquírias.

Matt parou de andar e se virou para ela.

– Isso mesmo – continuou ela. – Você tem alguma ideia de como encontrar o Martelo sozinho? Além de cavar por um tempo muito, muito longo.

– Não está mais lá embaixo. Ele levou. Para algum lugar.

– Exatamente. *Algum lugar*. Você não sabe onde, e não *tem como* saber, e por isso precisa das pessoas que lhe deram a dica em primeiro lugar. Chame

as Valquírias.

Matt balançou a cabeça.

– Eu já as incomodei demais.

– Quando foi a última vez que você as chamou?

– Nunca. Mas elas tiveram que nos resgatar não faz tanto tempo. Dos bisões.

– Elas resgataram vocês de... – Reyna balançou a cabeça. – Não quero saber. E que outra vez elas resgataram vocês?

– Bem, nunca, mas eu tenho que fazer isso por conta própria. Elas me contaram onde encontrar Mjöltnir, logo depois de me darem meus bodes.

– Bodes? Não, eu realmente não quero saber. – Ela fez uma pausa. – Espera, é, eu quero saber sim. Você ganhou bodes?

– Bodes mágicos de batalha.

– É claro. Então você ganha bodes mágicos, colar mágico, martelo mágico, escudo mágico. Você é como o filho favorito que ganha todos os melhores presentes. O que Freya tem?

– Hum, um manto mágico.

Ela dispensou com um aceno.

– Já tenho isso. O que mais?

– Tem o javali, Hildisvini.

– Quem? O quê?

– Hildisvini. É um javali. Um porco selvagem...

– Eu sei o que é um javali. Eles são quase tão ruins quanto bodes. O que mais?

– Hum... cisnes, eu acho?

– Cisnes? Maravilha. Você ganha bodes assassinos, e eu ganho pássaros bonitinhos.

– Você já encontrou um cisne? Eles são sinistros. Acho que preferiria brigar com um bode.

Os olhos dela se iluminaram.

– É mesmo? Isso seria muito legal. Todo mundo acharia que eles são só pássaros bonitinhos, e aí eles atacariam. Cisnes furtivos.

Matt riu.

– Acho que sim. Bem, a gente sempre pode ver se é possível achar o seu...

– Ahã. Você não está me distraíndo. De volta às Valquírias. A questão é que elas só resgataram vocês uma vez, e você nunca tentou chamá-las. Agora você precisa fazê-lo. – Reyna ergueu a mão assim que Matt começou a reclamar. – Você se sentiu burro, caindo no truque do zumbi, então você quer consertar a burrada por conta própria. Mas foi um erro compreensível. O cara tinha mil anos. É claro que ele vai ser mais esperto que você. Mais ardiloso, pelo menos. Você é um garoto. Você vai vacilar. As Valquírias sabem disso.

– Mas...

– Mas coisa nenhuma. Se você não as chamar, então todos nós ficaremos presos nesta casa maluca de parque de diversões, perambulando às cegas nas trevas, procurando uma saída. Eu não gosto de casas malucas. Você pode tirar a gente daqui, Matt, então cuide disso. Antes que eu e Ray decidamos sair de férias outra vez e esperar seu telefonema.

– Hum, pelo que eu me lembro, suas últimas férias não foram tão boas.

– Tá bom, tá bom, é só chamar as mulheres guerreiras. Quanto mais cedo isso tudo acabar, mais cedo nós poderemos voltar para casa.

Era isso que ela pensava? Que o Ragnarök não passava de um mero obstáculo a ser superado, como uma prova final ou uma luta de campeonato? Resolver a parada e ir para casa? Não. Quando olhava para ela, via a

preocupação nos olhos e ouvia o tremor na voz. Ela tinha medo de que não fosse tão simples, mas fingia ser. Era mais fácil assim.

– Eu não sei como chamá-las – disse Matt, depois se apressou a completar, para que não parecesse uma desculpa. – Eu vou tentar. Só não sei se...

– Não preciso da explicação, Matt. Se você fracassar, não tem ninguém aqui para rir de você. Sou só eu.

– E é para eu me sentir melhor com isso?

– Não vou falar nada se você não conseguir, está bem? Você ganhou um passe livre desta vez. Agora vai.

Matt fechou os olhos e concentrou todo seu poder em chamar Hildar e, depois disso...

Não aconteceu nada. Ele não esperava realmente que acontecesse, não tão facilmente, então continuou se esforçando, continuou chamando, primeiro na própria mente, depois, quando a frustração começou a crescer, passou a dizer as palavras em voz alta.

– Eu sei que cometi um erro – disse ele. – Perdi Mjölfnir...

– Pare – disse Reyna.

Matt abriu os olhos. Reyna estava sentada no chão, com as mãos nos joelhos, palmas para cima, como se usasse algum tipo de magia, tentando ajudar.

– Pare de pedir desculpas – continuou ela. – Elas são guerreiras. Não querem ouvir você rastejando. A não ser que você seja um soldado inimigo, quase morto no campo de batalha, e então elas só o trespassarão com uma lança, para que você pare de sofrer.

– Como você sabe que elas fariam isso?

Reyna deu de ombros.

– É o que eu faria.

Matt resistiu ao impulso de se afastar e lembrou que Freya era conhecida como a verdadeira líder das Valquírias. Isso poderia explicar algumas coisas...

– Certo, deixe-me tentar de novo.

Levou algum tempo. Ele começou a pedir educadamente, e Reyna o fez chamar com mais assertividade, e os dois ficaram nessa gangorra até que Matt estava praticamente ordenando que as Valquírias aparecessem.

E elas apareceram.

Matt as ouviu primeiro, rugindo pela floresta. Antes mesmo que ele pudesse ver de onde vinha o ruído, as amazonas estavam diante deles, cavalgando até a clareira e parando, com Hildar na liderança.

– Você chamou, filho de Thor? – disse ela.

– Hum, sim. Eu... bem, eu meio que perdi...

Reyna lhe deu uma cotovelada e Matt pigarreou.

– Mjölnir me foi tomado. Fui enganado por Glaemir, rei dos draugrs. Sinto-me tolo por isso, mas preciso recuperar o Martelo.

– Você precisa.

– O que significa que eu preciso saber onde encontrar Glaemir.

– Você precisa.

Matt respirou fundo.

– Vocês poderiam, por favor, me ajudar a encontrar Glaemir?

– Nós o levaremos até ele quando você estiver pronto.

– Ah, eu estou pronto agora...

– Não está, não. Quem é esse Glaemir?

– Rei dos draugrs.

– O que significa que você não o encontrará sozinho com seu prêmio, não é? Ele tem uma legião de draugrs ao seu dispor.

– Uma leg-legião? – O coração de Matt pesou.

– Sim. Entretanto, a maioria não está em sua corte. Ele os vai convocar, é claro, para proteger o grande tesouro, mas eles não são capazes de se deslocar como ele, voando pela terra. Vai levar tempo. Até lá, ele só tem quatro dezenas de guerreiros.

– Qua-quatro dezenas? *Quarenta?*

– E é por isso que você precisa se preparar. Convoque seus bodes. Mande Odin convocar o resto dos Berserkers dele. Preparem-se para uma difícil batalha. Até nós lutaremos ao seu lado.

– Posso ganhar meus cisnes? – perguntou Reyna.

Hildar se virou para ela.

– Freya não tem cisnes.

– Certo – concordou Matt. – Eu me lembrei errado. Desculpa. Diz-se que Freya é a líder das Valquírias, que são as donzelas-cisnes.

– Não somos donzelas-cisnes – disse Hildar, se endireitando e erguendo a espada.

– Mas vocês podem virar cisnes.

– Não, não somos cisnes.

– Nem mesmos cisnes assassinos violentos? – insistiu Reyna.

– Não.

– Certo, mas eu ainda sou a líder de vocês, né? Que nem o Matt falou.

Freya...

– Não. – Hildar hesitou. – Você não foi provada em batalha. Poderá nos liderar um dia. Mas não somos cisnes mesmo assim.

– Então o que eu *ganho*? – indagou Reyna.

– Você já tem o manto.

– E que tal esse javali que Matt mencionou?

– Ainda não, filha de Freya. – Hildar fez uma pausa, como se pensasse. – Tem a carruagem puxada por gatos.

– Gatos? Como leopardos? Tigres?

– Apenas gatos. Vocês os chamariam de gatos domésticos, acredito eu.

– E eles são violentos?

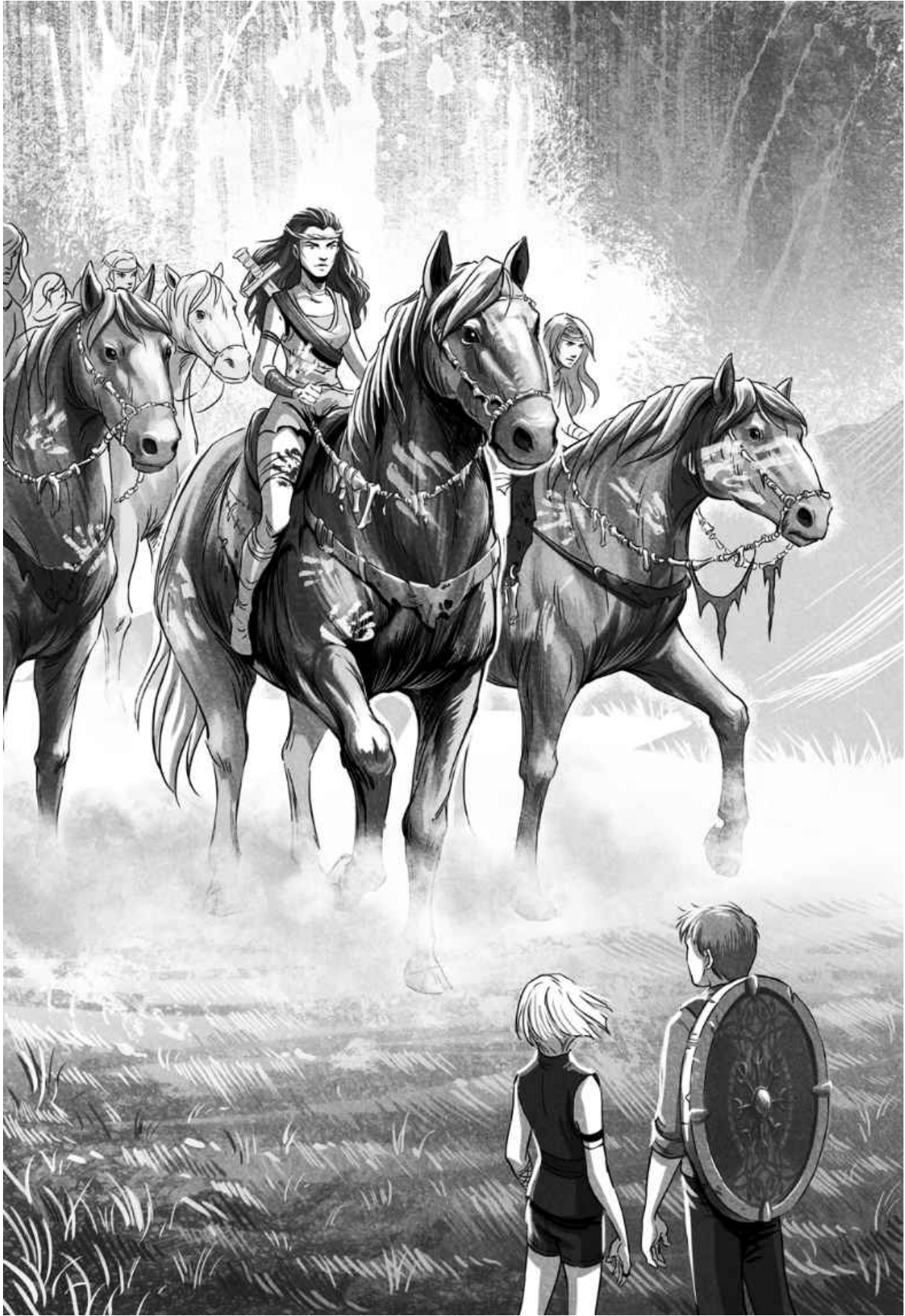
Hildar a fitou.

– A filha de Freya parece sanguinária.

– Eu tenho que ser sua líder, não tenho?

– Não foi uma reclamação – respondeu Hildar. – Foi uma simples observação. Não, por enquanto, acredito que o manto seja suficiente.

– E quanto a nós? – disse uma voz atrás deles. Era Baldwin, chegando com Fen, Laurie e Ray. Eles provavelmente ouviram os cavalos. – Não querendo ser ganancioso, mas o que a gente ganha?



– Você não pode morrer – disse Reyna. – Trocaria meu manto falcão por isso.

– Mas você também tem magia – respondeu Baldwin.

– E quanto a mim? – perguntou Ray. – O que Frey ganha?

– Sua irmã – respondeu Hildar.

– O quê? – disse Ray, fazendo uma careta.

– Você tem a proteção de sua irmã e, se ela considerar adequado, o uso dos itens dela.

– Ah.

– Tem o navio também – lembrou Matt. – Skiðblaðnir.

– Tente dizer isso cinco vezes rápido – sussurrou Baldwin.

– Chega! – exclamou Hildar. – Não estamos celebrando Jarlstag mais cedo este ano. Vocês receberão as dádivas que necessitarem *conforme* elas forem necessárias, *se* forem necessárias. Se vocês questionam por que os filhos de Thor e Loki recebem mais, as batalhas deles são as mais importantes, e não acredito que nenhum de vocês queira tomar o lugar deles.

– Está tudo bem – disse Reyna. – Não estávamos reclamando, só perguntando.

– Nada errado em perguntar – acrescentou Baldwin.

Todos concordaram, satisfeitos com a resposta. Ou, quase todos. Fen não dissera nada, mas não parecia satisfeito.

– Tem certeza que eu não posso ter o javali? – indagou Reyna.

– Tenho certeza. Pergunte de novo, e você receberá os gatos, quer você os queira ou não. Agora, vamos nos preparar para a batalha.

VINTE E UM



LAURIE

“VERDADES, BODES E BERSERKERS”

—**P**reciso falar com você agora – sussurrou Laurie a Fen, puxando o primo para longe dos outros. – Em particular.

Ela pegou o braço de Fen e começou a arrastá-lo de volta ao acampamento. Não era como se eles realmente precisassem estar ali, e Fen nem estava falando. Ela o levou para o camping, longe dos outros. Laurie desejou que eles tivessem mais espaço, e tempo, para ter aquela conversa, mas as opções eram a mata onde havia Valquírias e os outros descendentes, *ou* o camping onde estavam Owen e seus Berserkers. Nem Owen nem seus seguidores a interromperiam, então ela foi para lá.

Fen a seguiu em silêncio.

Laurie sabia que ele já estava com raiva, além de aborrecido pela quase prisão, mas ela não poderia guardar aquilo para si mesma. Depois que Owen lhe contara que ela era a Campeã de Loki, Laurie não soubera o que dizer ou fazer. Sabia que fazia sentido, por mais que não fizesse. Não queria ser deixada de fora da batalha final, não queria que os amigos lutassem sem ela, mas não sabia se gostava da ideia de ser uma Campeã. Os mitos diziam que

Loki liderava os monstros e, mesmo que Laurie não tivesse acreditado que Fen o faria, havia ainda menos chance que *ela* o fizesse.

Tinha pensado em tudo que aconteceu desde que eles saíram de Blackwell. Fora ela quem descobrira um novo poder, e fora ela quem podia usar as flechas fantasmas. Helen tinha lhe dado o mapa. Coisas que ela considerara provas de que ela era parte da equipe agora pareciam significar muito mais.

– Fen? – chamou ela baixinho. – Acho que preciso lhe contar uma coisa.

O primo foi até o próprio saco de dormir, olhando feio para Owen, que os observava com um olhar estranho, triste. Ele era um cara legal; Laurie via isso, mas entendia por que Fen agia assim. Por anos, a vida dele girava em torno da proteção da prima. Ele ficara ainda pior agora que eles enfrentariam um apocalipse iminente. Aceitava bem a presença de Matt e Baldwin, e talvez até de Ray e Reyna, perto dela. Owen o incomodava, parcialmente por achar que Owen *gostava* dela. Laurie também tinha pensado assim, mas agora percebera que Owen tinha sido tão legal porque sabia que ela era uma Campeã.

Laurie estava aterrorizada, ainda mais do que antes. Tinha ficado tão acostumada a brigar com Fen pelo direito de lutar ao lado dele que agora que ela *tinha* que lutar, estava insegura quanto ao que sentir. Ela seria capaz de lutar. Ela *lutaria*. Era assustador, especialmente se Fen não estivesse com ela.

Quando Laurie ficou calada, Fen pegou o saco de dormir e comentou:

– Parece que a gente perdeu pelo menos uma das batalhas contra monstros. – Chacoalhou o saco de dormir antes de enrolar. – Acho que preferiria enfrentar cavalos a zumbis. Muitas coisas mortas e coisas nojentas e...

– Fen – interrompeu ela.

Fen encarou a prima, com o saco de dormir enrolado e nos seus braços.

– E se outro de nossos tatatatara-sei-lá-o-que descendentes fosse o Campeão? – Laurie tentou manter o contato visual com ele, na esperança de não perder o melhor amigo e quase-irmão. – Tipo, quando a Norne apontou a feira, e se Matt pensasse que ela se referiu a você, mas...

– E se ela tivesse se referido a você? – completou Fen quando as palavras dela falharam.

Laurie fez que sim com a cabeça.

– Então eu teria que parar de tentar mandar você para casa, onde você ficaria mais segura – respondeu ele, dando de ombros.

Por um momento, Laurie o encarou e franziu o cenho.

– Só isso?

– Você já não iria para casa mesmo – acrescentou Fen. – Agora você tem o arco, também. Isso ajuda a manter você longe do pior das lutas.

– *Fen!* Fale sério por um minuto.

Em silêncio, Fen abriu a mochila e empurrou a ponta do saco de dormir enrolado. A mochila funcionava quase num vácuo, puxando a coisa toda para dentro, sem que fosse necessário empurrar ou forçar. Depois disso, Fen vestiu a mochila.

– Não sei bem por que alguém pensaria que poderia ter sido eu. Parece bem idiota, se você parar para pensar.

– *Eu* não acho – discordou Laurie. Ela abraçou Fen. Quando ele não disse mais nada, Laurie fez o que sempre fizera: disse a coisa que faria Fen se sentir melhor: – Ele pode estar errado quanto a mim, sabe.

Fen fungou e se afastou da prima.

– Não seja ridícula.

– Ei! – Ela deu uma cabeçada no ombro dele. Fen devolveu o gesto.

– Vou ficar para a luta. Posso não ser mais todo representante-de-deuses, mas o tio Stig me daria uma surra se você se machucasse, mesmo que fosse porque você estava impedindo o fim do mundo.

Laurie engoliu em seco, tentando não pensar na batalha, em estar no meio dela e o risco de fracassar. Ela se sentia mais corajosa com o primo ao seu lado, e temia que ele a deixasse. Tudo que pôde dizer foi:

– Obrigada. Não acho que consigo sem você.

– Claro que conseguiria. Não vai ter que tentar sem mim, mas conseguiria, sim.

Os dois ergueram os olhares quando Matt e Reyna vieram na direção deles. Matt sorria de novo daquele jeito “a-gente-super-consegue-resolver-isso” dele, e Laurie sentiu uma onda de alívio. Tinha sido difícil lidar com os dois meninos nesse estado depressivo. Fen parecia aceitar bem a novidade de Laurie, e não ia abandoná-la. Agora que eles tinham conversado, era quase como se o aborrecimento restante com o fiasco da prisão e com a atitude de Owen tivessem sumido. Da mesma forma, agora que havia um plano, Matt tinha voltado ao normal.

– Venham cá! – Matt os chamou enquanto seguia para a mesa, onde Owen ainda se sentava como uma das estátuas silenciosas de Hel.

Assim que os dois começaram a rumar até lá, Fen comentou baixinho com a prima:

– Eu ainda não gosto de Owen, e você não precisa ficar andando sozinha com ele por aí. Tio Stig também não ia gostar *disso*.

Laurie sentiu as bochechas esquentando.

– Fen!

– Sério, já foram três vezes que você conversou com ele sozinha. Por favor, não faça mais isso.

Em silêncio, Laurie concordou. Agora que ela finalmente sabia o segredo que Owen tinha tentado fazer com que ela descobrisse sozinha, não havia mais motivo para que ele quisesse ficar a sós com ela.

– Certo, então Hildar disse que Glaemir só tem alguns de seus soldados consigo, uns quarenta, mais ou menos, e eu já mandei os... bodes nos encontrarem lá. – Matt fez uma pausa meio desajeitada. – Hildar me deu a direção que os bodes poderiam seguir, então eles já estão a caminho.

– Os bodes estão a caminho – repetiu Baldwin em voz baixa antes de começar a rir.

Os gêmeos sorriram para ele. Fen revirou os olhos, mas, como tudo que Baldwin fazia, Fen achou legal. Até os lábios de Owen se curvaram num sorrisinho.

– Owen, você tem mais Berserkers, ou apenas estes? – indagou Matt.

Por um momento, Owen ficou tenso, mas então disse apenas:

– Eu já mandei Vance convocar o restante dos Berserkers enquanto voltávamos de Evan's Plunge. Eles vão nos encontrar lá. Esse era o passo seguinte.

– Então nós vencemos? – perguntou Fen.

A expressão no rosto de Owen fez mais sentido então, quando o franzir de cenho que acompanhava aquela tensão apareceu.

– Faça parte do planejamento agora, Fen. Uma vez que eu estou envolvido, não posso mais ver os futuros possíveis. É por isso que eu me mantive afastado: para poder ajudar mais.

Ninguém respondeu àquele detalhe por vários segundos, então Laurie esclareceu:

– Então você queria estar conosco, mas poderia ajudar mais se mantendo longe?

Owen assentiu com a cabeça.

– E eu tinha que esperar porque temia que não conseguiria guardar um segredo de você.

O resto do grupo olhou de Laurie para Owen, e ela sentiu o rosto ardendo de vergonha: não queria contar aos outros sobre Fen, não agora, não depois que ele mesmo tinha acabado de saber. Parecia injusto de alguma forma que a mudança de papel dele fosse revelada tão cedo.

– O que Owen está insinuando e Laurie não está dizendo é que *ela* é a Campeã de Loki, não eu. – Fen olhou nos olhos da prima ao falar, e ela se odiou pelo fato de que ele deveria estar se sentindo tão horrível; e se sentiu grata que ele se importasse o bastante com ela e com deter o Ragnarök para contar aos outros.

Laurie esperou para ver se alguém diria alguma coisa cruel, percebendo que estava com o punho cerrado em antecipação. Matt olhou nos olhos dela, e Laurie percebeu que ele baixou o olhar para o punho dela. Lançou um sorriso de solidariedade a Laurie e Fen.

– Hum – comentou Reyna. – Não esperava por mais essa.

– Você vai ficar, né, Fen? Tipo, você não vai pular a grande luta, vai? – perguntou Baldwin.

Fen fez uma cara de “bem, dã” para Baldwin.

– Agora eu tenho ainda mais motivo para proteger minha prima. Ela é a Campeã, então está correndo ainda mais perigo, *e* é ainda mais importante que nada de ruim aconteça com ela. Vou continuar nessa de guarda-costas. – Deu uma olhada para Owen e sorriu. Depois se virou para Matt e retornou a conversa à batalha iminente. – Temos bodes, Berserkers e... então o que, Thorsen?

– As Valquírias vão nos levar até lá... e vão ficar. – Matt olhou em volta, para os descendentes reunidos, e afirmou: – Então nós lutamos e vencemos.

Baldwin concordou com um aceno da cabeça.

– Um plano direto. Gosto disso em você, Matt.

Os gêmeos se entreolharam nervosos, e Laurie disse a eles:

– Nós vamos conseguir. Fomos a Hel e voltamos. Rio de zumbis.

Gigantes. Agora são só alguns draugrs, não são?

– Quarenta – corrigiu Baldwin. – Foi isso que Matt disse.

Antes que Laurie pudesse tentar confortar os gêmeos, Reyna sorriu.

– A probabilidade é injusta para os monstros, mas é isso que eles merecem por roubar do Campeão de Thor.

Laurie olhou em volta para o grupo reunido. Eles estavam finalmente todos juntos, todos os descendentes, prestes a cavalgar em combate com as Valquírias, Berserkers e... bodes. Era bem épico.

Em poucos minutos, os garotos todos tinham se juntado a diversas Valquírias e partiram para o covil de Glaemir. Aqueles com mochilas de Helen guardaram suas coisas em alforjes. Matt tinha seu escudo e Laurie, seu arco. Reyna tinha um manto de penas, que ela atou aos ombros enquanto Hildar a puxava para sua montaria. A visão da menina gótica com seu manto de penas montada num imenso cavalo fez Laurie pensar nos super-heróis dos quadrinhos que ela costumava ler. *Nós somos heróis!* Ela sorriu ao contemplar o restante da força de combate. Podiam até ser adolescentes, mas se pareciam muito com guerreiros naquele momento.

Aquela autoconfiança continuou com ela enquanto as Valquírias os levavam até os draugrs. A cavalgada ainda foi empolgante, mas pareceu menos exótica desta vez. A confiança de Laurie permaneceu firme enquanto o grupo descia por um túnel escuro e úmido que parecia ecoar forte. Cada golpe de casco na rocha parecia ribombar como um tambor, e o coração da menina queria bater no mesmo ritmo.

Quando o túnel começou a brilhar com luz verde que a confiança dela começou a se abalar. O brilho verde emanava de manchas viscosas de fungo

que se prendiam às paredes úmidas. Era como se alguma criatura gigantesca tivesse espirrado repetidamente na pedra e na terra, e a melega ainda tremia ali. O ar ficou mais pesado quando o túnel pareceu ficar plano, e Laurie evitou respirar fundo por medo de inalar a podridão.

Conforme o fedor se tornou cada vez mais nauseante, ela percebeu que estavam quase lá. Em algum lugar por perto, pelo menos quarenta e um cadáveres ambulantes e decompostos os esperavam. Ninguém falava. Os únicos sons eram a respiração constante dos outros e os cascos no chão.

Finalmente, viraram uma curva e se encontraram num vasto espaço aberto. Parecia uma arena subterrânea. Estalactites e estalagmites se lançavam do teto bem acima e do chão. Em meio a eles, havia o que parecia ser as ruínas de uma cidade ancestral. Paredes e telhados, portas e janelas, tudo se espalhava ao redor do espaço central. De dentro daquelas janelas, draugrs os encaravam e, de dentro daquelas portas, ainda mais draugrs saíam.

– Vocês chegaram mais cedo do que eu esperava – comentou Glaemir.

Todos se viraram na direção dele. O rei draugr tinha um trono construído de sarcófagos e, dos dois lados, havia um guarda que parecia tão apodrecido quanto ele. Os sorrisos exibiam dentes ausentes, e Laurie se perguntou rapidamente se os dentes teriam caído antes ou depois da morte. Vikings não tinham lá a melhor higiene dental.

– Devolva-me Mjölfnir – exigiu Matt. Só poderia estar tão perturbado quanto Laurie, mas sua voz soava firme.

– Não. – Glaemir balançou a cabeça lentamente. O Martelo estava no trono ao lado dele, e o monstro pousou a mão na arma como se ela fosse um animal de estimação que ele acariciava. – Você o largou, garoto, e vir aqui com algumas crianças e garotas em pôneis não vai me convencer a lhe devolver.

A toda volta, Laurie ouviu as respostas das Valquírias à agressão do draugr. A maioria não foi no mesmo idioma, mas as palavras tinham um tom áspero o bastante para que a menina desconfiasse de que ela mesma não deveria repetir.

– Thorsen, cadê os bodes e os palhaços de Owen? – indagou Fen em voz baixa.

– Os *Berserkers* vão chegar em alguns minutos. Os corvos foram buscá-los. – Owen finalmente souou exasperado, e Laurie teve pena dele. Agora que Fen sabia que era capaz de aborrecer Owen, ficaria ainda pior.

– Filho de Thor? Por uma questão de cortesia, aguardamos seu comando – disse Hildar.

– Você tem certeza de que não vai devolver? – perguntou Matt a Glaemir.

A mão do draugr se apertou no cabo de Mjölfnir.

– Então vamos tomá-lo – decidiu Matt.

Imediatamente, as Valquírias se lançaram contra os draugrs que pareciam se derramar das ruínas em volta. Algumas ficaram montadas, outras saltaram dos animais e se prepararam. Os adolescentes desceram dos cavalos enquanto as Valquírias se espalhavam e atacavam. Laurie ergueu o arco e começou a atirar. Os gêmeos deram as mãos e entoavam algum feitiço. Baldwin soltou um grito de empolgação, e Fen se transformou em lobo. Enquanto a luta começava para valer, Glaemir continuava no trono, segurando o Martelo.



Não era a mesma coisa que se defender de monstros, que era como a maioria das lutas deles tinha transcorrido. Aquela era a primeira vez que eles se lançavam num assalto total contra o inimigo, e Laurie se sentia energizada por isso.

A dificuldade, é claro, era que Matt tinha que alcançar o rei e, pelo jeito que o campo de batalha se desenvolvia, quando finalmente chegasse lá, ele estaria exausto depois de lutar. Glaemir, entretanto, estaria perfeitamente bem. Estava em seu trono, observando com um sorriso.

Fen, na forma de lobo, estava ao lado de Laurie. Olhou para a prima e mostrou os dentes. Depois olhou de volta para o rei. Ela não sabia exatamente que *palavras* ele estava pensando, mas o conhecia bem o bastante para esperar que ele tivesse o mesmo pensamento geral que ela acabara de ter: pegar Glaemir.

Não tinha como acertá-lo de onde estava, então era necessário chegar mais perto. Juntos, Fen e Laurie partiram na direção de Matt.

A luta tinha acabado de começar quando os dois corvos de Owen deram um rasante na caverna e, num piscar de olhos, o restante dos Berserkers se juntou à peleja saltando e dando cambalhotas. Atrás deles vinha um verdadeiro mar de pelo e chifres. Alguns dos draugrs pareceram hesitar quando os bodes os atacaram, mas a pausa foi breve. De uma forma estranha, os bodes pareciam ser a arma perfeita contra os draugrs: ambos eram essencialmente imortais. A manada de bodes inteira compartilhava do mesmo poder de reviver após a morte de Tanngnisnir e Tanngnjóstr, e os draugrs podiam reconectar partes do corpo depois de feridos. Era uma luta bem justa.

Os Berserkers brotavam em meio ao pelo e à carne decomposta. Saltavam e se lançavam, usando os corpos dos lutadores de ambos os lados como trampolins. Estalactites eram como barras horizontais para ginastas

tão hábeis. Era um caos completo, ainda mais que a batalha entre Berserkers e Saqueadores. Os Saqueadores, apesar de toda sua atitude e temperamento, simplesmente não eram tão aterrorizantes quanto imensos draugrs apodrecidos.

– Matt! Você consegue usar seu Martelo em Glaemir daqui de trás? – gritou Laurie do outro lado da batalha, enquanto ela e Fen tentavam se aproximar dele.

A resposta se perdeu sob o rugido de um draugr que saltou com os dois, e então os primos foram separados do amigo numa maré crescente de combatentes. Fen ficou ao lado dela, e muito de vez em quando ela via Baldwin e os gêmeos, mas o caos os dividira em pequenos grupos.

A Campeã de Loki, lembrou a si mesma. *Eu sou a Campeã de Loki*. Ela não decepcionaria o ancestral ou os outros descendentes. Não poderia nem considerar essa hipótese. Tentou ignorar os rosnados, berros, balidos e grunhidos. Tinha que fazer sua parte.

Uma flecha de cada vez.

VINTE E DOIS



MATT

“VINGTHOR”

Batalha. Era nisso que os vikings eram mais famosos, como se passassem a vida toda aterrorizando os litorais, chacoalhando espadas, esperando pela chance de brigar com alguém. Roubar de alguém. Matar alguém.

Não era exatamente verdade. Eles também eram fazendeiros e exploradores, e passavam mais tempo nas aldeias que pelo mundo saqueando, mas, sim, Matt admitiria que os vikings gostavam de brigar. Não só em lutas corpo a corpo, também. Eles gostavam *disto*.

Olhou em volta pelo campo de batalha. Era uma massa contorcida de Berserkers e Valquírias e draugrs e bodes de batalha e os descendentes do Norte. Um grande espetáculo de agitar o sangue de qualquer viking. Se tivesse visto num filme, teria ficado colado na tela, com o coração disparado e a adrenalina correndo solta. Para um menino de Blackwell, esta era a versão que ele faria de uma batalha de piratas, ninjas e zumbis. Não tinha como ficar melhor.

Exceto... bem, aquela não era uma cena de filme. Uma semana atrás, teria admitido que uma luta real seria aterrorizante. Agora não era tanto o terror que o fazia desejar que aquilo *fosse* um filme; era o caos.

Não importava que fossem Berserkers e Valquírias e bodes contra draugrs. Poderia ter sido muito bem ruivos contra loiras de onde ele olhava. Era um caos, um caos absoluto, com cascos voando e pedaços de draugrs voando e Berserkers dando saltos mortais e terra – muita terra, girando por todos os lados, erguida pelos cavalos e guerreiros, terra nos olhos dele, terra na boca. Não dava para ver quase nada de coisa nenhuma depois de um tempo, só vultos passando em disparada, algumas vezes acima, outras abaixo, enquanto Matt tropeçava nos caídos. Eles também esbarravam nele, dando encontrões e resmungando e o desequilibrando, e Matt girava, escudo erguido, Martelo de prontidão, mas eles não o notavam, só colidiam com ele e desapareciam de volta na luta.

Tinha também o cheiro. De draugr, na maior parte. O fedor de podridão era tão forte que se tornava quase uma arma em si. Matt tropeçou num dos Berserkers mais jovens, que vomitava com o odor, e Matt lhe disse para sair e pegar ar. O menino baixou os olhos de vergonha, mas ele já estava quase verde de náusea. Entretanto, foi outro cheiro que revirou o estômago de Matt. Um cheiro mais leve, que ele captava aqui e ali enquanto se movia pelo campo de batalha. Sangue. Por mais leve que fosse, era o mais poderoso sinal de que aquilo não era uma cena de filme, não era um jogo. Era real, e Matt estava bem no meio.

Porém, não era só ele no meio de tudo, o que era ainda mais assustador. Havia outros, também, que ele deveria proteger; Fen e Laurie, Baldwin e os gêmeos. Por mais que soubesse que deveria ir atrás de Glaemir, ficava procurando os outros, para se assegurar de que estavam bem, para ver se precisavam de ajuda. Olhando e ouvindo. Mas ouvir era quase tão inútil quanto olhar. A cacofonia era suficiente para fazer seus ouvidos apitarem. Ocasionalmente ouvia um ruído isolado; o fungar de um cavalo, o grito de

batalha de uma Valquíria, o retinir de espadas, o balir de um bode; mas, no geral, era tudo barulho. Barulho ensurdecedor.

Era um campo de batalha. Um campo de batalha de verdade. Uma batalha de verdade. E, francamente, Matt não queria ter nada a ver com aquilo.

Ele suspeitava de que outros membros da família Thorsen não se sentiriam assim. Estariam bem no coração do caos, uivando com os outros guerreiros, seus espíritos se elevando com a febre de batalha há tanto adormecida. Fúria de batalha. Fome de batalha. Para eles, seria como um jogo de final de campeonato, igualmente caótico e barulhento, igualmente fétido e talvez igualmente sangrento. Eles amavam aquilo. Os irmãos dele viviam para aquilo.

E Matt? Não. Ele olhou em volta e lembrou por que nunca quis jogar futebol. Aquele caos não o energizava como fazia com os irmãos. Por outro lado, Matt também não sentia vontade de se encolher numa bola com a cabeça entre as mãos. Ainda era um viking.

Viu o campo de batalha e sentiu o sangue dos ancestrais, mas esse sangue não fez com que ele quisesse se jogar na peleja. Ele queria a própria batalha. Como no ringue de boxe. Um contra um. O que era perfeito, porque era exatamente o que ele tinha que fazer. Lutar com um cara... que apenas calhava de ser o rei dos draugrs e, atualmente, estava perdido no meio daquele campo de batalha fervilhante.

Quando tudo aquilo tinha começado, ele soubera exatamente onde Glaemir estava. Ainda sabia, hipoteticamente. No meio. Mas fazia muito tempo que o perdera de vista, e era forçado a contar com o amuleto para guiá-lo até Mjölnir. Era só seguir a vibração. O que seria fantástico... se a terra inteira não estivesse vibrando aos seus pés. Então Matt tinha que andar com uma das mãos segurando o escudo e a outra agarrando o amuleto,

avaliando a vibração e as seguindo como um morcego usando ecolocalização.

Ninguém tinha aberto um caminho para ele. Ninguém tentou detê-lo, também. Todos estavam muito concentrados nas próprias lutas para perceber ou se importar com aquele menino ruivo em quem esbarravam.

Matt estava tão focado no seu objetivo que mal registrou um draugr em seu caminho. Só mais um zumbi jogado para fora da batalha. Só que ele não pulou de volta. Ficou parado ali. Bloqueando a passagem.

Matt olhou para cima. Foi obrigado. O cara tinha 1,80m. Era enorme para um viking. Do nariz para baixo, era pouco mais que um esqueleto embrulhado em couro esfarrapado, o que fazia a metade de cima da cabeça dele parecer um gorro esquisito de pele e carne em vez de parte da cabeça, e a ilusão ficava ainda mais forte porque ele não estava usando um capacete. Cabelos emaranhados caíam do “gorro” até os ombros. Olhos escuros encaravam Matt, sendo que um tinha uma película branca, como se fosse cego. Sob o nariz, a cabeça era uma caveira sorridente, com uma quantidade surpreendente de dentes intactos. Aqueles dentes chocalharam quando o bicho abriu a boca, e Matt teve certeza de que o chocalhar era tudo que ele ouviria; como alguém poderia falar sem língua... ou sem garganta?

Só que, de alguma forma, aquele draugr conseguia, mesmo que as palavras fossem guturais e roucas, ainda mais difíceis de entender que a fala de Glaemir.

– Então você é aquele que pensa ser o grande deus Thor? – perguntou o draugr.



– Não exatamente – respondeu Matt, mantendo a voz calma enquanto avaliava a situação, buscando uma saída fácil. Ele precisava guardar sua energia para Glaemir. – A frase é “encarnação viva”, o que significa que eu meio que sou Thor, e meio que não sou. É confuso.

– Você está de brincadeira, moleque?

– Não, estou só corrigindo você. Mas, se você está me perguntando se eu *sou* a encarnação viva, a resposta é sim. Agora, se você me der licença, eu preciso pegar o meu Martelo.

– *Seu* Martelo? – O draugr pareceu cuspir, o que era bem difícil de se fazer sem saliva. Ou lábios. – Você não é esse Campeão de Thor.

– Sou, sim. E posso provar, também.

O draugr fungou de desprezo.

– Eu posso, sim. É só você me ajudar a abrir caminho até Glaemir e pegar Mjöllnir. Eu mostrarei que consigo empunhá-lo. Isso deve resolver a questão.

O draugr soltou uma risada arrepiante. Então atacou.

Trolls eram tão mais fáceis de enganar.

Matt bateu com o escudo na cara do draugr, o que fez o monstro cambalear para trás, um olho inchado como se tivesse perdido o encaixe. O golpe também pareceu ter irritado o draugr. O monstro rugiu e inflou para o dobro do tamanho. Atacou de novo. Matt tentou jogar o Martelo, mas o golpe falhou. Conseguiu erguer o escudo a tempo, mas isso funcionava melhor quando o draugr não tinha quase quatro metros de altura. O escudo só chegava à altura da coxa do zumbi. O draugr balançou um braço imenso e acertou o ombro de Matt, que caiu de bunda no chão e deslizou para trás.

Matt começou a se levantar apressado e viu o draugr vindo a toda, estendendo a mão para agarrá-lo, e o menino sabia que não se levantaria a tempo. Então uma flecha atingiu o peitoral de couro do monstro. Não fez

nenhum estrago, é claro, mas o zumbi parou para olhar. Foi aí que um lobo saltou do campo de batalha abarrotado e cravou os dentes na perna do draugr. Enquanto Matt se levantava num salto, Laurie saiu da peleja. Ainda mordendo a perna do draugr, Fen lançou um olhar para ela, como se dissesse *já não era sem tempo*.

– Ei, minha flecha foi mais rápida – comentou a menina. –

Tecnicamente, eu cheguei aqui primeiro.

O draugr se virou para Laurie, rugiu e, ao fazê-lo, pareceu ficar ainda maior. Depois investiu. Matt viu aquela coisa; um guerreiro zumbi de 4,5m de altura, que nem se incomodava que houvesse um lobo mastigando seu fêmur, correndo contra Laurie, que estava armada apenas com um arco; e encontrou a raiva necessária para lançar o Martelo. Lançá-lo com um *crash* e um *bang* e uma explosão de força direto no campo de batalha. No processo derrubou Laurie e fez Fen-lobo voar. Os dois estavam prontos para isso, no entanto, e se levantaram rápido enquanto o draugr continuou caído, balançando a cabeça como se para dizer *O que acabou de acontecer?*

– Você ainda duvida que eu sou o Campeão de Thor? – perguntou Matt, avançando contra o draugr, que tinha desinchado ao bater no chão. – Eu...

O draugr se levantou num salto, surpreendentemente ágil para um esqueleto embrulhado em couro.

– O verdadeiro Campeão jamais teria permitido que Mjöllnir escapasse de suas mãos. Você é um impostor, e eu vou colocá-lo embaixo da terra, onde você merece estar.

Foi um grande discurso. O draugr chegou até a segui-lo com um rugido, pronto para se reinflar. Só que... bem, o problema com discursos em campos de batalha? Se você está falando, não está lutando.

Então, quando o draugr começou a rugir, foi atacado por todos os lados. Uma flecha na nuca. Um lobo com as presas cravadas em seu braço. E Matt

correndo com velocidade total e acertando o escudo na cara dele. Desta vez, foi como bater nele com um escudo feito de tijolos. Houve um terrível som de coisas se quebrando, depois um *rip* e um *snap* no que o draugr caiu para trás, e Fen acabou com um braço desconectado de zumbi na boca.

O draugr desabou no chão chapado de costas. Seu rosto *parecia* ter sido atingido com um escudo de tijolos: o osso rachado, o nariz amassado, alguns dentes pendurados, frouxos. Ainda assim, ele se levantou e correu contra Fen, pegando o braço de volta e reconectando-o magicamente. Em seguida ele foi atrás de Matt.

A luta continuou. Laurie castigou o draugr com flechas. Fen mastigava qualquer osso que conseguisse morder. Matt espancava o monstro com escudo e Martelo. Chamou Tanngrisnir e Tanngnjóstr, que se juntaram à briga, cabeceando o draugr sem pena. Porém, como um zumbi de filme de horror, ele simplesmente continuava vindo. Foi então que Matt percebeu que estava com problemas. Desperdiçava sua força e poderes num draugr insignificante enquanto a batalha real aguardava.

Bravo e frustrado, Matt sentiu a raiva se acumular dentro de si, o amuleto ardendo quente.

– Saia do meu caminho! – gritou finalmente, enquanto encarava o draugr, que tinha flechas cravadas na armadura, como espinhos de ouriço, e Fen pendurado no seu braço.

O draugr riu.

– O garotinho se cansa? Sou um guerreiro, idiota, não sairei do caminho para...

– Thor! – rugiu Matt. – Você sairá do caminho de Thor.

Ele não precisou nem lançar o Martelo. Como na cabana, ativou-se sozinho, uma imensa bola de relâmpago azul se lançou do corpo de Matt.

Fen a viu chegando e soltou, retorcendo-se para fora do caminho. O draugr ali ficou, com a mandíbula pendurada. A bola o atingiu no peitoral e...

E o estilhaçou como uma bola de basebol acertando um vaso. Ele se partiu em uma centena de ossos, voando como fragmentos de bomba, e todos se abaixaram para escapar dos destroços. Então...

Silêncio. A toda volta, a batalha parou. Berserkers, Valquírias e draugrs todos se viraram e fitaram a armadura cravada de flechas que jazia no chão.

Matt avançou, urrando:

– Eu sou o Campeão de Thor. Eu vim por Mjölfnir. Pare de se esconder atrás de seu exército, Glaemir. Venha me encarar!

O silêncio se espalhou em direção às margens, a luta parando até mesmo além daqueles que poderiam ver o que estava acontecendo, mesmo além daqueles que podiam ouvir as palavras de Matt. A multidão se abriu e, no extremo oposto, Matt viu Glaemir, erguendo-se do trono, com Mjölfnir agora aos seus pés.

– Você quer Mjölfnir? – indagou o rei draugr. – Venha aqui buscar.

Matt continuou andando, ciente da multidão dos dois lados do caminho, para o caso de alguém pular nele, o tempo todo sem tirar os olhos do rei. Fen e Laurie ajudaram, avançando dos dois lados dele, assim como Tanngriðnir e Tanngnjóstr.

– Seus amigos e animais de estimação ficam aí – disse Glaemir quando Matt se aproximou do trono.

– E os seus guardas? – perguntou Matt.

Glaemir acenou para que os dois se afastassem.

– Você me dá sua palavra de que o seu lado não vai interferir, e eu me comprometo pelos meus guerreiros. Isso vai ser entre nós dois. Uma batalha por Mjölfnir.

– Você tem minha palavra.

Matt captou o olhar de Fen. O lobo inclinou a cabeça discretamente, perguntando se deveria pular na luta quando pudesse, mas Matt balançou a cabeça. Se eles quebrassem a palavra de Matt, os draugrs quebrariam a deles. Era assim que deveria ser. A forma que ele compreendia. Guerreiro contra guerreiro.

O descendente subiu os degraus até a imensa laje de pedra que sustentava o rei e seu trono. Não precisaria derrotar Glaemir. Era só alcançar Mjölfnir, a menos de três metros, com o cabo para cima, como se o aguardasse. Então era só manter o rei draugr afastado por tempo bastante para que as Valquírias o buscassem. Moleza.

Glaemir baixou a mão e, por um segundo aterrorizante, Matt pensou que ele ia pegar Mjölfnir, que tinha descoberto alguma forma de empunhá-lo. Mas não, a mão ignorou o Martelo e foi debaixo do trono para puxar...

Uma espada. Tinha 1,2m de comprimento e quase dez centímetros de largura. O cabo parecia ter mil anos de idade, baço e manchado, os entalhes quase apagados de tanto uso. Mas a lâmina? A lâmina estava limpa, polida e afiada.

O coração de Matt bateu forte. Até aquele momento, os draugrs tinham lutado basicamente desarmados, alguns com clavas e cassetetes, mas nada como uma lâmina. Uma lâmina...

Ele engoliu seco.

Uma lâmina deixava aquela luta muito diferente.

– Eu não tenho uma arma – afirmou Matt.

– Sim, você tem. – O meio-rostro de Glaemir se contraiu num sorriso terrível. – Está bem aqui. Venha buscar.

Ele brandiu a espada, e o sorriso cresceu até um esgar de caveira.

– A não ser que você minta – disse Glaemir. – A não ser que você realmente seja um impostor.

- Você sabe que eu não sou. Eu...
- Venha buscar, então, Atli Thor. – *Thor, o Terrível*, dito com um torcer de desprezo do que restava dos lábios.
- Eu não tenho arma – repetiu Matt.
- Você tem um escudo.
- E você é invulnerável. Não precisa de um escudo.
- Você tem seu amuleto. Vai continuar choramingando como uma criança? Ou pretende me enfrentar?

Matt investiu. Glaemir sorriu e ergueu a lâmina, ao que Matt ouviu Laurie gritar “Não!”, mas, no último segundo, ele ergueu o escudo e a espada bateu nele, como se tivesse se transformado em metal. O plano tinha sido bloquear o impacto e agarrar o Martelo. Só que o Martelo não estava lá. Quando tentou pegá-lo, a laje de pedra abaixo dele se estilhaçou, como se atingida por baixo, e Mjölfnir caiu fora de alcance.

Matt escutou Laurie gritar de novo e girou no momento em que Glaemir acutilou a espada em mais um golpe. Ele mal conseguiu bloquear desta vez, e o impacto reverberou em seu braço com um choque de dor. Ouviu Laurie gritando sugestões, que seriam ótimas se os rosnados prestativos de Fen não abafassem a voz da prima.

Matt correu para o lado antes que Glaemir atacasse de novo. Saltou e bloqueou o golpe seguinte, depois fugiu do alcance de Glaemir e acertou-lhe com o Martelo. Foi forte o bastante. Uma semana atrás, teria considerado um sucesso. Mas estava mal-acostumado agora, depois dos megagolpes na cabana e aqui no campo de batalha, e ele parecia estar jogando bolas de basquete quando esperava tiros de canhão.

O golpe de Martelo atingiu Glaemir. O rei draugr cambaleou para trás. Mas não passou disso, não permitindo nem tempo suficiente para que Matt

chegasse dois passos mais perto de Mjölfnir, agora na beira da laje de pedra quebrada sob os pés deles.

A luta continuou. Talho. Esquiva. Impacto de Martelo. Recuperação. Acutilada. Bloqueio. De novo. O tempo todo, Matt manteve seu foco fixo no Mjölfnir, mesmo quando fingia diferente. Glaemir não era burro. Sabia que era para o Martelo que Matt seguia e ficava cortando seu avanço e fazendo com que recuasse.

Por fim, Matt percebeu que precisaria mudar de tática. Não pegaria a arma sem causar um estrago bem grande no zumbi rei. Então concentrou-se no Martelo que ele *já* tinha: o amuleto. Conseguiu acertar alguns golpes sérios, disparos que quase derrubaram Mjölfnir da laje com sua força. Os mesmos golpes teriam explodido um draugr inferior. Ou um com menos carne nos ossos. O máximo que Matt conseguiu foi derrubar pequenas partes não essenciais de Glaemir. Uma orelha. Um dente. Alguns dedos ossudos. Não era suficiente.

O truque, Matt percebeu na metade de uma sequência de corte-esquiva, era nunca mirar os golpes de Martelo no peito de Glaemir. Aparou uma estocada de espada e dançou para trás, quase do lado oposto da laje, se equilibrando de propósito na beira. Glaemir sorriu como se Matt não soubesse onde estava. O draugr se lançou contra o menino, espada para a frente, apontada direto para o escudo, sua única meta empurrar Matt um passo para trás, para a rocha abaixo.

Só que Matt estava preparado. Disparou um golpe de Martelo direto no joelho esquerdo de Glaemir; puro osso sob as calças esfarrapadas. Foi um bom disparo, finalizado com um impacto e um clarão que fizeram os espectadores próximos recuarem. A violenta bola de luz acertou o alvo em cheio... e metade da perna de Glaemir voou pela laje, deixando o resto dele

parado ali. Por uma fração de segundo, não pareceu perceber o que tinha acontecido. Por fim, desabou.

Matt correu pela laje, contornando o draugr rei enquanto Glaemir gritava para que seus guardas encontrassem o resto da perna. Matt estava a um metro e meio de Mjöltnir. Um metro e vinte. Noventa centímetros. Ouviu Glaemir rugir e se atirou para deslizar, com a barriga batendo na laje de pedra, derrapando enquanto a rocha cortava sua camisa, sua pele, a dor súbita agonizante, mas ele não ligou. Mjöltnir estava ali, logo ali...

A beira da laje desmoronou e o Martelo caiu. Matt o viu, algumas dezenas de centímetros abaixo, com o cabo ainda para cima. Poderia se lançar da beira e...

– Matt!

Ele não precisou do aviso de Laurie. Sentiu Glaemir e virou-se de barriga para cima para ver a espada do rei draugr descendo direto para ele, enquanto o escudo estava torcido desajeitadamente abaixo dele, inútil.

Matt disparou um golpe de Martelo, em vez disso. Empurrou Glaemir para trás, o bastante para que a espada passasse cantando sobre a cabeça do menino. Matt se levantou num salto, pronto para descer da laje, mas Glaemir talhou de novo, desta vez cortando a camiseta de Matt, não pegando a pele por pouco. Matt ergueu o escudo. Abaixo, podia ver Mjöltnir, caído ali no chão...

Não, espere! *Não* estava só caído ali. Estava se movendo. Balançando. Vibrando. Matt estendeu a mão, tentando não ser óbvio. Mjöltnir tremeu mais forte.

Ele se concentrou em chamar o Martelo a si. O que seria muito mais fácil se não tivesse que se concentrar também em não ser trespassado, estocado ou fatiado. Esquivou-se de um golpe de espada e bloqueou outro.

O tempo todo, Mjölfnir tremia mas nunca chegou a se erguer um centímetro sequer do chão.

– Você não vai pegar Mjölfnir, moleque – afirmou Glaemir. – Não pertence a você.

Pertence, sim. Eu o puxei da pedra. Eu o joguei e ele voltou à minha mão. É meu.

Agora retorne a mim, Mjölfnir!

Ele balançou uma vez. Só uma vez. Glaemir percebeu e riu.

– Como eu já disse, não lhe pertence, impostor.

– Você sabe que eu não...

Glaemir atacou, cortando a resposta do menino. Quase cortando seu cabelo, também. Matt se esquivou, depois bloqueou, depois deu um passo ao lado.

Ele sabe que eu sou o Campeão de Thor. Sabe que eu libertei Mjölfnir. Ele está mentindo. Por algum motivo, está mentindo.

Matt percebeu isso, e uma nova onda de raiva o atravessou. Ele tinha se provado. Tinha. Absolutamente tinha, e se havia alguma dúvida...

Não, não havia dúvida alguma.

– Eu sou Thor! – rugiu Matt enquanto continuava bloqueando Glaemir. – *Asa-Thor. Atli-Thor. Oku-Thor.* Eu sou todos eles. Eu sou *Vingthor*. Thor de Batalha. Mjölfnir! Vinde a mim!

O Martelo disparou no ar. Acertou sua mão com tanta força que o braço chicoteou para trás. Mas os dedos se fecharam em volta do cabo por instinto. Matt o agarrou e fez força, golpeando direto contra Glaemir. Acertou o draugr no ombro, e os ossos do braço explodiram. Matt não esperou para ver se seria suficiente. Bateu nele de novo, o Martelo como uma marreta de pedra, destroçando osso sob carne ressecada. O segundo golpe atirou Glaemir de costas no chão. Matt o golpeou de novo, na outra

mão, lançando a espada de Glaemir girando pelo ar. Depois parou sobre o rei draugr, com Mjölfnir erguido acima da cabeça de Glaemir.

– Eu sou Thor! – gritou Matt, e levantou a cabeça, contemplando a multidão, preparado para o primeiro sinal de ataque dos guerreiros do draugr.

Mas eles não estavam atacando. Estavam se curvando, caindo sobre um joelho, cabeças baixas.

– *Vingthor!* – gritou um deles.

Outro repetiu o grito, que ecoou pelas ruínas e pelo campo de guerreiros mortos.

Vingthor.

Thor de Batalha.



VINTE E TRÊS



FEN

“EIS QUE SURGE A MORTE”

Fen deixou sua forma *wulfenkind* e parou ao lado da prima enquanto todos os draugrs se curvavam para Matt e davam vivas. Ele não ia ficar todo sensível e dizer nada em voz alta, mas era muito incrível. A luta toda tinha parado, com uma onda de imobilidade se espalhando pela multidão, e Thorsen se erguia sobre o líder caído dos draugrs.

– Nós vencemos – disse Laurie. – Ele tem Mjölfnir.

Mesmo que a câmara estivesse em uma imobilidade quase reverente, Baldwin ainda estava irrepreensivelmente saltitante. Ele andou até Fen.

– Esse lance de representantes dos deuses é a coisa mais épica do mundo.

A gente batalhou caras mortos e lobos sinistros.

Fen ergueu as sobrancelhas ao se virar para Baldwin.

– Eu sou lobo, cara.

Baldwin fez um gesto de dispensa com a mão.

– Mas não do tipo sinistro. Não conta.

Fen teve que sorrir. Estava muito feliz que Baldwin estivesse vivo de novo.

Matt se virou e olhou significativamente para eles, e depois para os gêmeos. Inclinou a cabeça num gesto de convocação.

– Thorsen quer a gente. – Fen ergueu o braço num arco largo, chamando os outros, e depois deu uma olhada culpada a Laurie. – Foi mal. Estou acostumado a ser o segundo-em-comando, mas acho que agora é você.

Laurie revirou os olhos.

– Não seja ridículo. A gente é uma *equipe*.

Quando os outros chegaram, eles todos foram até onde Matt derrotara Glaemir. Uma vez que os descendentes estavam ao seu lado, Matt contemplou os mortos silenciosos, que se curvavam.

– Eu não sou impostor, eles também não. Estes são os descendentes de Loki. – Olhou para Fen e Laurie.

Os primos trocaram olhares confusos, depois ergueram a cabeça e fitaram os draugrs, que agora os observavam. Matt obviamente tinha um motivo para o que estava fazendo. Os dois confiavam nele o suficiente para acompanhar.

– E de Frey e Freya.

Os gêmeos aguardavam de mãos dadas, prontos para usar os poderes mágicos se as coisas ficassem violentas de novo.

– E de Balder.

Baldwin deu um aceno animado.

– Oi! Foi ótimo lutar com vocês.

– E de Odin. Ele tem os Berserkers do deus.

Owen, que já estava cercado por vários dos Berserkers e mais uma vez tinha os corvos empoleirados nos seus ombros, ergueu a cabeça e olhou os draugrs subjugados com seu olho bom.

– O impostor aqui é Glaemir. – Matt olhou para baixo, para o draugr. – Ele enganou vocês, fez com que lutassem *contra* a verdade. Ele os convenceu

de que eu não era o descendente de direito de Thor, mesmo sabendo que eu era.

Os draugrs começaram a murmurar, palavras de raiva misturadas ao choque.

Glaemir ficou calado.

– Vocês ficaram aqui, defendendo um rei sedento de poder em vez de partirem para o próximo mundo. – Matt segurava Mjölfnir firme na mão, mas Fen viu que ele apertou mais, como se quisesse erguê-lo. Matt era um dos caras bons, daqueles que não bateriam nem num inimigo por raiva, mas também acreditava muito na justiça e, conforme Matt falava, Fen entendeu que o que Glaemir tinha feito era ainda pior que tentar roubar Mjölfnir.

– Ele tem sorte que a tia Helen não esteja aqui – murmurou Fen. – Se metendo com os mortos que deveriam ser dela. Ele seria castigado.

– Eu queria que ela *estivesse* aqui, então – respondeu Laurie, em tom igualmente baixo.

– Eu também. – Fen se sentia triste pelos guerreiros em decomposição. Há meros momentos eles tinham sido o inimigo, mas agora que Fen sabia a verdade, percebeu que eles eram vítimas. Se *ele* tivesse uma arma como a de Matt, poderia não ser tão bom em resistir à vontade de baixá-la na cabeça de Glaemir.

– Se eu tivesse sido convidada pela minha querida família mais cedo, eu já teria lidado com Glaemir a esta altura – disse uma voz atrás deles.

– Tia Helen! – exclamou Laurie.

– Sobrinha. – A soberana de Hel trajava outro vestido vivo coberto de mariposas cabeça-da-morte. Além da pequena silhueta de caveira no dorso das mariposas, elas não eram particularmente estranhas. O hábito de Helen de se vestir com coisas vivas, porém, era meio assustador.

– Falando no diabo... – murmurou Fen.

Helen riu e balançou o dedo para ele.

– Ora, ora, Sobrinho. Estou aqui com os pequenos deuses. Eu faria tal coisa se fosse um diabo?

– Oi, Helen – disse Baldwin.

Ela voltou seu sorriso para ele.

– Está ajustado à vida de novo?

– Ah, sim, batalhas épicas, acampamentos. – Baldwin sorriu e fez que sim com a cabeça. – Está tudo ótimo.

Os gêmeos e Owen ficaram calados, mas quando o olhar de Helen pousou em Reyna e se demorou, a menina deu um passinho para trás. Várias das Valquírias atravessaram a câmara e pararam ao lado dela, protetoras.

Helen riu.

– Eu apenas a examinava.

– Ela cavalgará conosco – afirmou Hildar. – Ela nunca será sua.

Fen, como muitos dos meninos de Blackwell, achava que garotas guerreiras eram incríveis, então ele sabia que Freya cavalgava com as Valquírias. Juntas, elas recolhiam os mortos em batalha. Helen levava o resto. O que ele não tinha percebido era que isso significava que Helen e as Valquírias não eram muito fãs uma das outras. Ele se perguntou brevemente se a implicância instintiva dele por Reyna não seria provocada pelo parentesco dele com Helen. Não fazia diferença. Reyna era uma decepção em termos das garotas guerreiras que ele imaginara, e as Valquírias eram meio *intensas*.

– Não tenho necessidade de alguém como ela – respondeu Helen regiamente. – Ou você.

Então a soberana de Hel acenou a mão desdenhosamente para as Valquírias e se adiantou, posicionando-se diante dos adolescentes. Mesmo ali dentre os mortos, bodes e descendentes de deuses, ela se destacava como

algo notável. Sua pele plástica parecia ainda menos real sob a estranha iluminação esverdeada da caverna, e seus olhos cor-de-besouro tremeluziam conforme a luz enfatizava sua iridescência. Ela era realmente a filha de um deus, a governante de sua própria dimensão e, como ambas as coisas, era alguém a ser temido; e estava prestes a demonstrar.

– Este mundo não é para vocês. Os mortos não têm lugar em Midgard – disse Helen aos draugrs em um tom que não era ríspido. – Vocês serão classificados. Aqueles de vocês que pertencem ao Valhalla irão com *elas*. – Helen indicou Hildar. – O restante virá comigo a Hel.

As Valquírias pareciam estar de acordo com Helen, mesmo que a observassem com cautela.

– E se nós não quisermos deixar Midgard? – perguntou um dos draugrs.

– Você prefere ficar aqui apodrecendo?

Houve resmungos dentre eles com as palavras de Helen. Finalmente, o mesmo draugr disse:

– E se os deuses precisarem de nós?

– Não somos deuses – retrucou Matt.

Helen lhe lançou um olhar divertido.

– *Se* os pequenos deuses precisarem de vocês, eles podem invocá-los de Hel... pelo menos aqueles de vocês que optaram por vir comigo. Meu sobrinho e sobrinha podem me evocar... como vocês acabaram de ver. – Ela estendeu as duas mãos como se eles fossem crianças para serem chamadas ao seu lado. – Eu presto atenção à minha família. É o que meu pai desejaria. Esses dois são minha família.

Laurie deu uma olhada em Fen, com uma expressão claramente perguntando a opinião dele quanto a se aproximar de Helen. Fen deu de ombros. Ele tinha certeza de que havia algo mais se desenrolando ali, que Helen tinha alguma segunda intenção que ele não conseguia ver direito. Ela

era, obviamente, um dos filhos de Loki. Isso significava que ela provavelmente tinha segundas intenções para *quase todas* as coisas. Fen compreendia isso; ele geralmente também tinha segundas intenções.

Depois de respirar fundo, Laurie deu um passo à frente e pousou a mão na de Helen. Fen murmurou uma palavra que provocou uma careta na prima e um sorrisinho em Baldwin, mas depois se adiantou e parou do outro lado de Helen. Não lhe deu a mão. Isso era simplesmente estranho, mas ele ficou ao lado dela.

– Nós, hum, podemos nos comunicar com Helen, como ela falou – disse Fen aos draugrs. – Se precisarmos de ajuda, podemos chamá-la.

– Mas vocês conquistaram seu repouso – acrescentou Laurie.

Matt, Reyna e Ray tinham se aproximado das Valquírias quando Fen e Laurie se juntaram a Helen. Baldwin quicava no mesmo lugar entre os dois grupinhos, perdido em quaisquer que fossem seus pensamentos nos momentos silenciosos. Nenhum deles poderia tomar as decisões pelos draugrs. Apenas esperavam.

Depois de um momento de contemplação silenciosa, alguns dos guerreiros em decomposição avançaram para ficar com as Valquírias ou diante de Helen. Depois disso, o restante seguiu. Era estranho como eles sabiam qual mulher procurar. Uns dois tentaram ir às Valquírias, mas bastou um olhar repressor de Helen ou Hildar para que dessem meia-volta e se juntassem ao grupo correto.

– Vocês também conquistaram seu repouso – disse Helen a Laurie e Fen. – Vão, então.

– Obrigado pela ajuda ou algo assim – respondeu Fen, sentindo-se mais constrangido agora que quando eles estavam na terra dos mortos. Em Hel, ela fora um obstáculo, alguém que estava no caminho deles. Agora era uma parente sendo legal. Além disso, era meio que uma deusa. Era intimidador.

– Pai Loki teria gostado de você, Fenrir. – Helen lhe deu tapinhas na cabeça e então foi embora.

Laurie teve calafrios com aquele pronunciamento, e Fen lhe lançou um olhar de concordância. Ele não tinha tanta certeza de que ser querido por Loki era uma coisa *boa*. Laurie obviamente concordava.



Depois que todos voltaram ao acampamento, o clima meio que se parecia com uma festa; uma festa a qual Fen não queria comparecer. Ele estava feliz por todo mundo. Eles estavam um passo mais perto de ficarem prontos para a grande batalha, possivelmente *vários* passos mais perto. O grupo estava todo junto no acampamento; tinham o escudo, o Martelo e até o manto de Reyna. Fen sabia que deveria estar feliz.

Ele também sabia que não conseguiria ficar perto deles naquele momento. Saiu para dar uma volta na mata. Fen não estava amuado ou se escondendo. Ele simplesmente tinha uma coisa que o incomodava, e ficar sentado com os outros não estava ajudando. Sentia-se bem, orgulhoso de Laurie e Matt, e, sim, sentia-se meio chateado que *ele* não fosse aquele que representaria Loki. Não era exatamente uma grande surpresa; ele era meio errado na vida e, se as Nornes quisessem escolher um dos descendentes de Loki para ser herói, Laurie era a melhor opção de todas.

Ainda assim, doía.

Caminhou por alguns minutos em silêncio e estava decidindo se deveria se transformar, para que pudesse dar uma boa corrida, quando ouviu um rosnado. *Fala sério?* Fen começava a pensar que nunca haveria tempo para descansar de novo até que sobrevivessem ao Ragnarök... presumindo que eles *sobreviveriam*.

Ao se virar, Fen se deparou com um lobo desagradavelmente familiar o observando. O grande lobo cinzento abriu os dentes num tipo de sorriso ameaçador. Fen suspirou. Não era daquilo que ele precisava... ah, *nunca*.

– Skull.

O lobo se aproximou. Encontrar-se com o primo em *qualquer* forma nunca era uma boa coisa. Jamais foram amigos, e as coisas só pioraram depois que Skull começou a forçar Fen a fazer coisas para ajudá-lo na sua missão ridícula de acabar com o mundo.

– Achei que veria sua fuça feiosa quando os Saqueadores nos atacaram, já que você está metido no pior da maluquice deles – comentou Fen.

Skull se livrou da pelugem e ficou de pé.

– Tinha mais o que fazer.

Os braços cheios de cicatrizes traziam alguns hematomas novos. Uma mancha amarelada particularmente feia sumia parcialmente sob a camiseta rasgada, mas isso era normal para qualquer líder de uma matilha de Saqueadores.

Fen olhou feio para ele.

– E você está trabalhando para o prefeito Thorsen? Como é que isso faz sentido? Achei que você odiasse todos eles.

– Você parece estar trabalhando para um Thorsen também. Pelo menos estou trabalhando para o Thorsen *certo*. – Skull deu um passo à frente em direção a Fen, como se pudesse intimidá-lo com o tamanho. – Eu já lhe disse, Fenrir: a batalha final está chegando. Podemos tomar este mundo para nós mesmos.

– Será que dava para todo mundo *parar* de me chamar disso?! Meu nome é *Fen*. Três simples letras. – Fen rilhou os dentes.

– Fenrir é quem você é – retrucou Skull. – Você andou confuso. Já deve ter percebido. Seu lugar é com os *wulfenkind*, não com eles. – Skull fez um

gesto vago para a mata atrás de Fen, como se os outros descendentes estivessem ali.

– Tanto faz, cabeça – zombou Fen. – Eu *gosto* do mundo, e não vou ajudar vocês a destruí-lo.

Provocar Skull provavelmente não era a ideia mais brilhante, mas, ao longo dos últimos dias, Fen tinha encarado um urso das cavernas, guerreiros mortos, a polícia e búfalos. Skull não parecia mais tão assustador. Fen poderia até não ser aquele que lutaria no lugar de Loki, mas tinha enfrentando monstros saídos direto dos mitos, e tinha uma tia que governava Hel. Skull não passava de um valentão.

– Você não entendeu. – Skull continuava avançando. – Os sobreviventes do Ragnarök vão governar o mundo. Vamos receber o respeito que merecemos. Quaisquer humanos sobreviventes terão que nos obedecer, e os monstros serão libertados de seus grilhões. Nossa família, os filhos do grande Loki, nós teremos nossos próprios reinos. Os fortes prosperarão, e os fracos servirão.

– Então o grande plano é fazer o quê? Confiar que o prefeito Thorsen vá tratar vocês de maneira justa depois que ele sacrificar o *neto* para uma cobra gigante e deixar o mundo acabar? – Fen encarou Skull. Ele esperara algo mais elaborado que *deixar o mundo acabar* como plano. Que tipo de pessoa realmente acreditava que o fim da civilização era uma *boa* ideia? – Pessoas vão morrer. Milhões, *bilhões* de pessoas vão morrer se nós não impedirmos o Ragnarök.

Skull deu de ombros.

– Humanos.

– Eu sou humano. Você também é. – Fen cruzou os braços. – Nossas famílias, amigos, todo mundo que conhecemos.

– Não. Nós somos *wulfenkind*, mas sobrevivemos com o restante deles. Somos os filhos de um *deus*, Fenrir. – Skull tinha um ar esbugalhado que fazia suas palavras soarem ainda mais insanas. – E você está pronto para nos liderar agora. Eu tive que esperar, mas agora que você sabe que não é um herói, pode assumir seu lugar diante de nossas forças.

– O quê? – Fen deu vários passos para trás. – Você andou bebendo? Álcool não é uma boa ideia. Tipo, além de você ser um garoto, essas coisas fazem mal para o cérebro. Ou talvez você tenha comido carne estragada? Ou...

– Queria que fosse eu, Fenrir – interrompeu-o Skull.

– Pare de me chamar disso – retrucou Fen.

Skull riu.

– Você não é um herói. Você é aquele destinado a liderar os monstros, Fenrir. Owen sabia disso também. Logo todos eles saberão, e vamos pisoteá-los sob nossas patas.

– Valeu, mas acho que vou dispensar – disse Fen, tentando soar calmo, na esperança de que seu pânico crescente não estivesse evidente. Talvez Skull fosse assustador como os monstros, afinal. Era maluco e um valentão.

– O prefeito me explicou, e eu entendo agora. É óbvio que é você. – Skull rolou os ombros. – Você viu a própria Helen. Foi visitar a rainha dos mortos e voltou. Ela vai lhe emprestar os mortos dela, e nós vamos...

– Sério, pare com isso! – Fen olhou em volta em busca da melhor rota de fuga enquanto Skull avançava. Ele pensou que tinha visto um dos corvos de Owen observando, mas não era fácil ter certeza de ter visto um pássaro negro nas sombras das árvores.

Skull suspirou.

– Eu serei seu principal tenente. Hattie estará ao seu lado também.

– Não. Vou. Me. Juntar. À. Sua. Matilha – rosnou Fen para Skull. Se o menino mais velho fosse qualquer outra coisa que não um Saqueador, Fen gritaria por socorro, mas havia regras dentre os *wulfenkind* e, quer Fen gostasse delas ou não, estava preso a elas. Você não chamava forasteiros para resolver uma disputa.

– Vai, sim. Na verdade, você vai ser o *líder* – afirmou Skull, e socou Fen bem na cara. – É o seu destino.

– Cara, para com isso! – Fen se afastou mais. Esperava *ter* visto um dos corvos, e que ele fosse buscar ajuda, porque se ele resolvesse aquilo um-
contra-um, não havia vitória possível. Se ele derrotasse Skull numa luta corpo a corpo, as regras ditavam que ele estaria encarregado de uma matilha de Saqueadores; o que significava fazer aquilo que fosse melhor para eles. Estaria exatamente onde Skull o queria: separado dos descendentes do Norte e obrigado a agir da melhor forma de acordo com os interesses da matilha. Se Fen *não* derrotasse Skull, seria espancado até que estivesse fraco demais para fugir, e seria mantido como cativo.

– Não quero lutar com você *nem* assumir o papel prometido de líder dos monstros! – gritou Fen.

– Não é uma escolha. – Skull o socou de novo, desta vez acertando a barriga. – Eu vou lhe dar alguns bons golpes, mas então você vencerá. *Tem* que acontecer assim. Você pode lutar agora ou mais tarde – continuou Skull enquanto dava mais um soco no rosto de Fen. – Reaja aos meus golpes, Fenrir. Você é *wulfenkind*.

Fen se esquivou do ataque seguinte, mas ainda se recusava a erguer os punhos. Skull investiu com outro soco e jogou Fen para trás.

– Eu vou fazer você lutar – rosnou Skull.

Assim que Fen tentou disparar para o lado, Skull chutou. A perna descreveu um arco, e o impacto trouxe lágrimas aos olhos de Fen. As

porradas do menino mais velho eram para causar muita dor, para enfurecer Fen até que ele reagisse.

– Não. – Fen odiava a ideia de levar uma surra, mas conseguiria aguentar. Com a decisão tomada, ele olhou nos olhos de Skull e disse: – Eu não vou lutar com você.

Skull ficou perfeitamente parado por um momento, encarando Fen, e depois perguntou:

– Você acha mesmo que vai conseguir manter Laurie fora do nosso alcance?

– Ela não tem nada a ver com isto – rosnou Fen. As mãos dele se fecharam em punhos quase por vontade própria. – Minha prima é...

– Ela se colocou ao lado do nosso inimigo. Os Saqueadores vão pegá-la se você não lutar comigo, e vão bater nela por cada soco que você deveria ter dado. Você tem um papel a desempenhar na batalha, Fenrir. Ou você aceita seu destino, ou nós faremos o que for necessário para ajudá-lo a aceitar.

Fen tinha que avisar Laurie. Começou a se virar, para tentar voltar aos outros, e Skull se jogou contra ele, agarrando-o e espancando até que Fen se perguntou se morreria.

Se ele me matar, não poderão usar Laurie para me obrigar a fazer coisas malignas. Eles não têm motivo para machucá-la.

– Reaja – disse Skull entre os socos. – Eu vou parar uma vez que você estiver inconsciente. Então vamos conversar de novo. Enquanto você estiver apagado, eu vou buscar os outros, e vamos pegar Laurie. Ela se encontrou com Helen, também. Poderia nos liderar também, sabia?

Fen rosnou.

– Fique longe da minha prima.

– Me obrigue.

Fen se transformou em lobo e escapou de debaixo de Skull. Ele poderia fugir, alcançar Laurie, *avisar* Laurie, mas, quando Fen se virou para fugir, Skull o chutou forte no flanco.

– Numa luta pelo controle de uma matilha, ninguém dá as costas – Skull lembrou Fen. – Você é *wulfenkind*, Fenrir. Existem regras. Você não pode fugir de uma luta por dominância.

Fen rosnou de novo, e então atacou.

Mesmo que Skull tivesse continuado humano, ainda era um oponente capaz. Ele não era, porém, tão ágil quanto um lobo. A forma de Fen, e seus dentes, lhe davam uma vantagem. Não seria uma luta fácil, mas Fen se sentia mais forte que o normal, como se reservas de força fossem dele. Os outros tinham recebido dádivas de seus deuses ancestrais. Estaria Fen finalmente ganhando alguma coisa por estar fazendo o que estava destinado a fazer, mesmo que significasse potencialmente se juntar ao lado dos vilões? Era assim que funcionava? As dádivas vinham quando você aceitava seu destino? Mesmo enquanto o pensamento lhe ocorreu, Fen o rejeitou. Se ele tivesse que ficar do lado errado para ser forte, então ele não queria.

Ao perceber que vencer aquela luta significaria perder tudo, Fen parou. Ele simplesmente parou. Deixou a forma de lobo e disse a Skull:

– Não, você não foi derrotado, mas eu não vou ficar aqui. Vou quebrar a regra. Você pode me declarar um exilado ou sei lá como se chama. A matilha pode me caçar, se quiser, mas eu não vou lutar.

Skull balançou a cabeça.

– Você luta comigo, ou eu vou espancar você até que não consiga mais se mexer. Depois, vou atrás da sua priminha querida.

Lutar não tinha dado certo, e aceitar a surra não tinha dado certo. Fen precisava de ajuda. Abriu a boca e soltou um uivo. Não foi completamente lupino, pois estava em forma humana, mas ele esperava que algum dos

outros escutasse e viesse investigar. Fazer o que ele tinha feito ia contra todas as regras dos *wulfenkind*, mas, de alguma forma, seguir as regras da matilha não era tão importante quanto a iminente batalha pelo fim do mundo.

Ele viu o corvo. Deu um rasante baixo o bastante para que Fen quase pudesse tocá-lo.

– Chame os outros – disse o menino, sentindo-se um tanto ridículo ao falar com um pássaro, mesmo que provavelmente fosse o corvo de Owen, mas estava suficientemente desesperado para tentar.

O corvo não deu sinal nem de ser o corvo *certo*, mas Fen se agarrou à esperança de que a ajuda viria. Esperança não seria suficiente, porém, então ele voltou a bater em Skull. Era uma luta estranha na qual nenhum dos dois tentava realmente vencer. Fen estava tentando ganhar tempo, e Skull queria resistir apenas o bastante para que fosse um desafio válido de dominância.

Os outros não vieram, e Fen estava ficando cansado. Ele já passara por uma batalha em grande escala naquele dia. Ele já tinha *começado* a batalha cansado. Uivou de novo, na esperança de que Thorsen ou Baldwin ou mesmo Owen viesse. Ele até mesmo disse:

– Tia Helen? Eu queria que você estivesse aqui. – Ninguém apareceu.

Ele continuou tentando não vencer a luta, mas não se machucar muito, também.

Ainda assim, ninguém veio. Se o corvo entendeu, não buscou ajuda. Helen não apareceu. Nenhum dos outros veio ver onde ele estava. Fen estava sozinho e cansado, e Skull não ia parar até que Fen o vencesse ou estivesse ferido demais para continuar lutando. Então eles fariam tudo aquilo de novo quando Fen estivesse curado. Fen finalmente aceitou que não havia outra escolha: tinha que vencer Skull. Tinha que vencer aquela luta para manter Laurie segura!



Logo, Skull estava no chão diante de Fen. Ele estendeu o pescoço, exibindo a garganta para Fen, e disse:

– Minha matilha é sua. Eu sou seu.

Com isso, Fen sentiu uma série de conexões com pessoas se estabelecendo nele. Ele sentiu a matilha, sua nova família *wulfenkind*, erguer as cabeças e focinhos ao senti-lo, também, e ouviu os uivos enquanto eles davam voz ao desespero que Fen sentia.

Ele estava absoluta e completamente preso, atado ao inimigo, compelido a cuidar das necessidades e do bem-estar dele... o que era exatamente o contrário do que queria fazer. Agora teria que colocar o bem da matilha na frente, e eles queriam trazer o fim do mundo.

– Eu posso levar você para casa – disse Skull numa voz estranhamente humilde.

Agora o que que eu faço? Fen achava que tinha sido obrigado a ser o representante de Loki na batalha final, ficou quase envergonhado ao descobrir que não era, e estava aterrorizado agora que parecia ser novamente o substituto do deus; só que, desta vez, para o time errado. Ao vencer aquela luta, perderia muitas coisas mais: agora Fen teria que liderar os monstros contra seus amigos.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer a:

- Nossas agentes, Sarah Heller e Merrilee Heifetz, por terem acreditado em nosso projeto (e em nós);
- E nossos filhos (Marcus, Alex, Julia, Dylan e Asia) e nossas assistentes (Laura Kalnajs e Alison Armstrong) pelas opiniões.

Título Original

THE BLACKWELL PAGES - BOOK 2

ODIN'S RAVENS

Copyright do texto © 2015 *by* K. L. A. Fricke Inc. e Melissa Marr

Copyright ilustrações de miolo © 2014 *by* Vivienne To

Escudo e logo *by* Eamon O'Donoghue, baseado na obra de Lisseth Key. Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação das autoras, foram usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com acontecimentos reais, localidades, ou pessoas, vivas ou não, é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Copyright da edição brasileira © 2016 *by* Editora Rocco Ltda.

Direitos desta edição reservados à

EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar

20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

Coordenação Digital
LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital
GUILHERME PERES

Revisão de arquivo ePub
RODRIGO OCTÁVIO CARDOSO

Edição Digital: Junho, 2016

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

A765c

Armstrong, K. L.

Os corvos de Odin [recurso eletrônico] / K. L. Armstrong, M. A. Marr; tradução Edmo Suassuna. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2016.

recurso digital (Crônicas de Blackwell; 2)

Tradução de: The Blackwell pages Book 2: Odin's ravens

ISBN 978-85-7980-270-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Marr, M. A. II. Suassuna, Edmo. III. Título. IV. Série.

16-30357

CDD: 028.5

CDU: 087.5

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

AS AUTORAS

K. L. Armstrong & M. A. Marr são amigas há muitos anos e sempre passaram horas conversando sobre mitologia e monstros. Numa manhã sonolenta, elas perceberam que o segundo sobrenome de M. A. é norueguês. (A similaridade entre esse nome e “Serpente de Midgard” é uma mera coincidência.) Por causa dessa conexão, além do quanto K. L. gosta de estapear criaturas em videogames quando não está escrevendo (e às vezes quando deveria estar escrevendo), da fixação delas por monstros e mitos e dos livros que elas leem com seus filhos de onze a treze anos, que as duas souberam que tinham de escrever *As Crônicas de Blackwell*.

K. L. Armstrong e M. A. Marr convidam você a visitá-las em www.blackwellpages.com